

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**“Perante o Tribunal da História”: o anticomunismo da  
Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**

Rodrigo Santos de Oliveira

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
em História, como requisito  
parcial e último para a  
obtenção do grau de Mestre  
em História, sob a orientação  
do Professor Doutor René  
Ernaini Gertz.

Porto Alegre, RS – Brasil  
Julho de 2004

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*Perante o Tribunal da História*

“Escrevo estas linhas, meus caros camisas-verdes, como subsídio para a História de nossa Pátria. Um dia o historiador terá de estudar este momento que atravessamos. Dentro deste momento, a posteridade encontrará o Integralismo. Terá de estudá-lo, na sua significação, na sua extensão, no seu volume, na sua projeção nacional e na sua repercussão no estrangeiro. Terão ainda os pósteros, de estudar na hora presente, o surto comunista, a penetração da propaganda e das organizações secretas de Moscou. O crítico da História examinará o que representou o integralismo como reação do organismo nacional penetrado do vírus deletério da corrupção. Estudará a atuação dos partidos políticos. Examinará a atitude dos homens do governo. Deduzirá conclusões para os julgamentos que pertencem ao futuro”.

Plínio Salgado

Este trabalho é dedicado à memória de dois irmãos, que, além do mesmo sangue, compartilharam as mesmas idéias: Aldo de Albuquerque Santos, um jovem revolucionário que pagou com sua vida pelo fato de ter tido a coragem de lutar por seus ideais, e Telmo, que acreditava que todos os homens deveriam ser iguais e que o trabalho de um homem jamais deveria ser explorado por outro homem.



## **Agradecimentos**

Gostaria de ter a capacidade síntese de meu orientador em resumir a apenas sete linhas os agradecimentos pela conclusão do trabalho de mestrado; ou a síntese ao extremo de meu amigo Daniel Milke, de não agradecer a ninguém. Contudo não poderia abrir mão de meus agradecimentos a algumas pessoas sem as quais este trabalho talvez não tivesse sido realizado.

Aos meus pais, Armando e Célia; meus irmãos Zilda, João Marcelo, Alexandre e Kátia e, meu sobrinho Bernardo pelo carinho, dedicação e suporte logístico ao longo desses dois anos. Aos meus demais familiares, principalmente meus dois primos Antônio Mateus (o legendário Baltazar) e Fernanda Mateus, pela amizade e atenção.

Ao meu amigo Alexandre Machado (não apenas pela amizade, mas por sua constante disposição em concertar meu computador, sempre que resolveu dar problemas) e sua nobre família.

À nobre família Menezes de Quadros pela eterna amizade.

Aos legendários “boêmios revolucionários” por sua eterna amizade e apoio nos momentos difíceis: Gerson Fraga, Vanderlise Barão, Maristel Nogueira, Adalberto Nogueira, Cristina Wolf, Natália Pietra, Tiago Bernardon, Manuela Pedrosa, Valeska Garbinatto, Alessandro Miebach, Taís Campelo, Álvaro Krafke e Elaine Nogueira.

Aos meus amigos do Centro de Documentação, com quem aprendi, na prática diária, o ofício de historiador: Alexandre Batista, Ângela Flach, Ângela Salvador, Carla

Silva, Claudira Cardoso, Cátia Silva, Daniel Milke, Gilberto Calil, Gustavo Coelho e Renata Paines.

Aos funcionários do Acervo Benno Mentz/Instituto Latino Americano de Estudos Avançados, pela preocupação constante em auxiliar em minha pesquisa, abrindo o acervo mesmo fora dos horários de pesquisa. Sem esta disponibilidade talvez esse trabalho não pudesse ser realizado em tempo: Aline da Rosa, Cardina Hoffmeister, Diessen Soares, Michele Soares, Patrícia Pereira, Walcy de Oliveira, Rose Arruda e Eduardo Kersting.

Aos colegas de pós-graduação pela amizade ao longo desses dois anos: Arno Souza, Bruna Alves, Carla Ferrer, Cristine Lia, Débora Dinnebier, Júlia Matos, Carini Tassinari, Caren dos Santos, Márcio Biavaschi, Márcio Mees, Marcelo Mantovani, Raquel Padilha e Simone Roehle.

Aos professores do pós-graduação pelo auxílio em minha formação: Cláudia Fay, Helder Silveira, Moacyr Flores, Margaret Bakos e Sandra Brancato. Também aos professores Brás Brancato e Earle Moreira, pelo apoio extra-classe.

Aos funcionários do pós-graduação, Alice Teixeira, Carla Pereira e Luiz da Rosa, pela constante disposição em auxiliar os alunos do PPG.

Ao meu amigo e mestre Enrique Padrós pelo apoio e pelos sábios conselhos.

Aos professores do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo auxílio em minha formação, em especial: Adriana Dias, César Guazzelli, Cibele Almeida, Cláudia Wassermann, Luiz Dario Ribeiro e Regina Xavier.

Ao meu orientador René Gertz pela amizade, atenção, disponibilidade e paciência ao longo de cinco anos de trabalho em conjunto (três como bolsista de Iniciação Científica e dois como bolsista de Mestrado). Gostaria de ressaltar que os possíveis erros desta dissertação não devem ser creditados ao orientador e sim ao autor.

### **Resumo**

Este trabalho busca fazer um estudo sobre o anticomunismo propagado pela Ação Integralista Brasileira, movimento político de extrema direita com influências no fascismo europeu, que possuiu grande inserção social no Brasil dos anos 1930. O combate ao comunismo pelos integralistas era feito principalmente através da palavra impressa: jornais, livros, revistas, etc. Através dessa imprensa integralista o comunismo era apresentado aos militantes e à sociedade em geral como ameaça aos valores cristãos, nacionais e familiares (“Deus, Pátria, Família” – o lema do movimento). Contudo esse anticomunismo integralista era mais que uma simples oposição e servia para vários propósitos, desde elemento de unificação ideológica, de doutrinação, de atração de mais militantes para o movimento e de inserção social junto à sociedade brasileira da época. Também era utilizado como um importante elemento para a definição da identidade social da Ação Integralista, uma vez que era apresentado, através das publicações do movimento, como sua antítese.

## **Abstract**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – INTEGRALISMO E ANTICOMUNISMO EM QUESTÃO .....</b>	<b>20</b>
1.1. INTEGRALISMO.....	20
1.1.1. <i>Histórico da Ação Integralista Brasileira</i> .....	20
1.1.2. <i>A evolução dos estudos sobre o integralismo</i> .....	24
1.1.2.1. Os primeiros estudos acadêmicos.....	25
1.1.2.2. O integralismo como novo tema de debate nas Ciências Humanas .....	28
1.2. ANTICOMUNISMO.....	46
1.2.1. <i>Definição</i> .....	46
1.2.2. <i>Comunismo e anticomunismo no Brasil</i> .....	48
1.2.2.1. O comunismo no Brasil.....	49
1.2.2.2. O anticomunismo no Brasil.....	56
1.2.3. <i>O anticomunismo na historiografia brasileira</i> .....	60
<b>CAPÍTULO II – OS INIMIGOS DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA....</b>	<b>68</b>
2.1 AS IDENTIDADES DO MAL .....	68
2.2. UMA LUTA ETERNA: MATERIALISMO VERSUS ESPIRITUALISMO .....	71
2.3. OS ARDIS DO <i>MATERIALISMO</i> .....	87
2.3.1. “ <i>As Duas Faces de Satanás</i> ” .....	93
2.3.1.1. Liberalismo: o inimigo teórico .....	96
2.3.1.2. Comunismo: o inimigo doutrinário .....	103
2.3.2 <i>Inimigos inferiores: judaísmo, maçonaria e positivismo</i> .....	107
2.3.2.1. O Perigo Judaico: Os “Protocolos” para a dominação mundial.....	108
2.3.2.2. A maçonaria e o capitalismo internacional .....	113
<b>CAPÍTULO 3 – O COMBATE À “HIDRA VERMELHA”: O</b>	
<b>ANTICOMUNISMO INTEGRALISTA .....</b>	<b>117</b>
3.1. A IMPRENSA INTEGRALISTA.....	118
3.2. O ANTICOMUNISMO NAS PUBLICAÇÕES INTEGRALISTAS .....	125
3.2.1. <i>Anticomunismo nos livros</i> .....	126
3.2.2. <i>O anticomunismo nas revistas</i> .....	134
3.2.3. <i>O anticomunismo nos jornais</i> .....	146
3.2.3.1. O comunismo através das matérias do jornal.....	148
3.2.3.2. O comunismo exemplificado: “ícones” comunistas .....	157
3.3. ESPAÇOS DE INSERÇÃO SOCIAL E COMBATE AO COMUNISMO ALÉM DAS FRONTEIRAS DA AIB.....	176
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>187</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>196</b>
A) BIBLIOGRAFIA .....	196
B) BIBLIOGRAFIA INTEGRALISTA .....	202
C) JORNAIS .....	204
D) REVISTAS .....	205
E) DEPOIMENTOS ORAIS.....	205
<b>ACERVOS PESQUISADOS .....</b>	<b>206</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>208</b>

# **Introdução**

## INTRODUÇÃO

### I

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas – é um dos fenômenos característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores.<sup>1</sup>

Pretendo escrever as palavras iniciais desta introdução na primeira pessoa do singular, quebrando, assim, o protocolo normal de escrita em primeira pessoa do plural. Faço isso porque gostaria de explicar as razões que me levaram a optar por este tema. Não poderia fazer isso sem colocar o “eu” ao invés do “nós”, pois, em síntese, as razões que acabaram sendo fundamentais para estudar o anticomunismo integralista foram as mesmas que anos antes me guiaram na escolha da profissão de historiador. Ou seja, meu tema de pesquisa assim como minha escolha profissional estão intimamente ligados ao meu próprio histórico. Dessa forma, pretendo dividir com aqueles que se derem ao trabalho de ler este estudo o que motivou o autor a escrevê-lo.

Começou quando eu ainda era estudante secundarista e tive de fazer um trabalho sobre a Revolução Russa para a escola (deveria ter em torno de quatorze ou quinze anos). No livro didático havia uma nota explicando que uma das bases dos rebeldes comunistas (provavelmente foi uma das primeiras vezes que li a palavra “comunismo”

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric, J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.

ou “comunista”) era o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. Acabei retirando o *Manifesto* da biblioteca da escola e levando para ler em casa, na tentativa de ter uma “luz” de como fazer o bendito trabalho de História. Devo admitir que não entendi nada do que estava escrito no livro, mas o fato de tê-lo levado para casa foi decisivo: minha avó acabou vendo que eu estava lendo “aquilo” e exclamou: “tu já tá lendo essa coisa que teu avô lia!”. Pronto! A partir daquele momento minha curiosidade cresceu, “será que meu avô tinha sido um daqueles que fizeram aquela Revolução Russa?”, embora eu tenha bombardeado minha avó com uma saraivada de perguntas, ela nada me respondeu, simplesmente ficou muda – para meu desespero. A partir daí, não cessaram mais perguntas, queria saber se meu avô era comunista, mas minha mãe não sabia me responder, nem meu pai, muito menos minhas tias maternas. De tanto “furungar”, minha avó acabou deslizando e me contando, sem querer, que o irmão do meu avô tinha sido preso e tinha morrido na “revolução dos comunistas em 35”. Acabei descobrindo que meu tio-avô não havia morrido na “Intentona Comunista”, mas que havia sido preso junto com os rebelados do 3º Regimento de Infantaria na Praia Vermelha, contraindo tuberculose no cárcere e morrendo poucos dias depois de sua libertação, em 1937, após anistiado.

Fui juntando “cacos” de informação aqui e ali, descobri que a casa dos meus avós havia sido revirada, assim como o carro do meu avô arrombado pelo DOPS, pois, como membro do PCB, provavelmente era visado pela polícia. Assim, junto com esses “cacos” de informação fui estudando esses fatos, como o que era “Intentona Comunista”, por exemplo. Embora não conseguisse entender “coisas estranhas”, como o fato dos comunistas serem “malvados”, como apontavam alguns livros, se eles lutavam para que todas as pessoas tivessem “pão, terra e liberdade”, ou pelo fato do meu avô, ser



“malvado”, como todos os comunistas eram enquadrados, se ele queria que não houvesse diferenças entre os trabalhadores, que não existissem ricos nem pobres?

Cada vez mais eu me perguntava sobre o porquê as pessoas não gostavam de falar, não sabiam ou eram indiferentes e não queriam saber o porque dessas “coisas” que para mim eram tão importantes.

A partir dessas perguntas, que foram se reformulando com o passar do tempo, acabei optando pelo curso de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo ingressado no ano de 1998.

No primeiro semestre, na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos, ministrada pelo Prof. Dr. José Rivair Macedo, tive contato com o Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP), a partir de uma oficina promovida pela entidade sobre preservação documental.

Naquela ocasião, tive o primeiro contato, não apenas com um arquivo, mas com o tema que estudaria nos anos seguintes. Também conheci várias pessoas com quem tive a honra de trabalhar posteriormente.

No ano seguinte, fiz seleção para bolsista do CD-AIB/PRP, me tornando membro da equipe. A partir de então, paralelo às atividades do Centro, comecei a estudar a questão do anticomunismo integralista, como uma espécie de expansão das minhas “pesquisas” anteriores. De certa forma, esse tema também influenciou minha participação na faculdade, pois todas as atividades em que podia inserir o meu estudo, eu aproveitava, desde trabalhos para as disciplinas até os salões de Iniciação Científica.

Junto a isso, outro fator importante em minha formação foi o fato de ter tido contato com vários pesquisadores que estudavam o tema, a partir das fontes do Centro: Gilberto Calil e Carla Silva haviam terminado o mestrado há pouco tempo, Claudira

Cardoso estava por defender sua dissertação. Ainda havia as pesquisas de graduação dos outros bolsistas, Daniel Milke e Ângela Flach. As pesquisas desses colegas, assim como as discussões em grupo e o trabalho diário com a documentação do CD-AIB/PRP, abriu as minhas perspectivas de pesquisa.

Ao concluir a graduação, segui o caminho direto para o Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde iniciei o trabalho cujo resultado vocês podem conferir abaixo.

## II

A proposta do presente trabalho é fazer uma análise do anticomunismo propagado pela Ação Integralista Brasileira ao longo do seu período de existência legal. Ao nosso ver, compreender o anticomunismo propagado pelo movimento integralista, nos permitiria entender o funcionamento da AIB enquanto um movimento de massas, tendo em vista que a doutrinação do militante muitas vezes era feita a partir de uma identificação do comunismo como o seu oposto ou como o principal inimigo a ser combatido. Outros militantes, por sua vez, aderiam ao movimento pelo seu apelo anticomunista. Dessa forma, o anticomunismo acabou se tornando um dos sustentáculos da base doutrinária do movimento integralista.

Além disso, o integralismo teve importante participação na propagação de idéias anticomunistas nos anos 1930, idéias que tiveram grande repercussão na época e ainda se fazem presentes nos dias de hoje. Por essa razão, estudar o combate ao comunismo feito pelo movimento integralista acaba se tornando o estudo de uma parte da gênese do próprio anticomunismo em nosso país.

### III

A AIB já foi estudado sob diversos matizes e sob o olhar de diversas abordagens: foi pesquisado dentro da Ciência Política, da Nova História Política, da História Social, da História Cultural, da Filosofia, etc. De todos esses estudos, uma das principais questões sempre foi relegada a um segundo plano: o anticomunismo. Esse é um fato estranho, tendo em vista que praticamente quase toda a estrutura doutrinária era voltada para o combate ao comunismo. Ou seja, o militante integralista, acima de tudo era anticomunista. Isso é importante se levamos em conta que a AIB era um movimento de massas.

Na maioria desses estudos, o anticomunismo sempre esteve em um segundo plano e a leitura desses estudos muitas vezes nos transmitia a impressão de que o anticomunismo não precisava ser estudado, porque era um fenômeno inerente ao integralismo. Simplesmente, os integralistas eram anticomunistas e isso bastava, não havia necessidade de explicação.

Ao nosso ver, isso era insuficiente para explicar esse anticomunismo que foi propagado pela Ação Integralista Brasileira e que permaneceu presente para os integralistas mesmo no período posterior ao fechamento da AIB, tanto no Partido de Representação Popular quanto na intervenção dos integralistas nos governos militares a partir de 1964.<sup>2</sup>

Além disso, a pouca bibliografia que analisava o fenômeno anticomunista da AIB era conflitante entre si e também entrava em conflito com aquilo que encontrávamos em nossas pesquisas. Foi partindo dessa questão sobre o anticomunismo integralista que lançamos as perguntas que culminaram nesse trabalho.

Esta pesquisa foi realizada, quase em sua totalidade, com fontes impressas produzidas pelo movimento integralista. Mas este trabalho, embora utilizando a

---

<sup>2</sup> Sobre esses estudos posteriores a 1945 ver os trabalhos de Gilberto Calil, Claudira Cardoso, Rodrigo Cristopholetti e Ângela Flach, que discutiremos mais adiante no primeiro capítulo.

estrutura de imprensa integralista<sup>3</sup> não é um estudo sobre Imprensa. Não nos preocupamos em sistematizar do ponto de vista teórico essa fonte, e sim utilizamos como um suporte para a produção do nosso trabalho.

Utilizamos como fontes desta pesquisa jornais, revistas e livros produzidos pelo movimento integralista em seu período de existência legal, entre 1932 a 1937. A leitura dessas fontes seguiu dois vieses: quantitativo e qualitativo. Consideramos como quantitativo tanto o levantamento das fontes no momento inicial para posterior análise como o levantamento de matérias sobre os inimigos nos jornais do movimento. Esse levantamento de matérias dos jornais visava quantificar sua incidência nos jornais, assim como, estabelecer a hierarquia de periculosidade desses inimigos nesse tipo de periódico. A escolha dos jornais para esse levantamento quantitativo se deu pela sua importância no conjunto de publicações. O jornal atingia praticamente todos os locais em que havia núcleos integralistas, assim como sua periodicidade constante nos permitiu fazer esse tipo de quantificação. As revistas, por estarem em quantidade limitada de exemplares à nossa disposição, não permitiram uma leitura semelhante. Os livros, por sua vez, devido a própria característica, não nos permitiu fazer uma análise quantitativa da incidência de referências a esses inimigos.

Consideramos como qualitativo a seleção das matérias e artigos dos jornais e revistas assim como os trechos de livros que selecionamos para utilização no corpo do texto, além da análise desse material.

O levantamento das fontes foi feito principalmente em dois locais: O CD-AIB/PRP, que preserva uma grande quantidade de obras de autores integralistas, originais dos anos 1930, como Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Assim como as revistas *Anauê!* e *Panorama* e o jornal *O Povo*. O outro foi o Acervo Benno

---

<sup>3</sup> Quando nos referimos à “estrutura de imprensa integralista”, estamos nos referindo aos vários mecanismos impressos utilizados, no caso: livros, revistas, jornais, folhetos e panfletos.

Mentz, localizado no Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados/UFRGS. Este acervo preserva uma grande quantidade de títulos de jornais que pertenceram ao líder integralista Dario de Bittencourt, e, pelo que sabemos é um dos mais completos acervos de jornais integralistas preservados em todo o país. Pesquisamos neste acervo títulos como: *A Voz D'Oeste* (São Paulo/SP), *Monitor Integralista* (São Paulo/SP), *Anauê!* (Jaú/SP), *A Razão* (Curitiba/PR), *O Integralista* (Porto Alegre/RS), *Anauê!* (Belo Horizonte/MG) e *A Offensiva* (Rio de Janeiro/RJ).

A partir das informações contidas nessas fontes dividimos o trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo é destinado ao histórico e à revisão bibliográfica dos dois temas centrais que compõem este trabalho, nos referimos ao integralismo e ao anticomunismo.

No tocante ao integralismo, fizemos um breve histórico do movimento desde sua formação como movimento político até seu fechamento, já configurado como agremiação política. Posteriormente, analisamos a evolução dos estudos sobre o movimento, dividindo-os em duas categorias: a primeira, denominada “Os primeiros estudos acadêmicos”, sobre as duas primeiras pesquisas acadêmicas sobre o movimento, realizadas ainda no anos 1930 pelos teuto-brasileiros Carlos Henrique Hunsche e Arnaldo Nicolau de Flue Gut; a segunda parte, “O integralismo como novo tema de debate nas Ciências Humanas”, sobre os trabalhos realizados a partir da tese de doutoramento de Hélió Trindade, nos anos 1970. Por sua vez, também subdividimos esta parte em três “fases” de estudos: 1ª fase: “A AIB como movimento de massas organizado nacionalmente”; 2ª fase: “O integralismo organizado nacionalmente”; 3ª fase: “Novas abordagens sobre o integralismo”. Essa subdivisão em fases representa a evolução dos estudos nos últimos trinta anos.

Em relação ao anticomunismo, partimos de uma definição deste conceito para posteriormente traçar um histórico do comunismo e do anticomunismo no país desde sua gênese até o golpe que desencadeou o Estado Novo. Finalizamos essa questão do anticomunismo com uma revisão bibliográfica do anticomunismo na historiografia brasileira.

No segundo capítulo nos dedicamos a discutir a questão dos inimigos da AIB de uma forma mais ampla, não ficando restrito apenas ao comunismo.

Iniciamos fazendo uma discussão sobre identidades culturais, tendo em vista que a oposição aos inimigos muitas vezes servia para definir a própria Ação Integralista: definia-se o integralismo a partir da oposição aos seus inimigos.

A primeira grande oposição que encontramos foi entre *Materialismo* e *Espiritualismo*. Dela decorreriam todas as outras relativas aos inimigos do movimento integralista. Em linhas gerais, ambas seriam forças que teriam se oposto durante toda a História da humanidade. Mas o ápice desse processo teria se dado entre o século XIX, com o surgimento do liberalismo e do comunismo, e o século XX, com o fascismo. Os inimigos declarados do movimento integralista representariam faces desse *materialismo*, sendo que o integralismo e demais movimentos fascistas seriam o *espiritualismo*.

Identificamos como ardis do *materialismo* vários inimigos e os dividimos devido à sua “periculosidade” para os integralistas. Em um primeiro plano estariam o comunismo como um inimigo *doutrinário* (tendo em vista que era transmitido ao militante como sendo seu principal oponente) e o liberalismo, como um inimigo *teórico* (devido ao fato do Estado Liberal ser identificado por muitos intelectuais como sendo o principal inimigo do Estado “Integral” proposto por eles). Em uma escala de periculosidade inferior encontramos o anti-semitismo, como um inimigo

“intermediário”, sendo seguido pelo anticapitalismo, pela antimaçonaria e pelo antipositivismo.

O terceiro capítulo é dedicado exclusivamente à questão do anticomunismo. Inicialmente, analisamos a imprensa produzida pelo movimento integralista, tendo em vista que era principalmente por seu intermédio que o comunismo era combatido.

Depois dessa questão da imprensa, analisamos, pontualmente, o anticomunismo presente nos livros, nas revistas e nos jornais do movimento. O anticomunismo apareceu de forma diferente em cada uma dessas fontes, o que nos permitiu analisar pontos importantes como a questão da diferença teórica presente entre os intelectuais; o fato de escreverem de forma diferenciada para a elite intelectual e para os militantes de base; a função do anticomunismo na questão da doutrinação do militante; o fato de cada uma dessas fontes ter um público-alvo específico etc – questões que só poderiam ser respondidas analisando fonte por fonte e, quando possível, procuramos traçar um paralelo entre elas.

Mas o leitor notará que nos dedicamos ao estudo do anticomunismo nos jornais, e isso deveu-se ao fato de que os jornais eram o principal mecanismo de difusão do integralismo, era o que tinha maior abrangência. A partir disso, analisamos como o comunismo era visto a partir das matérias dos jornais e, por fim, a exemplificação da periculosidade do comunismo através de “ícones”. Esses eram utilizados como exemplos “práticos” da manifestação do comunismo, através de indivíduos, grupos sociais e políticos, governos de orientação comunista, rebeliões e revoluções.

# **CAPÍTULO I**

## **Integralismo e anticomunismo em questão**



## CAPÍTULO 1 – INTEGRALISMO E ANTICOMUNISMO EM QUESTÃO

### 1.1. Integralismo

#### 1.1.1. Histórico da Ação Integralista Brasileira

A Ação Integralista Brasileira foi um movimento que surgiu após a Revolução Constitucionalista de 1932 com o Manifesto de Outubro, elaborado por Plínio Salgado. Caracterizava-se muito mais como um movimento cultural do que econômico. Segundo alguns autores, dentre os destaca Héglio Trindade, possuía muitas semelhanças com o fascismo europeu. O integralismo foi um movimento de extrema direita, que cultuava a figura do “Chefe Nacional” e pregava a centralização política nas mãos de um Estado com plenos poderes contrário a pluralidade de partidos políticos. Esse modelo de Estado forte e centralizado (Estado Integral) tinha como lema “Deus, Pátria, Família”.

Contudo as origens da AIB são anteriores ao lançamento do Manifesto de Outubro. Em 1931, Plínio Salgado já utilizava uma forte arma para a difusão da sua ideologia<sup>4</sup> - o jornal *A Razão*: “O próprio Salgado reconhece o papel instrumental do

---

<sup>4</sup> Mário Stopino aponta que Norberto Bobbio delineou dois significados para Ideologia: “fraco” e “forte”. “No seu significado fraco, Ideologia representa o *genus*, ou a *species* diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de idéias e valores representantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos. O significado forte tem origem no conceito de Ideologia de Marx, entendido como falsa consciência das relações de domínio entre as classes, e se diferencia claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção de falsidade: a Ideologia é uma crença falsa”. STOPINO, Mário. “Ideologia”. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfrancesco (orgs.). *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília, Editora da UNB; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 585.

jornal. Através dele os artigos chamam a atenção dos intelectuais e dos dirigentes dos movimentos que rejeitam o retorno do liberalismo da Constituição de 1891”.<sup>5</sup> Num trecho escrito por Salgado, fica clara a função de *A Razão* na gênese do futuro movimento:

Em 1931, surgiu em São Paulo um jornal que se tornou, dentro em breve, o instrumento aglutinador de brasileiros orientados por um pensamento cristão e nacionalista (...). Dentro em pouco, estava registrada num fichário, apreciável corrente de homens ligados por algumas idéias fundamentais.<sup>6</sup>

O jornal foi o instrumento de difusão das idéias de Plínio Salgado e criou todas as condições para a organização dos seus adeptos, a partir da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que seria o centro de reflexão ideológica de onde surgiu o manifesto integralista de 1932 e também a futura AIB.

De acordo com Trindade, a primeira reunião realizou-se em 24 de fevereiro de 1932, por iniciativa de Salgado, na sede do jornal *A Razão* em São Paulo. Nesta reunião foram apresentados os princípios fundamentais da SEP, que foram aprovados pelos participantes da sessão. A partir desse momento, iniciavam-se as atividades da sociedade.<sup>7</sup>

A partir de então, Plínio Salgado começou a se articular com outras lideranças de movimentos contestadores do liberalismo e do próprio Estado varguista. Dentre eles, estão Olbiano de Mello, de Minas Gerais; João Alves dos Santos, da Bahia; Severino

---

Não é o objetivo deste trabalho abrir longa discussão sobre Ideologia. Utilizaremos para esta pesquisa em específico uma variação do conceito fraco de Ideologia: “Segundo o qual as Ideologias são ‘sistemas de idéias conexas com a ação’, que compreendem tipicamente ‘um programa e uma estratégia para sua atuação’ e destinam-se a ‘mudar ou defender a ordem política existente’. Têm, além disso, a função de manter conjuntamente um partido ou um outro grupo empenhado na luta política”. Ibid., p. 587.

<sup>5</sup> TRINDADE, Héliqio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974, p. 124.

<sup>6</sup> SALGADO citado por TRINDADE, op. cit., p. 124.

<sup>7</sup> Ibidem.

Sombra, do Ceará (líder da Legião Cearense do Trabalho); entre outros representantes de movimentos direitistas regionais. Além disso, como aponta Calil:

Da Sociedade de Estudos Políticos provieram lideranças como Madeira de Freitas (Chefe Provincial da AIB na Guanabara), Raymundo Padilha (Chefe Provincial do Rio), e Hélio Viana, tendo aderido posteriormente Gustavo Barroso, que ocupou a chefia do Departamento de Milícias da AIB e Miguel Reale, que assumiu a chefia do Departamento de Doutrina, e Olbiano de Mello ficou com a chefia Provincial em Minas Gerais.<sup>8</sup>

Salgado e suas lideranças realizaram uma série de conferências, cujo público-alvo eram principalmente intelectuais, e estudantes. Nessas ocasiões, divulgavam suas idéias em locais como a Faculdade de Direito e a Academia Paulista de Letras no estado de São Paulo. O movimento em si já estava praticamente estruturado: “A última etapa do processo de formação do integralismo é a redação de um manifesto para divulgar publicamente a AIB”.<sup>9</sup>

Contudo o projeto acabou sendo “engavetado” por alguns meses, pois eclodiu em São Paulo a Revolução Constitucionalista, como explica Trindade: “a eminência do desencadeamento da Revolução ‘Constitucionalista’ em São Paulo obriga Salgado, por prudência ou cálculo político, a retardar a publicação do documento para uma época mais oportuna”.<sup>10</sup>

Após a revolta paulista, Plínio Salgado lançou o manifesto, em sete de outubro de 1932, inaugurando a Ação Integralista Brasileira, e promoveu a rearticulação dos movimentos com que havia perdido contato devido à eclosão do conflito. No Ceará, por exemplo, Hélder Câmara e Jeovah Motta incorporaram-se à AIB, mesmo sem a autorização de seu líder, Severino Sombra, que estava exilado. A AIB, dessa forma,

---

<sup>8</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 53-54.

<sup>9</sup> TRINDADE, op. cit., p. 131

<sup>10</sup> Ibid., p. 131.

incorporava para si a Legião Cearense do Trabalho. Plínio Salgado recebeu ainda apoio em Recife, na Bahia e no sul do Brasil:

Estas são as circunstâncias da fundação do movimento integralista, do qual Plínio Salgado tornava-se o principal líder: a AIB, a partir de outubro de 1932, transformava-se no principal partido de extrema-direita fascisante dos anos 30 em busca de poder político.<sup>11</sup>

Entre outubro de 1932 e o início de 1934, o movimento passou por um período de consolidação. Em fevereiro de 1934, a AIB realizou o Congresso de Vitória no estado do Espírito Santo, quando o movimento organizou a sua estrutura diretiva. Nesta ocasião, aprovaram-se os seus estatutos, estabeleceram-se as diretrizes integralistas, criou-se a milícia partidária e definiu-se a posição sobre a religião. Foram elaborados, naquele congresso, os departamentos de Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. Foi definido ainda, com maior precisão, o estatuto do “Chefe Nacional”.<sup>12</sup>

A partir de setembro de 1937, a AIB obteve o registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral.<sup>13</sup> A partir de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido candidato do partido à presidência da República nas eleições que deveriam ocorrer naquele ano, frustradas, entretanto, pelo golpe do Estado Novo.

A AIB foi extinta como as demais agremiações políticas em dezembro de 1937. Contudo, para continuar na legalidade com a nova conjuntura estadonovista, organizou-se novamente como uma sociedade civil (como a antiga SEP), que teve a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC):

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 133.

<sup>12</sup> CALIL, op. cit., p. 54.

<sup>13</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 18.

Plínio Salgado assumiu a presidência da ABC, e os demais cargos foram assumidos por membros da antiga cúpula da AIB. A estrutura e a direção da nova associação permitiram que a AIB continuasse, ainda que de forma mais velada, sua campanha doutrinária. Essa campanha continuou até maio do ano seguinte, quando a AIB parece ter mudado de tática, substituindo a tática educativa pela violenta. Abandonou-se a revolução do espírito e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder.<sup>14</sup>

O atentado a Vargas no palácio da Guanabara, realizado por um pequeno grupo de integralistas em conjunto com alguns liberais, em maio de 1938, parece ter sido resultado dessa nova tática. A Intentona Integralista, como ficou conhecida, foi totalmente dominada por Vargas, que, em seguida, desencadeou intensa campanha contra o integralismo, com a prisão e exílio de alguns de seus líderes. Outros integrantes, por sua vez, foram englobados na máquina estatal do governo Vargas. Plínio Salgado foi preso e, no ano seguinte, exilou-se em Portugal, regressando ao país com o fim do Estado Novo.

### **1.1.2. A evolução dos estudos sobre o integralismo**

O interesse acadêmico pelo movimento integralista teve seu início com a tese de doutoramento de Héliog Trindade, defendida no ano de 1971 na Universidade de Paris, gerando intenso debate acadêmico nas Ciências Humanas, cujo reflexo é a grande quantidade de pesquisas realizadas sobre o tema até os dias de hoje. Antes deste, havia apenas duas obras publicadas sobre Plínio Salgado e a AIB – defendidas enquanto as “cinzas” do movimento ainda estavam quentes. Depois dessas pesquisas realizadas na segunda metade da década de 1930, o tema foi jogado no ostracismo acadêmico durante

---

<sup>14</sup> Ibid., p.19.

quase trinta anos.<sup>15</sup> Nesse interregno o integralismo passou a ser visto como uma mera cópia caricata dos movimentos fascistas europeus e, essa simples afirmação por si só justificava qualquer resposta superficial sobre o integralismo.

### 1.1.2.1. Os primeiros estudos acadêmicos<sup>16</sup>

As primeiras pesquisas sobre o movimento integralista tiveram seu início ainda durante o período de vigência legal do movimento. No ano de 1937 Carlos Henrique Hunsche defendeu a tese de doutoramento *O integralismo brasileiro: história do movimento fascista no Brasil*<sup>17</sup> na Faculdade de Filosofia da Universidade Friederich Wilhelm, Berlim. Este trabalho possui uma importância fundamental não apenas devido ao fato de ser a primeira análise acadêmica sobre o movimento (e portando “livre” das paixões políticas que faziam parte das disputas entre aqueles que defendiam e criticavam o integralismo), mas por representar uma leitura feita dentro da estrutura de um Estado organizado nos moldes fascistas (Alemanha Nazista). Contudo, não estamos afirmando que este trabalho seja uma leitura nazista sobre o integralismo, mas sim que o “meio” de certa forma “condicionou” o resultado final – como todo trabalho em Ciências Humanas os valores sociais da época e local influenciaram no desenvolvimento do trabalho. O autor não se coloca como um crítico ou defensor do movimento, aliás, abstêm-se de

---

<sup>15</sup> Com a reestruturação do integralismo em agremiação política (Partido de Representação Popular) em 1945, o tema voltou a ser debatido na sociedade, principalmente pela vinculação ideológica da antiga AIB com o fascismo europeu. As discussões giravam em torno da legalização do partido. Contudo, isso não teve reflexo em estudos acadêmicos naquele período, ficando restrito aos espaços sociais e políticos.

<sup>16</sup> Não levamos em conta o debate político e ideológico gerado nos anos de 1930, ou seja, entre aqueles que defendiam o movimento e aqueles que o combatiam. Entre os primeiros, seus principais representantes são os ideólogos integralistas, como Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale, entre outros. Entre seus opositores, poderíamos citar: HERVÉ, Egydio. *Democracia liberal e socialismo entre os extremos: integralismo e comunismo*. Porto Alegre, Globo, 1935 e KONDER, Marcos. *Democracia, Integralismo e Comunismo*. Rio de Janeiro, 1935.

<sup>17</sup> CALIL, Gilberto e SILVA, Carla (orgs). *O Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil*, (tese de doutoramento autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim, em 1930) de Carlos Henrique Hunsche. Porto Alegre, CD-AIB/PRP, 1996. Tradução de Leandro Silva Teles.

emitir “juízos de valores” em seu texto. As críticas quando aparecem no corpo do texto são fundamentadas a partir da contraposição de fontes ou com comparações ao nazismo.<sup>18</sup>

Dividido em oito capítulos, o autor buscou compreender desde a influência autóctone da AIB – expresso no primeiro capítulo “A evolução do nacionalismo na História do Brasil”, onde encontra o nacionalismo surgindo já com a chegada dos conquistadores portugueses em 1500, perpassando o Brasil colonial, imperial e republicano, tendo seu ápice com o integralismo e no quinto capítulo “A promoção da brasilidade”, analisando a identificação que os integralistas apresentavam entre o movimento e a “brasilidade”. Além dessa influência interna, o autor contrapõe com a externa, presente no segundo capítulo “A pré-história do movimento integralista” no contexto do pós-guerra e com os modelos políticos europeus e sua inter-relação com outros movimentos fascistas, presentes no sétimo capítulo “O Integralismo e os movimentos autoritários europeus”. A mediação entre a influência interna e externa é tratada no terceiro capítulo “Os fundamentos ideológicos e o Integralismo brasileiro”.<sup>19</sup> A organização do “Estado Integral” é abordado no quarto capítulo “O Estado Integralista”. Um histórico da evolução do movimento é tratado no sétimo capítulo “O crescimento da AIB”.<sup>20</sup> O autor apresenta suas conclusões no oitavo capítulo,

---

<sup>18</sup> Um exemplo significativo é a análise feita pelo autor no que se refere ao anti-semitismo: “Na realidade, o anti-semitismo de acordo com a Doutrina Integralista constitui um dos pilares básicos do Integralismo. Entretanto, seria um erro crasso traçar um paralelo entre o Nacional-Socialismo e o Integralismo no que concerne à problemática judaica, como faz a AIB para conquistar a população teuto-brasileira. O Nacional-Socialismo combate o judeu, antes de mais nada, fundamentado em sua concepção racial: como elemento destrutivo de uma raça. O Integralismo combate-o por razões políticas e econômicas”. *Ibid.*, p. 81.

<sup>19</sup> A questão da influência interna e externa do movimento integralista terá um papel de destaque no debate acadêmico surgido entre Hélió Trindade, Gilberto Vasconcelos e José Chasin, discutido mais adiante.

<sup>20</sup> O autor ainda traça previsões e possibilidades para o pleito previsto para 3 de janeiro de 1938, tendo em vista que a tese fora entregue em junho de 1937, meses antes do golpe do Estado Novo, que fechou as agremiações políticas e impediu a realização das eleições presidenciais. *Ibid.*, p. 107-108.

analisando o integralismo como um fenômeno ao mesmo tempo brasileiro, sul-americano e internacional.

Em 1938 Arnaldo Nicolau de Flue Gut defendeu a tese de doutoramento *Plínio Salgado, o creador do integralismo brasileiro na literatura brasileira* na Ludwig-Maximilian Universität de Munique<sup>21</sup>. Diferente da tese de Carlos Hunsche, que tem na AIB seu principal foco de análise, Gut centra suas atenções na obra intelectual de Plínio Salgado (tanto literária como política). Além da diferença de objeto de estudo a forma de abordagem entre os dois trabalhos será completamente oposta. Se por um lado, a análise de Hunsche é extremamente acadêmica, onde inclusive se omite de expressar juízo de valores, por outro, Gut não consegue manter a distância de seu objeto. Em vários momentos o autor deixa expressa sua simpatia pelo líder integralista, como por exemplo:

Quando, porém, a comoção toma conta da visão intelectual e esta se cristalizou em prismas regulares e transparentes, o ser, a alma de Plínio Salgado é um florilégio que se esbanja à vontade, inexorável: na poesia e na ciência. O pensamento é conciso, vibrante e de força irresistível.<sup>22</sup>

Critica Hunsche por ficar preso a uma análise meramente acadêmica, mantendo distância sentimental com seu trabalho: “Infelizmente, porém, o autor não se integrou com a alma brasileira, com o sentir *brasileiro*, com o pensamento central de Plínio Salgado”.<sup>23</sup> Critica também o fato do autor dar importância a influência da “lusitanidade”

No trabalho de Gut a AIB e a ideologia integralista ficam à margem, tendo muito pouco destaque. Embora cite uma série de obras de Salgado sobre o integralismo e

---

<sup>21</sup> GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 82.



jornais integralistas onde eram publicados os artigos do “Chefe Nacional”, o conteúdo destes textos não é discutido.<sup>24</sup> Nos dois capítulos em que discute o pensamento político e o nacionalismo de Plínio Salgado (respectivamente capítulos IV – *Plínio Salgado como pensador*, e VI – *Os últimos valores nacionalistas de Plínio Salgado*), o autor, mesmo usando textos integralistas, não aborda o integralismo.

### 1.1.2.2. O integralismo como novo tema de debate nas Ciências Humanas<sup>25</sup>

Surgiu com a discussão em torno da tese de Trindade. Esse debate abriu espaço para uma verdadeira “onda” de estudos sobre o tema. Esses estudos podem ser arbitrariamente divididos em três fases distintas<sup>26</sup>: 1ª fase: a AIB como movimento de massas organizada nacionalmente; 2ª fase: estudos regionais sobre o integralismo; 3ª fase: novas abordagens sobre o integralismo.

#### 1ª Fase – A AIB como movimento de massas organizada nacionalmente<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 31.

<sup>25</sup> Tendo em vista a grande quantidade de obras sobre o tema, não faremos uma análise exaustiva de toda a produção científica sobre a Ação Integralista. Buscaremos analisar algumas obras significativas e que sirvam para exemplificar as três fases desses estudos.

<sup>26</sup> É arbitrária, pois parte de uma divisão feita a partir de semelhanças presentes nesses trabalhos, ao mesmo tempo, não é uma separação fechada, existem trabalhos que poderiam ser enquadrados em mais de uma fase, devido às suas características. Em resumo, é uma divisão feita para uma melhor visualização da evolução das pesquisas sobre o tema. A idéia original dessa divisão foi apresentada no artigo a ser publicado nos anais do I Encontro de Pesquisadores do Integralismo ocorrido na cidade de Rio Claro em São Paulo, nos dias 16 e 17 de outubro de 2002. Havíamos originalmente apresentado o termo *gerações* para caracterizar essas pesquisas, no entanto, preferimos alterar para o termo *fases*, pois *gerações* acabaria por marcar os trabalhos de acordo com o período em que foram produzidos e não devido ao seu conteúdo, que, em nossa opinião, é o que diferencia uma *fase* de estudo de outra.

<sup>27</sup> Não analisaremos individualmente as obras de Trindade, Vasconcelos e Chasin, principais representantes desta primeira fase, pois tais obras já foram amplamente discutidos em outros trabalhos. Escolhemos então analisar um ponto específico e que tenha sido discutido pelos três autores, ou seja, analisaremos um possível diálogo entre os três autores. Além da discussão feita por intelectuais brasileiros, o tema também foi objeto de pesquisa de três autores norte-americanos: LEVINE, Robert M. *O regime Vargas. Os anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (a versão original em inglês foi publicada em 1970); BROXSON, Elmer. *Plínio Salgado and the Brazilian Integralism (1932-1938)*. Washington: The Catholic University of América, 1972 (tese de doutorado – não tivemos acesso a esse trabalho ainda); HILTON, Stanley. *A Ação Integralista Brasileira: fascism in Brazil (1932-1938)*. In: *O Brasil e a Crise Internacional (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 (a

A Ação Integralista Brasileira foi o tema central de uma série de estudos acadêmicos a partir dos anos de 1970. Uma das principais questões destes trabalhos era determinar quais eram suas origens ideológicas e a sua vinculação ou não com o fascismo, que a partir de sua matriz européia, se espalhou por várias regiões do planeta.

Tendo em vista o fato do movimento integralista ter apresentado como um dos elementos centrais de sua pregação política o nacionalismo e sempre ter defendido a originalidade de sua doutrina frente a influências externas, esta questão de influência ou não do fascismo sobre o integralismo foi um tema de discussão desses primeiros estudos.

Nesta parte faremos uma análise deste debate, surgido entre Héglio Trindade (*Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*), Gilberto Vasconcelos (*Ideologia curupira: Análise do discurso integralista*) e José Chasin (*O integralismo de Plínio Salgado*).<sup>28</sup>

---

versão original em inglês publicada em 1972). O integralismo ainda fora discutido no estudo sobre o fascismo de Stanley Payne, em que o integralismo brasileiro é apresentado como “El único que alcanzó real importância y que, de hecho, se convirtió en el único gran partido latinoamericano que se aproximara en casi todos los aspectos al fascismo europeo, fue la Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado, fundada em 1932”. PAYNE, Stanley G. *Historia del fascismo*. Barcelona: Editorail Planeta, 1995.

<sup>28</sup> TRINDADE, op. cit.; VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979; CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. Em realidade o diálogo de Vasconcelos e Chasin não foi o primeiro debate acadêmico enfrentado por Héglio Trindade. O primeiro se estabelecerá a partir das críticas feitas por Wanderley Guilherme dos Santos na obra “Paradigma e História – a ordem burguesa na imaginação social brasileira” (Rio de Janeiro, FGV, 1975). Não tivemos acesso a esse trabalho até o presente momento, contudo, possuímos a réplica de Trindade, publicada na *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, V.4, 1976, p. 126-134)*, sob título de “Texto e Contexto: nota crítica a alguns aspectos do estudo “Paradigma e História” de Wanderley Guilherme dos Santos”. A crítica de Trindade ao trabalho se baseia no fato do autor utilizar trechos descontextualizados do livro *Integralismo (o fascismo brasileiro dos anos de 30)* como justificativa para apontar supostas falhas desta obra. Como aponta Trindade em relação às críticas feitas sobre a simpatia de Plínio Salgado ao fascismo europeu: “E o sintomático é que, do conjunto de citações de Salgado, o autor escolhe a menos explicitamente simpática ao fascismo europeu. Ele não menciona as referências feitas em dois ou três parágrafos anteriores em que Salgado afirmava, por exemplo, que ‘o fascismo é o Estado-síntese por excelência, o Estado que traz em si, todas as fisionomias nacionais’ ou, mais adiante, que ‘o que há de essencial na doutrina fascista é perfeitamente aceitável, como concepção de Estado’” (p. 131). E assim por diante, seguem as críticas em que Trindade afirma que o autor extrapola ilegitimamente o significado do seu texto.

Ao ler o trabalho dos três autores fica claro que a formação ideológica inicial de Plínio Salgado se dá nos anos de 1920, principalmente em sua atuação literária “verdeamarela” da Semana de Arte Moderna e na frustrada atividade partidária no Partido Republicano Paulista (frustrada segundo a própria leitura de Salgado).

Mesmo que a formação política de Plínio Salgado nos anos de 1920 seja um ponto pacífico para os autores, a influência dessa base ideológica sobre a futura AIB será diferente para cada um.

A explicação mais controversa ao nosso ver é a de José Chasin. Para o autor a base da futura AIB estaria assentado sobre três “pilares fundamentais” (capítulo II – Véspera e antevéspera de um movimento).<sup>29</sup> O primeiro seria a atuação literária de Plínio Salgado. O segundo seria a atuação política dentro do Partido Republicano Paulista (PRP). A experiência resultante dos dois primeiros “pilares” abriria as portas para o terceiro, que seria a doutrinação jornalística, a partir do jornal *A Razão*, fundado em 1931, após o retorno de Plínio Salgado da Europa. Ao mesmo tempo, o autor renega veementemente uma possível influência do fascismo europeu na formação do movimento integralista.

A leitura de Vasconcelos sobre as influências para a formação da AIB divergem das propostas por Chasin. Segundo o autor, os principais elementos da doutrina integralista estariam presentes, mesmo que de forma rudimentar na corrente “verdeamarela” e “Anta” do modernismo dos anos de 1920. Contudo, as influências do fascismo dariam o “norte” para a organização do integralismo.

Para Trindade, por sua vez, a formação política de Plínio Salgado nos anos de 1920, tanto literária como no PRP, são necessárias para compreender a formação da

---

<sup>29</sup> CHASIN, op. cit., p. 177-489.

Ação Integralista, contudo, o contexto do fascismo é decisivo para definir a natureza da ideologia integralista.

Aparentemente o fio condutor das críticas de Chasin está expresso no segundo parágrafo da sua introdução, quando afirma que há uma oposição entre Plínio Salgado, que defendia que sua ideologia era autóctone, baseada em uma raiz brasileira e não européia (e distinta do fascismo) enquanto os críticos ao integralismo, esquecendo ou renegando o que afirmava o líder integralista, defendem o contrário, que o discurso de Salgado em vez de original é o resultado de meras dissimulações táticas. As críticas feitas por tais autores (no caso o autor cita Trindade e Edgar Carone) procuram explicar o integralismo a luz do mimetismo, ou seja, defendem à influência externa, principalmente da matriz fascista européia. O autor refuta tais idéias ao fazer uma análise da tese de doutoramento de Hélió Trindade. Defende, de forma veemente, o integralismo como resultado da atuação e das experiências políticas de Plínio Salgado e a desvinculação do pensamento integralista do fascismo europeu.

O trabalho de Trindade, duramente criticado por Chasin – ao nosso ver críticas de forma bastante superficiais –, apresenta dados mais coesos e concisos. O integralismo segundo a interpretação de Trindade, não é um mero mimetismo como Chasin apresentou em sua crítica. Em realidade, difere completamente. Em nenhum momento o autor afirma uma transposição direta da ideologia fascista para o Brasil ou renega as influências prévias de Plínio Salgado, pelo contrário, vai além, explora essas influências, só que sem a preocupação de utilizá-las para comprovar suas hipóteses, mas como um complemento para a sua análise. O integralismo, visto por Trindade não é uma cópia caricata, ou um mero fascismo “tupiniquim”. Mais do que isso é um movimento que possui influências do fascismo, contudo mantém suas peculiares frente ao fascismo italiano, alemão etc. Ao mesmo tempo, o autor não se prende apenas a Plínio Salgado,

explora outros autores do movimento, o que contribui para uma visão mais ampla, mais geral e menos generalizante como a de José Chasin.

Não é possível avaliar as críticas de Chasin a Vasconcelos (e vice-versa), tendo em vista que os autores não se citam mutuamente. Os dois trabalhos foram defendidos mais ou menos no mesmo período em diferentes cursos de pós-graduação e provavelmente não tiveram conhecimento recíproco até sua conclusão. Contudo, tendo em vista os enfoques opostos dos seus trabalhos, podemos chegar a uma aproximação do que seria a crítica. Provavelmente a principal seria a forma heterodoxa de Vasconcelos para explicar o integralismo. Indo das bases ideológicas do movimento dentro da corrente “verdeamarela” no modernismo, até a influência do fascismo, o autor busca apoio teórico não apenas na História Política, mas também no marxismo, em obras literárias, na psicanálise etc. Além disso, o autor não nega a influência do fascismo. Ao mesmo tempo, as críticas de Vasconcelos provavelmente estariam centradas no “determinismo” de Chasin em procuram “comprovar” a originalidade do integralismo frente a ideologias externas. Também criticaria a ortodoxia de utilizar apenas a produção de Plínio Salgado para explicar o fenômeno do movimento integralista.

As críticas de Hélió Trindade tanto a Vasconcelos quanto a Chasin foram sistematizadas na coletânea “História Geral da Civilização Brasileira”.<sup>30</sup> No que concerne as críticas dirigidas à *Ideologia Curupira*, Trindade aponta certas generalizações feitas pelo autor, como por exemplo: apontar influências do fascismo no discurso ideológico, mas não exemplificá-lo com fontes; utilizar apenas textos de Plínio Salgado, esquecendo de outros autores como Gustavo Barroso e Miguel Reale e sua influência no movimento. Contudo, o conjunto da análise sobre a obra feita por

---

<sup>30</sup> TRINDADE, Hélió. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981, vol. 3, p. 304-316.

Trindade, apesar de considerar “polêmica em função da diversidade de enfoques analíticos utilizados para captar multiformes dimensões do discurso pliniano”, não nega a contribuição feita pelo autor, ao contrário, a coloca como uma obra original sobre a interpretação do discurso integralista.

Em relação à obra de José Chasin as críticas foram mais duras, citaremos apenas as principais. Para o autor o trabalho de Chasin já parte de um determinismo que atrapalha toda a sua obra: que só existiria o fascismo no Brasil se o capitalismo tivesse tido um estágio superior. Para comprovar tal premissa, o autor utilizou apenas a produção de Plínio Salgado na sua tese de que o integralismo não possui influência do fascismo, defendendo, inclusive, a visão “oficial” de Salgado de que o integralismo teria sido uma ideologia baseada em elementos puramente brasileiros. Para Trindade, um dos principais problemas metodológicos de Chasin foi ter utilizado textos não apenas dos anos de 1930 (1932-1937, período de vigência da AIB), mas também obras do pós-guerra. O ponto central dessa questão em utilizar indiscriminadamente textos do pós-guerra está na adulteração sofrida no período de redemocratização, quando as obras sofreram alterações para renegar o caráter fascista e antidemocrático da extinta AIB, alvo principal daqueles que se opunham à reestruturação do integralismo como partido político. Assim, mais uma vez Chasin estaria defendendo o ponto de vista “oficial” dos integralistas.

Com base na leitura das obras dos autores e também no debate gerado por suas análises podemos fazer algumas considerações em torno da questão fundamental desse debate inicial: o integralismo é uma ideologia do “sertão” ou do “litoral”?

Ao nosso ver a resposta mais aproximada para a questão seria ambos, pois embora haja as influências iniciais de Plínio Salgado nos anos de 1920 (o que de certa

forma inicia sua visão nacionalista e ufanista de ver o Brasil), as influências do fascismo europeu são inegáveis, tendo em vista a estruturação do movimento e seus pressupostos políticos.

Aliás, como todo movimento fascista ou protofascista, as características locais influem no “resultado final”, para tanto basta ver as diferenças entre o fascismo italiano e o nazismo ou ainda entre o salazarismo e o franquismo. A AIB como sendo um movimento com influências do fascismo não foge dessa regra: se por um lado possui semelhanças com outros movimentos de orientação fascista (partido único, corporativismo, anticomunismo e antiliberalismo etc.), por outro possui características que lhe são peculiares (espiritualismo, apelo religioso etc.).

Assim, acreditamos que seja difícil caracterizar a Ação Integralista Brasileira (e a própria atuação de seus membros) como uma ideologia do “sertão” ou do “litoral”. Possui elementos de ambos, como os trabalhos de Vasconcelos e Trindade comprovaram. A leitura realizada por Chasin, como já apontamos, apresenta uma série de problemas, principalmente por partir do determinismo de negar a influência do “litoral” na ideologia integralista.<sup>31</sup>

## **2ª Fase – O integralismo organizado regionalmente**

Em um artigo de jornal publicado em 1978, Trindade<sup>32</sup> destacava as diferenças entre as abordagens dos principais estudos até então defendidos sobre a AIB (no caso

---

<sup>31</sup> A discussão desta fase sobre o integralismo organizado nacionalmente não foi esgotada nos anos de 1970, sendo retomada posteriormente em SOUZA, Francisco Martins de. *O integralismo*. In: *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982; e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. O autor ainda realizou dois estudos sobre os líderes integralistas Plínio Salgado e Miguel Reale: *A cor da esperança-totalitarismo e revolução no integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1984 (não tivemos acesso a esse trabalho ainda); *In Medio Vertius: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio: CPDOC/FGV, 1988.

<sup>32</sup> TRINDADE, Héglio. Integralismo e Fascismo em questão. *Zero Hora*, Porto Alegre, 9/4/1978, p. 12.

entre a sua tese de doutoramento, a de Gilberto Vasconcelos –*Ideologia Curupira* – e principalmente com a de José Chasin – *O integralismo de Plínio Salgado*). No mesmo artigo também apresentou um trabalho que fugia do “modelo” original dessas pesquisas: *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul*, dissertação de mestrado de René Gertz<sup>33</sup>, que trazia para a discussão elementos sobre a AIB de cunho regional, em contraposição aos trabalhos que estudavam o movimento organizado nacionalmente, que havia sido a característica principal da “primeira fase”.

A dissertação de Gertz desencadeou uma onda de estudos regionais – tendo em vista que os primeiros estudos não conseguiram (ou não pretenderam) dar conta da estruturação do movimento integralista nas diversas regiões do país, ficando apenas em uma discussão do movimento enquanto nacional – havia uma grande lacuna sobre as peculiaridades de cada região. O integralismo seria igual em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul, etc, ou teria diferenças? Embora ainda não exista nenhum trabalho que procure sistematizar uma comparação entre diferentes regiões do país, a leitura desses trabalhos regionais nos permite notar diferenças e semelhanças na estruturação regional do movimento integralista, que nos permite compreender melhor o funcionamento e também a própria atuação e inserção dos integralistas na sociedade brasileira dos anos de 1930.

A dissertação de Gertz não teve a pretensão de ser um estudo sobre o integralismo no estado do Rio Grande do Sul, como o próprio título sugere, visava analisar a relação entre o integralismo e os teuto-brasileiros, grupo étnico em que o movimento integralista teve considerável inserção social. O trabalho dividido em três

---

<sup>33</sup> GERTZ, René. *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controverso*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de mestrado em Ciência Política).



partes, apresenta uma discussão sobre germanismo<sup>34</sup>; germanismo e nazismo; germanismo e integralismo e integralismo e nazismo na primeira parte. A segunda parte dedica-se ao estudo dos teuto-brasileiros e a política sul-riograndense. O estudo de caso da comunidade étnica teuto-brasileira de São Leopoldo é o tema da terceira parte.

O autor aprofunda a pesquisa em sua tese de doutoramento<sup>35</sup>, expandindo seu recorte físico ao estado de Santa Catarina. Além de aumentar seu espaço de pesquisa, também acrescenta novas perguntas, como a questão da imigração alemã e sua relação com a política regional, e a participação dos teutos na política tanto imperial como republicana (República Velha), apresentado no primeiro capítulo. Discute de forma mais aprofundada a questão do nazismo e os teuto-brasileiros, além das relações entre Brasil e Alemanha no período e as intenções do nazismo no Brasil. No terceiro capítulo sistematiza a relação entre o integralismo e os teutos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ambos os trabalhos apresentam um dado peculiar no que se refere ao integralismo: o integralismo até então era considerado como um movimento puramente urbano, principalmente a partir de sua matriz paulista e carioca, não havendo muita inserção nas zonas rurais. No sul do país, em contrapartida, houve considerável influência nas regiões coloniais (tanto rurais como urbanas).

Assim como os trabalhos de Gertz, que trouxeram a discussão do integralismo para os teuto-brasileiros no sul do Brasil, a tese de Josênio Parente ampliou a discussão do integralismo para o Nordeste, mais especificamente para o caso do Ceará.<sup>36</sup> A peculiaridade deste trabalho está centrada em dois pontos básicos: movimento

---

<sup>34</sup> Segundo o autor, germanismo ou “Deutschtum”, era um “[...] movimento [que] tinha por objetivo garantir a peculiaridade étnico-cultural de todos os alemães e seus descendentes no Brasil, tentando segregá-los deliberadamente da população etnicamente diferente que aqui habitava”. Ibid., p. 16.

<sup>35</sup> Utilizamos aqui a publicação da tese em português: *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

<sup>36</sup> PARENTE, Josênio. *Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986. No mesmo ano foi publicado MONTENEGRO, J. A. S. *O integralismo no Ceará*. Fortaleza, 1986. Até o presente momento não tivemos acesso a esse trabalho.

operário/integralismo e Igreja Católica/integralismo, tendo como elo de ligação a Legião Cearense do Trabalho (LCT).

Do mesmo modo que Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o Ceará estava distante do “centro” de difusão ideológica da Ação Integralista Brasileira: São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar dessa distância, o Estado do Ceará foi o responsável pela maior vitória eleitoral do movimento: com apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC)<sup>37</sup> elegeu um deputado federal em 1933 (Jeovah Motta) e dois estaduais em 1934 (Ubirajara Índio do Ceará e Carlito Benevides). Isso garantiria a participação direta dos integralistas no Governo do estado em 1935, devido ao auxílio dos deputados integralistas na eleição indireta do governador do estado (Francisco Menezes Pimentel) e dos dois senadores (Edgar de Arruda e Waldemar Falcão), que eram membros da LEC.<sup>38</sup>

Igualmente peculiar foi a grande inserção do integralismo junto ao movimento operário do Ceará. Um fato que chama a atenção, devido à pouca influência dos camisas-verdes nos círculos operários de outras regiões do país. A incorporação da LCT pela AIB garantiu essa grande influência junto aos operários e ainda possibilitou estabelecer amistosa relação com a Igreja Católica, tendo em vista que essa possuía grande poder junto aos operários cearenses.

Os trabalhos anteriores, baseados em dados gerais apontavam para um distanciamento entre o operariado e a AIB, além de um afastamento dos círculos de poder. A partir do estudo de Parente, esses dados precisam ser relativizados, tendo em vista que, no caso específico do Ceará, a regra geral não pode ser aplicada, pois o

---

<sup>37</sup> “Formada por inspiração do Cardeal Leme, do Rio de Janeiro, a LEC marcou a presença política da Igreja Católica na sociedade brasileira. Pretendia influir na eleição para a Assembléia Nacional Constituinte, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais”. PARENTE, p. 15.

<sup>38</sup> Ibid. p. 141.

integralismo nesse estado teve grande repercussão junto aos operários e, ao mesmo tempo, teve participação direta no círculo central do poder.<sup>39</sup>

A obra *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão* de João Ricardo de Castro Caldeira<sup>40</sup> complementa a produção de obras regionais sobre o integralismo. Traz histórico do desenvolvimento e evolução da Ação Integralista no estado do Maranhão. Dividido em três capítulos, que contemplam a evolução cronológica do movimento, aborda a estruturação do movimento e o início de sua consolidação com a eleição de 1934 para a Câmara Federal e a Assembléia Constituinte do estado<sup>41</sup> em seu primeiro capítulo. A oposição à ANL e ao comunismo no Maranhão é o tema do segundo capítulo, que trata da expansão do integralismo no ano de 1935. Pelo o que tenhamos conhecimento, este é o único capítulo de dissertação ou tese que seja específico sobre a oposição à ANL e ao comunismo. O terceiro e último capítulo aborda o auge da AIB local e o seu fechamento. Nessa parte é tratada a relação da AIB com seus aliados e adversários e a organização dos ex-membros no contexto posterior ao fechamento da AIB.

O trabalho de Caldeira, assim como os demais trabalhos regionais, nos mostram que as características locais foram decisivas para as formas de inserção social e a conquista de espaços pelos integralistas – o que reflete uma “quebra” com a imagem

---

<sup>39</sup> No mesmo ano da obra de Parente foi publicado o livro *Pequena História do Integralismo no RN* de Luiz Gonzaga Cortez (Natal: Clima/Fundação José Augusto, 1986). Em forma de narrativa, desprendido de qualquer estrutura acadêmica, o trabalho restringiu-se a relatar fatos ocorridos no estado do Rio Grande do Norte, não utilizando nenhum referencial teórico sobre o integralismo, com exceção de uma breve citação à tese de Héglio Trindade em uma nota de rodapé, não sendo citado posteriormente na bibliografia (p. 55).

<sup>40</sup> CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

<sup>41</sup> Os integralistas não elegeram nenhum dos seus candidatos, contudo, se levarmos em conta a organização necessária para concorrer a uma eleição, isso reflete em uma organização considerável. *Ibid.*, p. 40-48.

idílica de ordem e unificação, na qual os integralistas têm de conquistar ou negociar seus espaços, como ficou evidente no estudo de Gertz<sup>42</sup> e no de Parente.<sup>43</sup>

Até o presente momento dos estudos regionais – pelo menos das obras de que temos conhecimento –, apenas as regiões periféricas apresentam estudos sistemáticos sobre a organização do integralismo. Talvez isso se deva ao fato de que durante os debates iniciais, indiretamente os núcleos centrais do movimento integralista – São Paulo, Rio de Janeiro e em menor grau Minas Gerais – eram tidos como matrizes de difusão da ideologia e do movimento. Contudo, essa interpretação é insuficiente para explicar a inexistência de tais trabalhos, principalmente se levarmos em conta que o integralismo nesses Estados não ficou restrito às capitais, tendo se expandido para o interior, e, se levarmos em conta outros exemplos regionais em que o integralismo apresentava significativas diferenças entre capital e interior (e às vezes entre regiões e cidades próximas), há uma grande lacuna nos estudos regionais que ainda necessitam ser pesquisados.

A partir dos anos de 1990 surge uma grande quantidade de estudos sobre o movimento integralista no Rio Grande do Sul.<sup>44</sup> Em um recente artigo Gertz faz uma análise da evolução dessas pesquisas e o seu destaque no bojo das discussões regionais.<sup>45</sup> Tendo em vista que o autor, de forma sintética, deu conta do tema não

---

<sup>42</sup> No caso o autor apresenta a leitura do Pastor Hermann Dohms sobre o integralismo em uma série de artigos publicados na revista mensal DEBB entre 1933 e 1936. Em uma citação apresenta resposta de Wolfram Metzler, líder integralista, sobre a questão do uso da língua alemã e a manutenção das associações culturais germânicas. Nesse exemplo fica expressa a possibilidade de negociação. GERTZ, 1977, p. 29-33.

<sup>43</sup> No caso sobre as negociações que levaram à eleição de deputados integralistas e a participação no governo e à inserção no movimento operário local e o bom relacionamento com o clero local, já citado anteriormente.

<sup>44</sup> Esses novos estudos regionais surgem na mesma época em que novas perguntas começam a ser feitas nas Ciências Humanas, tendo reflexo nos trabalhos sobre o integralismo, muitos dos trabalhos abaixo poderiam ser também enquadrados na terceira “fase”, discutido adiante.

<sup>45</sup> GERTZ, René. O integralismo no Rio Grande do Sul. In. *Jornal Folha da História*. Porto Alegre, novembro de 2002, Ano VII, nº 61, p. 7 (edição especial sobre os setenta anos do surgimento do integralismo).

iremos fazer uma profunda leitura desses trabalhos, nos limitaremos a fazer uma citação pontual de algumas das principais obras.

O primeiro trabalho que procurou sistematizar a questão do integralismo no Rio Grande do Sul é a dissertação de Carla Brandalise<sup>46</sup>, que traça um panorama geral da estruturação da AIB no Rio Grande do Sul. Embora dê ênfase às zonas de colonização italiana, procura fazer comparação com a zona de colonização alemã.

A questão do integralismo na zona de colonização italiana é retomada posteriormente por Daniela Pistorello<sup>47</sup>, dando ênfase principalmente à região de Caxias do Sul. A questão do integralismo na região norte do Estado é o tema do trabalho de Fausto Irschlinger<sup>48</sup>, zona com grande concentração de teuto-brasileiros, em alguns pontos retoma a discussão iniciada por Gertz.

O grau de especificidade chegou a tal estágio que novos trabalhos apresentaram um recorte espacial mais restrito, ao invés de regiões, municípios. Como é o caso da dissertação mestrado de Ivo Canabarro dos Santos<sup>49</sup> sobre o integralismo na cidade de Ijuí. Essa pesquisa apresenta uma nova abordagem sobre o integralismo, uma visão mais voltada para o cultural do que para o político sob o prisma da Nova História Cultural. Outro trabalho cujo recorte é municipal é a dissertação de Daniel Milke<sup>50</sup> sobre o integralismo em Porto Alegre. Sob o prisma da Nova História Política, traça a trajetória

---

<sup>46</sup> BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado em Ciência Política)

<sup>47</sup> PISTORELLO, Daniela. *“Os homens somos nós”: O integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História). Além da atuação do integralismo na zona de colonização italiana, há a intervenção do fascismo italiano, discutido de forma rápida por Pistorello. É o tema do trabalho de: GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ParLenda, 1994. A crítica deste trabalho aparece em: BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa preta: notas sobre a ação do fascismo e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 24, nº 2, dezembro de 1998.

<sup>48</sup> IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

<sup>49</sup> CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado em História).

<sup>50</sup> MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História)

da AIB na capital gaúcha desde sua gênese, sua evolução e conseqüente perseguição a partir de sua organização interna, combate aos inimigos, busca de espaços, relação com aliados, intervenção política, etc.

Atualmente não apenas o integralismo nos municípios passou a ser tema de estudos como também o estudo sobre lideranças integralistas como Dario de Bittencourt e Wolfram Metzler. Maria Barreras<sup>51</sup> traçou um interessante estudo sobre o “Chefe Provincial” Dario de Bittencourt, analisando não apenas o período em que foi membro da AIB como também toda sua intervenção política nas décadas de 1920 até seu falecimento em 1974. A atuação política do teuto-brasileiro Wolfram Metzler é o tema do trabalho de Veridiana Tonini.<sup>52</sup> Partindo do “microcosmo” central (Metzler), a autora traça importantes relações entre integralismo (tanto no período da AIB como no PRP), política regional, Igreja Católica e as regiões coloniais do Rio Grande do Sul.

### **3ª Fase – Novas abordagens sobre o integralismo**

Durante a década de 1990 os estudos sobre o integralismo ganharam um verdadeiro impulso. Este passou a ser visto segundo diversos matizes, as perguntas mudaram. A escolha dos temas foram do “porão” ao “sótão”, em uma alusão ao clássico estudo de Peter Burke sobre a Escola dos *Annales*.<sup>53</sup> No primeiro momento buscavam compreender a AIB a partir da organização nacional e do pensamento das principais lideranças nacionais como Salgado, Barroso e Reale. Esse paradigma começou a ser quebrado com os estudos regionais, onde ficou claro que as questões locais interferiam

---

<sup>51</sup> BARRERAS, Maria José Lanziotti. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: PUCRS, 1993 (dissertação de mestrado em História).

<sup>52</sup> TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo, UPF, 2003.

<sup>53</sup> BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

na forma de intervenção do integralismo junto à sociedade, e essa discussão regional acabou por suscitar novos questionamentos, que caracterizariam uma nova “fase” de estudos. Essa terceira “fase” tem buscado dar conta de uma série de temas que possuíam um papel marginal nas discussões iniciais e passaram a ter relevância, cujo estudo nos permite compreender de forma mais clara o funcionamento do integralismo: o militante de base ganhou voz, a mulher integralista também, a intervenção do integralismo junto à sociedade passou a ter relevância, os símbolos e ritos passaram a ser estudados, integralismo no pós-guerra se tornou objeto de estudo, o combate aos inimigos do integralismo também, e assim por diante.

Atualmente há um interessante intercâmbio entre os pesquisadores que estudam o integralismo, a partir de uma lista de discussão na *internet* chamada Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT).<sup>54</sup> A partir dos contatos do GEINT já foram organizados dois encontros nacionais de pesquisadores do integralismo, o primeiro realizado na cidade de Rio Claro em São Paulo, no mês de novembro de 2002, e o segundo na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, no mês de outubro de 2003. Esses encontros têm mostrado a grande variedade de estudos sob os mais variados enfoques e temas, o que revela a grande riqueza desta terceira “fase”.<sup>55</sup>

Embora tenhamos afirmado que essa terceira “fase” tenha iniciado nos anos 1990, uma publicação feita ainda nas discussões iniciais da década de 1970 apresentou questionamentos que viriam ser amplamente discutidos posteriormente. Nos referimos ao texto “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” de Marilena Chauí. Esse trabalho discute o integralismo como organização política nacional, semelhante ao de Trindade, Vasconcelos e Chasin, contudo, fica explícita a insatisfação

---

<sup>54</sup> Endereço na *internet*: [geint@yahoogrupos.com.br](mailto:geint@yahoogrupos.com.br)

<sup>55</sup> O Terceiro Encontro de Pesquisadores do Integralismo ocorrerá na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, em novembro de 2004.

da autora com as explicações sobre a AIB presentes nesses estudos. Para isso – e aqui fica o diferencial de seu trabalho – propõe novas abordagens, seja uma nova forma de interpretar a questão da ideologia, que permeia toda a obra, seja pela questão do imaginário integralista, ou o destinatário do discurso. Ou seja, sua discussão se insere no contexto da primeira “fase”, mas suas questões se aproximam daquilo que posteriormente será discutido em pontos mais específicos da terceira “fase”.

Mas esses questionamentos só começaram a ganhar fôlego nos anos de 1990. O primeiro destes surgiu em torno da questão do anti-semitismo dentro do movimento integralista, mais especificamente de sua principal matriz ideológica, Gustavo Barroso. Durante o debate dos anos de 1970, o anti-semitismo, assim como o combate aos demais inimigos declarados do movimento, recebeu explicações superficiais em notas de rodapé ou pequenos trechos de capítulos, insuficientes para explicar esse fenômeno. Tendo em vista essa lacuna dois autores se debruçaram sobre a obra de Barroso: Roney Cytrynowicz<sup>56</sup> e Marcos Chor Maio.<sup>57</sup> A importância desses trabalhos reside no fato de abrirem perspectivas de pesquisa a temas considerados “secundários”, além, é claro, de analisar a questão do anti-semitismo.

A questão da memória dos militantes é abordada por Márcia Carneiro.<sup>58</sup> Tem o mérito de reconstruir o cotidiano da militância integralista no Rio de Janeiro e também por fazer uma leitura da permanência das idéias integralistas a partir de organizações neo-integralistas<sup>59</sup>, tema que até então não havia sido tratado até o presente momento. Outra importante contribuição para o debate foi a tese de doutoramento de Rosa

---

<sup>56</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP, 1992 (dissertação de mestrado em História).

<sup>57</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

<sup>58</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva. *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Niterói: UFF, 2000 (dissertação de mestrado em História).

<sup>59</sup> A autora não utiliza esse termo no texto, essa é uma livre interpretação nossa a partir de seu texto. Qualquer responsabilidade deve ser creditada a nós, não à autora.



Cavalari<sup>60</sup>, que apresenta a sistematização da estrutura de imprensa criada pela AIB e também a questão da simbologia e dos ritos integralistas (aqui entram pontos importantes como a imagem da mulher e da criança, por exemplo).

A questão do integralismo e os trabalhadores em São Paulo é o tema trabalhado por Renato Dotta<sup>61</sup>. Trabalha pontualmente cada profissão, fazendo análise dos materiais encontrados no jornal *Ação*.

Outro tema que ganhou importância dentro das discussões foi o integralismo no pós-guerra. O trabalho pioneiro foi a dissertação de mestrado de Gilberto Calil.<sup>62</sup> Aborda a reestruturação do integralismo em partido político, o Partido de Representação Popular. Tendo como marco temporal o período entre 1945 a 1950, apresenta em seus sete capítulos os elementos de gênese do partido no conturbado período de redemocratização, a estruturação interna do partido, seus projetos políticos e seus mecanismos de mobilização popular, o anticomunismo e a intervenção do PRP no processo político brasileiro entre 1945 e 1950. Outro trabalho que tem no PRP seu objeto é a dissertação de Claudira Cardoso<sup>63</sup>, sobre as alianças políticas do partido no Rio Grande do Sul de 1958 e 1962. O trabalho lança luz sobre a atuação política do PRP e o seu papel de “fiel da balança” no jogo eleitoral sul-riograndense. Permite ter uma nova visão sobre a política no Estado, tendo em vista que os estudos geralmente apontam para uma polarização entre duas das principais forças políticas da época, PSD e PTB, não sobrando espaço para as forças menores. O trabalho de Cardoso mostrou o contrário, que os pequenos partidos tiveram papel decisivo (pelo menos nas eleições analisadas pela autora) e a necessidade dos dois pólos em atrair essas pequenas

---

<sup>60</sup> CAVALARI, op. cit.

<sup>61</sup> DOTTA, Renato Alencar. *O integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)*. São Paulo: USP, 2003 (dissertação de mestrado em História).

<sup>62</sup> CALIL, op. cit.

<sup>63</sup> CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *Partido de Representação Popular: política de alianças e partidos nos governos estaduais do RS de 1958/1962*. Porto Alegre: PUCRS, 1999 (dissertação de mestrado em História).

agregações, faziam com que tivessem possibilidade de acesso a cargos do governo, fossem no primeiro, segundo ou terceiro escalões. Outro que aborda o integralismo no pós-1945 é o de Rodrigo Cristofolletti, que tem seu foco principal na edição da Enciclopédia do Integralismo.<sup>64</sup>

O integralismo nos anos 1960 no Rio Grande do Sul é trabalhado por Ângela Flach.<sup>65</sup> Este trabalho faz uma interessante análise da participação dos perrepistas na política gaúcha em um dos momentos de maior efervescência política da história republicana. Acompanha desde a atuação do PRP no governo de Leonel Brizola e seu rompimento a partir da Campanha da Legalidade, a articulação para a eleição de Ildo Meneghetti. Aborda o anticomunismo e a participação dos perrepistas no pré-março de 1964, além do PRP no novo contexto “revolucionário” e com o AI-2, que extinguiu as agregações políticas, em outubro de 1965, e a atuação dos membros do PRP na ARENA.

Poderíamos expor ainda uma série de trabalhos realizados ou ainda em andamento nesses moldes. Cremos que seja desnecessário, pois a razão desse resgate não é o de fazer um levantamento exaustivo de pesquisas, mas traçar um pequeno histórico do interesse acadêmico sobre o tema.

O estudo sobre o integralismo atualmente ocupa um lugar de destaque dentre as temáticas desenvolvidas nas Ciências Humanas. Quantos temas já geraram debate acadêmico tão intenso, tão diversificado e com pesquisas em tantas partes do país? Raramente se encontra um estado brasileiro que não tenha pelo menos uma pesquisa sobre o integralismo. O objetivo desse resgate não é apresentar um suposto arrolamento completo sobre o tema, longe disso, quer mostrar a importância da temática, que já foi

---

<sup>64</sup> CRISTOPHOLETTI, Rodrigo. *As celebrações do jubileu de prata integralista (1957-1961)*. Assis, Faculdade de Ciências e Letras UNESP, 2002 (dissertação de mestrado em História).

<sup>65</sup> FLACH, Ângela. *“Os vanguardistas do anticomunismo”: o PRP e os perrepistas no RS (1961-1966)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

debatida na Ciência Política, na História, na Sociologia, na Filosofia, na Literatura, na Educação, ao longo de mais de trinta anos. Grande parte dessas pesquisas apresenta um pequeno resgate bibliográfico. Contudo, levantam apenas questões relevantes aos seus estudos – o que não constitui problema algum nisso –, mas não se preocupam em explicitar a evolução do tema central de suas pesquisas: o integralismo, quer dentro do período da AIB, no pós-guerra ou pós-1964.

Por isso procuramos dar conta desse estudo, principalmente porque nosso trabalho está inserido nessa discussão. Isoladamente não se justificaria. O anticomunismo propagado pela Ação Integralista Brasileira seria apenas uma questão pontual. No contexto do conjunto das pesquisas, acreditamos que seja uma contribuição importante ao debate, que não a conclui, mas que apresenta elementos que permitem compreender melhor o funcionamento da AIB, sua relação com seus militantes e sua intervenção junto à sociedade.

## **1.2. Anticomunismo**

### **1.2.1. Definição**

Traçar uma definição para o termo anticomunismo seria algo extremamente simples – afirmação que poderia ser confirmada pela ausência desse verbete na grande maioria dos dicionários da língua portuguesa. Para defini-lo precisaríamos saber apenas o que significa o termo posterior ao *anti* e depois traçar uma simples oposição. No caso, ao comunismo. Contudo, o anticomunismo é muito mais do que “uma simples oposição” às práticas e métodos comunistas. Como afirma Luciano Bonet:

Após a Revolução de Outubro, o comunismo entrou na cena mundial, não só como um movimento organizado e difuso, senão como uma alternativa política real em relação aos regimes tradicionais. Por isso, o Anticomunismo assumiu necessariamente valores mais profundos que o da simples oposição de princípios, contida, não obstante, na dialética política normal, tanto interna como internacional.<sup>66</sup>

Mas seria um erro traçar um único conceito fechado, se levarmos em conta que o anticomunismo é sempre sensível às condições específicas, tanto do período como da sociedade, dos interesses e características dos grupos responsáveis pela difusão dessas ações. Ao mesmo tempo, como o anticomunismo não é necessariamente uma simples oposição, as reações frente às ações comunistas (sejam elas reais ou não) não são necessariamente proporcionais em força e intensidade. Tal fato fica claro quando analisamos as campanhas anticomunistas, em que os atos dos comunistas sempre sofrem um aumento exponencial entre o fato ocorrido e a sua mistificação posterior.<sup>67</sup>

Também devemos ter cuidado ao caracterizar essa “reação” ao fantasma do comunismo. À primeira vista, poderíamos colocá-la como uma reação *conservadora* de grupos dominantes em momentos em que sentem que seu poder ou sua influência estão ameaçados, frente a grupos sociais de esquerda, de orientação comunista ou não. Embora esse “padrão” possa ser aplicado na grande maioria das situações, ele não é uma regra. No caso do trabalho que estamos desenvolvendo ele não se aplica, pois como caracterizar a Ação Integralista Brasileira como conservadora, se levarmos em conta que uma das principais propostas do movimento era uma ruptura completa com a estrutura liberal e a criação de uma nova sociedade? Ou seja, mesmo a AIB sendo um movimento de extrema direita, sua intervenção social é muito mais radical do que

---

<sup>66</sup> BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO; MATEUCCI PASQUINO, op. cit., p. 34.

<sup>67</sup> Um dos principais exemplos que poderíamos citar são os levantes de novembro de 1935 nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, que, apesar de não passarem de uma série de “quarteladas”, como se diz no senso comum, e que não representaram para o governo uma ameaça real de tomada de poder, se transformaram na “Intentona Comunista”, mesmo que entre os rebelados houvesse além dos comunistas, representantes de outros setores descontentes com os rumos do governo de Vargas, tais como liberais e socialistas.

conservadora. Se levarmos em conta, não apenas propostas como a defesa da propriedade privada e ideais religiosos e familiares (que o caracterizariam como conservador), mas os métodos de obtenção do poder: a via revolucionária, a utilização violenta da imprensa como arma de difusão ideológica e a estrutura corporativa de estado.

Uma das questões que encontramos nas fontes deste trabalho é que as críticas destinadas ao comunismo não são necessariamente características comunistas. Como aponta Carla Silva: “é necessário delimitar o que os textos anticomunistas entendem por comunismo”<sup>68</sup>, o que torna a definição de anticomunismo mais complexa, pois não é uma representação do “real” que os anticomunistas estão publicando, e sim aquilo que eles compreendem como comunismo. Por isso, às vezes encontramos o comunismo centrado em um indivíduo, em um partido, em um determinado grupo social, em um país, às vezes visto como uma ameaça iminente ou distante, às vezes como uma abstração. Por isso torna-se difícil padronizar as ações anticomunistas.

### **1.2.2. Comunismo e anticomunismo no Brasil**

Algumas décadas atrás, falar em anticomunismo o Brasil levava automaticamente o ouvinte a se lembrar do episódio da Intentona Comunista. O combate ao comunismo teria tido seu início no fatídico 27 de novembro de 1935, lembrado desde então como o “dia nacional de repúdio ao comunismo”.<sup>69</sup> Essa leitura

---

<sup>68</sup> SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 26.

<sup>69</sup> Para alguns grupos sociais, principalmente entre as Forças Armadas, a leitura tradicional da Intentona Comunista ainda é a única aceita. Um exemplo, é essa leitura que pode ser encontrado no jornal *Ombro a Ombro*, órgão não oficial e mantido por oficiais da reformados do Exército. Como fica explícito em uma das matérias de capa sobre a Intentona Comunista:

**“27 de Novembro – Dia Nacional de Repúdio ao Comunismo**

oficial acabou sendo absorvida pela historiografia da época, muito vinculada à imagem de “traição” por parte dos “agentes vermelhos”.

Contudo, essa visão de que o Brasil teria sido “apunhalado pelas costas”, com os comunistas “aparecendo” de surpresa em cena, gerando a necessidade de uma “resposta” rápida, vêm sendo questionada. Podemos encontrar o anticomunismo muito antes dos levantes de novembro. Suas origens remetem ao surgimento do comunismo no Brasil.

### **1.2.2.1. O comunismo no Brasil<sup>70</sup>**

A partir do final do século XIX iniciou-se no Brasil um incipiente processo de industrialização, que foi acelerada no início do século XX com a Primeira Guerra Mundial, devido à necessidade de suprir as demandas de produtos manufaturados que outrora eram importados. Essa industrialização de substituição de importações foi possível por três fatores: o primeiro foi a já citada necessidade de produtos manufaturados; o segundo foi a grande quantidade de capital excedente, devido à expansão da cafeicultura, que podia ser investido em outras atividades; o terceiro foi a grande quantidade de mão-de-obra imigrante, que a partir de 1890 começaram a chegar no país com o fim da escravidão em 1888.

Esses imigrantes trouxeram da Europa idéias até então desconhecidas no Brasil, como o socialismo e em maior grau o anarquismo. A partir da organização desses

---

Nessa data, mais uma vez, estamos reverenciando a memória dos que, em defesa de um Brasil livre e soberano, derramaram seu sangue, vitimados pelo tresloucado episódio que passou à História com o nome de Intentona Comunista”. *Ombro a Ombro*, nº 162, novembro de 2001, ano XIV, p. 1.

<sup>70</sup> A idéia original deste ponto já foi publicada sob o título de “*Partido Comunista do Brasil: 80 anos de intervenção na política brasileira*”, escrito em conjunto com a historiadora Claudira do Socorro Cirino Cardoso. Dividido em duas partes, a parte inicial sobre o comunismo no Brasil até 1945, aqui retomada, foi escrita por mim e a segunda parte, entre 1945 a 1985, foi escrito por Cardoso. CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Partido Comunista do Brasil: 80 anos de intervenção na política brasileira*. *Jornal Folha da História*, Porto Alegre, maio de 2002, Ano VI, nº 55, p. 6-8.

trabalhadores surgiram sindicatos e movimentos grevistas nas cidades mais desenvolvidas, como Rio de Janeiro e São Paulo, que reivindicavam melhores salários e condições de trabalho. Da evolução desses movimentos de orientação socialista e anarquista é que se gestou o pensamento “pré-comunista”, que posteriormente permitiu a formação de um partido marxista-leninista no Brasil.

Inicialmente o anarquismo e o anarco-sindicalismo tiveram maior importância na organização do movimento operário no país. Contudo, mesmo tendo liderado a greve geral em julho de 1917 e as principais agitações operárias até 1920, a ideologia anarquista começou a demonstrar sinais de declínio ao mesmo tempo em que as idéias marxista-leninistas começavam a assumir um papel de destaque entre os operários e os intelectuais de esquerda.

Antes do lançamento formal do PCB, houver várias tentativas de formação de um partido comunista. “Entre elas a Liga Comunista de Livramento [RS], em 1918 [...] Em Porto Alegre, o Centro ou União Maximalista começou a atuar em 1919 e em 1922 teve seu nome mudado para Grupo Comunista de Porto Alegre”.<sup>71</sup> No mesmo ano foi fundada a Liga Comunista Feminina e também o Partido Comunista do Brasil (de orientação anarquista e atuação apenas local, e que não deve ser confundido com o PCB), no Rio de Janeiro e em São Paulo os anarquistas se organizaram como Partido Comunista. Mas apenas em 1921 foi formado um grupo que tinha como objetivo constituir um partido comunista organizado nacionalmente e avaliar os princípios do *Comintern* para filiação ao movimento comunista internacional dirigido pela URSS. Recebeu o nome de Grupo Comunista e foi formado no Rio de Janeiro.

Começou a se articular com grupos comunistas de outros estados do país, culminando na formação do Partido Comunista do Brasil, no início de 1922.

---

<sup>71</sup> CHILCOTE, Ronald. *O Partido Comunista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p.54.

Diferentemente dos demais partidos comunistas dos países latino-americanos, que possuíam raízes ideológicas no pensamento socialista, o PCB teve uma influência muito forte do anarquismo e do anarco-sindicalismo, devido ao fato de que a grande maioria de seus membros terem sido militantes anarquistas.

Nos anos iniciais, o desenvolvimento do PCB foi eclipsado por vários acontecimentos políticos dos anos 1920, como os levantes tenentistas, a Coluna Prestes e também a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, a reação do governo a essas crises resultava em repressão ao Partido, mesmo que esse não tivesse nenhuma participação em tais eventos. Principalmente porque o PCB estava mais preocupado “na conquista de um status no movimento comunista internacional e na consolidação de sua organização interna”.<sup>72</sup> Dentre esses atos repressivos podemos destacar o confisco de arquivos e a repressão à imprensa do Partido em junho de 1923 e no período que vai de julho de 1924 até dezembro de 1926, quando foi posto pela primeira vez na ilegalidade. Entre janeiro e agosto de 1927 teve um curto período de legalidade, sendo reprimido e fechado novamente, ficando na ilegalidade até 1945.

No período inicial, o principal objetivo dos membros do PCB foi o de organizar sob sua égide a classe trabalhadora e obter a supremacia no movimento operário, combatendo os resquícios do anarquismo entre os trabalhadores. No fim dos anos de 1920, mesmo estando na ilegalidade, o PCB conseguiu organizar o Bloco Operário, que tinha por objetivo a articulação de uma frente dos trabalhadores, sob comando do PCB, para disputar as eleições marcadas para fevereiro de 1927, nas quais elegeu um deputado federal. Em 1928, o nome foi alterado para Bloco Operário e Camponês (BOC), e nas eleições municipais foram dois vereadores no Rio de Janeiro. Contudo, o BOC foi dissolvido depois da derrota nas eleições presidenciais, em março de 1930.

---

<sup>72</sup> Ibid., p. 63.



Eleição em que Júlio Prestes, candidato de São Paulo e do presidente Washington Luiz, derrotou Getúlio Vargas, candidato pela Aliança Liberal.

A derrota da Aliança Liberal deu início aos preparativos para a Revolução de 1930. Luis Carlos Prestes, uma das principais lideranças tenentistas negou o convite de Vargas para liderar as forças militares revolucionárias, e também lançou um manifesto, em maio de 1930, acusando a luta da Aliança Liberal como apenas uma disputa entre oligarquias e que não traria nenhum resultado para o povo. Esse manifesto incitou a fúria de muitos conspiradores, vários dos companheiros tenentes de Prestes o refutaram. O próprio PCB se opôs, devido ao comunismo não ter sido citado e também devido ao personalismo explícito que o documento continha, de que o *prestismo* seria a base da Liga de Ação Revolucionária (LAR), que seria um novo movimento político de esquerda no Brasil.

Finda a Revolução de 1930, com a vitória de Vargas, o PCB passou a ser reprimido pelo novo governo, principalmente pelo temor deixado pelo manifesto de Prestes (mesmo que esse não fizesse parte do PCB ainda) e também pelo pedido de armas feito pelo Partido ainda nos preparativos da revolução, que não somente foi negado como também usado como desculpa para posterior repressão ao PC.

Além da repressão externa, paulatinamente as lideranças que fundaram o Partido e que provinham do movimento anarquista foram sendo afastadas dos cargos de chefia, assim como os simpatizantes do trotskismo foram sendo depurados e substituídos por elementos stalinistas. Isso refletia a própria disputa de poder que havia dentro da URSS, que resultou no afastamento de Leon Trotski e seus seguidores por Stalin. Ao mesmo tempo, o Partido Comunista do Brasil adotava uma política sectária e isolacionista em relação à aliança com outras agremiações e movimentos políticos de esquerda, como ditavam as ordens vindas do *Comintern*, que eram seguidas à risca.

Em março de 1931 Prestes viajou para a URSS, onde ficaria por quase quatro anos. Mas pouco antes de sua partida lançou uma carta “aberta” em que declarava simpatia pelo PCB, fazia uma autocrítica pela formação da LAR, e também pregava a “revolução agrária e antiimperialista” sob a égide do PCB e a organização de “um governo de conselhos operários e camponeses, soldados e marinheiros”.<sup>73</sup>

A partir de 1934, o PCB adotou uma nova postura, principalmente após a ascensão do nazismo na Alemanha em 1933, e a mudança por parte da URSS de orientação, pregando a partir desse momento a união das esquerdas em frentes populares contra a ascensão do fascismo. No caso do Brasil, as principais oposições eram a Ação Integralista Brasileira e que era o principal movimento de orientação fascista no Brasil, e também o próprio governo Vargas, devido ao seu caráter autoritário e também pela repressão ao Partido.

Dentro dessa nova orientação, foi fundada, em março de 1935, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), tendo Prestes sido aclamado como presidente de honra. A ANL era uma frente das esquerdas que atraía tanto comunistas, quanto tenentes de esquerda, além de socialistas e alguns liberais descontentes com os rumos do governo Vargas. Prestes retornou da URSS como membro do Comitê Central do PCB e do *Comintern*. Sua entrada na agremiação iniciaria seu controle pessoal sobre o Partido, tornando o personalismo *prestista* uma característica do PCB nas décadas seguintes.

O rápido crescimento da ANL nos centros urbanos, principalmente entre as camadas médias e baixas da população começou a incomodar certos grupos dominantes. O aumento da influência da Aliança, aliado às greves que eclodiram em São Paulo, Rio de Janeiro, Belém e no Rio Grande do Norte, junto aos choques entre antifascistas e integralistas (onde o episódio mais conhecido é a “Batalha na Praça da Sé”, em outubro

---

<sup>73</sup> Citação de Prestes em CHILCOTE, op. cit. p. 75.

de 1934 na cidade de São Paulo) gerou um clima de insegurança social devido ao “fantasma” da revolução comunista. O temor das elites foi habilmente manipulado pelo governo Vargas, que propôs ao Congresso a Lei de Segurança Nacional (LSN), sendo aprovada em abril de 1935. A LSN garantia ao Estado poder de repressão aos movimentos sociais, assim como a perda do direito de greve dos servidores públicos, a proibição de organização de movimentos, associações ou partidos públicos que fossem contrários à ordem estabelecida, ou seja, era uma lei que garantia plenos poderes repressivos a Getúlio Vargas.

Com esse dispositivo em mãos, Vargas só precisava de uma desculpa para fechar a ANL, e tal oportunidade veio a partir de uma “carta aberta” de Luís Carlos Prestes lida por Carlos Lacerda em 5 de julho na comemoração dos levantes tenentistas de 1922 e 1924, que pregava a derrubada do governo Vargas e o estabelecimento de um governo popular e revolucionário. A ANL, que já vinha tendo suas atividades reprimidas, foi fechada oficialmente depois desta carta, quando foi acionada a LSN em 11 de julho. Uma violenta repressão abateu-se sobre os membros da ANL, o que acelerou o plano de golpe que já vinha sendo estudado há algum tempo, e que para isso recebeu apoio logístico e técnico da URSS.

Em 23 de novembro de 1935, eclodiu em Natal a rebelião, em que a cidade foi tomada e o levante durou seis dias. No dia seguinte ao início do levante em Natal, eclodia no Recife, que foi rapidamente dominado pelas forças legais. Mesmo os levantes no Nordeste tendo fracassado (em Natal o movimento já estava enfraquecido e a sua derrota era eminente), Prestes ordenou a eclosão do levante no Rio de Janeiro no dia 27. O levante carioca ocorreu principalmente no 3º Regimento de Infantaria e no 1º Regimento de Aviação, e após algumas horas de combate com as forças legais os rebeldes se entregaram.

A partir do frustrado golpe desencadeou-se a repressão aos membros do PCB e os remanescentes da ANL. Grande parte das lideranças do Partido foi presa, inclusive Prestes e sua esposa Olga (que foi entregue grávida à Alemanha nazista, morrendo pouco tempo depois nos campos de concentração nazistas) e os agentes do *Comintern* Harry Berger e Rodolfo Ghioldi.

A Intentona Comunista, como ficou conhecida essa tentativa de golpe, não foi uma surpresa para o Governo Vargas, pois havia agentes do governo infiltrados no PCB. Vargas soube utilizar muito bem a imagem da Intentona, o que lhe garantiu recuperar grande parte dos poderes que havia perdido com a constitucionalização do país, com a Carta de 1934, que limitou seus poderes. O Estado de Sítio que foi decretado durante a Intentona foi sendo renovado até junho de 1937. Contudo, havia o receio por parte do Congresso, de que Vargas, com plenos poderes devido ao Estado de Sítio, não permitiria que ocorressem as eleições previstas para janeiro de 1938. Pois a Constituição o impedia de candidatar-se. No momento em que a renovação foi negada pelo Congresso, começou a articulação que culminou no golpe do Estado Novo. A desculpa para o golpe foi o Plano Cohen, que foi redigido por Olympio Mourão Filho, que era capitão do exército e chefe dos serviços secretos da AIB, sob ordens de Plínio Salgado. O documento seria publicado em um periódico, mas foi entregue por Salgado à cúpula do regime Vargas. Em si o Plano Cohen apresentava um novo golpe comunista, que seria muito mais violento do que a Intentona Comunista.<sup>74</sup>

Em 30 de setembro de 1937, foi transmitida, na “Hora do Brasil”, a notícia do suposto golpe comunista. A partir da revelação do suposto golpe, o Congresso decretou o Estado de Guerra e o fim das garantias constitucionais por um período de noventa

---

<sup>74</sup> Sobre o Plano Cohen ver: SILVA, Hélio. *O ameaça vermelha: o Plano Cohen*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

dias. O golpe foi desencadeado em 10 de novembro, com o fechamento do Congresso. Era o início do Estado Novo.

### **1.2.2.2. O anticomunismo no Brasil**

Como vimos na definição, o anticomunismo não segue uma lógica proporcional em relação à oposição ao comunismo. Por isso, mesmo que o comunismo tenha tido uma atuação relativamente fraca entre os anos de 1920 e 1930, sua “diabolização” será exponencial.<sup>75</sup> Em realidade a intervenção social do comunismo estava centrada nos círculos operários urbanos – portanto uma atuação bastante restrita, pois o país era basicamente agrário com um incipiente processo de industrialização circunscrito a algumas capitais; e entre os sub-oficiais e baixo oficialato do Exército (tenentes e capitães), e, se levarmos em conta que o efetivo era extremamente baixo, disperso e insuficiente inclusive para a proteção interna do território, veremos que a influência dos comunistas na sociedade era mínima, se comparado com a imagem apresentada por seus inimigos.

O anticomunismo no Brasil poderia ser dividido em várias etapas em nossa História no século XX, mas evidenciaremos apenas duas, devido ao marco temporal deste trabalho. A primeira é o da estruturação do anticomunismo, desde a revolução de Outubro de 1917 na Rússia até a formação da ANL e a Intentona Comunista, período que foi denominado por Rodrigo Motta<sup>76</sup> como “primórdios do anticomunismo no Brasil”. A segunda ocorre com a consolidação e o recrudescimento desse discurso anticomunista, dentro do contexto de repressão aos rebelados e a posterior mistificação

---

<sup>75</sup> Quando nos referimos a “atuação relativamente fraca”, não estamos dizendo que a militância tenha sido ínfima, e sim que ficava restrita a um público alvo pequeno, no caso, o operariado urbano.

<sup>76</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002, p. 1.

acerca de “35”, culminando no Plano Cohen e conseqüentemente no golpe do Estado Novo.

No final da década de 1910 e nos anos de 1920, a repressão ao comunismo ocorreu muito mais pela necessidade dos governos em se defenderem das oposições do que uma noção anticomunista. O comunismo foi reprimido mais no “roldão” de outros inimigos do que devido a sua periculosidade. Assim, ao cercear as ações dos operários e a reprimir o movimento anarquista, o anticomunismo foi sendo gestado, inicialmente de forma “inconsciente”, passando aos poucos a uma ação consciente.<sup>77</sup> Nos anos 1930, o quadro já é diferente, a ação do PCB, mesmo sendo ínfima, se torna mais organizada e tem notável crescimento, se comparado com a década anterior e já começa a “assustar” determinados setores sociais. O ingresso de Prestes no PCB também não é visto com “bons olhos” tanto pelo governo pelos militares. A formação da ANL, dentro da estratégia de frentes populares, e o seu rápido crescimento, atingindo em poucos meses cem mil filiados, e os seguidos choques entre aliancistas e integralistas geraram grande temor e foram habilmente utilizados por Vargas. A conseqüência da ANL (e seu fechamento), a Intentona Comunista, se transformou como uma espécie de “mito fundador” para o anticomunismo brasileiro. Como aponta Rodrigo Motta:

Os acontecimentos de novembro de 1935 têm uma importância marcante na história do imaginário anticomunista brasileiro, na medida em que forneceram os argumentos para solidificar as representações do comunismo como fenômeno essencialmente negativo. O episódio sofreu um processo de mitificação, dando origem a uma verdadeira lenda negra em torno da “Intentona Comunista”. O levante foi representado como exemplo de concretização das características maléficas atribuídas aos comunistas. Segundo as versões construídas por seus adversários, durante os quatro dias da revolta os seguidores de Prestes teriam cometido uma série de atos condenáveis, considerados uma decorrência necessária dos ensinamentos da “ideologia malsã”. O relato mitificado do evento foi sendo reproduzido ao longo das décadas seguintes, num processo paulatino de construção e

---

<sup>77</sup> Utilizamos o termo inconsciente entre aspas devido ao fato de que não se sabia ao certo o que era o comunismo, praticamente não havia textos sobre o assunto disponíveis em português. “Na década de 1920 as dificuldades de acesso a leituras teóricas sobre o comunismo eram grandes, o que pode explicar, em parte, o desconhecimento sobre ele”. SILVA, 2001, p. 58.

elaboração. No início dos anos de 1960 já encontramos o mito cristalizado, contendo uma narrativa consolidada acerca de “35”.<sup>78</sup>

No período posterior ao fracassado golpe, iniciaram-se as perseguições, seguidas de um violento recrudescimento das campanhas anticomunistas, agora justificadas não apenas pela sombra de uma ameaça distante, mas como uma força “real”. Mesmo com os quadros do PCB caindo rapidamente (automaticamente, a difusão das idéias comunistas sendo proporcionalmente reduzidas), tais campanhas se intensificaram, junto com a criação de mitos, como a da traição e execução de companheiros enquanto dormiam, mesmo que nenhum militar tenha sido executado enquanto dormia durante a rebelião de 1935.

O fantasma do comunismo passou então a justificar atos governamentais sendo utilizado inclusive como desculpa para o golpe que reafirmou o poder de Vargas em novembro de 1937.

Além dessa divisão cronológica poderíamos estabelecer outra, baseada em “matrizes” do anticomunismo brasileiro nesse período. Essas “matrizes” representam grupos e seus devidos interesses na utilização e difusão de idéias e práticas anticomunistas. Arrolaremos aqui apenas os mais importantes e diretamente ligados à AIB.

Dentre os grupos que tiveram uma postura de combate ao comunismo, a mais sistemática foi promovida pelo Governo Central, sendo responsável não apenas pela difusão de idéias, como repressão política e ideológica. Contudo, essa postura só pode ser creditada em sua plenitude a partir de 1930. Os governos de Arthur Bernardes e Washington Luiz, embora tenham reprimido ações comunistas em seus respectivos mandatos, não tiveram no comunismo o seu principal inimigo. É apenas com Getúlio

---

<sup>78</sup> MOTTA, op. cit. p. 76.

Vargas que o comunismo vai assumir o papel de “inimigo central”. A partir deste momento, em todas as esferas de influência do governo haverá em maior ou menor grau a difusão de idéias anticomunistas e o combate ao comunismo. Isso se dará tanto em campanhas sociais, como na ação física dos órgãos de segurança do Estado, inclusive não ficando restrita ao território nacional, sendo também uma preocupação diplomática do Itamarati.<sup>79</sup>

O Exército brasileiro também teve papel de destaque na difusão de idéias anticomunistas. Esse fato deveu-se a dois fatores: o primeiro deles é a presença crescente dos militares na política nacional a partir dos anos de 1920 e principalmente no pós-1930, e como a questão “comunista” era tida como de “segurança nacional”, a participação dos militares foi ativa no combate ao “perigo vermelho”, tanto na difusão de idéias como na repressão física; o segundo é a presença constante de membros comunistas nas fileiras do Exército, por isso sempre houve preocupação em reprimir as atividades subversivas de militantes “vermelhos” nos quartéis.<sup>80</sup> O que devemos levar em conta é que mesmo o Exército sendo ligado à estrutura do Estado, sua ação era independente e não controlado pelo Governo Vargas, embora houvesse uma “sintonia” no que diz respeito ao comunismo.

A Igreja Católica foi outro setor que possuía grande expressão social e que teve importante papel na difusão do anticomunismo no Brasil. A intervenção da Igreja foi responsável por uma das principais marcas do anticomunismo brasileiro, que é a “diabolização” do comunismo e a sua contraposição com valores religiosos. Tendo em vista que o catolicismo tinha grande expressão social, não é de se estranhar que o papel

---

<sup>79</sup> Sobre a postura diplomática do Brasil em relação ao comunismo ver o capítulo II (*A Luta Anticomunista, 1932-1934*) do livro de Stanley Hilton (*A Rebelião Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986).

<sup>80</sup> Não é acaso a constante participação de membros do Comitê Central do PCB serem militares do Exército e muito menos que a tentativa de ruptura revolucionária de 1935 tenha sido preparada para eclodir nos quartéis, ou seja, dentro dos círculos militares, e não junto à sociedade civil.



da Igreja tenha sido fundamental para moldar uma das principais características do anticomunismo brasileiro, o apelo religioso. Por isso, expressões como o “bem” e o “mal”, e a “luz” e “trevas”, nitidamente religiosas, estarão presentes no discurso de outros setores. A postura da Igreja no combate ao comunismo será ativa, de acordo com o trabalho de Carla Silva, além da utilização da imprensa, outro ponto de destaque será a atuação da Liga Eleitoral Católica, que “seria então, teoricamente, um grupo acima dos partidos políticos e representaria um forte elemento de articulação e mobilização da base católica”.<sup>81</sup> Mesmo que a LEC não fosse um órgão específico de combate ao comunismo, a pressão exercida pela Igreja, por intermédio dos políticos a ela filiados, tinha grande poder, fosse no Senado, como no Congresso Nacional. De certa forma, a ação da LEC serviu para “padronizar” o discurso anticomunista dos setores políticos a ela vinculados, e que em certos casos serviu como base para as agremiações políticas cujos membros eram filiados a ela. Os trabalhos de Carla Rodeghero (que serão melhor discutidos abaixo), embora tendo um marco temporal posterior ao nosso, nos dão uma excelente noção do papel da Igreja na difusão do anticomunismo.

### **1.2.3. O anticomunismo na historiografia brasileira**

O estudo do anticomunismo é uma preocupação recente na historiografia brasileira. Este fato não se deve à pouca importância do tema para o debate das Ciências Humanas, pelo contrário, a ausência de estudos até pouco tempo atrás revela sua grande expressão social, tendo em vista que o “silêncio” acadêmico devia-se ao fato desse assunto ser, de certa forma, proibido, pois o país vivia sob controle dos militares, no poder desde 1964. Como realizar pesquisas sobre o anticomunismo dentro de uma estrutura de estado repressiva e autoritária, cuja principal afirmação e justificativa para

---

<sup>81</sup> SILVA, 2001, p. 89.

manter-se no poder era o combate ao comunismo? Como ir contra “verdades absolutas” defendidas por esse governo, tais como a crueldade dos comunistas que assassinavam seus companheiros enquanto dormiam durante a Intentona Comunista de 1935, ou na veracidade do Plano Cohen que “obrigou” os militares a apoiar Getúlio Vargas para decretar o Estado Novo, e, assim defender o país das “garras de Moscou”?

Por isso, o estudo do anticomunismo tem seu impulso após o retorno dos militares aos quartéis, em 1985, com o fim do ciclo de governos militares iniciado em 31 de março de 1964. Desde então, vêm surgindo cada vez mais interesse, suscitando cada vez mais perguntas e abordagens diferenciadas para explicar e compreender o fenômeno anticomunista que dominou o imaginário político do século XX no Brasil.

Como aponta Carla Rodeghero, em sua tese de doutorado, já podemos falar em um “anticomunismo brasileiro”, tendo em vista um manancial de pesquisas desenvolvidas sobre o tema nos últimos anos, que, embora não seja muito vasto, já nos permite delinear características autóctones do anticomunismo brasileiro e a sua importância na história recente de nosso país.<sup>82</sup> De acordo com a autora:

Nos últimos quinze anos foram realizados e publicados alguns trabalhos tratando do tema e a partir deles já é possível identificar tons brasileiros num tema de ordem internacional. Talvez pelas reflexões que se tornaram possíveis e necessárias devido ao fim do “socialismo real”, talvez pelo redirecionamento do olhar do historiador, ou pelo desejo de compreender melhor as raízes e experiências democráticas e autoritárias pelas quais o Brasil passou no século XX, criou-se um ambiente e uma demanda para trabalhos no tema do anticomunismo no Brasil.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> O comunismo e o anticomunismo no Brasil não é um tema restrito aos pesquisadores brasileiros, historiadores norte-americanos também já se preocuparam com o assunto, como é o caso dos trabalhos de John Foster Dulles, *Anarquistas e Comunistas no Brasil* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.) e *O comunismo no Brasil* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.). Além disso existem trabalhos em que o comunismo não é o tema central, mas que possuem um papel de destaque no resultado final, como é o caso do livro *A rebelião vermelha* de Hilton, já citado. Outro trabalho é *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração* de Ronald Chicote, sobre o histórico do partido sob diversos matizes, desde sua formação, cisões internas, ações, práxis política, intervenção social, repressão por parte do governo, etc.

<sup>83</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945-1964*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (tese de doutorado em História).

Esses trabalhos sobre o anticomunismo referidos por Rodeghero abordam principalmente dois períodos. O primeiro compreende os anos de 1930 a 1937 (embora alguns trabalhos retrocedam às décadas anteriores).<sup>84</sup> O segundo aborda os anos de 1945 a 1964. Além disso, novos trabalhos começam a surgir sobre os governos militares, por isso acreditamos que em breve novas pesquisas devem abordar o anticomunismo no período entre 1964 a 1985, tendo em vista o forte apelo anticomunista do Regime Militar brasileiro.

Os novos trabalhos sobre o anticomunismo nos anos trinta já surgiram rompendo um paradigma tradicional, centrado na imagem do “mito” fundador do anticomunismo brasileiro: a Intentona Comunista. Um dos trabalhos mais emblemáticos dessa ruptura foi a dissertação de mestrado de Carla Luciana Silva, defendida em 1998 e publicada em livro sob título de *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*.<sup>85</sup> A autora não nega que o período posterior à ANL e a Intentona Comunista são marcados por um violento recrudescimento no que diz respeito ao anticomunismo. Contudo, a autora comprova a existência de campanhas anticomunistas no marco temporal de sua obra. O anticomunismo teria, então, tido uma fase de gestação anterior ao ano de 1935, e os fatos posteriores representariam apenas uma radicalização de um processo que já vinha se desenvolvendo:

Estas campanhas nos indicam que não podemos supervalorizar o período a partir de 1935, descaracterizando as disputas anteriores, parte do mesmo processo. A existência da ANL foi um fator importante, enquanto um grande movimento de massas de contestação ao Estado varguista. A chamada Intentona Comunista, que ocorreu depois do fechamento da ANL, foi um pretexto concreto para o fechamento do Estado às liberdades civis. Mas, é importante ressaltar que o apoio às diversas modalidades de ação repressiva nunca deixou de existir durante o governo

---

<sup>84</sup> Um fato curioso e que chama a atenção é que o período que compreende o Estado Novo (1937-1945) praticamente não possui estudos no que se refere ao anticomunismo.

<sup>85</sup> SILVA, 2001.

provisório de Vargas. A existência do temor ao comunismo era anterior à ANL, e também à Lei de Segurança Nacional, o que faz com que o forjamento de um pensamento totalitário deva ser estudado também no período que precede a Aliança.<sup>86</sup>

Ou seja, o anticomunismo não teria sido, como até então se apregoava, uma reação à traição dos rebeldes comunistas comandados por Luiz Carlos Prestes, muito menos uma defesa frente à “ameaça” externa.<sup>87</sup> Ao contrário, os setores sociais responsáveis pela difusão do anticomunismo, no ano de 1935 já possuíam uma estrutura bastante desenvolvida. Como por exemplo, os integralistas, que mantinham uma grande organização de imprensa:

Denunciaremos insistentemente, impertinente as atividades, os planos comunistas no Brasil. Se o governo tivesse aceitado nossas informações, teríamos apontado todas as cabeças do movimento [Intentona Comunista].  
Tínhamos sob nossas vistas todos eles, e, podíamos localizá-los a qualquer momento. Forneceremos, se for necessário, documentação do que afirmamos.<sup>88</sup>

Como aponta Carla Silva ao longo de sua obra, o anticomunismo fora propagado por vários setores sociais, desde intelectuais a deputados e senadores, a grupos tanto políticos como sociais, como a AIB e a Igreja Católica, respectivamente. Valendo-se dos mais variados dispositivos para a difusão do anticomunismo.

---

<sup>86</sup> Ibid, p. 31-32.

<sup>87</sup> Uma leitura emblemática dessa visão tradicional pode ser encontrada no livro *Lembraí-vos de 35!* de Ferdinando de Carvalho:

“Em 27 de novembro de 1935, a nação brasileira, cristã na sua essência, sofreu violenta e traiçoeira agressão comunista, que buscava impor ao país o primado rasteiro da matéria sobre o espírito, e assistiu, assombrada ao assassinio de vítimas indefesas, sacrificadas com requintes de perversidade pelos agentes subversivos vermelhos.

A estupefação nacional durou pouco, muito pouco: apenas um instante, o suficiente para que nossas Forças Armadas, com o apoio do povo brasileiro, numa ação rápida e decidida, repelissem a afronta e dominassem a intentona comunista, restabelecendo a ordem e a paz no Brasil.

‘Mas, é infâmia demais...’

Repetindo o verso de Castro Alves em ‘O Navio Negreiro’, o General Valentim Benício da Silva, em 6 de dezembro de 1935, condenou vergonhoso atentado, dizendo, em síntese, que nunca se viu ‘tanta baixeza, tamanha covardia, tão requintada infâmia’”. Rio de Janeiro: Bibliex, 1983, p. 5.

<sup>88</sup> *Jornal A Lucta!* nº 10, 07/12/1935. Primeiro exemplar após a Intentona Comunista. Existe uma série de outros exemplos semelhantes que poderiam ser apresentados para justificar tal afirmação.

O trabalho de Silva tem o mérito de não apenas romper com um paradigma tradicional, mas por apresentar uma visão que engloba vários setores que difundiam as idéias anticomunistas e também da sociedade brasileira da época. É um trabalho de referência para qualquer estudo sobre o anticomunismo.

Outro estudo sobre o anticomunismo nos anos de 1930 e que é uma referência para qualquer pesquisa sobre essa temática é *O ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30* de Eliana de Freitas Dutra.<sup>89</sup> O grande mérito do trabalho de Eliana Dutra é o de fazer uma excelente análise do imaginário político dos anos de 1930, tanto sobre as representações em torno do comunismo e do anticomunismo. Outro ponto alto do trabalho da autora é a questão da identidade, principalmente vinculado à questão do imaginário político.

A diferença fundamental entre os trabalhos de Silva e Dutra, ao nosso ver, não está apenas na periodização – enquanto a primeira trabalha com o período de 1931-1934, a segunda trabalha com 1935-1937 – e sim na leitura sobre o início do anticomunismo no Brasil. Como vimos, Silva defende que o anticomunismo é um fenômeno anterior à ANL e à Intentona, enquanto Dutra defende o contrário, que o anticomunismo surge apenas com a ANL, e mesmo assim como uma reação ao famoso comício relativo às comemorações aos levantes tenentistas de 5 de julho. A leitura do manifesto de Prestes teria sido, para a autora, a “gota d’água” que desencadeou toda a onda anticomunista posterior, desde o fechamento da ANL em 11 de julho, à repressão à Intentona e por conseguinte às perseguições aos comunistas e às campanhas anticomunistas posteriores.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 36-37.

Contudo, apesar de não concordar com a periodização do trabalho de Dutra, isso não significa que renegamos as contribuições de sua obra. Seu trabalho, resultado de exaustiva pesquisa, não fica preso a explicações simplistas sobre o pensamento de direita, muito menos no de esquerda. Ao mesmo tempo a autora busca elementos além da questão do anticomunismo, analisando outros temas como a disciplina para o trabalho, desde a “ordem” ao controle do tempo, controle social, etc.

Outro trabalho de suma importância é o de Rodrigo Patto Sá Motta, *Em guarda contra o ‘Perigo Vermelho’: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Se tivéssemos de eleger um “manual” sobre anticomunismo no Brasil, provavelmente escolheríamos o trabalho de Motta, não apenas por abarcar um longo marco temporal – embora na questão cronológica o autor centre principalmente em três períodos: 1º: 1917-1935, denominado “Primórdios do anticomunismo no Brasil”; 2º: 1935-1937, denominado “A primeira grande ‘onda’ anticomunista”; 3º: 1961-1964, denominado “Segundo grande ‘surto’ anticomunista” –, mas por delinear de forma “esquemática” e didática as origens do anticomunismo, suas matrizes ideológicas, o imaginário, entre outros temas arrolados ao longo dos oito capítulos de sua obra.

Um dos pontos principais deste trabalho, que serve ao nosso, está na leitura crítica e exaustiva do episódio da Intentona Comunista, principalmente na construção posterior em torno de “35” e a utilização deste episódio (auxiliado por todo o imaginário político anticomunista) em golpes de estado, respectivamente em 3 de novembro de 1937, decretando o Estado Novo de Getúlio Vargas e, em 31 de março de 1964, iniciando uma série de cinco governos militares que perduraria até 1985.<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> Além dos três trabalhos discutidos sobre o anticomunismo nos anos de 1930 podemos citar: FERREIRA, Jorge Luiz. *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil (1930-1956)*. São Paulo: USP, 1996. (tese de doutorado em História).

O período que abrange o pós-1945 ainda possui poucas pesquisas sobre o anticomunismo, dentre esses trabalhos destacamos principalmente a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Carla Simone Rodeghero. A dissertação *O diabo é vermelho*<sup>92</sup>, faz uma análise do imaginário anticomunista da Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Já na tese de doutoramento *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*<sup>93</sup>, a autora amplia seu enfoque para o anticomunismo como um fenômeno nacional (embora a segunda parte de seu trabalho dedicado ao Rio Grande do Sul). Além disso, a autora explora a documentação diplomática norte-americana e a sua singular leitura sobre o anticomunismo brasileiro da época.<sup>94</sup>

---

FERREIRA, José Roberto Martins. *Os novos bárbaros: análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro*. São Paulo: PUCSP, 1986 (dissertação de mestrado em Ciências Sociais).

MOLINARI FILHO, Germano. *Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo n'O Estado de São Paulo (1930-1937)*. São Paulo, PUCSP: 1992 (dissertação de mestrado em História).

VIEIRA, Solange Gomes. “*Roma ou Moscou*”: *O Imaginário Anticomunista da Igreja Católica, “O Horizonte” (1924-1931)*. Belo Horizonte: PUCMG, 1989.

<sup>92</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

<sup>93</sup> RODEGUERO, op. cit., 2002.

<sup>94</sup> Além desses trabalhos poderíamos citar: AZEVEDO, Débora Bithiath de. *Em nome da ordem: democracia e combate ao comunismo no Brasil (1946-1950)*. Brasília: UNB, 1992 (dissertação de mestrado em História – não tivemos acesso a esse trabalho).

## **CAPÍTULO II**

### **Os inimigos da Ação Integralista Brasileira**



## CAPÍTULO II – OS INIMIGOS DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

### 2.1 As identidades do mal

O contato com as fontes impressas produzidas pelo movimento integralista nos mostra que a oposição aos inimigos declarados do movimento servia a vários interesses, que iam desde o combate propriamente dito, até a definição de sua própria ideologia, como uma espécie de afirmação de identidade. A ideologia integralista era transmitida de forma *pedagógica* a partir da delimitação dos inimigos: apresentavam a “fronteira” entre o “bem” e o “mal”, entre os valores brasileiros e os estrangeiros, entre a “justiça” e “maldade”, entre os “bons” e os “maus” costumes, entre o que era “sadio” e o que era “vício”, entre o “caos” e a “ordem”.



À esquerda, o caos; à direita, a ordem.

Dessa forma, era apresentada como uma contraposição aos seus oponentes, como na imagem ao lado, retirada da revista integralista *Anauê!*, onde dois caminhos são apresentados: à esquerda, o caos, representada por um tigre (selvagem) indo em direção a uma estrada tortuosa (curva), rumo a Moscou (comunismo); à direita, a ordem, representada por um cavalo encilhado, seguindo em uma estrada sem percalços (reta), rumo a Roma (fascismo). A imagem, neste caso, ensina, a partir dos simbolismos, o “rumo a seguir”, entre o caos e a ordem, o tigre e o cavalo, Moscou e Roma.

Ou ainda pode demonstrar pela simples contraposição como no pequeno texto abaixo:

Operário brasileiro! Para seres integralista, basta um pouco de reflexão:  
 O Comunismo é uma doutrina exótica, que nem na Rússia está dando resultados.  
 O Integralismo, ao contrário, nasceu no Brasil, nasceu dos estudos de Tavares Bastos, dos homens do Império, de Alberto Torres, de Bilac, de Oliveira Vianna e dos sociólogos brasileiros.  
 Há diante de ti, pois, duas vozes. A voz da Rússia e a voz do Brasil!  
 AGORA RESPONDE OPERÁRIO BRASILEIRO!<sup>95</sup>

Neste texto também são apresentados “dois caminhos”: o comunismo como uma força “exótica”, de “fora”; o integralismo, por sua vez, seria uma força nacional, baseado no pensamento brasileiro.

Esses dois exemplos remetem a um fato fundamental para os integralistas, o da construção de uma *identidade*, no caso, a sua própria. Essa identidade servia tanto como justificativa de sua existência enquanto grupo político-social, como para definir o seu espaço de atuação. Para a construção de uma identidade cultural, acima de tudo há a necessidade de que haja uma consciência do que “somos”. Josetxo Beriain para iniciar uma definição de identidades culturais recorreu a Emile Durkheim: “[...] pues una sociedad no esta constituida tan sólo por la masa de individuos que la componen, por el território que ocupan, por las cosas que utilizan, por los actos que realizan, sino, ante todo, por la idea que tiene sobre si misma”. Após a citação conclui: “Em el fragmento de Durkheim que sirve de motto al presente trabajo aparece diseñado el empeño que me orienta, que no es otro que el determinar los códigos, los procesos y las situaciones que le sirven de base a la producción del ‘nosotros’ ideal, de la autoimagen colectiva que toda sociedad conlleva como un orden imaginado, como una representación cultural

---

<sup>95</sup> A *Razão*, nº 3, (15/05/1935), p. 5.

definida, producida por un grupo de individuos”.<sup>96</sup> Segundo Beriain a definição do “nós” perpassa o que é o “outro”. De acordo com o autor:

El objetivo fundamental de las indetidades culturales – desde el grupo étnico hasta la acción – no es hacer frente al enemigo sino ocuparse del extranjero. Se fortalece todo lo que suponga un fortalecimiento de la unidad socio-cultural. Se favorece y se refuerza la homogeneidad étnica, religiosa, lingüística y cultural. Se construyen modos de engarce con la clasificación natural instituida (la tradición) y se suprimen aquellos referentes que no se adecuan a tal tradición compartida. La comunidade debe ser mantenida “pura” frente a la “impureza” de lo extranjero. Para asegurar la existencia de la unidad cultura se proyectan unos *límites*: territoriales, morales, organizativos etc.<sup>97</sup>

Na mesma lógica Renato Ortiz afirma que “toda a identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença. Poderíamos nos perguntar sobre o porquê desta insistência em buscarmos uma identidade que se contraponha ao estrangeiro. [...] Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”.<sup>98</sup> Como vimos, os integralistas possuem essa preocupação, pois a definição do “outro” permite definir seus “defeitos” frente às “nossas” virtudes. Assim, a busca dos integralistas em vincular sua imagem em um “nós” coletivo para que todos os brasileiros se identifiquem e, que abarcasse a nação como um todo, servia como uma forma de legitimação. Ao mesmo tempo, nos inimigos são identificados todos os defeitos, são apresentados como algo que causa desagregação e desarmonia, algo que deve ser afastado para a sobrevivência do “coletivo”.

Por essa razão, encontramos nos escritos integralistas a constante contraposição da sua ideologia com as ideologias “inimigas”. Raramente encontraremos textos integralistas que definem sua ideologia sem que se remeta aos seus inimigos. Basta ler os livros de autores integralistas para vermos essa íntima relação, ou nos jornais, para os

<sup>96</sup> BERIAIN, Josexo. La construcción de la identidad colectiva en las sociedades modernas. In: BERIAIN, Josexo Beriain; LANCEROS, Patxi (orgs.). *Identidades culturales*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1996, p. 13.

<sup>97</sup> Ibid., p. 14.

<sup>98</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 7-8.

quais podemos apresentar dados objetivos: de 211 exemplares pesquisados em 13 jornais, de seis estados, havia 844 matérias que se referiam aos inimigos da AIB, com uma média de quatro matérias por exemplar.<sup>99</sup> Assim, seguidamente encontramos matérias com títulos como: “Nós e a Maçonaria”<sup>100</sup>, “Nós e os Liberais”<sup>101</sup> ou “Nós e os escravos de Stalin”.<sup>102</sup>

Nas fontes pesquisadas encontramos duas divisões entre a oposição aos inimigos, a primeira é a divisão entre *Espiritualismo e Materialismo* – um choque entre o “indivíduo” e o “espírito”, em uma luta permanente na História da Humanidade. A segunda seriam as subdivisões do *Materialismo* como inimigos que visavam a destruição da sociedade ocidental, dentre eles poderíamos citar o comunismo e o liberalismo, como as duas principais expressões e, a seguir, o judaísmo, a maçonaria e o capitalismo internacional.

Abaixo discutiremos, primeiramente, a questão do *Materialismo* posteriormente as suas “faces”.

## **2.2. Uma luta eterna: Materialismo versus Espiritualismo**

Como apontou Gilberto Vasconcelos, a diferença fundamental entre o fascismo e o seu congênere brasileiro, está centrado no fato de que se no primeiro a *prática* (tomada do poder) antecedeu a *teoria*, no segundo foi ao contrário, a *teoria* foi estruturada antes de se tentar colocá-la em *prática*. Um dos documentos básicos para compreendermos a definição da ideologia integralista é o livro *O que é integralismo* de Plínio Salgado. Nessa obra, destinada aos militantes de base do movimento, ficava

---

<sup>99</sup> Ver dados completos na p. 90.

<sup>100</sup> *O Bandeirante*, Caxias do Sul/RS, nº 4, 2/2/1935, p. 3.

<sup>101</sup> *Ibid.*, nº 38, 14/12/1935, p. 2.

<sup>102</sup> *O Nacionalista*, Araraquara/SP, nº 25, 21/7/1935, p. 1.

explícito que o integralismo acima de tudo representava o *Espiritualismo* em uma eterna luta contra o *Materialismo*. De acordo com Salgado:

Durante toda a marcha da Humanidade, dois conceitos de vida e de finalidade se revelaram, ou se antepuseram, ou se conciliaram de um ponto de vista formal, para de novo se separarem nessa outra luta do Espírito, que acompanhou paralelamente o combate econômico.

Um desses conceitos de vida é o materialista, isto é, o que encara a vida humana como um fenômeno que começa e termina sobre a Terra. Para os que adotam esse conceito, não existe Deus, não existe Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéias puramente espirituais, como sejam: a dignidade do ser humano, que se torna insubsistente por falta de base; a concepção moral, que se torna inexplicável e perfeitamente inútil; a idéia da Pátria, que não passa, então, de simples convencionalismo; a idéia de estética, isto é, da beleza, que sendo uma disciplina dos sentidos, segundo aspirações transcendentais, perde seus pontos de referência; o amor da família e o do próximo, que já não se explicam uma vez que se tem de adotar um critério de felicidade pessoal, egoística, sem incômodos nem compromissos; e finalmente, o sentido de disciplina consciente, que será substituído pela disciplina mantida pela violência dos mais felizes nos golpes aventureiros.

O outro conceito é o espiritualista, isto é, o que considera a vida humana como um fenômeno transitório, condicionando uma aspiração eterna, superior. Para os que adotam esse conceito existe Deus, existe a Alma, e como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéias. O ser humano tem a sua dignidade, porque se torna superior às contingências materiais, ultrapassando os limites da luta biológica e a esta impondo um ritmo próprio; a concepção moral, ligada à realidade da família e à tradição do povo; a estética, isto é, a idéia da beleza, torna-se precisa, jamais descambando para as aberrações, que traduzem quase sempre confusões dos instintos ou perversões sexuais ou da sensibilidade; o amor da família e do próximo determina a abnegação e o sacrifício, glorificando o Homem pela libertação do egoísmo; e finalmente a disciplina terá uma origem interior, criando a harmonia dos movimentos sociais, com finalidade suprema.<sup>103</sup>

O texto de Salgado nos revela que a luta *anti-materialista*, por parte dos integralistas, é um dos pilares fundamentais de sua ideologia. Uma *questão norteadora* que estaria presente em toda a estrutura do movimento integralista, desde a forma do Estado, o *Estado Integral* até a estruturação da sociedade, tendo em vista que o *norte* espiritualista estaria em constante oposição ao materialismo. Além disso, essa obra é emblemática, pois a definição do que é o integralismo está intimamente vinculada à de materialismo a partir das suas duas principais expressões: o liberalismo e o comunismo.

---

<sup>103</sup> SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: (sem editora), 1933, p. 17-19.

Esse texto apresenta um constante diálogo ao longo de seus cinco capítulos com o materialismo e o espiritualismo ligando-o intimamente ao que é o integralismo.

O livro *O que é integralismo* deixou claro que a luta dos camisas-verdes era contra o materialismo. Aparentemente, o acirramento dessa luta eterna tornou-se latente quando aparece a necessidade de definir mais especificamente os campos opostos, pois embora seja uma *luta eterna*, que sempre permeou a história da humanidade, ela só foi definida quando surgiram as concepções de liberalismo e comunismo. Embora *O que é integralismo* já tenha delineado essas questões, o autor retoma essa discussão no livro *A doutrina do Sigma*.<sup>104</sup> Nessa obra, há uma melhor definição desses conceitos. Assim, o *Materialismo* representaria um pensamento filosófico retrógrado e vicioso, baseado nas premissas do individualismo do século XVIII, tendo seu auge no século XIX. Esse pensamento teria sua maior expressão em duas matrizes: o liberalismo (muitas vezes representado como “capitalismo liberal”) e o comunismo. Já o *Espiritualismo* representaria um novo pensamento, vanguardista do século XX, representado pelo integralismo e outros movimentos de orientação fascista.

Para delinear esses conceitos Salgado, tratou de analisar as origens das forças que compõem o materialismo, buscando traçar uma identidade em comum:

O Capitalismo é uma conseqüência do Liberalismo. O liberalismo é o império do Individualismo. O Individualismo é o rompimento com todas as disciplinas morais capazes de compor equilíbrios na sociedade, de acordo com os interesses superiores do Espírito.

Por conseqüência, o Individualismo é o Materialismo. E a prova de que o Individualismo é o Materialismo é o fato dessa concepção de vida ter tido como fonte os postulados epicuristas, stoicistas ou naturalistas que constituíram toda a trama do pensamento dos fins do século XVIII, da Enciclopédia e da Revolução Francesa.

O “homem natural” de Rousseau é o índice de todo o Individualismo que gerou o Liberalismo. Se o Homem devia ser “natural”, era lógico que a Economia fosse também “natural” e que nenhuma força interviesse, nem

---

<sup>104</sup> SALGADO, Plínio. *A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Editora Verde-Amarelo, 1935.

nos movimentos do Homem, nem nos da economia. Tudo devia ser subordinado às leis da matéria.<sup>105</sup>

Assim definia a origem do liberalismo, cuja estrutura baseada no individualismo e nas leis frias do mercado, geraria uma série de conflitos sociais, e esses abririam espaço para a outra face do Materialismo: o comunismo.

Era lógico, portanto, que Karl Marx, o fundador do comunismo, sendo um burguês e filho do século XIX, imprimisse à sistematização de sua obra o mesmíssimo timbre da filosofia burguesa, que é a filosofia da luta estúpida e cega do materialismo justificador dos triunfos dos fortes sobre os fracos. Essa identidade de pensamento, de concepção de vida, que se surpreende no Marxismo e no Capitalismo Liberal, ambos subordinados às leis inerentes a um aspecto isolado da Natureza, revela, também, no Comunismo, que tantos acreditam ser a doutrina “da moda”, o caráter inconfundível do século passado: a unilateralidade. É por isso que Henri de Man afirma que o Marxismo não passa de uma “forma particular de uma mentalidade geral própria do século passado”. Basta, aliás, ler as reflexões de Sorel, para se ter presente no espírito do sindicalismo revolucionário em que também se baseou Lenine, a identidade do pensamento darwiniano, do pensamento burguês dominante em todas as teorias da Evolução.<sup>106</sup>

A *identidade de pensamento* seria então a matriz em que se gerou o liberalismo e o comunismo, que, como vimos, é o pensamento individualista ou materialista. Ao mesmo tempo, essa concepção não se dá apenas na égide das idéias, ela é mais ampla e atingindo também a esfera econômica, embora o autor não consiga delinear o que é a economia tanto liberal como comunista. Para o autor economia marxista seria apenas um acréscimo da economia liberal, sendo o “judeu” Marx o “continuador de seu patricio, o judeu Adam Smith”.<sup>107</sup> O pensamento de Marx seria uma mistura de todas as “tisanas filosóficas” do século XIX. Assim a economia marxista nada mais é do que uma subordinação aos princípios da economia liberal burguesa, pois, de acordo com

---

<sup>105</sup> Ibid., p. 106-107.

<sup>106</sup> Ibid., p. 110-111.

<sup>107</sup> Ibid., p. 113.

Salgado, “a obra de Marx é uma apologia do Capital”.<sup>108</sup> O traço identificador entre o comunismo e o capitalismo liberal seria o mesmo: a dominação do mundo dentro de uma esfera individualista. Isso se daria através do controle da economia. Com isso, haveria o triunfo do materialismo, através da vitória dos mais fortes nas leis da concorrência, onde, “um a um, serão absorvidos os lutadores. Chegará a ocasião em que dois ou três financistas terão proletarizado o gênero humano”.<sup>109</sup> Assim, todos os valores sociais, morais e políticas seriam subordinados à Economia.

O Capitalismo é internacional; o Comunismo também é internacional. O Capitalismo quer escravizar todos os povos, o Comunismo também. O Capitalismo, através da usura, do jogo da bolsa, das oscilações do câmbio, atenta todos os dias contra o princípio da Propriedade; o Comunismo prega abertamente contra esse princípio. E tudo isso por quê? Porque o Capitalismo e Comunismo são dois nomes para designar a mesma coisa: o materialismo. Ambos desejam o mesmo clima político: a liberal-democracia.<sup>110</sup>

Com a liberal-democracia não haveria nenhum mecanismo que impedisse o desenvolvimento das forças materialistas. O espiritualismo dentro dessa estrutura estaria derrotado.

Em resumo, o ápice da luta entre o materialismo e o espiritualismo estaria centrado na luta entre as filosofias dominantes do século XIX e as luzes do século XX. Neste último, houve um retorno do pensamento espiritualista que permeou a Idade Média Ocidental e que havia sido derrotado, com a ascensão do pensamento humanista e materialista, que subordinaria tudo ao mundo da *matéria* e da *força* sobre o mundo do *espírito* e da *vontade*. Por isso, os integralistas, segundo seu líder, repelem “todas as

---

<sup>108</sup> Ibid., p. 114.

<sup>109</sup> Ibidem.

<sup>110</sup> Ibid., p. 115.



unilateralidades tão características do século passado”, pois entendem que “cada corrente se colocou num ponto de vista restrito”.<sup>111</sup>

Não ficamos com aqueles que, como Spencer, subordinam tudo à sistematização do evolucionismo darwiniano, justificando as opressões da burguesia contra os trabalhadores; nem com aqueles que, como Le Play, Ratzel, Demolins, pretenderam ver na geografia social a única chave dos problemas políticos; nem com aqueles que, como Gobineau ou Gumplovitz, apontavam toda a solução do problema étnico no mistério dos plasmas germinativos; nem com Karl Marx, que considerou uma única face do Homem, a face econômica, e muito menos com Adam Smith, precursor de Marx, que acreditou no dogma das leis naturais em economia; nem com Sorel que reduziu tudo a luta de classe; nem tão pouco com aqueles que negaram a luta de classe.<sup>112</sup>

Mas o termo *materialismo* utilizado pelo integralismo não apresenta uma definição restrita, varia de acordo com o sentido do contexto em que é empregado. Assim, materialismo poderia ser o “império do indivíduo”, o capitalismo, o comunismo, ou o liberalismo, poderia ser a reunião de todas essas concepções. Poderia subordinar um ao outro, colocando o comunismo como um “filho” do liberalismo, ou o capitalismo ao comunismo. Poderia ser uma dominação política, moral e de costumes ou apenas econômica. Poderia surgir com o pensamento humanista dos séculos XVIII e XIX ou estar sempre presente na história do homem.

Como vimos, o conceito de *materialismo* para os integralistas é bastante vago, o que abria uma série de “flancos” que poderiam ser explorados nas páginas de livros e em matérias de jornais. Mais do que um conceito acadêmico restrito, que poderia ser utilizado apenas em situações e períodos específicos – como é o caso do conceito de *materialismo histórico* utilizado no marxismo e que não deve ser confundido com o *materialismo* integralista – dentro da “visão” integralista não haveria anacronismo em encontrar na história da humanidade uma eterna luta entre o *Materialismo* e o

---

<sup>111</sup> Ibid., p. 20.

<sup>112</sup> Ibid, p. 20-21.

*Espiritualismo*. Como Salgado seguidamente apresentava em seus textos e sintetizados na série de matérias denominada *O Sentido da Revolução Integralista* de Nilo Brandão, publicadas no jornal *A Razão*, de Curitiba. Dividida em sete capítulos, faz uma singular análise de uma das faces do materialismo, o comunismo. Aqui nos deteremos na análise mais aprofundada dessas matérias, pois elas reúnem alguns dos pontos básicos da “noção” de materialismo, como a luta presente entre materialismo e espiritualismo desde a antiguidade, embora os textos comecem pelo materialismo no século XVIII e XIX, depois retornando à evolução cronológica dos “acontecimentos”, ou seja, da Grécia antiga à Reforma Protestante; a noção de expansão constante das forças materialistas, etc.

Um dos fatos interessantes é que o “sentido” para a revolução integralista seria acima de tudo a oposição ao materialismo, tendo em vista que os “capítulos” representam exemplos em que forças materialistas e espiritualistas entraram em conflito. Na coleção, o integralismo não é citado em nenhum momento, mesmo tendo o autor denominado as matérias de *O Sentido da Revolução Integralista*. Ao nosso ver, o faz por uma razão fundamental, porque o integralismo seria “herdeiro” das forças espiritualistas que sempre combateram o materialismo. O *sentido* dessa *revolução* para os camisas-verdes seria o de continuar essa luta em defesa da civilização ocidental.

No capítulo I, “*Rousseau e seu bucolismo ingênuo*”, faz uma análise de como o pensamento do século XVIII abriu as portas para o pensamento materialista do século XIX, principalmente pela busca de um retorno ao “primitismo” do passado.<sup>113</sup>

Para Rousseau “o homem nasce bom, a sociedade é que o faz mau”. Julgava um erro o apartá-lo do *estado natural*, em que ignorava os vícios, os prazeres do luxo e do fausto, as riquezas e as artes; em que não podiam existir arrogância, injustiça, inveja, rivalidade.

---

<sup>113</sup> *A Razão*, Curitiba/PR, nº 11, 12/07/1935, p. 4.

Há mister, segundo sua teoria, segregar a criança do meio social viciado, de modo que entregue si mesmo, se eduque por impulso do instinto e da reflexão. Dess'arte, pregando o regresso ao individualismo radical, negava a utilidade da organização social e condenava a civilização.

Nada vale para ele ter o homem evoluído do escuro abrigo das cavernas e das cabanas formadas de folhagens, para os palácios de hoje e para as magnificências da sociedade atual.

Que de penas e aflições, que de trabalhos e sofrimentos empregaram os nossos antepassados para nos legar tão brilhante civilização. E Rousseau queria voltar ao primitismo!

O pensamento de Rousseau teria então iniciado um retorno ao materialismo que havia sido derrotado na Idade Média e um retorno ao individualismo, característico da Antigüidade e que retornava com o cientificismo. O materialismo do século XIX, a partir do comunismo e do liberalismo, teria tido como uma de suas principais influências o pensamento filosófico de Rousseau.

O segundo capítulo II, “*Platão e Aristóteles*”<sup>114</sup>, é construído sobre como o pensamento coletivista (comunista) levaria à destruição da sociedade, apresentando o filósofo Platão como um retrógrado, pois queria um retorno ao comunismo primitivo:

O estado natural era o ideal de Platão, que desejava transformar sua pátria num Estado, onde reinasse a paz e a concórdia, onde cada cidadão cuidasse unicamente dos próprios interesses, sem se preocupar com as atividades alheias [...]. Queria que a sociedade regressasse ao comunismo dos primeiros tempos do homem, ignorante, simples, puro, num absoluto regime de igualdade e comunidade de bens, sem leis nem regulamentos.

A sociedade *materialista* proposta por Platão, de acordo com o texto, já apresentaria os problemas básicos que não permitiriam sua aplicação: 1º) o individualismo, não havendo o sentimento de coletividade; 2º) que esse *comunismo primitivo* não funcionaria, pois o homem já havia evoluído e não teria mais condições de viver coletivamente *sem leis nem regulamentos*, básicos em qualquer forma de

---

<sup>114</sup> Ibid., nº 12, 23/07/1935, p. 4.

Estado. Enquanto isso Aristóteles, um representante do Espiritualismo, defenderia o oposto da idéia proposta por Platão:

Mais tarde, Aristóteles, na sua “Política”, provou exuberantemente que o comunismo é contra a natureza. Esse regime torna impossível a criação de riquezas, porque os “homens nunca serão capazes de trabalhar senão para defender seus próprios interesses”.

Toda a atividade criadora nasce do desejo que o homem tem de conquistar para si uma situação melhor adquirindo propriedades. Sem este estímulo que o comunismo destrói, desaparecerá a atividade humana.

O texto apresenta uma incoerência relativa ao fato de que na sociedade *platônica* fora criticado o fato de que os cidadãos cuidariam unicamente de “seus interesses sem se preocupar com as atividades alheias” enquanto na sociedade *aristotélica* essa característica é louvada, pois “toda a atividade criadora nasce do desejo do homem de conquistar para si uma situação melhor, adquirindo propriedade”. Além disso, vai contra o trabalho coletivo, pois esse, ao invés de gerar a harmonia, geraria a discórdia. “É quando os homens possuem tudo em comum que surgem as disputas”. E segue comparando os homens com crianças: “Entregue-se a várias crianças o mesmo brinquedo e ver-se-á surgir logo a competição. Torna-se o brinquedo o objeto de contendias, discussões, rixas”. Esse texto leva o leitor a chegar à conclusão de que os Estado materialista *platônico* baseado nas premissas do “individualismo comunista” apenas gera o conflito e a desarmonia entre os homens, enquanto o Estado espiritualista *aristotélico* trás a paz social devido à sua estabilidade e à possibilidade de “crescimento” social dos indivíduos.

Se no capítulo II, o choque entre materialismo e espiritualismo deu-se no âmbito das “idéias” de Platão e Aristóteles, no seguinte, “*Licurgo e o comunismo espartano*”

<sup>115</sup>, apresenta a destruição da sociedade grega devido ao triunfo do materialismo sobre o espiritualismo, quando o “comunismo” imposto por Licurgo, inicialmente em Esparta, se espalhou por toda a Grécia, acabando com a sociedade grega.

Licurgo, na mesma época, transformou em Esparta, completamente, a ordem econômica, estabelecendo o regime comunista em bases sólidas. As terras da Lacônia foram divididas em tantas porções quantos os habitantes. Cada espartano recebeu o seu quinhão. Foram abolidas as medidas de ouro e prata e adotadas as de ferro, por mais odiosas e pesadas. Desapareceram o comércio e a navegação. Simples o (?), as refeições eram feitas em comum. Para distrair o pudor, eram as mulheres obrigadas a comparecerem despidas ao lado dos homens nos cortejos.

Absorvidos pelo desenvolvimento físico, amestrados para o domínio e para a guerra, os espartanos eram, na Antiguidade, um povo forte de heróis e de soldados, temido dos vizinhos, mas Licurgo não os cuidou senão superficialmente da educação, intelectual e espiritual. Esparta, por isso, não produziu nenhum gênio nas letras, nas ciências e nas artes.

Esse trecho apresenta uma característica importante, o da criação da imagem de um indivíduo, no caso Licurgo, o “líder” responsável único pela “comunização” da sociedade espartana. Dessa forma, as transformações sociais que ocorreram entre várias gerações em Esparta, foram centralizadas nas mãos de um único homem. Ao mesmo tempo, adultera fatos históricos com objetivo de comprovar a maléfica influência do comunismo sobre a sociedade espartana: a coletivização das terras, que em realidade não ocorreu; a adoção de um novo sistema monetário; o fim do comércio, que não ocorreu; o fim da navegação, mesmo que essa nunca tenha sido uma característica do povo espartano etc. Além, é claro, de toda a estrutura da sociedade ser voltada para a guerra, voltado para a conquista, para o material, ao invés da educação intelectual e espiritual.

Tais características “comunistas” teriam então levado à destruição da sociedade espartana, pois,

---

<sup>115</sup> Ibid., nº 16, 16/08/1935, p. 4.

Contrário à razão humana, não podia manter-se essa organização. O comunismo tornou ali impossível a criação de riquezas. Sem interesses próprios a defender, os espartanos perderam o incentivo. Não lograram atingir a felicidade almejada. A coexistência social tornou patente a desigualdade que lá no fundo de cada um já existia em potência. Surgiu o descontentamento. Acordou a cobiça. Rompeu-se o equilíbrio com sanguinosas lutas intestinas, dando lugar a desigualdades ainda mais violentas do que antes.

Esparta acabou atirando-se a várias guerras, durante as quais acumulou grande quantidade de ouro e prata, arrancados ao inimigo pelo saque. A posse de riquezas cresceu-lhe mais a ambição e a avareza. A despeito da sua Constituição “ideal”, acabou dissolvendo o Estado de Licurgo.

Assim o materialismo, tendo conquistado o coração dos espartanos, despertando todos os vícios, instigando-os à cobiça, incitando-os à guerra, levou à destruição de toda Grécia “infeccionada pela moléstia oriunda de Esparta e que se havia propagado por todo o país”.

Esse capítulo “demonstra” com um exemplo prático a destruição de uma sociedade que permitiu que o materialismo se tornasse dominante frente ao espiritualismo. O texto deixa latente que o materialismo, no caso, através do comunismo, está sempre em expansão, seja no campo das idéias como na prática, necessitando vigilância constante.

A noção de que a expansão materialista deveria ser detida pelo espiritualismo fica explícita no capítulo IV. “ZENON, comunista anarquista; ARISTÓFANES e suas sátiras contra o comunismo”, coloca Zenon, filósofo grego, como um comunista anarquista, que estava continuando a doutrina platônica e a transmitindo para os estóicos e posteriormente para os romanos; enquanto isso, era combatido por Aristófanes através de suas sátiras anticomunistas.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> Ibid., nº 25, 22/10/1935, p. 4.

Zenon, filósofo grego, ampliou a doutrina platônica, cuja moral cifra o supremo bem no esforço para obedecer apenas à Razão, tornando o homem indiferente a todas as circunstâncias exteriores: riqueza, saúde, sofrimentos. Firmes, austeros, constantes na dor, os estóicos eram ao mesmo tempo comunistas, anarquistas e internacionalistas.

O sonho social comunista invadiu, mais tarde, o Império Romano, mas não logrou aí realizar-se.

Essas idéias comunistas do filósofo Zenon não tiveram êxito completo devido ao combate ao comunismo feito por Aristófanes.

Aristófanes, o poeta cômico da Grécia, de tão grande capacidade criadora, satirizou os excessos da plutocracia. Mas ridicularizou no mesmo passo o comunismo sonhador, em que os cidadãos acreditavam possuir tudo em abundância, viver com todo o conforto, sem nenhum esforço independente de qualquer trabalho.

Exemplificaria através de suas sátiras o que ocorreria com a sociedade se o comunismo fosse o sistema político dominante.

Em uma das suas comédias, o célebre poeta admite, por hipótese, destruída Atenas pela política dos homens. Rebenta uma revolução feminina encabeçada por Praxágoras, e as mulheres ante o fracasso do sexo oposto, apoderam-se do governo. Reformam o estado radicalmente, e implantam o comunismo absoluto: todos são iguais e gozam da mesma forma os bens da terra.

[...]. Todos os homens e todas as mulheres são de todos, e podem fazer livremente o que [bem] entendem. Não há matrimônios, nem restrições de qualquer natureza.

[...]. Neste comunismo de verdadeira camaradagem não sabe o homem de que criança é pai. Mas isso não importa, porquanto estão todas sob os cuidados da coletividade.

Nesse trecho, um elemento marcante atribuído ao materialismo – principalmente ao comunismo e em menor grau ao liberalismo – a promiscuidade vinculada à liberdade sexual. A questão sexual está sempre ligada à dissolução da família e dos valores sociais. Exemplo da deturpação e da destruição da sociedade para os integralistas. A

sátira termina com a destruição da sociedade comunista, pois um jovem não aceita a “libertinagem” e a escravidão de ter de servir sexualmente a uma velha mulher, pois ama uma mulher jovem e atraente. Por “ir contra” a natureza e contra a família, o comunismo por si só, dentro da sátira de Aristófanes, acabaria destruindo a si próprio.

O capítulo V, “*São Tomáz de Aquino e Rui Barbosa contra o comunismo, fator de conflitos, filosofia da miséria*”, texto sobre como São Tomáz de Aquino na Idade Média e Rui Barbosa, no Brasil, combatiam o comunismo.<sup>117</sup>

Direi apenas que S. Tomáz de Aquino, o escolástico mais erudito de sua época orientou toda a sua ação contra o comunismo platônico. Sustentava que só pôde este existir quando, ainda nos seus primeiros passos, era inocente a humanidade. Então não era perigo. Mas depois tornou-se um fator de conflitos e discórdias entre os homens.

Discípulo de Platão, S. Tomáz superou o mestre.

“Se não perdermos de vista a realidade – dizia o grande erudito dominicano – seremos obrigados a reconhecer que o regime da propriedade privada é o único adaptável à natureza humana. A desigualdade social e econômica é consequência fatal da diversa capacidade dos homens”.

Haveria uma sintonia de pensamento entre Tomáz de Aquino e Rui Barbosa:

O grande Rui Barbosa pensava, em nossos dias, como a extraordinária cabeça do insigne filósofo medieval, afirmando na “Oração aos Moços” que a regra da igualdade não consiste senão em aquinhoar com desigualdade os desiguais. Nesta desigualdade social, proporcionada a desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade.

Esse texto faz a relação entre o pensamento espiritualista presente tanto na Idade Média como no século XX, ao traçar uma analogia entre o pensamento de São Tomáz de Aquino e o de Rui Barbosa através da luta contra o comunismo na defesa da propriedade privada. A desigualdade apresentada em ambos os intelectuais seria inerente ao ser humano; por isso, a propriedade deveria ser defendida. A igualdade

---

<sup>117</sup> Ibid., nº 26, 31/10/1935, p. 4.



pretendida pelos comunistas, segundo o autor, apenas geraria mais conflitos e cercearia a “natureza” do ser humano, pois “o mais são desvarios da inveja, do orgulho, ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou desiguais com igualdade flagrante, e não com igualdade real”.

O capítulo VI, “*Fourier e as promessas ridículas do comunismo*”, versa sobre as idéias comunistas do filósofo francês.<sup>118</sup> Nesse texto, o autor ridiculariza o pensamento comunista através das idéias de Charles Fourier: “há nas afirmações de alguns desequilibrados do radicalismo qualquer coisa que excede os limites do ridículo”. A sociedade utópica apresentada por Fourier é apresentada como o “sonho” comunista, e, ao mesmo tempo, apresentada como uma das formas dos desvarios dos adeptos do comunismo.

Fourier, por exemplo, chegou a ensinar que da comunidade por ele imaginada, com o decorrer dos anos, sairiam homens gigantescos, capazes de viver muitos séculos! Mais maravilhosa que a lira de Orfeu, cujos sons domavam as feras que vinham deitar-se-lhes aos pés, a sociedade que o filósofo francês idealizou faria que até os leões andassem mansos, entre os homens, a brincar com as crianças.

E vai ao incrível de inculcar que o regime formaria homens tão inteligentes, com tais aptidões naturais, que, entre alguns bilhões, se nos deparariam dezenas de milhões de poetas como Homero!

Por toda a parte, assim, ter-se-ia a vista de muitos milhares de Aristóteles, Anacreonte, Tales, Ésquilo, Pitágoras, Arquimedes. E não faltaria, depois, a dar com os pés, espíritos como o de Pasteur, Edison, Hugo, Balzac, Spencer, Wagner, Rafael, Miguel Ângelo!

Apesar de mostrar como tais premissas já haviam desaparecido, o autor ainda apresenta semelhanças como o pensamento comunista atual.

O ridículo diminuiu. Mas [a] causa de rir ainda subsiste. Continua-se a afirmar que o homem, no bolchevismo, entraria em um mundo novo [...]. Passaria a desfrutar um paraíso, onde qualquer mortal, para ficar no nível

---

<sup>118</sup> Ibidem.

dos demais, seria incapaz de se aproveitar da superioridade física ou intelectual que lhe tenha concedido a natureza. Seria uma criatura admirável, perfeita dentro de uma sociedade perfeita, admirável.

Tão maravilhosamente se processaria esse comunismo, que não seria perturbado por nenhum caso: todos os indivíduos queriam ao mesmo tempo a mesma coisa. Tudo seria de todos... Propriedade única, paixão única, aspiração única.

Dessa forma, o comunismo materialista é apresentado apenas como uma “série de utopias” que iriam se sobrepondo com o tempo. Primeiro, com uma sociedade utópica, idealizada e fantástica, que mais lembraria passagens da mitologia grega e a segunda, uma ilusão de igualdade, que não poderia ser aplicada a seres humanos: “livre para tudo, um homem em tais condições só não seria livre para ser homem. Não passaria de um autômato, acionado por engenhoso mecanismo”.

A série de matérias tem sua conclusão no capítulo VII, “*Lutero e o comunismo materialista*”, apresentando como a Reforma Protestante abriu o caminho para o espírito revolucionário que desencadeou o materialismo e o comunismo.<sup>119</sup> A Reforma teria abalado o equilíbrio do espiritualismo, que havia controlado o materialismo comunista, iniciando a explosão revolucionária que persiste até os dias de hoje: “Foi a Reforma que fez renascer a funesta onda revolucionária, que, depois de ter agitado e arruinado a antigüidade engendrando fórmulas malfazejas para dividir os povos, encontrou em Marx a sua mais legítima impressão”. A Reforma teria levado os camponeses a se rebelarem contra os seus senhores. “Irromperam, por toda a parte, a pilhagem e o saque, que em breve degeneraram em conflitos sangrentos de feição nitidamente comunista e tendências igualitárias”. Assim, essas idéias em breve teriam chegado aos operários: “não tardou que se levantassem os operários de muitas cidades, aderindo à agitação temível, de tão triste memória”.

---

<sup>119</sup> Ibid., nº 30, 30/11/1935, p. 2.

O espírito materialista destruidor adormecido, que teria sido o responsável pela destruição da Antigüidade e havia sido retido pelo pensamento cristão e espiritualista da Idade Média, teria tido um novo impulso com a Reforma Protestante. Esse processo estaria ainda em desenvolvimento até o século XIX, e entraria em choque com uma nova onda “espiritualista” no século XX.

Essa série de matérias de Nilo Brandão é emblemática, pois reúne em seus sete capítulos vários pontos da oposição ao materialismo que encontraremos em várias matérias de jornais, revistas e livros do movimento integralista. Como a dualidade presente na luta entre materialismo e espiritualismo, que é uma luta perene e que acompanhou toda a História da humanidade, e, ao mesmo tempo, é uma luta entre ideologias dos séculos XIX e XX. Essa oposição se dá tanto no campo das idéias, expresso nos “duelos” entre Aristóteles e Platão e Zenon e Aristófanes, como também no campo político e social, principalmente quando o materialismo se sobrepõe ao espiritualismo, gerando o caos social e a destruição, como é “demonstrado” a partir dos casos de Esparta e da civilização grega pelo comunismo e com o advento da Reforma Protestante. Apresenta a questão da utopia do materialismo, no caso do comunismo, representado pelo pensamento de Fourier. Também está presente a noção da vigilância e do combate às concepções materialistas, presente em todas as matérias, mas exemplificados no texto sobre São Tomáz de Aquino e Rui Barbosa. Além do perigo sempre presente das “ondas revolucionárias” desencadeadas com a Reforma.

### 2.3. Os ardis do *Materialismo*<sup>120</sup>

O grande inimigo das “forças” espiritualistas – representadas pelos integralistas e demais movimentos de orientação fascista e nacionalista – era o *materialismo*. Este, por sua vez, não era uma única e sim um conjunto de forças, com supostas características em comum. Segundo os intelectuais do movimento, a principal característica seria o fato de tais ideologias ou grupos terem como base o individualismo.

Em realidade encontramos duas características na leitura das fontes deste trabalho: o primeiro é o fato de que tudo que é contrário aos princípios da AIB é considerado *materialismo*, e o segundo, e decorrente do primeiro, é o da “maleabilidade” dos conceitos utilizados pelos integralistas. Um excelente exemplo é a luta contra o *materialismo*. Como vimos anteriormente, ela poderia ser tanto uma oposição às ideologias do século XIX ou uma eterna guerra que permeou a existência do Homem. Ou como no caso do comunismo apresentado por Nilo Brandão, que discutimos no ponto anterior, que estaria presente desde a Grécia antiga até os dias de hoje, ao invés de ter surgido no século XIX como resultado dos conflitos sociais da Revolução Industrial.

Essa “maleabilidade” permitia adulterar e adaptar os inimigos às necessidades do movimento. Assim, poderiam unir em um único inimigo as características de outras ideologias e apresentá-las como uma única.

Por isso encontramos, nos textos, marxismo na Grécia ou Karl Marx sendo chamado de Liberal por Plínio Salgado. Disso decorrem expressões encontradas nos jornais integralistas como: “capitalismo comunista”, “comunistas liberais”,

---

<sup>120</sup> Nosso trabalho não é o primeiro a apontar a questão dos inimigos da AIB. Hégio Trindade dedica um sub-capítulo de sua tese ao tema. Ver: TRINDADE, op. cit., p. 237-255.

“comunismo judaico”, “liberalismo judeu”, “capitalismo internacional judaico”. Um exemplo interessante é a caracterização de um dos ministros de Getúlio Vargas, Macedo Soares, denominado de “judaico-maçônico-capitalista-comunista-aliancista”.<sup>121</sup>

Essas denominações serviam, muitas vezes, para demonstrar a “origem” em comum de tais ideologias e, também, para transmitir a noção de “conspiração”. A noção de que há uma “conspiração internacionalista”, ou de forças externas que possuem o objetivo de dominar o país. Logicamente, a AIB apresentava-se como uma força nacionalista, única capaz de unir os brasileiros e deter esse perigo “externo”. Essas caracterizações entram na lógica da demarcação de identidade, já discutida anteriormente.

O importante é frisar que os “conceitos” não são únicos e fechados. O liberalismo poderia ser apresentado com características do comunismo e vice-versa. O judaísmo poderia utilizar-se tanto do comunismo e do liberalismo para “dominar o mundo”, quanto também não possuir nenhuma relação com tais ideologias. O capitalismo poderia ser apresentado como o grande destruidor da sociedade ocidental ou como a única salvação contra o comunismo etc.

Para fazer o levantamento e definição dos inimigos do movimento utilizamos três tipos de fontes: os livros de autores integralistas, nos quais destinamos maior atenção aos principais intelectuais do movimento (Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso), sendo feita uma análise qualitativa das obras publicadas por esses autores editados durante o período de existência legal da AIB (1932-1937)<sup>122</sup>; os jornais

---

<sup>121</sup> “Os Sábios de Sião”. *Anauê!*, Jaú/SP, nº 6, 17/07/1935, p. 4.

<sup>122</sup> Utilizamos apenas obras originais dos anos de 1930. Obras reeditadas nos anos posteriores a 1945 sofreram adulterações de conteúdo, para que a extinta AIB fosse desvinculada da imagem de fascista, e os integralistas pudessem reestruturar-se como partido político, na nova conjuntura democrática pós-Estado Novo. Por essa razão, nos preocupamos em utilizar apenas obras originais, devido ao fato de seu conteúdo não ter sido “revisionado”.

integralistas, que representam a parte mais substancial da pesquisa, entre os quais fizemos um levantamento quantitativo de todas as matérias que se referiam aos inimigos, e também qualitativo, ao selecionar e analisar alguns desses textos para utilizá-los no corpo desta dissertação; entre as revistas integralistas, utilizamos as duas principais revistas nacionais *Anauê!* e *Panorama*, nos quais selecionamos algumas matérias e imagens. Também utilizamos alguns folhetos produzidos e editados pelo movimento, como o *Manifesto de Outubro*.<sup>123</sup>

Dessas fontes, a leitura dos jornais e dos livros nos permitiu fazer um levantamento objetivo dos dados. A análise do conteúdo das matérias nos deu o instrumental não apenas para fazer a distinção entre os inimigos do movimento como também distinguir de forma hierárquica sobre a periculosidade dessas ameaças para os membros do movimento. A contraposição desses dados com a produção teórica dos intelectuais nos auxilia a compreender a importância e a lógica do combate aos inimigos para a Ação Integralista Brasileira.

Os dados obtidos no levantamento quantitativo dos jornais foram separados em tabelas: a primeira compreende o período entre 1933 até março de 1935, desde o primeiro exemplar de jornal integralista a que tivemos acesso até a data de formação da ANL. Período que marca a consolidação do movimento integralista. A segunda representa o período de recrudescimento do anticomunismo devido à formação da ANL e a Intentona Comunista. A terceira representa o somatório das duas anteriores.

---

<sup>123</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. Rio de Janeiro, Ação Integralista Brasileira - Secretaria Nacional de Propaganda (sem data).

TABELA I – 1933 a março de 1935

Jornais utilizados: *A Voz D'Oeste* (Ribeirão Preto/SP), *O Bandeirante* (Caxias do Sul/RS), *O Nacionalista* (Araraquara/SP), *Anauê!* (Belo Horizonte/MG), *O Integralista* (Curitiba/PR), *Ação* (Recife/PE), *A Offensiva* (Rio de Janeiro/RJ)<sup>124</sup>  
 n° de exemplares: 48 n° de matérias: 207

Matérias (1)		%	Referências (2)		Soma 1+2	%
Anticomunistas	74	56,48	Anticomunistas	57	131	43,52
Antiliberais	35	26,71	Antiliberais	80	115	38,20
Antimaçônicas	4	3,05	Antimaçônicas		4	1,32
Anti-semitas	10	7,63	Anti-semitas	19	29	9,63
Antipluralpartidárias	7	5,34	Antipluralpartidárias	1	8	2,65
Anticapitalistas	1	0,76	Anticapitalistas	11	12	3,98
			Antipositivistas	2	2	0,66
Total de matérias		= 131 (100%)	Soma total = 301		(100%)	

TABELA II – abril de 1935 a 1937

Jornais: *A Voz D'Oeste* (Ribeirão Preto/SP), *A Razão* (Curitiba/PR), *A Voz D'Oeste* (São Paulo/SP), *A Voz do Sigma* (Bagé/RS), *O Bandeirante* (Caxias do Sul/RS), *O Nacionalista* (Araraquara/SP), *Anauê!* (Belo Horizonte/MG), *Anauê!* (Jaú/SP), *A Offensiva* (Rio de Janeiro/RJ)

exemplares: 163 n° de matérias: 637

Matérias (1)		%	Referências (2)		Soma 1+2	%
Anticomunistas	411	71,10	Anticomunistas	132	543	63,03
Antiliberais	99	17,12	Antiliberais	104	203	23,57
Antimaçônicas	13	2,24	Antimaçônicas	5	18	2,09
Anti-semitas	35	6,05	Anti-semitas	31	66	7,66
Antipluralpartidárias	6	1,03	Antipluralpartidárias	1	7	0,81
Anticapitalistas	13	2,24	Anticapitalistas	9	22	2,55
Antipositivistas	1	0,17	Antipositivistas	1	2	0,23
Total de matérias		= 578 (100%)	Soma total = 861		(100%)	

TABELA III – SOMA DA TABELAS 1 E 2 (1933-1937)

exemplares: 211 n° de matérias: 844

Matérias (1)		%	Referências (2)		Soma 1+2	%
Anticomunistas	485	68,4	Anticomunistas	189	674	58
Antiliberais	134	18,89	Antiliberais	184	318	27,36
Antimaçônicas	17	2,39	Antimaçônicas	7	22	1,89
Anti-semitas	45	6,34	Anti-semitas	50	95	8,17
Antipluralpartidárias	13	1,83	Antipluralpartidárias	2	15	1,29
Anticapitalistas	14	1,97	Anticapitalistas	20	34	2,92
Antipositivistas	1	0,14	Antipositivistas	3	4	0,34
Total de matérias		= 709 (100%)	Soma total = 1162		(100%)	

<sup>124</sup> Tendo em vista o grande número de exemplares e o curto tempo para realização da pesquisa, o levantamento de matérias do jornal *A Offensiva*, principal jornal do movimento integralista, foi feito através de amostragem de cinco em cinco exemplares.

As tabelas foram divididas em duas colunas: a primeira representa as *Matérias* em oposição aos inimigos. São textos de conteúdo contrário aos inimigos. Não necessariamente encontraremos um inimigo por matéria. Um texto, por exemplo, poderia ser contrário a mais de um inimigo. Como é o caso da matéria denominada “Maçonaria e Bolchevismo”, publicada no jornal *A Offensiva*.

Enquanto Laval, sob a pressão das Lojas [Maçônicas], ia assinar, em Moscou, a famosa aliança franco-russa, simultaneamente esta era seguida de um pacto oculto, celebrado entre o “Komintern” soviético e o Grande Oriente de França, cujas linhas essenciais vamos revelar.

Ignora-se geralmente, pois a imprensa se cala sobre o assunto, que o regime soviético está atravessando uma crise muito grave. Reina grande dissensão entre os dirigentes comunistas. Há duas tendências que se defrontam: os judeus, até então senhores incontestáveis do império do czar e os russos de puro sangue que desejam sacudir o jugo hebraico. Podemos garantir com conhecimento de causa que o edifício bolchevista está cheio de fendas.

Até aqui se dizia ao camponês que, se ele sofria era devido ao regime capitalista e, no dia próximo em que a Revolução Universal se desencadeasse, a U.R.R.S. seria o paraíso.

Não só a grande noite universal até hoje não chegou como muitos povos, depois da revolução comunista de 1917, reagiam contra a atuação da Internacional marxista: primeiro a Hungria; depois a Itália; mais recentemente, a Alemanha e Portugal. Ao mesmo tempo em que o Marxismo e o Maçonismo era jugulado nesses países. Outras nações vão despertando agora.

Diante desse recuo, os judeus do “Komintern” ficaram inquietos, procurando apoio por toda a parte e foi com alegria que os maçons franceses estenderam fraternalmente a mão aos circuncisos do Kremlin. Assim, num espírito de pavor e auto-defesa, o avental e a trôlha se aliaram a foice e o martelo...<sup>125</sup>

Esse trecho nos revela uma matéria que é ao mesmo tempo anticomunista, anti-semita e antimaçom.

A segunda coluna representa *referências* aos inimigos do movimento. As referências não representam textos de conteúdo exclusivo sobre esses inimigos. Um texto sobre o comunismo poderia apresentar uma referência ao liberalismo por exemplo. Como é o caso do trecho abaixo retirado de um longo texto de Miguel Reale, sobre a evolução do pensamento comunista, denominado “A trajetória da idéia comunista”:

---

<sup>125</sup>“Maçonaria e Bolchevismo”. *A Offensiva*, Rio de Janeiro/RJ, n° 64, 08/06/1935, p. 3.



É doloroso constatar que elementos do governo apóiam essa gente [os comunistas]. Mas nem podia ser de outra forma, pois a decomposição comunista coincide com a decomposição da Liberal-Democracia que lhe deu origem. Um é o cão e a outra é a dona do cão...<sup>126</sup>

As *referências* aos inimigos são extremamente importantes, pois na maioria das vezes servem como uma exemplificação ou comparação entre os inimigos. E por essa razão que na grande maioria das matérias em oposição aos inimigos aparece uma referência a outros inimigos. Se compararmos as referências nas duas tabelas, veremos que em um primeiro momento as referências ao Liberalismo foram superiores ao comunismo, mesmo havendo muito mais matérias anticomunistas do que antiliberais. Isso se devia ao fato de que para os integralistas o país estava dentro de uma estrutura liberal, assim uma comparação com o liberalismo permitiria ao militante “visualizar” melhor o caos que poderia estabelecer-se caso “essa” ou “aquela” ideologia se tornasse preponderante. No segundo momento, há um significativo aumento das referências anticomunistas, pois a partir desse momento a ANL e a Intentona passam a ser parâmetro de comparação, pois o sistema liberal é dado como “morto” pelos integralistas.

Os dados presentes nas tabelas revelam uma hierarquia de “periculosidade” entre os inimigos da Ação Integralista. Em um primeiro plano, comunismo e liberalismo, são os dois principais. Juntos representarão aproximadamente 85% das matérias. Em um segundo plano surgirão o judaísmo, a maçonaria e o capitalismo internacional, como forças secundárias e complementares ao comunismo e ao liberalismo. Em menor grau, encontraremos o positivismo. Em relação ao pluripartidarismo, este poderia ser incluído como antiliberal, pois era considerado por eles como uma característica liberal. O separamos do conjunto, por ser citado como um “perigo” e, ao mesmo tempo, sem

---

<sup>126</sup> “A trajetória da idéia comunista”. *A Offensiva*, Rio de Janeiro/RJ, nº 56, 03/08/1935, p. 1.

apresentar uma vinculação direta com o liberalismo, ou seja, foi apresentado como uma crítica ao sistema pluripartidário frente ao partido único integralista.

Analisaremos, abaixo, de forma pontual cada um dos inimigos que apareceram no levantamento quantitativo dos jornais abaixo. De forma proposital, não seremos muito “ousados” ao tratar do comunismo, tendo em vista que o capítulo seguinte será específico sobre o anticomunismo.

### 2.3.1. “As Duas Faces de Satanás”<sup>127</sup>



Quando começamos a desenvolver este trabalho, uma das questões que achávamos relevantes era a determinação de qual era o principal inimigo da AIB, se era o liberalismo ou o comunismo e, se em algum momento um assume a posição do outro. Essa questão era relevante na fase inicial devido a um entrelaçamento de idéias e interpretações na leitura da obra de Héglio Trindade e das fontes integralistas. De acordo com sua pesquisa, o liberalismo teria um papel de destaque num primeiro momento, desde a formação da AIB até o surgimento da ANL e da Intentona Comunista.

A posição do integralismo face ao liberalismo está contida na palavra de ordem de seu chefe nacional num de seus primeiros livros doutrinários: “Guerra de morte à liberal democracia” [*O que é Integralismo*]. A hostilidade do integralismo na primeira fase do movimento é mais dirigida contra o liberalismo do que contra o socialismo. Este paradoxo se explica não somente porque a ideologia liberal é o

<sup>127</sup> Título de um dos capítulos do Livro *Páginas de Combate*, de Plínio Salgado. O texto aborda as duas principais “faces” do materialismo: liberalismo e comunismo. A imagem ao lado foi retirada do jornal *A Offensiva*, nº 57, 15/06/1935, p. 1.

adversário mais direto a combater, mas porque, na lógica interna da ideologia, o liberalismo é a causa do socialismo.

Esse parágrafo encerrava com a seguinte nota de rodapé, que define o posicionamento do autor no tocante a essa questão de periodização.

Nesta época, a ameaça comunista interna parece distante aos integralistas devido a pequena expressão política do Partido Comunista Brasileiro. O anticomunismo que se desenvolve então é muito mais a expressão de uma atitude reflexa diante da importância crescente dos movimentos socialistas europeus. Entretanto, o combate ideológico contra o socialismo torna-se importante após a Aliança Nacional Libertadora (A.N.L.) e a rebelião comunista de 1935.<sup>128</sup>

Discordávamos de forma veemente dessa leitura por duas razões. A primeira por ficar “presa” a um conceito fechado de anticomunismo, renegando, inclusive aquilo que os integralistas consideravam como comunismo. Como vimos anteriormente, os conceitos utilizados pelos integralistas eram extremamente maleáveis. Não havia necessidade de existir um partido de orientação socialista ou comunista para que “enxergassem” um foco de ação comunista em uma greve de trabalhadores, por exemplo, mesmo que os trabalhadores não possuíssem uma orientação “vermelha”. O simples fato de ter ocorrido uma “agitação” que fosse contrária à ordem, já podia ser considerada uma ação comunista. De acordo com a leitura de Trindade – a que vincula o anticomunismo à expressão política do PCB –, após a repressão aos rebeldes de 1935, quando os quadros do partido foram reduzidos drasticamente (pois estavam presos, exilados ou fora de ação), então o anticomunismo deveria diminuir, mas isso não ocorreu.

A segunda razão vincula-se aos dados objetivos que havíamos encontrado em nossas fontes de pesquisa. Basta ver os dados encontrados na “Tabela I”, que compreende a fase que Trindade apresenta como momento em que o antiliberalismo era

---

<sup>128</sup> TRINDADE, op. cit., p. 238.

superior ao anticomunismo. Nesse período, de acordo com nosso levantamento, as matérias anticomunistas representavam mais de 56% do total frente a apenas 26% das antiliberais. Além disso, o conteúdo das matérias anticomunistas era muito mais agressivo que as antiliberais, tendo em vista que desde 1934 já encontramos matérias que apontavam para a morte da Liberal Democracia.<sup>129</sup> Nessas matérias, o comunismo é apresentado como uma ameaça iminente, que estava se “enraizando” no Brasil. Ao concluir a pesquisa nos jornais, estávamos certos de que o anticomunismo era mais freqüente e importante que o antiliberalismo.

Em contrapartida, para fazer o levantamento e a caracterização dos inimigos do movimento integralista, Héglio Trindade utilizou principalmente as obras de autores integralistas. Como Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso, Olbiano de Mello e outros intelectuais do movimento. O passo seguinte de nossa pesquisa era o de analisar tais obras. Para nossa surpresa, os resultados encontrados na leitura dos livros não diferiram dos encontrados por Trindade. Os dados que encontramos eram contraditórios se fossemos levar em conta a pergunta de quem era o principal inimigo. Uma nova leitura das fontes nos permitiu levantar uma nova hipótese, a de que ambos eram “o” principal inimigo, só que em *esferas* diferenciadas.

A nosso ver, o “engano” de Trindade não foi a interpretação de suas fontes, e sim o fato de ter utilizado apenas um tipo de fonte, no caso, os livros, e de ter generalizado esse resultado para toda a produção do movimento integralista. “Engano” que também estávamos cometendo ao analisar apenas os jornais. Não devemos esquecer que a questão dos inimigos não era fundamental para o trabalho do autor, não podemos cobrar ousadia em uma questão pontual e secundária como essa no conjunto de seu

---

<sup>129</sup> Ver, por exemplo, a matéria “Ao repicar dos sinos”, na qual a morte da Liberal Democracia é tida como certa. “Não há bem que dure e nem mal que sempre ature, diz o sábio ditado, e no Brasil a liberal-democracia já está agonizando e muito em breve, para felicidade da nação, os ‘camisas-verdes’ farão repicar os sinos na passagem do cadáver do liberalismo!”. *A Voz D’Oeste*, Ribeirão Preto/SP, nº 14 28/10/1934, p. 1.

trabalho. Seria o mesmo que cobrar uma questão como organização do “Estado Integral” no trabalho que estamos realizando.

Como apontamos anteriormente, liberalismo e comunismo eram os principais inimigos em *esferas* diferentes: o liberalismo era o inimigo *teórico*, pois do ponto de vista teórico era o Estado e a estrutura liberal que deveriam ser superados pelo integralismo; enquanto o comunismo era o inimigo de *base* ou *doutrinário*, ou seja, era o principal inimigo para o militante de base, aquele que estava diariamente em conflito com os comunistas, socialistas, anarquistas, etc. O comunismo, para o militante de base, era muito mais palpável, era muito mais fácil de ser “demonstrado” a partir de exemplos práticos, colocando os comunistas como “desordeiros”, “grevistas”, “extremistas” e etc. do que uma estrutura de Estado, como a liberal.

### **2.3.1.1. Liberalismo: o inimigo teórico**

Como apontou Héglio Trindade em seu texto: “A importância atribuída ao anticomunismo no conjunto de textos ideológicos integralistas é paradoxalmente pequena comparada àquela do antiliberalismo”.<sup>130</sup> Nos livros teóricos do movimento integralista o liberalismo teve um papel de grande destaque se comparado aos demais inimigos.

O primeiro teórico do movimento a trabalhar a questão do liberalismo é o “Chefe Nacional”, Plínio Salgado. Embora não dedique nenhum trabalho específico ao combate contra o liberalismo, o antiliberalismo permeará toda a sua obra. Mesmo no período posterior a 1935, quando há um violento recrudescimento do discurso anticomunista, essa questão ainda se fará presente.

---

<sup>130</sup> TRINDADE, op. cit., p. 248.

Em *O que é Integralismo*, a liberal democracia é apresentada, como já vimos, como uma das expressões do materialismo. Segundo ele, essa ideologia pretendia “iludir as massas trabalhadoras, pela ostentação de um fundo moral, baseado na liberdade humana, na igualdade, na fraternidade, na possibilidade de cada um conseguir galgar por si as posições de conforto e de força, é em última análise, um critério *materialista*”.<sup>131</sup> Isso tornaria o Estado num “mero mantenedor da ordem pública”.

Este seria cada vez mais enfraquecido pela ordem liberal.

A liberal-democracia, proclamando a liberdade humana de um modo quase absoluto, criou um Estado fora e acima das lutas de indivíduos e grupos de indivíduos, um Estado meramente espectador da batalha econômica. Esse Estado se tornou cada vez mais fraco, sendo dia-a-dia, corroído pelas forças em conflito, de modo que não pode influir no sentido de efetivar a justiça social e o equilíbrio da produção e do consumo.<sup>132</sup>

A desordem no mundo seria uma decorrência do liberalismo, o caos social, tudo devido à falta de “força” do Estado Liberal.

O mundo está em desordem porque o Estado Liberal é fraco, é anêmico, é gelatinoso. É o Estado inerte, que assiste, de braços cruzados, a angustia das multidões esfaimadas e o desprezo dos chefes de indústria, dos agricultores, que não encontram capacidade aquisitiva suficiente, nas coletividades empobrecidas e nuas, para que possam comer e vestir. Estamos assistindo o incêndio dos estoques: o trigo, nos Estados Unidos; o café, no Brasil; os carneiros na Holanda e na Argentina: há tanta criança que tiritava de frio e tantas famílias sem um pedaço de pão!<sup>133</sup>

O integralismo, ao contrário da Liberal Democracia, seria a “única força capaz de implantar ordem, disciplina. A única força capaz de amparar o homem, hoje completamente esquecido pelo Estado liberal-burguês, como aniquilado e humilhado

---

<sup>131</sup> SALGADO, *O que é integralismo*, p. 32.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 44.

pelo Estado marxista soviético”.<sup>134</sup> Ao invés da democracia liberal, baseada no indivíduo e no voto universal, Salgado propunha uma nova forma de “democracia”:

Nós, integralistas, que pretendemos realizar a verdadeira democracia, que não é a liberal, mas a orgânica, em consonância com o ritmo dos movimentos nacionais, condenamos todas as formas de liberalismo, porque atentam contra a dignidade humana e conduzem as massas para a degradação, como conduzem o homem a animalização completa.<sup>135</sup>

Apesar de sempre estar presente na produção teórica de Plínio Salgado não é ele o principal teórico a tratar do liberalismo. De todos os pensadores, Miguel Reale foi o que mais se destacou à luta antiliberal. Como o texto de Trindade sobre o antiliberalismo deixa claro, Reale é o mais destacado dentre os anti-liberais integralistas. Esse fato coincide com nossa hipótese de que o liberalismo é o principal inimigo teórico do movimento, pois a obra de Miguel Reale tem como principal objetivo a organização e a definição do Estado integralista (“Estado Integral”). Este, por sua vez, só poderia se tornar preponderante frente a uma superação do estado varguista, considerado pelos integralistas como um “Estado Liberal”.

Na obra de Reale, a “combatividade” que permeia a de Plínio Salgado será minimizada frente à oposição de cunho teórico. O liberalismo é apresentado como um pensamento ultrapassado, enquanto a “ordem fascista” surge como uma vanguarda que preconizava o “pensamento novo”, do século XX.

Duas obras de Miguel Reale são fundamentais para compreender o anti-liberalismo do autor, ambas publicadas em 1934: *Formação da política burguesa*<sup>136</sup> e *O Estado Moderno*.<sup>137</sup> Nos deteremos aqui numa leitura mais aprofundada do segundo,

---

<sup>134</sup> Idid., p. 46.

<sup>135</sup> Ibid., p. 52.

<sup>136</sup> REALE, Miguel. *Formação da política burguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

<sup>137</sup> REALE, Miguel. *O Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

tendo em vista que esse trabalho de forma mais pontual os conceitos que pretendemos analisar.

No livro *O Estado Moderno*, o autor descreve as duas formas de Estado, apresentando as diferenças fundamentais de ambas. Dividido em quatro capítulos, analisa no primeiro (“Duas Épocas”) a questão da evolução do pensamento filosófico, partindo do liberalismo (“o naturalismo liberal”) e alcançando o fascismo (“o novo Humanismo”).

O autor inicia sua análise a partir do cientificismo do século XIX, que teria levado à degeneração do pensamento filosófico. Dessa forma, “os progressos da física e da química, o domínio cada vez maior sobre as forças naturais, acompanharam paradoxalmente a parábola ascendente do poder humano em relação aos fenômenos sociais”. Assim, teria ocorrido a imposição das ciências do mundo físico sobre as ciências morais. Esse cientificismo do século XIX teria sepultado o “esplendor do Humanismo e a apologia do destino humano” em relação a esses fenômenos sociais.<sup>138</sup>

O autor retorna ao século XVIII para analisar como esse pensamento se tornou preponderante. Critica os fisiocratas por abandonar as “premissas fecundas de Bacon e Galileu que penetraram no âmago da economia”. O erro desses autores teria sido o de atribuírem valores éticos às leis naturais que governam a sociedade: “Para Gournay ou Dupont de Nemours as leis naturais são as *melhores possíveis*, imutáveis, sempre benéficas, providenciais”.<sup>139</sup>

Essas leis gerariam um sistema harmônico de forças. Para que o homem pudesse alcançar a felicidade bastaria que encontrasse essas leis e as seguisse. Diante disso, Reale critica essa forma de Estado dos fisiocratas:

---

<sup>138</sup> Ibid., p. 11.

<sup>139</sup> Ibid., p. 12.



O Estado, que os fisiocratas desejam todo poderoso, não deve dirigir a sociedade para o alcance de um fim ético determinado, mas apenas velar pelas normas naturais com a religiosidade de uma Vestal: *O rei reina, mas a natureza governa*. A Política, dess'arte, deixa também de ser normativa para se transformar em ciência exclusivamente especulativa.

O fim é transferido em última análise, do homem para as coisas, para o próprio jogo dos processos naturais. As leis causais perdem o caráter “indiferente” para adquirir um fundo ético.<sup>140</sup>

E assim concluía o pensamento naturalista que dera origem à liberal democracia:

“São estes os postulados de naturalismo otimista que encontramos no fundo das teorias que geram a doutrina demo-liberal”. O Estado liberal, segundo ele, seria uma “excrecência”. Dentro dessa estrutura determinada pelo mundo físico e social, “o Estado se reduz a um mero depositário e defensor das leis encontradas. O direito perde o sentido criador para ser o reflexo sonâmbulo do viver social, simples sucessão de marcos indicando as etapas do progresso humano”.<sup>141</sup>

Diante desse “naturalismo liberal”, que suplantaria o humanismo da Idade Moderna, nos séculos XVIII e XIX, e abriria as portas para o “naturalismo socialista”, surgiria uma nova forma de humanismo, ou melhor, haveria um ressurgimento do humanismo sob nova forma, como uma reação da civilização ocidental.

Porque a guerra [I Guerra Mundial] terminou a obra dos filósofos, restituindo à Humanidade o espírito heróico, o desejo de rasgar novos horizontes. Todas as discussões travadas na exegese dos textos de Marx ficaram sem sentido; e o mosaísmo marxista foi se juntar ao formalismo liberal, completando o epitáfio de uma época. O Socialismo, com Henri de Man à frente, tentou inutilmente voltar à posição ética primitiva, opondo a doutrina da causalidade econômica a doutrina do finalismo socialista, como fixação de valores jurídicos e morais...<sup>142</sup>

Segundo ele, o “novo humanismo” não viria apenas de um movimento filosófico, e sim das condições de vida do século XX. E conclui afirmando que essa é a razão pela qual o “novo pensamento” não se fragmenta “entre a multiplicidade dos fatos

---

<sup>140</sup> Ibidem.

<sup>141</sup> Ibid., p. 13.

<sup>142</sup> Ibid., p. 38.

positivos, nem procura o regaço cômodo de um formalismo religioso para justificar a própria inércia”.<sup>143</sup> Logicamente, esse “novo humanismo” seria a ascensão das idéias fascistas logo após a guerra e que encontraria grande espaço na década de 1930.

O segundo capítulo (“O Estado Demo-Liberal”) foi dedicado à organização do Estado liberal-burguês. O autor discutirá as bases teóricas do liberalismo, principalmente a partir dos contratualistas, fisiocratas e manchesterianos. Além disso, discorrerá sobre estrutura jurídica e econômica do Estado liberal e a sua relação com o capitalismo<sup>144</sup>, analisando, finalmente, a questão do liberalismo no Brasil. Achamos que não há necessidade de fazer uma longa análise desse capítulo.

No terceiro capítulo (“O Fenômeno Fascista”), o autor, semelhante ao que fez com o liberalismo, analisa o fascismo, desde suas origens no socialismo sindicalista, sua organização e estrutura de Estado. Conclui analisando a obra de Mussolini, de forma bastante positiva:

Bem pouco teriam valido elas [teoria das elites dirigentes de Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto e do pensamento político de Croce, Gentile e Bergson]. Se não tivesse surgido o arquiteto genial para as aplicar em uma síntese formidável, sondando as profundezas do meio e calculando a resistência do material humano. Este homem foi Mussolini. Ele nos deu um modelo em contínua perfectibilidade, em perpétua revolução, refletindo todas as características essenciais da Nação itálica. O que Mussolini fez de mais extraordinário foi reatar a linha humanística rompida pelo naturalismo social, e conclamar a mocidade para viver intensa e heroicamente a vida.<sup>145</sup>

O autor dedica o último capítulo ao integralismo brasileiro, mais especificamente à organização do Estado Integral. Adaptando ao Brasil a luta entre o “naturalismo social” (principalmente o liberal frente ao socialista) e o “novo humanismo”, ou seja, entre o liberalismo e o fascismo.

<sup>143</sup> Ibid., p. 41.

<sup>144</sup> Essa relação será retomada posteriormente pelo autor na obra *O Capitalismo Internacional* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1935).

<sup>145</sup> REALE, op. cit., p. 172-173.

Esta leitura de Reale rompe com a de Plínio Salgado, segundo o qual haveria uma luta eterna entre “materialismo” e “espiritualismo”. Pelo que pesquisamos, é o único dos intelectuais a “ir contra” o pensamento do “Chefe Nacional”. Mesmo Gustavo Barroso, cuja obra é dedicada especialmente ao anti-semitismo mantém o postulado de seu mestre.

Além das obras de Plínio Salgado e Miguel Reale, outros autores integralistas também se dedicarão à luta antiliberal em suas obras. Em realidade, raramente encontraremos publicações teóricas do movimento sem que existam referências ao liberalismo.

A preponderância teórica do antiliberalismo não ficou restrita apenas aos livros. A revista *Panorama*, editada por Reale a partir de janeiro de 1936, dedicada à doutrinação teórica dos militantes mais eruditos da Ação Integralista, possui uma grande quantidade de textos voltada ao combate do liberalismo.

Utilizamos o período anterior à ANL e à Intentona para traçar a comparação entre anticomunismo e anti-liberalismo, pois o período posterior é caracterizado por uma radicalização completa do discurso anticomunista. Por essa razão, é que acreditamos que o esse período anterior é mais representativo para comparar a oposição às duas ideologias. Pois ambas as ideologias estão “em pé de igualdade”.

Por essa razão, acreditamos que o anti-liberalismo possui tanta importância quanto o anticomunismo na fase inicial do movimento integralista, mas em *esferas* de influência diferenciadas. Não sabemos se podemos colocar uma ou outra em maior expressão, o que podemos inferir, a partir dos dados que levantamos, é que o anticomunismo aparece em maior evidência, pois os jornais e revistas de doutrinação, destinados aos militantes de base, atingiam um público muito maior que as obras

teóricas, que possuíam um público muito mais restrito – a elite intelectual do movimento. A seguir discutiremos o inimigo *doutrinário*.

### 2.3.1.2. Comunismo: o inimigo doutrinário

Neste momento, não abriremos nenhuma grande discussão sobre o anticomunismo, pois o capítulo seguinte será destinado exclusivamente à análise desse fenômeno. Nos restringiremos a levantar questões que possuam relevância apenas para a questão do inimigo “teórico” e “doutrinário”.

A leitura das Tabelas I e II nos revela que o anticomunismo era o principal inimigo a ser combatido pelo militante de base do movimento. Em uma média aproximada de quatro matérias em que os inimigos eram citados, quase dois terços eram destinadas ao combate ao comunismo. A produção dos teóricos, em contrapartida, apontava para um lado oposto: o antiliberalismo. Mas não era apenas o conteúdo produzido para o público teórico e doutrinário que era diferenciado, e sim a produção dos teóricos levava em conta a diferença entre o seu público alvo, como mostra as tabelas abaixo.

TABELA IV – Obras de Plínio Salgado

nº de matérias: 47

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 23	71,86	Anticomunistas 16	42	50,60
Antiliberais 8	25	Antiliberais 14	39	46,98
Anti-semitas		Anti-semitas		
Antipluripartidárias		Antipluripartidárias 1	1	1,2
Anticapitalistas 1	3,24	Anticapitalistas 1	1	1,2
Total de matérias = 32	(100%)	Soma total = 83		(100%)

TABELA V – Obras de Miguel Reale  
nº de matérias: 19

<b>Matérias (1)</b>		<b>%</b>	<b>Referências (2)</b>		<b>Soma 1+2</b>	<b>%</b>
Anticomunistas	10	55,55	Anticomunistas	5	15	51,72
Antiliberais	7	38,88	Antiliberais	5	12	41,37
Anti-semitas			Anti-semitas			
Antipluralpartidárias	1	5,55	Antipluralpartidárias		1	3,44
Anticapitalistas			Anticapitalistas	1	1	3,44
Total de matérias	= 18	(100%)			Soma total = 29	(100%)

TABELA VI – Obras de Gustavo Barroso

nº de matérias: 17

<b>Matérias (1)</b>		<b>%</b>	<b>Referências (2)</b>		<b>Soma 1+2</b>	<b>%</b>
Anticomunistas	15	51,72	Anticomunistas	3	18	43,9
Antiliberais	5	17,24	Anti-liberais	5	10	24,39
Anti-semitas	9	31,03	Anti-semitas	3	12	29,26
Antipluralpartidárias			Antipluralpartidárias			
Anticapitalistas			Anticapitalistas	1	1	2,43
Total de matérias	= 29	(100%)			Soma total = 41	(100%)

As tabelas apresentam matérias publicadas nos jornais integralistas assinadas pelos três principais teóricos do movimento: Plínio Salgado (Tabela IV), Miguel Reale (Tabela V) e Gustavo Barroso (Tabela VI). A escolha desses intelectuais se deu por terem uma produção teórica significativa e também uma quantidade consistente de matérias que nos permitisse estabelecer uma relação entre o inimigo teórico e o doutrinário. Por essa razão, intelectuais como Olbiano de Mello e Olímpio Mourão Filho foram excluídos, pois embora possuíssem uma produção teórica consistente, não encontramos matérias suficientes para traçar um estudo comparativo.

Os dados revelam essa diferenciação. Salgado e Reale possuíam uma produção teórica consistente sobre o anti-liberalismo, em contrapartida, em seus textos em jornais o comunismo está em papel de destaque. Outro exemplo é Gustavo Barroso, cuja produção teórica é completamente voltada ao anti-semitismo, nos jornais dedica mais espaço ao comunismo.

A “lógica normal” nos levaria a pensar que a partir da produção teórica seria estabelecido o que seria transmitido ao militante. Foi o que levou Héglio Trindade a

estabelecer o padrão de que o que ele havia encontrado nos livros teóricos poderia ser aplicado para a produção destinada ao militante, assim como em um caminho inverso havíamos acreditado que o que encontramos nos jornais e revistas poderia ser aplicado à obra teórica. Contudo essa “lógica normal”, como vimos, não pôde ser aplicada.

Mas por que razão haveria essa diferenciação entre a produção teórica e a doutrinária?

Acreditamos que só poderemos chegar a uma explicação se compararmos os dados que encontramos com o de outras obras.

A leitura dos trabalhos de Carla Silva e Rodrigo Motta, a que já nos referimos anteriormente, nos revelou que o anticomunismo possuía grande repercussão na sociedade brasileira nos anos 1930. Isso nos leva a crer que o combate ao comunismo servia como elemento de aglutinação de membros para o movimento. Se cruzarmos esses dados com aqueles encontrados por Hélió Trindade, referentes às causas de adesão de militantes à AIB, veremos que os dados se complementam. Reproduziremos aqui os dados de seu estudo:

MOTIVAÇÃO DE ADESÃO À A.I.B. DOS DIRIGENTES E MILITANTES DE  
BASE<sup>146</sup>  
(em números absolutos)

1. Anticomunismo	65
2. Simpatia pelos regimes europeus	56
3. Nacionalismo	50
4. Oposição ao sistema político da época	39
5. Valores autoritários	24
6. Valores espirituais	23
7. Corporativismo	18
8. Desenvolvimento do país	13
9. Anti-semitismo	5

Apesar dos dados que possui, para Trindade:

---

<sup>146</sup> TRINDADE, op. cit., p. 161.

A “motivação” principal que ocasionou a adesão de cerca de dois terços dos integralistas é o anticomunismo. Considerando que a força política do P.C.B. foi muito secundária até o surgimento, em 1935, da Aliança Nacional Libertadora, grande parte da importância atribuída a este motivo provém provavelmente da inspiração anticomunista dos movimentos fascistas europeus.<sup>147</sup>

Para o autor a questão de o anticomunismo ter um papel preponderante não era devido à repercussão dessa ideologia na sociedade, e sim por influência do fascismo europeu. Nossa leitura é oposta à do autor. Não descartamos que a influência do fascismo tivesse importância no anticomunismo, contudo, acreditamos que o temor social gerado pelo “fantasma” do comunismo, cuja repercussão era muito forte na sociedade da época, tenha sido um fator importante para a adesão de membros na AIB.

Acreditamos que a causa do anticomunismo ter destaque nas publicações para o militante de base se dava por duas razões: a primeira é o temor do crescimento do comunismo no país (não esqueçamos que mesmo em grau inferior ao antiliberalismo, o anticomunismo está presente nas publicações teóricas do movimento); a segunda é a estratégia política, pois o anticomunismo era um elemento de mobilização social, principalmente nos setores médios da sociedade da época, onde se encontrava o maior número de militantes do movimento. Este discurso atraía vários simpatizantes temerários da “bolchevização” do país.

Além disso, a “satanização” do liberalismo era difícil de ser visualizada pelo militante de base. Embora o Estado brasileiro e o governo Vargas fossem apresentados como liberais, ao militante de base não ficava claro o porquê do combate ao liberalismo. O governo Vargas em nenhum momento se colocou em uma postura de oposição à Ação Integralista. As perseguições ao movimento se davam sempre regionalmente,

---

<sup>147</sup> Ibid., p. 160.

nunca a “nível” federal. Não conseguimos encontrar nenhum “símbolo” do liberalismo nas páginas dos jornais. No caso do comunismo, por exemplo, existiram vários “ícones” que eram exemplificados como exemplos comunistas: Stalin, Trotski, Luis Carlos Prestes, Olga Benário e Harry Berger, URSS, Komintern, etc.

Além disso, não esqueçamos dos constantes choques de militantes integralistas com militantes de esquerda, sempre enquadrados como “comunistas”. Ou seja, era o militante de base que combatia na “linha de frente” contra o comunismo. Por essas razões, é que o comunismo era o inimigo do militante, o inimigo “doutrinário”.

O liberalismo, por sua vez, tinha mais força quando combatido nos meios intelectuais, numa oposição entre a estrutura corporativa de Estado, entre o Estado Integralista/Fascista contra o Estado Liberal. Por essa razão, o liberalismo ficava mais restrito como o inimigo “teórico”.

### **2.3.2 Inimigos inferiores: judaísmo, maçonaria e positivismo**

De acordo com os dados da Tabela III (p. 90) as matérias anti-semitas, anticapitalistas e anti-maçônicas representavam aproximadamente 10% do total. Desconsideramos o positivismo como ameaça ao movimento, tendo em vista que encontramos apenas uma matéria e três referências antipositivistas, representando apenas 0,34% do total. O conteúdo desses textos foram centrados em dois tópicos: crítica à República Velha (em analogia ao liberalismo) e mais como expressão do materialismo do século XIX.

Com exceção do anti-semitismo, que possuía uma lógica própria de “funcionamento”, tanto o anticapitalismo como a antimaçonaria estavam vinculados a



outras ideologias. O capitalismo aparecia vinculado ao liberalismo e a maçonaria vinculada ora com o comunismo ora com o judaísmo.

### **2.3.2.1. O Perigo Judaico: Os “Protocolos” para a dominação mundial**

O Anti-semitismo não é um tema que seja consensual entre os ideólogos integralistas.<sup>148</sup> Dentre os ideólogos do integralismo, Gustavo Barroso foi o principal difusor das idéias anti-semitas, sua obra é praticamente voltada para a questão “judaica”, contudo, sua obra não possui o caráter teórico de Plínio Salgado e Miguel Reale.

Embora a maioria dos ideólogos do integralismo criticassem a posição de Barroso em relação ao “problema judeu”, invariavelmente não renegavam a “questão judaica”, e sim o radicalismo em que Gustavo Barroso baseava seu anti-semitismo. Pode-se afirmar, ainda, que em maior ou menor grau, todas as correntes do integralismo apontavam para a questão judaica, seja como “conspiração” mundial promovida pelos judeus para a dominação do mundo (como afirmava Barroso), ou apenas como membros da especulação internacional de capitais (como a encontramos em citações de Plínio Salgado e Miguel Reale).

Aparentemente estas diferenças “teóricas” sobre a questão judaica não geravam desarmonia entre a posição de Barroso e os demais intelectuais. Trindade aponta a publicação de um texto de Plínio Salgado, que faz frente ao radicalismo de Barroso, em que desconsidera o anti-semitismo dentro do integralismo.<sup>149</sup> Contudo, Gustavo Barroso continua publicando obras com conteúdo anti-semita. Na mesma época da “carta aberta” de Salgado em que supostamente vai contra o radicalismo de Barroso, são publicados

---

<sup>148</sup> TRINDADE, op. cit., p. 252.

<sup>149</sup> Ibidem.

textos no jornal *A Offensiva* com conteúdo explicitamente contra os judeus.<sup>150</sup> Além disso, Salgado publica uma matéria em que faz referências aos *Protocolos dos Sábios de Sião*, traduzido por Barroso.

Mas como já afirmamos, Gustavo Barroso é o principal anti-semita do movimento. Roney Cytrynowicz nos dá uma visão sobre o posicionamento deste líder integralista:

O anti-semitismo é elemento central presente de forma central nos textos integralistas de Barroso. A denúncia contra uma suposta conspiração que dominaria o mundo e manipularia todos os acontecimentos repete-se permanentemente em quase todos os livros dele no período. Mais do que comparecer como mais um tema, como o anticomunismo e anticapitalismo, a idéia da conspiração é o que dá nexos, inteligibilidade às idéias de Barroso.<sup>151</sup>

Em quase todos os livros e artigos publicados por Barroso durante o período em que foi membro da AIB (1933-1937), aparecem referências a essa suposta conspiração judaica e também ataques do autor aos judeus. Além disso, Gustavo Barroso foi o tradutor do livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião*<sup>152</sup>, considerado a “bíblia” anti-semita, que tem por tema básico a hipótese da conspiração judaica para dominar o mundo.

Esse livro foi editado no final do século XIX, pela polícia do Czar da Rússia. É dirigido à direita russa, à aristocracia fundiária contra as reformas modernizantes do Czar da Rússia. Os “Protocolos” pretendem ser um documento apresentado por uma organização judaica secreta a uma reunião de judeus. Seus capítulos supostamente detalham os meios que devem ser utilizados para conseguir o domínio do mundo. Os

---

<sup>150</sup> O texto citado por Trindade foi publicado sob título de “Trecho de uma carta: em 24 de abril de 1934” na revista *Panorama*, nº 4-5, abril-maio de 1936, p. 3-5. O jornal *A Offensiva* era o principal órgão jornalístico da AIB, tinha circulação diária (desde 1935) e era o único jornal de informação geral publicado nacionalmente. Tinha a coordenação de Plínio Salgado.

<sup>151</sup> CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 7.

<sup>152</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. São Paulo: Minerva, 1936.

primeiros nove capítulos são uma “descrição” dos métodos a serem empregados através da economia, da política, da ciência e da imprensa. Os outros quinze capítulos mostram como seria o mundo sob esse “controle judaico”.<sup>153</sup>

A tradução feita por Barroso, a partir da versão do escritor francês Roger Lamberlin, acrescenta três partes aos “Protocolos” originais: “A autenticidade dos ‘Protocolos dos Sábios de Sião’, por W. Creutz”, “O perigo judaico, por Roger Lanberlin” e “O grande processo de Berna sobre a autenticidade dos ‘Protocolos’ – Provas documentais por Gustavo Barroso”.

No capítulo acrescido por Barroso, o autor defende a autenticidade do documento, atacando e acusando aqueles que duvidassem da autenticidade dos “Protocolos”. “A autenticidade dos ‘Protocolos’ não pode ser impugnada por perícia alguma, salvo que seja feita por judeu ou pessoa de má fé”.<sup>154</sup>

Barroso, para provar a autenticidade do documento, utiliza os acontecimentos mundiais ocorridos entre 1901 e o período de sua tradução como comprovações de suas afirmações.<sup>155</sup>

Ora, basta ler os ‘Protocolos’ e passar em revista os acontecimentos mundiais daquela data até hoje para se ver que todos coincidem com o que está escrito. Como os ‘Protocolos’ não podiam adivinhar o que se ia passar, sobretudo a guerra e o desemprego, é lógico que tudo isso foi preparado pelos judeus.<sup>156</sup>

Não há necessidade de prosseguir apresentando dados apresentados pelo autor, pois eles seguem a lógica de que “tudo que for contra os ‘Protocolos’ é uma ação

---

<sup>153</sup> CYTRYNOWICZ, op. cit., p. 9-11.

<sup>154</sup> BARROSO, op. cit. p. 53.

<sup>155</sup> Dentre esses supostos problemas causados pelos judeus podemos citar a Primeira Guerra Mundial, as Revoluções Russas, as crises do entre-guerras, principalmente a Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, como exemplo da guerra, do fantasma comunismo e da crise do liberalismo como comprovação das palavras que haviam sido “profetizadas” nos “Protocolos”.

<sup>156</sup> BARROSO, op. cit. p. 53.

judaica e por isso não merece crédito”. O que interessa desta obra é a influência que exerceu sobre Gustavo Barroso em toda a sua produção literária nos anos de 1930, principalmente na questão da “conspiração para a dominação mundial” por parte dos judeus.

Para Gustavo Barroso, tanto o comunismo quanto o capitalismo, eram táticas utilizadas pelos judeus para destruir a pátria e os valores cristãos, ou seja, não passariam de ardis criados pelo suposto complô judeu para dominar o mundo.

No livro *A palavra e o pensamento integralista*<sup>157</sup>, Barroso nos mostrou sua visão sobre o comunismo.

O comunismo marxista não passa hoje de simples doutrina de exportação, propagada por alguns judeus em vários países com o fito de levá-los à ruína e à desordem, como se vê em Cuba. Enquanto isso, os especuladores vão ganhando nas altas e baixas das bolsas e da produção, sem a menor piedade para os cristãos espoliados, até que se estabeleça a famosa ‘ditadura do proletariado’, por traz do qual o capitalismo judaico, tornado capitalismo de Estado, exercerá o poder.<sup>158</sup>

Coloca como inimigos do povo e da civilização ocidental o liberalismo, o capitalismo internacional e principalmente o comunismo em conjunto com o suposto complô judeu e maçom.

Mas qual era a origem do comunismo? Para Gustavo Barroso, era uma questão de “escala evolutiva”:

Existe o comunismo porque o socialismo o permitiu; que o socialismo apareceu porque o liberalismo lhe abriu as portas; que o liberalismo nasceu do enciclopedismo e o enciclopedismo veio da reforma e do renascimento [...]. E sabe mais que, na raiz desta árvore genealógica da filosofia moderna,

---

<sup>157</sup> BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 13

em função das organizações político sociais, está oculto o sapo do judaísmo, babando a baba destruidora sobre o mundo cristão.<sup>159</sup>

Ou seja, para a “corrente” do integralismo de Barroso, a origem de todos os “males que afligem o mundo” cristão é o judaísmo, que a partir dos seus “tentáculos” exerceriam a sua influência “malévola” pelo mundo.

Os “malévolos” judeus supostamente estavam sempre agindo nas sombras contra o povo cristão e contra o Brasil, sempre ligados à destruição, a guerras e a crimes. Criava-se todo o imaginário do perigo judeu. Acusava-se as ações comunistas como tendo sido arquitetada por judeus, como é o caso da “Intentona Comunista” em 1935, da qual “pode-se aduzir o libelo do ministro Goebbels, que o chefe de Luis Carlos Prestes, de Agildo Barata e dos revolucionários de novembro de 1935, no Brasil, era o judeu Harry Berger”.<sup>160</sup>

Além de Barroso, uma parte significativa dos integralistas considerava que todos os adversários do integralismo formavam um bloco sob a dominação judaico-comunista. Essa tendência “anti-semita/anticomunista” embora não seja dominante entre os teóricos do integralismo por razões de princípio ou tática política, era, no entanto, muito difundida entre os militantes de base em função da simplicidade de seu esquema explicativo: desde as revoluções francesa e soviética, até o controle das finanças internacionais, tudo era dirigido pela ação judaica.<sup>161</sup> O pensamento de Barroso não é predominante no conjunto teórico do movimento, mas podemos encontrar intelectuais influenciados por sua obra, como é o caso de Anor Butler Maciel, no Rio Grande do Sul, e Oswaldo Gouvêa, no Rio de Janeiro.

---

<sup>159</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil colônia de banqueiros – História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.

<sup>160</sup> MACIEL, Anor Butler. *Nacionalismo – o problema judaico e o nacional socialismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937, p. 78.

<sup>161</sup> TRINDADE, op. cit., p. 228.

Nos jornais, o anti-semitismo representou 8,17% das matérias e referências. Embora esse dado não seja expressivo se comparamos com antiliberalismo e anticomunismo, ele está presente, mesmo que de forma diluída em todos os títulos de jornais.



Grande parte das matérias seguem o “padrão” da obra teórica de Barroso, sobre a conspiração para dominação mundial. Contudo, a forma mais comum que encontramos foi a vinculação do judaísmo à questão do cinema, principalmente o norte-americano. O autor do livro *Os judeus do cinema*, Oswaldo Gouvêa teve um papel de destaque nos principais jornais integralistas, como *A Offensiva*, *A Razão e Século XX*, onde possuía uma coluna de uma página inteira, além ter a propaganda de sua obra publicada de forma sistemática.

Dentre os órgãos de imprensa integralistas, aquele que teve a maior influência anti-semita foi o jornal *Século XX*, do Rio de Janeiro, com circulação apenas local. Gustavo Barroso é o autor de muitos textos, assim como Oswaldo Gouvêa.

### 2.3.2.2. A maçonaria e o capitalismo internacional

Por representarem uma parte ínfima das matérias contra os inimigos da AIB não abriremos ampla discussão sobre a maçonaria e sobre o capitalismo internacional.

Em relação à maçonaria, o mais importante a ser frisado é o fato de ser muitas vezes vinculado como instrumento de outras ideologias, como é o caso do judaísmo e do comunismo.

Nos textos teóricos, principalmente da “corrente” anti-semita de Gustavo Barroso, a maçonaria aparece ligada à conspiração judaica, como mais uma das organizações secretas de “Israel”.

Nos jornais, os textos apontam para duas vias: a primeira segue esse padrão e a segunda coloca a maçonaria como arma utilizada pelos comunistas para se infiltrar na sociedade.

Apesar dos dados apontarem um número de matérias sobre a maçonaria maior que o capitalismo internacional, esses dados devem ser relativizados. Das dezessete matérias antimaçônicas que encontramos, dezesseis estavam concentradas em jornais de duas cidades: Curitiba, no Paraná e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.<sup>162</sup>

Não conseguimos chegar a uma explicação baseada em dados empíricos para conseguirmos compreender o porquê dessa concentração de matérias. O que podemos supor é que poderia haver lojas maçônicas de influência nessas cidades, o que justificaria esse apelo antimaçônico desses jornais. Contudo não temos como comprovar tal afirmação.

Em relação ao anticapitalismo a incidência nas matérias é bastante restrita. O capitalismo, quando criticado, restringe-se ao capitalismo externo e não interno. Trindade já havia apontado essa questão em seu trabalho:

A posição do integralismo diante do sistema capitalista apresenta uma ambigüidade fundamental. Os textos dos principais teóricos utilizam uma linguagem, muitas vezes, fortemente anti-capitalista, ao mesmo tempo que a organização econômica proposta pela ideologia não põe em questão os princípios básicos do sistema. A única dimensão do capitalismo condenada por todos é o capitalismo financeiro internacional.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> Dados referentes ao levantamento quantitativo de matérias. No jornal *Século XX* também encontramos matérias antimaçônicas, mas devido ao fato de não termos feito uma leitura extensiva desse periódico não o utilizamos na caracterização.

<sup>163</sup> TRINDADE, op. cit., p. 243-244.

Neste ponto, mais uma vez encontramos diferenças entre o teórico e o doutrinário. Enquanto na produção teórica o capitalismo internacional possui um considerável destaque, principalmente na obra de Reale – que dedica um livro inteiro ao estudo do capitalismo<sup>164</sup> – e Plínio Salgado, que em alguns momentos coloca o capitalismo internacional no mesmo “patamar” de periculosidade do comunismo<sup>165</sup>, não encontramos esse reflexo nas páginas dos jornais. Ou seja, a incidência de matérias anti-capitalistas não é proporcional à produção teórica.

Isso nos leva a crer que para o militante de base a questão do combate ao capitalismo não possuía muita importância. Talvez isso se devesse ao fato de o anticapitalismo ser uma característica dos “comunistas”, como se apontada na época,. Esta suposição, ao nosso ver, tem certo fundamento, se levarmos em conta que das poucas matérias anticapitalistas que encontramos, muitas buscavam estabelecer semelhanças e diferenças entre o comunismo e o capitalismo, numa forma de exemplificar ao militante o porquê da luta contra o capitalismo.

---

<sup>164</sup> REALE, Miguel. *O Capitalismo Internacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

<sup>165</sup> Ver: SALGADO, A *doutrina do Sigma*. p. 103-120.



## **CAPÍTULO III**

### **O combate à “hidra vermelha”: o anticomunismo integralista**

### **CAPÍTULO 3 – O COMBATE À “HIDRA VERMELHA”: O ANTICOMUNISMO INTEGRALISTA**

A questão do combate ao comunismo esteve intimamente ligada à estrutura de imprensa montada pela AIB. Mesmo os choques entre integralistas e antifascistas (sempre enquadrados como “comunistas”) não possuíam amplitude social tão grande quanto a “visibilidade” do anticomunismo que aparece nos jornais do movimento. Não devemos nos esquecer que a AIB não foi a única difusora de tais idéias, mas que teve papel destacado em sua propagação. A postura de oposição ao comunismo atraiu vários adeptos para suas fileiras, assim como garantiu uma excelente inserção social nos anos 1930, fato que chama a atenção, principalmente se levarmos em conta as dificuldades de mobilização social da época.

Por essa razão, nosso estudo do anticomunismo estará ligado a sua propagação através da palavra impressa: o livro, a revista e o jornal. Começaremos analisando a imprensa integralista, posteriormente discutiremos cada uma das fontes, buscando, quando possível, traçar um paralelo entre elas. Analisaremos em seguida alguns “ícones” do anticomunismo integralista, a partir daquilo que encontramos em nossas fontes. Esses “ícones” tinham por objetivo servir como exemplo de como o comunismo se manifestava para o militante de base. Por fim buscaremos analisar o anticomunismo como forma de inserção social e a partir daí a busca de outros espaços de intervenção na sociedade.

### 3.1. A imprensa integralista

Antes de começarmos a estudar o anticomunismo integralista acreditamos que seja imprescindível analisar os mecanismos utilizados para esse combate. A imprensa, ao nosso ver, é o principal desses instrumentos. Neste momento nos deteremos em fazer uma análise pontual sobre a questão da imprensa para posteriormente analisarmos a questão central: o anticomunismo. Neste ponto retomaremos alguns dados apresentados no capítulo anterior.

Como vimos no primeiro capítulo, a AIB já foi objeto de estudo de uma série de pesquisas na área das Ciências Humanas desde a década de 1970. Dentre todos esses trabalhos é muito difícil encontrar um que não utilize a imprensa – ou melhor, a palavra impressa (jornais, revistas, livros, folhetos, etc.) – como uma de suas fontes de pesquisa.<sup>166</sup> Desses trabalhos, porém, apenas um teve preocupação em sistematizar a estrutura de imprensa desenvolvida pelo movimento integralista em seu curto período de existência legal. Nos referimos à tese de doutoramento de Rosa Cavallari. Embora não seja um trabalho restrito à imprensa, apresenta um capítulo específico sobre o assunto (Capítulo 2 – “O impresso integralista: o jornal e o livro”). Segundo a autora:

A palavra impressa, isto é, o livro e o jornal, ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela A.I.B. Era, principalmente por seu intermédio que a doutrina integralista chegava ao militante. O livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças a sua materialização através do jornal.

O jornal desempenhava, assim, a função de atualização e popularização do “corpus teórico” integralista junto aos militantes.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> A única exceção que encontramos até o presente momento foi a dissertação de mestrado de Ivo dos Santos já citado anteriormente.

<sup>167</sup> CAVALARI, op. cit., p. 79.

De forma geral concordamos com esse ponto de vista. Acreditamos que o objetivo dessas fontes era o de discussão teórica (livros e revistas teóricas) e doutrinação (jornais, revistas de informação geral e livros doutrinários). Contudo não podemos estabelecer uma ligação direta entre a produção teórica e a sua reprodução nos jornais. Pelo menos essa não é uma regra geral. Como discutimos no capítulo anterior, havia diferenças entre o que era produzido pelos teóricos e o que chegava ao militante de base, tendo inclusive os intelectuais escrito de forma diferente para os públicos diferenciados.

Também não podemos deixar de registrar que a autora generalizou a utilização do jornal e do livro e, ao mesmo tempo, negligenciou a utilização das revistas integralistas na difusão tanto da “teoria” quanto da “ideologia” integralista. Havia, por exemplo, livros destinados ao militante de base, em que a teoria era apresentada de forma simples e bastante acessível, como é o caso das obras *O que é integralismo*, de Plínio Salgado<sup>168</sup>, *O que o integralista deve saber* de Gustavo Barroso<sup>169</sup> e *Palavras aos integralistas* de Miguel Reale.<sup>170</sup>

As revistas integralistas, por sua vez, podiam ter dupla função: veicular as diretrizes dos teóricos e também popularizar o ideário integralista. Como exemplo desses periódicos citamos as revistas *Panorama*, que era voltada à elite do movimento, e *Anauê!*, que era voltada para o grande público.

A Offensiva [jornal] e a revista Anauê! são hoje as maiores e mais eficazes veículos de propaganda do Sigma. Cumpre tornar também a revista Panorama tão conhecida como a sua irmã Anauê!, dirigida pelo grande Reale, é uma revista de alta cultura, que reflete admiravelmente o Pensamento Novo. Escola de estadistas, Panorama é uma publicação que não pode ser desconhecida pelos que estudam e se interessam pelos problemas da Pátria.<sup>171</sup>

---

<sup>168</sup> Rio de Janeiro: Star, 1933.

<sup>169</sup> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

<sup>170</sup> Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

<sup>171</sup> Revista *Anauê!* n° 8, ano I, p. 24.

Assim não apenas os livros e os jornais eram os mecanismos impressos de difusão ideológica, como também as revistas – e ainda poderíamos citar folhetos e panfletos, pois devido ao seu baixo custo de produção, eram produzidos em grande quantidade e distribuídos nos núcleos.<sup>172</sup>

Nos deteremos mais na análise feita pela autora referente aos jornais produzidos pelo movimento. Para Cavalari o jornal tinha como objetivo transmitir a doutrina do movimento de forma uniforme. Assim “os jornais do interior, aqueles que chegavam até o militante mais distante, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do Movimento. No caso São Paulo e Rio de Janeiro”.<sup>173</sup>

Os jornais do interior, devido ao fato de terem a função de “reproduzir” os jornais dos grandes centros, não apresentariam informações locais, afora colunas sociais. E então não se conseguiria diferenciar um jornal do nordeste de um do sul do Brasil.

A partir da análise que fizemos em jornais integralistas, divergimos de alguns pontos dessas informações. Os jornais do interior não apresentavam uma mera reprodução dos jornais dos grandes centros. Embora reproduzissem a ideologia integralista, esta se dava a partir da leitura feita por esses militantes locais (pela escolha subjetiva desses indivíduos). A maior parte das matérias assinadas que encontramos em nossas pesquisas era de membros dos núcleos que produziam os jornais, e quando reproduziam uma matéria de outro jornal, apresentavam a citação. A exceção a essa regra se dá quando apresentam trechos de obras dos intelectuais do movimento –

---

<sup>172</sup> Em seu depoimento Breno Thomé, ex-militante integralista e professor em um núcleo distrital afirmava que utilizava material do movimento para alfabetizar os colonos, sendo estes principalmente folhetos e panfletos. Ver: FLACH, Ângela; MILKE, Daniel Roberto; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Depoimento de Breno Alberto Thomé*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 2002, p. 22.

<sup>173</sup> CAVALARI, op. cit., p. 79.

principalmente Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso –, mesmo assim, raramente encontramos textos desses autores reproduzidos em mais de um jornal, o que nos leva a crer que a seleção das citações era feita pela direção do jornal (e essa também seria feita a partir de uma escolha subjetiva).

Se compararmos os dados que levantamos sobre os inimigos, veremos que a contraposição entre o jornal *A Offensiva* (Tabela VII), jornal de circulação nacional, e os jornais regionais (Tabela VIII), veremos que há diferença entre o que era veiculado regionalmente e nacionalmente.

TABELA VII  
Jornal *A Offensiva* (Rio de Janeiro/RJ)

TABELA 1933-1937		n° de exemplares: 48		n° de matérias: 369	
Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%	
Anticomunistas	247	79,16	Anticomunistas 97	344	65,27
Antiliberais	41	13,14	Antiliberais 82	123	23,33
Antimaçônicas	1	0,32	Antimaçônicas 2	3	0,56
Anti-semitas	18	5,76	Anti-semitas 22	40	7,59
Anti-pluripartidárias			Anti-pluripartidárias 1	1	0,18
Anticapitalistas	4	1,28	Anticapitalistas 11	15	2,84
Antipositivistas	1	0,32	Antipositivistas	1	0,18
Total de matérias	= 312	(100%)	Soma total = 527	(100%)	

TABELA VIII

Jornais Regionais: *A Voz D'Oeste* (Ribeirão Preto/SP), *O Nacionalista* (Araraquara/SP), *A Voz D'Oeste* (São Paulo/SP), *Anauê!* (Jaú/SP), *A Razão* (Curitiba/PR), *O Integralista* (Curitiba/PR), *A Voz do Sigma* (Bagé/RS), *O Bandeirante* (Caxias do Sul/RS), *Anauê!* (Belo Horizonte/MG), *Ação* (Recife/PE).

TABELA 1933-1937		n° de exemplares: 155		n° de matérias: 475	
Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%	
Anticomunistas	238	59,94	Anticomunistas 92	330	51,96
Antiliberais	93	23,42	Antiliberais 102	195	30,70
Antimaçônicas	16	4,03	Antimaçônicas 3	19	2,99
Anti-semitas	27	6,8	Anti-semitas 28	55	8,66
Anti-pluripartidárias	13	3,27	Anti-pluripartidárias 1	14	2,2
Anticapitalistas	10	2,51	Anticapitalistas 9	19	2,99
Antipositivistas			Antipositivistas 3	3	0,47
Total de matérias	= 397	(100%)	Soma total = 635	(100%)	

A diferença relativa ao anticomunismo chega a aproximadamente 20%, enquanto sobre o anti-liberalismo chega a 10%. Se houvesse uma transposição direta do grande centro para os jornais regionais, como aponta a autora, o resultado deveria ser semelhante e não tão díspar com encontramos em nossas fontes.

Outro ponto em que divergimos da autora se localiza na afirmação de os jornais do interior não apresentarem informações locais. Nas fontes que pesquisamos, as questões locais influenciam nas edições. Como por exemplo nos jornais do Rio Grande do Sul, *A Voz do Sygma* de Bagé e *O Bandeirante* de Caxias do Sul exploram amplamente o episódio da repressão policial a uma atividade do movimento em São Sebastião do Caí, que acarretou a morte de um “camisa-verde”. Ou ainda o apelo ao operário nas matérias do jornal *O Bandeirante*, que não aparece no jornal *A Voz do Sygma*. Já no jornal *A Razão* de Curitiba no Paraná, além da questão sobre a maçonaria – mencionado em vários exemplares e que discutimos no capítulo anterior –, exploram amplamente o fato da repressão ao integralismo no Estado de Santa Catarina, enquanto jornais de São Paulo, do Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo pouco mencionam a respeito. Dentro da mesma lógica, poderíamos citar vários exemplos.

Para Rosa Cavaleri, havia dois objetivos para a imprensa integralista, o primeiro seria a doutrinação e o segundo seria a doutrina ser transmitida de forma uniforme.<sup>174</sup>

Concordamos com o fato dos jornais terem a função doutrinária, mas no segundo ponto, referente à doutrina ser transmitida de fato uniforme, já apresentamos dados que vão de encontro a esse ponto de vista. Além disso, há um outro fato que, ao nosso ver, vai contra tal afirmação, o da doutrina integralista não possuir uma unidade ideológica teórica plenamente definida. Embora houvesse pontos de convergência entre os

---

<sup>174</sup> Ibid., p. 82.

principais intelectuais do movimento, havia pontos em que divergiam. Por exemplo, o anti-semitismo, que encontrava em Gustavo Barroso sua maior expressão, não possuía grande destaque na obra de Miguel Reale e de Plínio Salgado. Assim como a questão teórica do Estado Corporativo presente em Miguel Reale não aparecer com tanta frequência em Salgado e Barroso, e assim por diante. Além disso, acreditamos que havia ainda um terceiro objetivo na imprensa integralista, que é o de difusão ideológica. Ou seja, não era apenas para doutrinar o militante que servia essa estrutura de imprensa, também servia para expandir a influência do movimento na sociedade, atraindo assim mais militantes e simpatizantes.

Para a autora, ainda havia uma uniformidade, um padrão rígido, um *sentido único*:

O sentido único das publicações integralistas pode ser entendido como sendo dotado de uma dupla natureza: único no sentido de veicular as mesmas idéias, mas único também no sentido de obedecer à mesma forma de diagramação, aos mesmos dispositivos topográficos. Havia, portanto, uma padronização da imprensa integralista tanto com relação ao conteúdo que veiculava, quanto com relação à forma que era dada a ler.<sup>175</sup>

Com o objetivo de manter esse *sentido único*, os integralistas criaram uma série



de mecanismos. Segundo a autora um deles era a *Sigma Jornais Reunidos*<sup>176</sup>, que de acordo com os dados oficiais (integralistas) era um grande consórcio jornalístico que abarcava mais de oitenta e oito jornais. Contudo precisamos fazer uma análise desses oitenta e oito jornais (baseado na amostragem que possuímos). A maioria dos jornais era

mantida pelos núcleos municipais e provinciais (estaduais), que possuíam poucos

<sup>175</sup> Ibid., p. 83.

<sup>176</sup> A propaganda da Sigma Jornais Reunidos foi retirado do jornal *A Razão* de Curitiba. (nº 24, 17/10/1935, p. 5).



recursos, e em sua maioria duravam um curto período (provavelmente porque faltava capital para sustentar os custos de produção), fechavam e depois surgia outro em seu lugar. Por exemplo, em Porto Alegre três jornais se sucederam entre 1934 e 1937: *O Integralista* (1934-35), *A Lucta* (1935-36) e *Revolução* (1936-37). Por isso, o *grande consórcio* deve ser relativizado, porque não era uma empresa que mantinha uma organização central como os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Outro mecanismo utilizado para manter o *sentido único* era a Secretaria Nacional de Imprensa, que possuía poder de censura diante dos jornais, mesmo assim acreditamos que fosse difícil manter um controle muito rígido sobre os jornais dos locais mais distantes do país, principalmente pelas dificuldades de comunicação da época. Além disso, para fazer uma censura e padronizar rigidamente todos os periódicos do movimento iria requerer uma estrutura que a Ação Integralista Brasileira não possuía, embora procurassem sempre apresentar o movimento como um “organismo perfeito”.

Concordamos com a autora na afirmação de haver uma padronização de diagramação da imprensa integralista. Mas também esse padrão não é totalmente rígido, se compararmos os jornais de diferentes regiões do país – e às vezes de um mesmo Estado – podemos notar peculiaridades em cada jornal, que variavam desde pequenas diferenças gráficas, até as seções internas.

Em resumo, a imprensa integralista acima de tudo era *militante*, tinha objetivos tanto doutrinários, ou seja, de doutrinação ideológica do militante de base, quanto também de difusão ideológica, no caso, voltada à expansão da ideologia integralista na sociedade. Esse fato se explica pela estrutura dos jornais serem destinados a um público mais amplo, não ficando restrito aos integralistas. Nos jornais encontraremos seções de cultura, esporte e lazer, cinema, colunas sociais, etc.

A doutrina é transmitida ao militante através do jornal (e da revista), mas não é uma simples transposição da ideologia criada pelos teóricos. Ela é reestruturada para tornar-se mais “palpável”, ela é adaptável e maleável aos interesses do movimento. Ao mesmo tempo, ela já chega “digerida” ao militante, ela não permite a reflexão. Os textos publicados nos jornais não apontam para o diálogo e sim para a aceitação. O que está publicado deve ser considerado verdade absoluta. Não encontramos nos jornais pesquisados, seções de cartas dos leitores, por exemplo. Não há discussão.

Outro fato interessante está relacionado ao “Chefe Nacional”: enquanto seguidamente encontramos obras de Gustavo Barroso e Miguel Reale sendo comentadas nas páginas dos jornais, as de Plínio Salgado não (pelo menos dentre os jornais que pesquisamos). A possível interpretação para esse “fenômeno” está no fato de que a “voz” do “Chefe” não poderia ser questionada, o que entra na questão da disciplina.

Ao leitor cabe apenas aceitar e seguir os “ensinamentos”, e não questioná-los. O militante vê que apenas os líderes regionais e municipais dialogam com as principais lideranças (como Barroso e Reale), mas que ninguém pode questionar ao “Chefe Nacional”.

Dentro desta estrutura que o comunismo vai ser combatido, como veremos abaixo.

### **3.2. O anticomunismo nas publicações integralistas**

Como vimos anteriormente, o anticomunismo possui grande repercussão social nos anos 1930 e, está presente em larga escala nas publicações do movimento integralista. Era o inimigo *doutrinário* que deveria ser combatido de forma prioritária pelo militante de base.

Neste ponto nos dedicaremos a analisar o anticomunismo presente nas publicações integralistas nos três principais mecanismos da imprensa integralista: o livro, a revista e o jornal.

### 3.2.1. Anticomunismo nos livros

Já dissemos que o anticomunismo presente nos livros possui um papel secundário frente ao liberalismo na fase inicial do movimento, tendo relativo crescimento após novembro de 1935. O que não discutimos foi o conteúdo dessa produção.

Dividimos, arbitrariamente, os livros em dois tipos: *divulgação doutrinária* e *produção teórica*. Essa divisão foi feita apenas para que possamos visualizar melhor tais obras, pois a fronteira entre a divulgação doutrinária e o teórico é bastante tênue quando analisamos a produção integralista.

Um exemplo disto está nas obras dos principais líderes do movimento, e aqui, mais uma vez, traçamos um paralelo entre Salgado, Reale e Barroso. Embora pudéssemos fazer uma ampla discussão sobre esse ponto, o faremos de forma bastante pontual.

A produção de Salgado é a que apresenta a menor distinção entre o teórico e a divulgação. Embora tenha obras estritamente destinadas ao militante de base, como é o caso de *O que é integralismo*, o autor invariavelmente escreve de forma “compreensível” a todos os militantes. Transparece a erudição do autor em todas as suas obras, contudo, ela não deixa de ser “palpável” aos militantes em geral. Dessa forma, praticamente toda a sua obra pode ser lida tanto pelo militante de base quanto pelo intelectual do movimento.

Já na obra de Reale essa “fronteira” é claramente definida. O autor possui obras em que discute prioritariamente teoria, como é o caso de *O Estado Moderno*<sup>177</sup>, *O capitalismo internacional*<sup>178</sup> e *Formação da política burguesa*.<sup>179</sup> Outras, como *Actualidades Brasileiras*<sup>180</sup>, *Palavras aos integralistas*<sup>181</sup> e *Razões do Integralismo*<sup>182</sup>, aborda o integralismo de forma simples, destinada aos integralistas em geral.

A obra de Barroso, por sua vez, é destinada unicamente à doutrinação, baseada em dois matizes: difusão do integralismo e do anti-semitismo, e ambos os matizes muitas vezes aparecem interligados. A obra de Barroso não apresenta a erudição de Salgado, que mistura a doutrina e teorização em um mesmo texto, muito menos a estrutura teórica de Reale. O anti-semitismo permeou toda a obra do autor e a diferença de seus livros está centrada entre aquelas que são especificamente contra os judeus, como é o caso de *A sinagoga paulista*<sup>183</sup>, *Brasil Colônia de Banqueiros*<sup>184</sup> e *Os Protocolos dos Sábios de Sião*<sup>185</sup>; e aquelas destinadas à difusão do integralismo, como *A palavra e o pensamento integralista*<sup>186</sup>, *O Integralismo de Norte a Sul*<sup>187</sup>, *O Integralismo em marcha*.<sup>188</sup>

Na obra de Reale o anticomunismo aparece sempre em segundo plano frente ao anti-liberalismo, como uma espécie de apêndice. Isso se torna claro ao analisar em suas obras o espaço destinado ao comunismo: sempre em pequenos sub-capítulos em conjunto com o liberalismo ou logo após um capítulo antiliberal.

---

<sup>177</sup> Op. cit.

<sup>178</sup> Op. cit.

<sup>179</sup> *Formação da política burguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

<sup>180</sup> São Paulo: Schmidt, 1937.

<sup>181</sup> Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

<sup>182</sup> Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

<sup>183</sup> 2ª edição. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

<sup>184</sup> 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

<sup>185</sup> Op. cit.

<sup>186</sup> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

<sup>187</sup> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

<sup>188</sup> Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

Em o *Estado Moderno* apresenta um pequeno sub-capítulo denominado “O Naturalismo Socialista”. Mesmo abordando o socialismo/comunismo<sup>189</sup>, traça relações com o liberalismo e com a sociedade burguesa, expressão máxima, para o autor, do liberalismo.

O *socialismo*, que nos primeiros anos do século representara um coeficiente notável de ideal ético, corrompeu-se como decalque servil da sociologia burguesa. A civilização burguesa bifurcava-se em duas direções aparentemente antagônicas. Na realidade eram dois irmãos gêmeos disputando a herança do século XVIII e as promessas da Revolução Francesa...<sup>190</sup>

O autor conclui essa linha de raciocínio em outro trecho.

Desde quando o marxismo passou a ser a *crítica* da sociedade capitalista e, como dizem Benedetto Croce e Marcèl Déat, um método cômodo de estudar a sociedade burguesa, muitas idéias acessórias vieram a se unir à tese fundamental da limitação da propriedade individual ou da sua supressão. Hoje em dia, não é mais possível separá-las. O ateísmo, a abolição da família atual, o internacionalismo dos povos, o materialismo em todos os sentidos da vida, tudo está tão entrelaçado ao ideal socialista que nos deparamos com este paradoxo: “É preciso ter espírito estritamente *burguês* para poder abraçar o comunismo”. Daí o grande número de literatos marxistas nas classes abastadas, enfeitando os salões dos homens de dinheiro, numa evocação ridícula e dolorosa dos bobos das cortes de antanho...<sup>191</sup>

Em *O capitalismo internacional* o autor dedica um sub-capítulo ao comunismo, mais especificamente à leitura marxista do capitalismo através da análise da obra *O Capital* de Karl Marx.

A doutrina marxista parte, como é sabido, da consideração do trabalho como fonte única do valor. Estabelecida esta tese, Marx estuda a passagem da economia medieval para a economia moderna, afirmando que, na primeira, aqueles que empregavam a força do trabalho criando novos valores eram, ao mesmo tempo, os possuidores dos utensílios de produção, enquanto que, na segunda, o trabalhador é

---

<sup>189</sup> A diferença entre socialismo e comunismo não é uma constante nos textos integralistas, por essa razão, muitas vezes não encontraremos uma distinção entre ambas nos textos. Por essa razão, utilizamos o conceito de anticomunismo tanto para as referências ao socialismo quanto ao comunismo.

<sup>190</sup> *O Estado Moderno*, op. cit., p. 23.

<sup>191</sup> *Ibid.*, p. 26.

obrigado a vender a sua em benefício de um proprietário que dela se utiliza a fim de aumentar o capital e os lucros pessoais.<sup>192</sup>

Nesta obra, Reale mantém o ponto de vista da obra anterior, a que vincula o comunismo ao liberalismo e à sociedade burguesa capitalista:

A economia marxista, que segue “pari passu” e paralelamente o desenvolvimento da economia burguesa, é, tanto como esta, uma economia dominada pelo produtivismo. Não se deve estranhar que certos marxistas tenham se declarado contra a Rússia soviética, quando as estatísticas revelaram que “o índice de produção em um país socialista é menor que o existente nos Estados capitalistas...”. E será necessário recordar que muitos marxistas passaram de armas e bagagens para o setor do neo-capitalismo de Taylor e de Ford?<sup>193</sup>

O marxismo, pela leitura do autor, não passaria de mais uma forma “evoluída” do pensamento liberal, que tinha objetivo de superar o capitalismo:

“Toda a concepção marxista, escreve Vandervelde, assenta na idéia fundamental de que a transformação da propriedade pessoal em propriedade capitalista, e da propriedade capitalista em propriedade socializada, tem por fator determinante a superioridade produtiva do capitalismo sobre a pequena produção de tipo medieval e do socialismo sobre a produção capitalista”. Mas essa concepção marxista é... uma concepção burguesa, de tipo indiscutivelmente burguês. [...]. Marx, estudioso do capitalismo e seu crítico severo, foi dominado – sem o perceber – pelo próprio capitalismo.<sup>194</sup>

No restante da obra do autor o comunismo aparecerá sempre vinculado e com os mesmos defeitos do liberalismo. Como afirma o autor: “Folheai as obras fundamentais do socialismo: ricas de argumentos na parte crítica e destruidora, revelam-se incapazes de traçar o arcabouço da sociedade nova. É que tanto o liberalismo como o socialismo cultivaram a ilusão de resolver o problema fora do âmbito do Estado”.<sup>195</sup>

---

<sup>192</sup> *O capitalismo internacional*, op. cit. 93.

<sup>193</sup> *Ibid.*, p. 103-104.

<sup>194</sup> *Ibid.*, p. 104.

<sup>195</sup> *Perspectivas integralistas*. São Paulo: Livraria Odeon, 1935, p. 18-19.

Já vimos, no capítulo anterior, a posição de Barroso sobre o comunismo e o liberalismo. Ambos seriam “ardis” utilizados pela “conspiração judaica” para dominar o mundo. O anticomunismo, na obra de Barroso, assim como em Reale, não possui um papel central, está em um “patamar” inferior frente ao anti-semitismo e ao antiliberalismo.

Plínio Salgado, por sua vez, não “elege” um inimigo em específico para centrar o seu combate, como seus discípulos. Seu inimigo primordial será sempre aquele que no momento possuir uma expressão social mais em evidência. Nas obras publicadas no período anterior a 1935, o autor apresenta tanto o liberalismo quanto o comunismo como principais inimigos do movimento, embora em alguns momentos um dos dois esteja em maior evidência que o outro.

Já discutimos anteriormente o livro *O que é integralismo*, que é um excelente exemplo dessa afirmação, onde tanto o liberalismo quanto o comunismo são apresentados como “faces” do *materialismo*. Em *O sofrimento universal*<sup>196</sup> o autor dedica grande espaço ao liberalismo.

Nesta obra aborda principalmente o fim da democracia liberal sob dois vieses: a desestruturação social e moral, a partir do exemplo dos Estados Unidos<sup>197</sup> e da desestruturação do sistema econômico, a partir do enfraquecimento do Império Britânico.<sup>198</sup> Diante deste fim iminente, duas novas forças estariam em choque pelo controle do mundo: o fascismo e o comunismo.

Na conjuntura posterior a 1935, o comunismo passa ter maior evidência nos livros de Salgado. O liberalismo, por sua vez, não desaparece, mas sua incidência é reduzida. O posicionamento do autor no tocante ao comunismo não segue um padrão

---

<sup>196</sup> Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

<sup>197</sup> Ibid., p. 70-75.

<sup>198</sup> Ibid., p. 153-1958.

rígido, diferente do academicismo de Reale, que no conjunto de sua obra mantém o comunismo como um “apêndice” do liberalismo.

Para o líder integralista, o comunismo poderia ser uma das faces do materialismo, ou poderia ser apenas derivado do materialismo burguês (lê-se liberalismo) como podemos encontrar na obra *Páginas de Combate*:

O comunismo não é uma causa: é um sintoma. O mal não é o comunismo em si, porém, são as causas que geram o comunismo.  
 O comunismo, por conseqüência, não se acaba com violência, com opressões e fuzilamentos: acaba-se com a extinção das fontes de que ele provém.  
 É preciso encararmos o comunismo sob dois aspectos pelos quais ele se apresenta: o intelectual e o moral.  
 Sob o ponto de vista intelectual, o comunismo só pode ser combatido, eficientemente, pela crítica, pelas idéias, no livro, na tribuna, na imprensa. Sob o ponto de vista moral, o comunismo só pode ser combatido pelas medidas que melhorem o sofrimento da massa e pelos exemplos de virtude. [...].  
 Estancar as fontes do comunismo – eis o nosso trabalho.<sup>199</sup>

O comunismo, nesse caso, deveria ser combatido em duas frentes: de um lado pelo combate impresso e pelo debate e, do outro, combatendo as causas sociais que geravam o comunismo. Segundo Salgado, seriam os defeitos da sociedade liberal que, ao explorar as classes menos abastadas, abriam o caminho para o fantasma da revolução comunista. Sob esse ponto de vista, o autor se aproxima da leitura de Reale.

Contudo, nessa mesma obra o autor se contradiz ao escrever sobre como o integralismo combatia fisicamente o comunismo, mesmo tendo afirmado que este não poderia ser exterminado pela violência:

Informo ainda aos historiadores do Futuro que nosso programa está contido nos Estatutos com que nos registramos como partido político nacional. [...]. Informo que temos cooperado com o Chefe de Polícia da Capital da Republica, com os comandantes das regiões militares e delegados de polícia de todo o país, na manutenção da ordem, todas as vezes em que os comunistas ameaçam dar seus golpes. Informo que tenho tido entendimentos pessoais com vários comandantes de regiões militares, ora para combinar ações conjuntas na repressão do comunismo,

<sup>199</sup> Rio de Janeiro: H. Antunes, 1937, p. 7-8.



ora para receber agradecimentos por serviços que os integralistas têm prestado à sustentação das autoridades da República.<sup>200</sup>

E a contradição do autor não fica restrita à repressão ao comunismo, e sim à própria estrutura do comunismo no Brasil. Nesta mesma obra, o autor apresenta outra versão para a expansão do comunismo, não vinculada ao liberalismo. Ao analisar a *Intentona Comunista*, chega à conclusão de que o comunismo age no país devido ao “desejo” da URSS de anexar o país.

A revolução bolchevista de novembro tornou patente que havia infiltração comunista no Exército, e a prova é que se sublevaram várias unidades; que havia comunistas na Marinha, e tanto é certo que houve prisões de elementos dessa corporação; que havia comunistas na Câmara dos Deputados e no Senado, o que se tornou evidente pela prisão de representantes do povo com assento naquelas casas do Legislativo; que havia comunistas no jornalismo, tão inegável quanto se sabe que se encontram presos homens da imprensa; que havia comunistas nas Escolas Superiores e nas Secundárias, o que demonstram as prisões de professores. [...]. Que havia infiltrado em todas as camadas sociais, em todos os setores de atividades, em todas as profissões, em todas associações, desde as de classe, cujas diretorias foi necessário substituir, as culturais, onde muitos consócios se apresentam comprometidos. [...].

Nenhum partido político, de quantos, municipais ou estaduais, exercem atuação no país, houve que se eximisse de trazer em seu bojo os cavalos de Tróia de Moscou. Em tudo e por tudo, às escâncaras ou sutilmente, o veneno soviético se insinuou, penetrou, corroendo estruturas na aparência intangíveis ou inatingíveis. [...].

Corporações civis ou militares, profissionais ou culturais, científicas ou artísticas, sociais ou políticas, casa uma das que aí estão, nenhuma me demonstrará que passou incólume, sem um só elemento de sua composição que não houvesse se comprometido na obra indigna da anexação do Brasil à URSS.<sup>201</sup>

Em *A Quarta Humanidade*, ao analisar o pensamento político e filosófico do século XIX, o autor retoma a idéia do liberalismo e comunismo como expressões do materialismo. A diferença é que, se no momento anterior coloca ambos de forma “equilibrada”, neste coloca o comunismo em uma posição de destaque, principalmente ao analisar a obra de Karl Marx e dos intelectuais que o influenciaram, como Hegel e Kant.

---

<sup>200</sup> Ibid., p. 58.

<sup>201</sup> Ibid., p. 31-32.

O marxismo é o erro, na verdade, porque nega a finalidade do Espírito e o valor do ideal da concepção mística; e faz mais: relega a uma condição secundária as próprias aspirações estéticas, tentando criar o padrão do homem segundo o que podemos denominar “psicologia da máquina”.

No entanto, há um aspecto que cumpre assinalar no marxismo: é o seu ponto de partida, de desassombrada, corajosa negação.

O marxismo procede diretamente de Kant e Hegel. Ao passo que Kant considera o mundo como ele é, Hegel trata de explicar o seu desenvolvimento. Nada há imóvel. A idéia absoluta traduz-se no movimento contínuo. Do movimento constante da idéia absoluta, procede o desenvolvimento do Universo. A tese gera a antítese, ambas se fundem na síntese, e esta se divide novamente.<sup>202</sup>

Marx, segundo Salgado, corrompeu o pensamento de seus predecessores impondo seu próprio ritmo, traindo um pensamento puro que o havia inspirado.

Em resumo, o anticomunismo teve em Plínio Salgado sua maior expressão teórica, principalmente em suas obras publicadas depois da ANL e da Intentona Comunista. Contudo, seu posicionamento, apesar do posto de “Chefe Nacional”, não é o preponderante, embora possuísse muita força. Divide esse “posto” com o antiliberalismo de Reale e o anti-semitismo de Barroso.

O posicionamento dos autores no tocante a temas como anticomunismo, antiliberalismo, anti-semitismo, organização de estado, entre outros temas, reflete acima de tudo a falta de uma unidade ideológica dentro do movimento integralista. Essas três principais “correntes” influenciavam, em maior ou menor grau, os demais intelectuais integralistas. Isto acaba ficando latente quando analisamos os jornais e as revistas.

Ao analisar essas fontes descobrimos que não havia um padrão regional, como achamos que encontraríamos. Descobrimos que as questões locais influenciam na produção dos periódicos, mas é sua influência teórica que define a “linha mestra” para a produção dessa fonte. Citamos, por exemplo, o jornal *A Offensiva*, que reflete o posicionamento de seu diretor, Plínio Salgado; o jornal *Século XX*, por sua vez, possui

---

<sup>202</sup> Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1936, p. 53.

influências de Gustavo Barroso; enquanto a revista *Panorama* reflete o pensamento de Miguel Reale.

Desta forma, podemos encontrar em todos os periódicos, em maior ou menor grau, a influência dos três principais intelectuais. Compreender esse ponto é fundamental para compreendermos a difusão do integralismo ao seu militante de base.

### 3.2.2. O anticomunismo nas revistas

Analisaremos aqui o anticomunismo nas revistas integralistas, especificamente em *Panorama* e *Anauê!*. Essas revistas não foram as únicas produzidas pelo movimento, mas utilizamos apenas essas por serem as únicas de circulação nacional e, também por termos acesso às coleções praticamente completas delas.<sup>203</sup>

Essas revistas nos permitem visualizar a questão da discussão entre a *teoria* e a *difusão ideológica*, tendo em vista que possuíam público-alvo diferenciado e objetivos diferenciados.

A *Panorama* visava os indivíduos mais eruditos da sociedade e do movimento integralista. Tinha por objetivo transmitir a doutrina e os dogmas do integralismo, como fica claro na introdução do primeiro exemplar: “O Integralismo é ao mesmo tempo, ação imediata e revolução mediata. Como ação está vigilante, na defesa da ordem, indispensável ao trabalho paciente, de cultura, de crítica e de criação das elites do nosso movimento”.<sup>204</sup>

Esse periódico era muito bem trabalhado, seus textos eram bastante elaborados do ponto de vista teórico. Apresentava ensaios políticos, sociológicos, históricos,

---

<sup>203</sup> O Acervo do CD-AIB/PRP possui as coleções praticamente completas das revistas *Panorama* e *Anauê!*, faltando apenas um exemplar de cada coleção. Possui também um exemplar das revistas *Brasil Feminino*, do Rio de Janeiro, *Sigma*, de Niterói, e *Única*, de Salvador.

<sup>204</sup> N° 1, janeiro de 1936, p. 1.

filosóficos, literários, com temas que variavam entre o integralismo, comunismo, liberalismo econômico, judaísmo, críticas à URSS, temas sobre a família e os costumes e sua degradação, dentre os quais destacavam-se as figuras de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Pe. Helder Câmara, entre outros.

*Panorama* era dirigida por Miguel Reale, “Chefe Nacional de Doutrina”. O conjunto dos textos presente no periódico se assemelha ao da produção teórica de seu diretor. O anticomunismo possui um papel bastante secundário frente a outros temas como o antiliberalismo, por exemplo. Achamos apenas quatro textos anticomunistas específicos.<sup>205</sup> O comunismo aparece de forma dispersa em textos sobre temas diversos. Como é o caso de um texto de Helder Câmara sobre a pedagogia integralista em que em um faz referência anticomunista:

Nós temos que reagir contra a deturpação dos propósitos tão lindos da escola nova. Nós temos que salvar a pedagogia moderna nos seus legítimos anseios! E não há dúvida que é muito mais de entender-se a escola soviética do que a escola ianquizada que os brasileiros vivem a imitar. A pedagogia da Rússia é diabólica, mas é muito mais decidida e coerente do que a da América do Norte. Os russos não param em paliativos. Assentam, firmemente, um ponto a obter e, para a consecução do seu objetivo, empregam, às claras, meios terríveis.<sup>206</sup>

O anticomunismo, dessa forma, se torna muito mais implícito do que explícito, e que chama a atenção é o fato de receber “pouca” importância. Seu primeiro exemplar é datado de janeiro de 1936, no auge do anticomunismo integralista, o que não se reflete em suas páginas. Esse fenômeno só pode ser explicado, ao nosso ver, pela influência de Miguel Reale e, conseqüentemente, por ser destinada aos intelectuais do movimento, onde o liberalismo é visto como uma grade ameaça. Mesmo assim, achamos esse fato bastante curioso.

<sup>205</sup> São eles: “O verdadeiro sentido do pacto franco-soviético”. nº 4-5, abril/maio de 1936, p. 37; “Socialistas abastados”. nº 6, junho de 1936, p. 59; “Primeiras lições da revolução espanhola”. nº 12, 1937, p. 5; “Frentes populares e anti-fascismo”, nº 13, 1937, p. 52.

<sup>206</sup> “Pedagogia Integralista”, nº 3, março 1936, p. 27.

A revista *Anauê!* diferia da *Panorama* pelo público alvo, que eram as massas populares, e não as elites. Por esse motivo, era uma arma muito poderosa para a doutrinação do povo nos ideais integralistas. Segundo a introdução do primeiro exemplar: “temos por objetivo de divulgar em linguagem acessível a todos a doutrina integralista”.

Sua diagramação era muito mais elaborada do que a revista *Panorama*. Apresentava fatos do dia-a-dia integralista, seções femininas, fatos e acontecimentos marcantes para os integralistas, em várias cidades e capitais do país, possuía uma seção sobre os acontecimentos no mundo. Nos textos apareciam crônicas, caricaturas, poesias, textos sobre o integralismo, sobre a família e a sociedade, sobre os avanços comunistas no Brasil e no mundo entre outros assuntos. Ou seja, era um periódico de divulgação, não se prendia à parte teórica.

A doutrina é transmitida nesta revista mais pela imagem do que pelo texto. Em realidade, uma das características da revista *Anauê!* é sua organização *pedagógica*. O periódico em si é destinado à doutrina, em toda a sua estrutura. Suas capas, por exemplo, invariavelmente representavam temas vinculados à doutrina, como podemos conferir abaixo:



A capa nº 1 representa a defesa do Brasil diante da ameaça comunista. No caso, uma mão vermelha com uma adaga (representando o comunismo) tenta apunhalar um índio (representando o Brasil), enquanto uma mão verde (integralista) impede que isso aconteça. A capa nº 2 representa a unificação do Brasil sob a égide integralista. No caso o *Sigma* ( $\Sigma$ ), principal símbolo integralista, que representa a somatória, em uma alusão à união das raças brasileiras (branco, índio e o negro) está sendo pregado por um integralista sobre o mapa do Brasil. Essa imagem representa a união do país sob uma única bandeira, a centralização política frente à descentralização da República Velha. A capa nº 3 representa a família integralista. A família era a célula *mater* da sociedade que os integralistas queriam impor. Mostra a mãe dando afeto ao seu filho (a função básica

da mulher dentro do movimento integralista era o de criar os filhos e cuidar do lar enquanto o homem era o responsável por prover o sustento da família). Ao mesmo tempo, representa a sociedade patriarcal: o senhor (provavelmente o avô) ao fundo observa a mãe cuidando do filho com olhar de aprovação, enquanto a senhora (provavelmente a avó) de forma subserviente sequer direciona o olhar para a mãe com a criança. A defesa da família era um dos pontos básicos do movimento, uma das bases do lema do movimento: “Deus, Pátria, Família”. A capa nº 4 representa o integralismo como guardião do Brasil. No caso, o militante integralista observa o horizonte, em uma praia. Vigia o “litoral”, local por onde chegam as influências externas, de acordo com a ideologia integralista. A capa nº 5 representa o apelo religioso da Ação Integralista Brasileira. Um anjo tem como auréola o Sigma, por onde a luz se irradia espalhando-se sobre as trevas. O integralismo representando um instrumento divino para expulsar as trevas. Um dos principais pontos de apoio do movimento integralista estava centrado no cristianismo, tendo como base principalmente o catolicismo. A capa nº 6 representa o “culto ao líder” comparando “dois heróis”: Tiradentes seria o herói do passado e Plínio Salgado o herói do presente. Como em todo movimento de orientação fascista, o culto ao líder é um dos princípios centrais. A imagem de Salgado sempre é mitificada, no caso dessa imagem, comparando-o com Tiradentes, considerado mártir da Inconfidência Mineira. Um herói que havia se sacrificado pela Pátria. Ao mesmo tempo, há comparação entre o integralismo de Plínio Salgado, com a Inconfidência Mineira de Tiradentes.

O anticomunismo possui grande expressão na revista *Anauê!*. Uma parte considerável do espaço é destinada ao combate ao comunismo.

O diferente do anticomunismo que encontramos na revista *Panorama*, na revista *Anauê!* não é esporso, e sim uma constante. São raros os exemplares que não apresentam alguma referência ao “perigo vermelho”.

O anticomunismo presente nas páginas de *Anauê!* é diferente do anticomunismo que encontramos nas outras fontes integralistas. Se por um lado, tanto nos livros, como na revista *Panorama* e também nos jornais, o combate ao comunismo se dá por razões teóricas, políticas e econômicas; na revista *Anauê!* esse combate se dá unicamente para evitar a “destruição e o avanço iminente do comunismo”.

Chegamos a essa leitura devido à forma como o anticomunismo é propagado nesse periódico: sempre vinculado a destruição em massa, a massacres, a assassinatos, à crimes. Utilizando vários mecanismos, como as charges abaixo, por exemplo<sup>207</sup>:



<sup>207</sup> *Anauê!*. n° 15, maio de 1937, p. 20; n° 17, julho de 1937, p. 25.



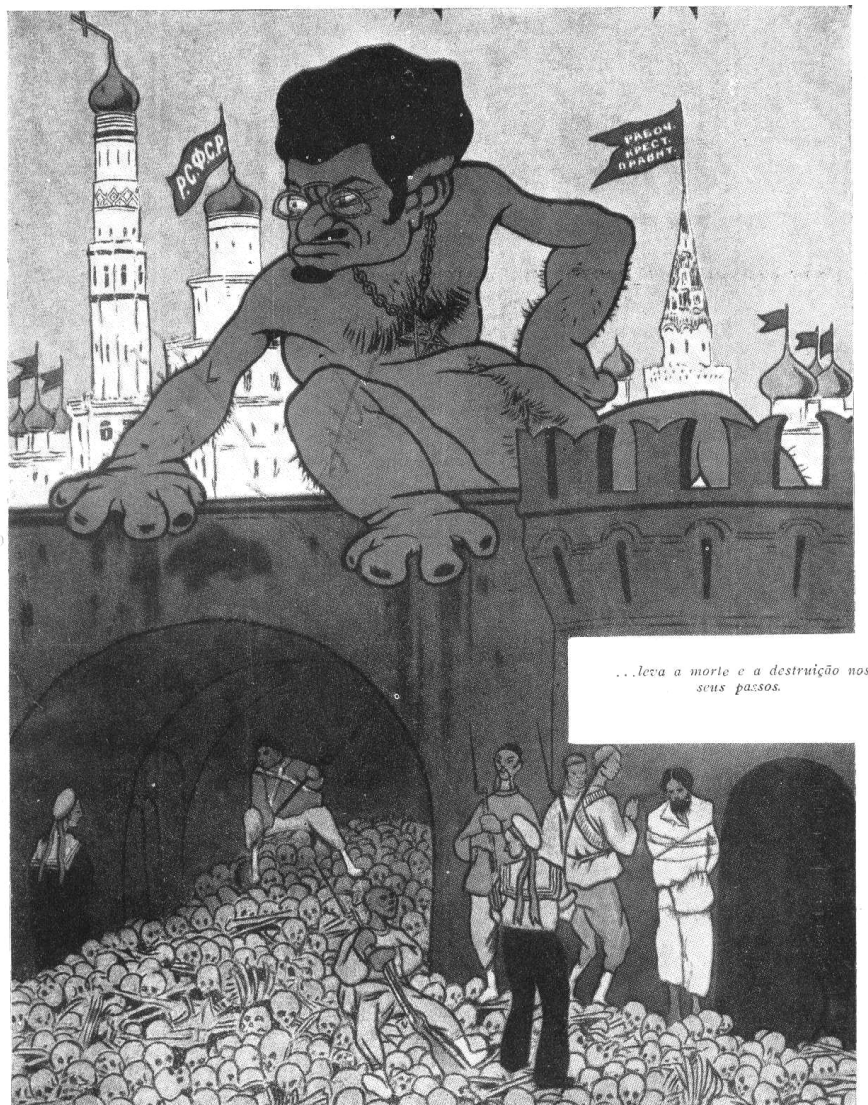


Como podemos ver, as charges apresentam os massacres cometidos pelas tropas soviéticas, que trariam apenas a morte e a destruição. Também poderiam representar a expansão do comunismo no mundo.<sup>208</sup>

---

<sup>208</sup> *Anauê!*. n° 15, maio de 1937, p. 27.

### Quando o Soviet transpõe as muralhas do Kremlin...



*Esta alegoria impressionante fixa o rastro de Moscou no sólo desgraçado da China. Mas os caminhos vermelhos também cortam as nações do Occidente. E a Hespanha é uma etapa atingida— etapa de sangue e de desolação.*

No caso acima, representa a expansão do comunismo tanto na China como na Espanha. A expansão do comunismo era um tema constante.

Além das charges, o comunismo e sua expansão eram o tema constante da seção “Internacional”, presente em quase todas as edições da revista (ver Anexo 1)

Outra forma de mostrar aos leitores os “perigos” do comunismo era através de pequenas histórias, que exemplificavam os problemas gerados pelo comunismo e como agiam os integralistas e como os integralistas deviam se portar diante dessa ameaça (ver no Anexo 2 outros dois exemplos desse tipo de mecanismo).

Como é o caso da “Mãe Integralista”:



### MÃE INTEGRALISTA

- Que horror minha, mãe!
- Horror? Por que?
- Mataram-no! Tão moço.

Ouvia-se o ruído da fuzilaria ao longe. Feria-se o combate sobre o pátio das estrelas. Gemiam moribundos, e os mortos eram deixados junto à barricada, pela escassez de tempo para afastá-los dali. Revezavam-se os combatentes, enquanto a bandeira do Sigma, rota pelas balas, queimada de pólvora, flutuava ao lado do pavilhão do Brasil [...].

No fundo da barricada, que se erguia no canto da rua, algumas mulheres cantavam o Hino Nacional. E aquela mãe Integralista, cujos cabelos haviam embranquecido naquele instante – o grande instante da Nacionalidade, porque a luta era contra o Comunismo ao serviço de Moscou, não deixara cair uma lágrima, não tremia a voz não baixava o olhar.

- Mataram-no? Queriam matar a Pátria e ele morreu por ela. Queriam destruir a família e ele morreu por ela. Queriam insultar Deus e ele morreu por Deus.

- Sim, minha mãe.
- Era mais velho que tu. Criei-o com o sangue dos meus seios – sangue brasileiro! Quando o Brasil foi ameaçado pelas hordas negras pagas com o dinheiro dos banqueiros

de Londres e de Nova Iorque, não precisou que eu dissesse “vai!”

- Ele foi?
- Sim, minha mãe.
- Enfraquecido o Governo, pela traição ao chefe da Nação, divididas as forças armadas, em perigo a Pátria, houve o “toque de reunir” e não faltou um único camisa-verde! Compreendes?
- Sim, minha mãe. E agora?

A mãe fitou-o dentro dos olhos como se lhe quisesse ver a alma.

- Tens medo?
- Medo?! Sou teu filho. Herdei a tua coragem.

Falavam junto do miliciano que parecia sorrir na sua morte glorioso. Aumentava a fuzilaria.

- E agora minha mãe?  
Ela não respondeu. Curvou-se e beijou a fronte do filho que morrera pelo Brasil e tomando a carabina do filho morto deu-a ao filho vivo.  
As mulheres continuavam cantando o Hino Nacional.  
Thompson, de pé, no alto da barricada, seguia comandando:
- Integralistas! Pela Ordem, pelo Direito, em defesa da Lei: fogo!  
O moço, sem esperar um conselho ou uma ordem, apertou a mão firme na carabina, saltou sobre a barricada e brandou forte:
- Comandante Thompson: Anauê! e atirou-se contra os inimigos de Deus, da Pátria e da Família.  
E a mãe Integralista, que dava o segundo filho pela causa da Pátria, não pôde conter mais as lágrimas e caiu de joelhos:
- Protegei-o, meu Deus!  
A bandeira do Sigma, cortada pelas balas, queimada de pólvora, flutuava ao lado do pavilhão do Brasil.<sup>209</sup>

Outra forma era a constante cobertura de supostos atentados perpetrados pelos comunistas tanto no Brasil quanto no mundo (ver Anexo 3). Nesse atentado fica evidente a “vilania” dos comunistas, pois somente eles poderiam tomar atitudes tão vis.

Os textos anticomunistas, quando veiculados, raramente apresentam informações objetivas contra o comunismo, restringem-se a questões superficiais e não aprofundadas (um exemplo pode ser conferido no Anexo 4).

Fizemos essa longa exposição de mecanismos utilizados na revista *Anauê!* não por acreditar que tais fontes “falem por si”, mas por acreditarmos que a leitura do anticomunismo neste periódico só pode ser avaliada em seu conjunto. Ao mesmo tempo, devemos levar em conta que não é possível avaliar como o militante lia esta revista (ou seja, não é possível avaliar o receptor), nesta ou em qualquer outra fonte produzida pelo movimento. Contudo nos é permitido avaliar o transmissor desta fonte.

Primeiramente podemos ressaltar que a constante repetição das matérias tem o objetivo de transmitir ao militante que o comunismo é uma ameaça constante. Essa ameaça é ao mesmo tempo interna (os comunistas “nativos”) e externa (os comunistas soviéticos, por exemplo). Também não fica restrito ao Brasil, é uma ameaça que está diante de toda a civilização ocidental e cristã. E aqui se justificaria a simpatia por parte

---

<sup>209</sup> *Anauê!*, n° 1, janeiro de 1935.

dos integralistas pelo fascismo (de acordo com a revista), pois todos os movimentos fascistas, mesmo tendo diferenças, eram expressões de um nacionalismo. Esse nacionalismo seria o fator de união dos fascistas que deteria o avanço do comunismo.

O comunismo possui muitas faces: pois pode ser “identificado” a partir de vários exemplos; contudo, ele ainda é uma força invisível, que “age nas sombras” e se enraíza rápida e silenciosamente.

Este anticomunismo repetido a partir dos vários mecanismos (charges, pequenas histórias com exemplos, pequenos textos, exemplos de terrorismo, etc.) tem por objetivo atingir o sentimento do leitor, assim gerando pânico, insegurança e indignação: são apresentadas vítimas indefesas de atentados, igrejas saqueadas e destruídas, ícones religiosos depredados, seres humanos dizimados pelas “hordas vermelhas” como gado e de forma desumana. Diante dessas cenas de terror, dignas de serem consideradas “dantescas”, a resistência integralista é apresentada como capaz de deter esse avanço “vermelho”. Implicitamente transmitem ao militante: “a ordem e a disciplina garantirão a paz”, “a união do povo em torno do integralismo trará a liberdade”. Nesta lógica são apresentados exemplos de coragem que deveriam ser seguidos pelo militante: é a mãe integralista que envia o filho para morrer pela pátria, é o militante que morre ou fica aleijado combatendo o comunismo, é o “Chefe Nacional” que leva alento às vítimas dos atentados comunistas. Dessa forma “didática” a partir de exemplos “práticos”, é exemplificado ao militante como deveria se portar e qual conduta a seguir.

A revista *Anauê!*, dentre todos os periódicos do movimento, era o principal instrumento de propaganda da Ação Integralista, por essa razão encontramos em suas páginas os principais pontos da doutrina integralista para o militante de base, como o culto constante aos líderes do movimento; matérias sobre o crescimento do número de

núcleos e filiados; a presença do movimento em todas as regiões do país; o combate ao comunismo; a defesa da família, etc.

Ambas as revistas tinham funções distintas e públicos-alvo diferenciados. A *Panorama* servia como referência para as discussões teóricas do movimento e local de debate para os intelectuais. A *Anauê!*, por sua vez, tinha o objetivo de ser um veículo pelo qual a doutrina era transmitida. Essas revistas tinham circulação nacional e eram veículos que auxiliavam a definir uma linha de atuação tanto teórica quanto doutrinária. Do ponto de vista teórico, servia como “local” de encontro dos intelectuais das mais diversas regiões do país, o que permitia um relativo “intercâmbio” intelectual entre os autores.<sup>210</sup> A revista *Anauê!* tinha por objetivo “uniformizar” a ação dos camisas-verdes, desde sua postura, intervenção na sociedade até no combate aos inimigos da AIB.

Ambas as revistas surgiram em um momento em que a ideologia integralista, mesmo que não tivesse uma unidade ou matriz única, estava bastante definida.<sup>211</sup> Refletiam, de acordo com sua função específica, o pensamento do grupo dirigente, tendo em vista que eram órgãos de circulação nacional da AIB. Aqui, mais uma vez, retornamos à discussão entre o *teórico* e o *doutrinário*, pois a comparação entre os dois periódicos deixa bem claro o que deveria ser discutido entre os teóricos e o que deveria ser transmitido ao militante de base.

---

<sup>210</sup> Apesar de ser destinada à discussão teórica, não conseguimos encontrar nenhum debate entre os diversos autores, como réplicas de textos, por exemplo. Por essa razão utilizamos a palavra *relativo* antes de “intercâmbio”.

<sup>211</sup> Ambas surgem depois do congresso de Vitória no Espírito Santo (ver p. 23). *Anauê!* surge em janeiro de 1935 e a *Panorama* em janeiro de 1936.

### 3.2.3. O anticomunismo nos jornais

Os jornais produzidos pelo movimento foram o centro da difusão do anticomunismo aos militantes, pois atingiam praticamente todas as regiões em que havia núcleos integralistas. Se por um acaso tanto os livros como as revistas possuíam um acesso restrito aos militantes, seja por dificuldade de leitura ou dificuldade de circulação, por outro, os jornais atendiam à “demanda” de informação dos camisas-verdes.

Havia três tipos de jornais dentro da estrutura de imprensa integralista: os de circulação nacional e coordenados pela “Chefia Nacional”, e aqui destacamos os dois principais: *Monitor Integralista*, que era uma espécie de “diário oficial” do movimento, que praticamente veiculava apenas as ordens e os atos da “Chefia Nacional”, e que deviam ser obedecidas em todas as esferas da Ação Integralista; *A Offensiva* era o principal órgão da imprensa integralista, era o único coordenado por Plínio Salgado. Este jornal veiculava os textos dos principais intelectuais do movimento além de ser o único de circulação diária.

O segundo tipo são os jornais da “Chefia Provincial”, ou seja, jornais de circulação regional, organizados pela coordenação de cada estado (ou província como chamavam). Esses jornais possuíam tiragem na maioria das vezes semanal ou quinzenal. Como exemplos podemos citar *A Voz D'Oeste*, da capital do estado de São Paulo, *A Razão*, do Paraná, *Século XX*, do Rio de Janeiro, *Anauê!*, de Minas Gerais, e *Revolução*, do Rio Grande do Sul. As lideranças regionais são os principais autores das matérias presentes nesses periódicos, apresentam matérias especiais assinadas pelos membros da “Chefia Nacional” e também constatamos o intercâmbio de matérias entre lideranças de províncias.

Por fim, os jornais dos núcleos municipais. Possuem circulação quinzenal ou mensal e as matérias são produzidas pelos filiados desses núcleos, apresentam matérias especiais assinadas pelos membros do núcleo regional e textos selecionados de obras de Salgado, Reale, Barroso e outras lideranças nacionais. Como exemplos podemos citar *O Bandeirante*, de Caxias do Sul, e a *Voz do Sygma*, de Bagé, no Rio Grande do Sul, *A Voz D'Oeste*, de Ribeirão Preto e *Anauê!*, de Jaú, em São Paulo.

Assim os militantes e simpatizantes das mais diferentes partes do país tinham acesso à ideologia integralista, muitas vezes tendo acesso a essas três matrizes dos jornais. Nenhum outro mecanismo de difusão ideológica integralista teve tamanha circulação como os jornais do movimento. Como vimos no capítulo anterior, de todos os inimigos, o comunismo foi o que teve a maior incidência ao logo do período de existência legal da AIB (ver Tabelas I, II e III, p. 90).

O jornal, desta forma, foi o principal meio de difusão do anticomunismo e possuiu grande influência sobre os militantes de base. O anticomunismo no jornal também difere daquele que encontramos em outras fontes. Não possui a visão teórica presente nos livros e muito menos a visão simplista da revista *Anauê!*. Não possui um apelo à imagem e sim ao texto. Em geral, as fotografias e caricaturas reproduzidas nos jornais que encontramos não chegam a representar nenhum “choque” no leitor, servem mais como ilustração ou como um complemento ao texto, diferente do que encontramos na *Anauê!*. O leitor, neste caso, era doutrinado pelo texto.

Discutiremos em seguida algumas matérias como exemplo de como o anticomunismo era difundido e posteriormente alguns “ícones” utilizados para a exemplificação do “perigo vermelho” ao militante integralista. Gostaríamos de ressaltar, porém, que não nos é possível analisar todas as formas em que o comunismo é representado nas matérias dos jornais da Ação Integralista, tendo em vista a grande



variedade de “leituras” que o comunismo assume. Por essa razão, analisaremos algumas das mais emblemáticas e também algumas cujo conteúdo se repete com maior intensidade. A escolha dos “ícones” pelos quais o comunismo é representado foi feito devido ao papel de exemplos da ação de indivíduos, organização e países comunistas.

### 3.2.3.1. O comunismo através das matérias do jornal

A expansão do comunismo é um tema recorrente nas páginas dos jornais integralistas. Mostrava ao militante o “progressivo” aumento da periculosidade da força comunista tanto no país como no mundo. Essa expansão se dava tanto física quanto ideologicamente. A expansão física era exemplificada a partir das revoluções e levantes contra a “ordem” pré-estabelecida (no caso capitalista ou colonialista), logicamente, todos esses levantes eram enquadrados como comunistas. Como no exemplo abaixo:

Como é sabido, há muitos anos, vem o bolchevismo minando todo o mundo com a pestilência de sua doutrina subversiva e anticristã. Para que façamos uma idéia nítida do que afirmamos, daremos a seguir alguns dados característicos de levantes que se esboçaram por diversas partes, depois do regime do terror implantado na Rússia em 1917:

1918 – Novembro – Revolução na Áustria e na Alemanha;

1919 – Março – Revolução Proletária na Hungria; Levante na Coréia; [...].

1930 – Fevereiro – Distúrbios comunistas na Alemanha;

1930 – Maio – Levante comunista armado, na China;

1931 – Junho-Julho – Combates a bandos comunistas, novamente na china;

1931 – Agosto – Combate ao comunismo na Argentina; fecha a representação comercial na América do Sul; efetuam-se prisões, etc. etc; No México, na Espanha e em Cuba, registram-se movimentos comunistas;

1935 – Junho – Em Paris comunistas atacam os “fascistas”;

- Aqui no Brasil, sabemos, há 13 anos o comunismo vem preparando terreno e, em 1935 tem-se verificado arruaças nas cidades do Rio, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte.

- Na Argentina, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, foi dinamitada por comunistas uma Igreja.<sup>212</sup>

<sup>212</sup> “A Carreira Bolchevista”, *A Razão*, nº 14, 05/08/1935, p. 2.

Dessa forma, o militante poderia visualizar os efeitos nocivos do comunismo no mundo, a partir de guerras, revoluções, levantes e destruição de Igrejas.

A expansão também era exemplificada a partir da “idéia” comunista, como Miguel Reale ressalta na matéria “A trajetória da idéia comunista”.<sup>213</sup> Nesse texto o autor aponta a “evolução” da idéia a partir do final do século XIX: “podemos dizer que a trajetória comunista começa em meados do século passado com o famoso Manifesto, que, em 1890 mais ou menos, no dizer insuspeito de Arturo Labriola, foi arrancado do esquecimento por obra dos socialistas italianos”. O autor trabalha dois pontos centrais neste artigo.

O primeiro é uma divisão entre o “bom” e o “mau” marxista/comunista. Embora maniqueísta, essa leitura representa a questão sempre presente entre o “bem” e o “mal”. Como aponta o autor, “a corrente do comunismo tem tido uma vida agitada apresentando alguns nomes de inegável valor, tanto moral como intelectual, ao lado de uma impressionante maioria de desmiolados, de indivíduos que não conseguem alcançar nem equilíbrio interior do espírito, nem harmonia externa, no sistema de vida social”. Logicamente este número de “bons” comunistas era uma minoria frente a uma “horda de baderneiros”. Esses “bons” marxistas, de acordo com Reale, produziram uma obra considerável: “Ao findar do século passado, o número de marxistas de extraordinária cultura foi considerável em todos os países europeus, e o marco de sua ação, tanto no terreno teórico, como no setor das realizações práticas objetivas, não pode deixar de ser considerado, e mesmo admirado”. Com a I Guerra Mundial, os “bons” marxistas/comunistas e “sinceros de coração” se tornaram fascistas:

Deu-se, então, um fenômeno extraordinário. Como acontecera com o ex-socialista Mussolini, outros marxistas sinceros, que tinham sido marxistas por verdadeiro amor à classe operária, vieram engrossar as fileiras da Idéia Nova, dando a sua

---

<sup>213</sup> “A trajetória da idéia comunista”, *A Offensiva*, nº 56, 8/6/1935, p. 1 e 12.

contribuição desinteressada e fervorosa ao reerguimento das pátrias contra o capitalismo, e, por conseguinte, dando uma extensão muito maior à revolução, que deixou de ser uma classe, para se transformar no movimento da Nação inteira.

Dessa forma, uma das bases do fascismo seria o pensamento marxista de intelectuais convertidos pela “Idéia Nova”. Contudo, permaneceria o “pensamento retrógrado” do passado, com os “maus” comunistas, aqueles com deformações morais éticas e de caráter.

O comunismo perdeu a sua força revolucionária. No comunismo ficaram aqueles que, mesmo que quisessem, não poderiam entrar para o Integralismo, por serem falhos de idoneidade moral e desprovidos de sinceridade. E ficaram também alguns espíritos transviados, como Gide e Barbusse, que, desejando criar um novo tipo de literatura, aproveitaram dos despojos de uma “ideologia social revolucionária”, transformando-a, quase por escárnio, em corrente literária, em simples atitude artística, sem maiores conseqüências, a não ser uma ofensa maior ao Belo.<sup>214</sup>

A “evolução” da idéia comunista, no caso, seria uma involução, do ponto de vista teórico, e isso leva ao segundo ponto central do artigo de Miguel Reale.

No momento em que o comunismo foi perdendo seus intelectuais para o fascismo, começou a “descambar” para as ações violentas e revolucionárias, tipicamente atos dos “maus” comunistas. Ao mesmo tempo, as discussões teóricas teriam levado a um “enfraquecimento” da ação comunista. “O comunismo, depois, ao tomar contato com a vida parlamentar, acostumando-se com as discussões estéreis sobre esta ou aquela página de ‘O Capital’ de Karl Marx, foi perdendo a extraordinária força de atração que exercia e desfrutara sobre as camadas populares”. Mas a ação

---

<sup>214</sup> Aqui fica latente a diferença entre o “mau” comunista e o integralista: questão do caráter, da honestidade. Isso tinha bastante influência e ficava latente no pensamento do militante de base, como relatou o camisa-verde Breno Alberto Thomé: “É, praticamente a questão da **honestidade** do camarada integralista. O sujeito podia acreditar na palavra dele, não tinha mentira, não tinha de vim pedir dez pila aqui emprestado até amanhã e o amanhã nunca vem. Era, os integralistas eram tudo gente de absoluta confiança”.<sup>214</sup> FLACH; MILKE e OLIVEIRA, op. cit., p. 22. Ao mesmo tempo os comunistas, eram sempre encarados pelo depoente com falhas de caráter, como no caso de Luiz Carlos Prestes: “o Prestes era um **canalha**, foi um sem vergonha” (p. 28). As palavras “honestidade” e “canalha” não foram grifadas por nós, mas devido às normas do Programa de História Oral do CD-AIB/PRP: “As alterações notórias do tom de voz, quando o depoente coloca ênfase maior em uma palavra ou expressão será marcada em **negrito**” (p. 9).

revolucionária dos “maus” comunistas conseguiu recuperar a força “maléfica” do comunismo:

E este descrédito chegou a tal ponto, que estaria comprometida para sempre a ideologia socialista, se não tivesse surgido o sindicalismo revolucionário, arrancando o “marxismo” das cômodas poltronas parlamentares, levando-o para a palpitante vida capitalista<sup>215</sup>, para o terreno das reivindicações obreiras, para o clima ardente das greves e dos protestos em discursos e conflitos.

A Grande Guerra, segundo o pensamento do autor, seria o “divisor” de águas dentro do pensamento marxista, pois dividiria, como já citamos, os comunistas entre “bons” e “maus”. “Foi devido à guerra que se deu o grande transtorno na família socialista, ou, para sermos mais precisos, ‘o grande cisma’ que dividiu os discípulos de Marx no grupo socialista democrático que acompanhou o renegado Kautsky, e no outro que quis seguir o sub-profeta Lenine”.

O grupo de “radicais” liderados por Lênin teria feito a revolução que “no imediato pós-guerra, [...] seduziu muitos espíritos brilhantes e sonhadores que não se cansam de esperar um novo paraíso terrestre. A imprensa semita não deixou de contribuir muitíssimo para criar esse ambiente de simpatia em torno da experiência soviética”.

A partir daí o autor apresenta uma questão que foi o tema de vários textos publicados nas páginas dos jornais integralistas, que é a oposição direta entre o comunismo em expansão e a sua detenção pelo fascismo.

E o comunismo, em um dado momento, parecia que ia dominar o mundo. Cresceram as ondas vermelhas na Alemanha, na Itália, na França e até na Inglaterra, o país clássico da moderação em matéria revolucionária, onde já se disse que jamais houve revolução para destruir privilégios, porque todas as revoluções tem se verificado para unir a classe [e] se aproveitar também dos privilégios das outras. Depois começou o declínio, o irremediável crepúsculo...

---

<sup>215</sup> No texto original está o termo “grapalista”, interpretamos como um erro de grafia e o substituímos por “capitalista”.

Primeiro foi a Itália que reagiu, expulsando do altar da Pátria todos os exploradores das paixões populares. E surgiu o Fascismo, não como uma simples reação ao comunismo, mas como uma nova concepção de vida, espiritualista, voluntarista profundamente moral e heróica. Depois chegou a vez de Portugal, e, em seguida, Hitler aniquilaria definitivamente o núcleo comunista-judeu de sua terra, iniciando uma poderosa obra de reconstrução nacional, à custa de inenarráveis sacrifícios.

Ao mesmo tempo, o fascismo se universalizava, sacudindo a alma inglesa com Moorieu, a francesa como o “francismo” e o coronel La Roque, a holandesa, a polaca, a americana, a mexicana, a japonesa, a belga, a austríaca, etc. etc., fazendo surgir, pela energia do Brasil Novo, o maravilhoso movimento integralista, orgulho do Continente Americano.

Outra forma de representar a oposição entre o fascismo e o comunismo é pela simples comparação, como no trecho abaixo retirado de outra matéria:

Segundo Lenine, o Estado Comunista é uma máquina para aniquilar uma classe por meio de outra, isto é, de esmagar a burguesia pelo proletariado. Ele declara textualmente: - “Onde há liberdade, não há Estado”.

Segundo Gentile, O estado Fascista é uma atividade moral, uma realidade ética, a consciência imanente da nação, o que não é somente geográfica e histórica, mas também espiritual. A nação se personifica acima dos indivíduos que a compõe.

O estado Fascista luta contra o comunismo [...]. Porque concebe um homem parcial, detentor da razão e só nela se apoiando [...]. Luta, porque entende que o homem, sendo Razão e Instinto, é também Espírito e que o seu Espírito domina e guia tanto o Instinto como a Razão.<sup>216</sup>

A comparação entre o fascismo/integralismo e o comunismo é uma constante nas publicações integralistas, e entra na questão de identidades que já discutimos anteriormente. Há a necessidade constante de afirmar as diferenças para demonstrar ao militante que o comunismo é o “mal” e o “errado” enquanto o integralismo é o “bem” e o “correto”.

Apesar do integralismo não possuir uma influência muito grande dentre o operariado as matérias anticomunistas tiveram um grande apelo ao operário. Esse fato poderia ser explicado por duas razões, a primeira, para expandir a influência do movimento dentro dos meios operários, “abrindo os olhos” desses trabalhadores para o perigo comunista, e o segundo, seria uma espécie de “demarcação de território”, pois,

---

<sup>216</sup> “Os três Estados”, *A Offensiva*, nº 54, 25/5/1935, p. 2.

mesmo o integralismo não possuindo uma influência significativa dentro do movimento operário, a presença constante de matérias transmitia uma idéia contrária, que havia sim uma presença integralista dentro dos sindicatos e junto à classe trabalhadora.

### AOS OPERÁRIOS

Operário brasileiro desperta e luta!

Neste momento em que as forças secretas do judaísmo internacional e do comunismo exploram o teu desespero, nesses momentos em que os processos econômicos da Democracia-Liberal elevam o teu espírito ao vermelho vivo da dor e da miséria, neste momento em que a instabilidade das sociedades faz-nos sentir a existência de qualquer coisa que trama na sombra, é justamente neste momento que surgiu o movimento regenerador do Integralismo, para retirar-te dessa situação miserável e para livrar-te de todos os perigos.

Operário brasileiro visita as sedes do Integralismo, observa a atitude dos camisas-verdes, a simplicidade dos seus gestos, o calor de suas palavras e haverás de convecer-te que o Integralismo é o despertar das forças íntimas da nossa terra, do espírito combativo do nosso povo, das energias poderosas da Nacionalidade.

Operário brasileiro se ama a tua Família, a tua Pátria e a tua Religião, veste uma camisa-verde e ingressa no movimento regenerador dos costumes dessa sociedade que dia-a-dia se corrompe.<sup>217</sup>

Ao operário também era transmitida a mensagem de que deveria combater o comunismo, pois seria o gerador dos problemas sociais que eles mesmos enfrentavam, como fica claro na matéria “Pão e Trabalho”:

Operários, dizem-vos os comunistas que “Deus, Pátria e Família”, já os possui, o que necessitam é de pão e trabalho.

Ora que colossal absurdo! Justamente o contrário; pão e trabalho existem em abundância por toda a parte, e se não os tendes, ide pedir contas aqueles que vos repudiaram, porque acima de todos os bens humanos, colocaram o “estômago”.

É o estado materialista do século, cujos efeitos aterradores vindes sentindo e do qual sabeis qual a última fase: o COMUNISMO!

[...]. De nada vós vale aplicar golpes de força, porque com isso não resolverás a vossa situação econômica; mas o que deveis é forjar uma nova mentalidade, sã e realizadora, onde todos trabalham dentro da ordem e da disciplina, pela verdade e pela justiça!

Transformemo-nos todos, um a um, interiormente, para depois realizarmos a grande revolução da Idéia, que concretizará todas as classes, fundido-as num só bloco, imenso e granítico, de energia e trabalho, a rolar pela sucessão interminável dos tempos, ao marco inconfundível da verdadeira Civilização!

---

<sup>217</sup> *A Voz do Sygma*, nº1, 20/7/1935, p. 4.

Eis, operários, a vossa diretriz: Pão e Trabalho, hoje ou amanhã, sempre vos faltarão, enquanto não tiverdes deposto deste século materialista, que vem traçando a mais triste, a mais negra página da História da humanidade!<sup>218</sup>

Outra constante nos jornais integralistas era a afirmação de que o integralismo seria a única força capaz de deter o avanço do comunismo. Como já discutimos anteriormente, o apelo anticomunista das publicações atraía uma grande quantidade de militantes, e isso se refletia nas páginas dos jornais.

Perguntamos: há outro meio de combater o comunismo, com eficiência, a não ser dentro das hostes integralistas?

Respondemos: Não, porque quem afirma isso são os próprios comunistas.

Então os comunistas afirmam isso?

Sim, senhores. Eles não fazem guerra aos partidos políticos. Em todos os seus boletins, só falam em exterminar o Integralismo. O seu próprio chefe, sr. Luiz Carlos Prestes, declara na sua carta-manifesto, que é preciso extinguir o Integralismo.<sup>219</sup>

No mesmo texto colocam que apenas no integralismo se pode combater o comunismo, deixando a entender que mesmo aqueles que não concordam com os postulados do movimento deveriam aderir, caso contrário estariam auxiliando o comunismo.

[...]. Pois bem. Os srs. chefes de família poderão dizer que não entram para o Integralismo por este ou aquele ponto doutrinário: poderão dizer que não gostam dos homens que estão à frente do Integralismo; poderão alegar isso ou aquilo.

Então, nós perguntamos: se o Integralismo não lhe serve, porque não organiza uma coisa qualquer, eficiente, forte, capaz de jugular o comunismo? Não estão vendo os comodistas que praticam com essa atitude um crime contra a Pátria, contra Deus?

[...]. Hoje estamos num dilema: quem não é integralista é ou comunista, ou aliado, consciente ou inconsciente do comunismo.

Por fim, apresentamos a questão dos crimes, considerados inerentes a um governo comunista. O interessante desse texto (e dos seus semelhantes) é que

<sup>218</sup> *A Razão*, n° 2, 10/5/1935, p. 2.

<sup>219</sup> “Integralismo e Comunismo”, *A Offensiva*, n° 58, 22/6/1935, p. 3.

apresentam depoimentos de pessoas que vivem sob “jugo” comunista. A matéria abaixo, assinada por uma russa chamada Alexandra Tolstoi e denominada “O terrorismo russo” mostra a questão do terror de Estado soviético. A violência e crimes perpetrados pelo governo soviético é uma constante nos jornais integralistas.

Doze anos trabalhei com o governo soviético e vi o espantoso desenrolar do terror. O mundo parecia mudo e impassível!... Milhões de pessoas eram deportadas, mortas à fome nas prisões, abandonadas nos desertos de gelo do extremo norte. Os bolchevistas começaram sua obra de extermínio pelos seis adversários de classe: religiosos, cientistas, crentes e intelectuais em geral. Agora chegou a hora de suplício dos camponeses e operários. E o mundo assiste ao espetáculo, indiferente...<sup>220</sup>

Além dos massacres e crimes o governo soviético era apresentado como um explorador dos camponeses e trabalhadores, e, aqueles que resistiam eram fuzilados. Pois com o sofrimento e a exploração poderiam custear a ação comunista em todo o mundo.

Já são mais de 15 anos que o povo russo sofre a escravidão, a fome, o frio. O governo bolchevista saqueia o povo, extorque-lhe o pão e outros produtos do seu suor, e exporta tudo, pois precisa da moeda estrangeira para custear os planos grandiosos e fúteis, como fogos de artifícios, e para fomentar a propaganda bolchevista em todos os países do mundo. E quando os camponeses protestam e escondem um pouco do trigo para as suas famílias famintas, a punição é rápida: *Fuzilam-nos em frente as suas próprias choupanas* para que todos possam ver o castigo que se inflige aos que cometem “crimes contra o Estado”.

Neste ponto selecionamos alguns exemplos que aparecem de forma recorrente nas matérias dos jornais do movimento integralista. Entram na questão da “doutrinação pela repetição”. Ou seja, são temas que aparecem seguidamente nas publicações integralistas. Buscamos selecionar algumas das formas mais significativas.

Assim os temas como a expansão do comunismo, tanto física como ideológica; oposição entre o fascismo/integralismo *versus* comunismo; a honestidade integralista

---

<sup>220</sup> A *Voz do Sygma*, nº 10, 1/12/1935, p. 2.



*versus* a desonestidade comunista; o apelo ao operário e crimes cometidos pelos comunistas, se repetiam nas páginas dos jornais integralistas. Como discutimos no início do capítulo, os intelectuais produziam para públicos diferenciados: nos jornais a questão do anticomunismo era o ponto central. De certa forma, unificava o pensamento do militante. Isso minimizava, pelo menos para o militante de base, as diferenças teóricas. Para o militante, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale falavam a “mesma língua” – enquanto do ponto de vista teórico apresentavam diferenças, embora tais diferenças convivessem “harmonicamente” dentro da “colcha de retalhos” ideológica que era a AIB.

Um fato que chama a atenção é a questão religiosa, que está sempre presente: é a defesa da religião, a destruição de Igrejas, etc. Mesmo sendo o número de matérias específicas sobre crimes perpetrados pelos comunistas contra a religião e a Igreja Católica reduzidas, se compararmos o corpo total das matérias anticomunistas, as referências a esses crimes são constantes nas páginas dos jornais, estão sempre presentes. Como se fosse inerente aos comunistas atentar contra os valores religiosos.

Essa questão religiosa tinha bastante repercussão dentre os militantes<sup>221</sup>, e tinha como pano de fundo uma espécie de “choque de civilizações”: de um lado estava a civilização cristã ocidental e do outro estava o ateísmo da civilização oriental. Por essa razão, achamos que essa incidência “indireta” do apelo religioso tinha uma função fundamental nesta propagação do anticomunismo. Era uma espécie de “ponto em comum” presente em todas as correntes internas do integralismo, inclusive na de Miguel Reale, que sempre se diferenciava das demais pelo teor “acadêmico”.

---

<sup>221</sup> Ver depoimentos dos militantes integralistas do Programa de História Oral do CD-AIB/PRP: Omílio Otto Kaminski, Guido Mondin, Mário Maestri, Alfredo Adolfo Beck, Breno Thomé. Referências completas dos depoimentos na Bibliografia.

### 3.2.3.2. O comunismo exemplificado: “ícones” comunistas

Além dos tipos de matérias anticomunistas que analisamos no ponto anterior, separamos uma outra característica marcante nos textos publicados nos jornais: a exemplificação do comunismo a partir da atuação de indivíduos, grupos, rebeliões/revoluções e governos comunistas. Sua presença constante nos jornais demonstrava ao militante como se portavam os comunistas, individualmente e em grupo, como era sua organização, sua atuação e como agiam quando estavam no poder. Ao mesmo tempo, ficava muito mais fácil para o militante visualizar o perigo comunista a partir de exemplos “práticos”. Por essa razão, denominamos de “ícones” comunistas. Não faremos uma interpretação exaustiva de matérias, ao invés disso, exporemos as fontes como exemplo da ação desses “ícones”.

Discutiremos grupos enquadrados como comunistas, no caso específico, as frentes antifascistas exemplificadas pela ANL; a URSS que servia como um exemplo de governo de orientação comunista; a atuação de indivíduos, no caso um exemplo externo e um interno, Stalin e Luiz Carlos Prestes, respectivamente; e, por fim, rebeliões e revoluções, Intentona Comunista como um exemplo de rebelião interna e a Guerra Civil Espanhola como exemplo de revolução externa.

A escolha se deu pela grande quantidade de vezes que apareceram nos jornais. Além disso, optamos por selecionar no máximo dois exemplos que representem cada um dos “ícones”, selecionando os mais representativos. Isto não significa que não havia outros “ícones”.

As frentes antifascistas eram vistas pelos integralistas como armas utilizadas pelos comunistas para deter o “colossal” avanço do fascismo no mundo, pois desta

forma os comunistas poderiam “esconder” sua verdadeira face, para atrair outros grupos sociais para esse embate.

São os homens mais perigosos, porque bárbaros em sua atividade destruidora. São os comunistas de todos os matizes, que os da “Liga contra a Guerra, o fascismo e o Imperialismo”, como os do “Socorro Vermelho Internacional”, quer os da “Liga Anti-clerical pró-Direitos do Homem”, como os do “Comitê Estudantil Anti-Guerreiro”, quer os da “Frente Única dos Operários e dos Camponeses” como os da “Aliança Nacional Libertadora”.

São os comunistas, geralmente nascidos entre os fracassados na vida, entre os materialistas de todos os matizes e os revoltados de todas as condições sociais.<sup>222</sup>

Dentre essas frentes antifascistas, a Aliança Nacional Libertadora era vista como o principal exemplo desse “fenômeno” aqui no Brasil. Durante o período de existência legal da ANL, e mesmo depois de seu fechamento, houve uma grande quantidade de matérias destinadas ao combate a ela. Era vista como a principal inimiga da Ação Integralista.

Defrontam-se hoje, em luta, no Brasil, o Integralismo e o Comunismo. Quais os seus órgãos de ação?

Do comunismo, a Aliança Nacional Libertadora.

Do integralismo, a Ação Integralista Brasileira.<sup>223</sup>

A ANL muitas vezes é representada como uma imagem caricata, ou como uma cópia, uma “versão” comunista da AIB.

Já viram num circo de cavalinhos um acrobata e um “clown”? O acrobata salta nas paralelas, vem o clown atrás, para imitá-lo e rola num tombo que faz as crianças gargalharem. Tudo o que o outro, ágil, viril, criador executa em prodígios de ritmos, o palhaço procura imitar grotescamente, para fazer rir a platéia.

Assim [é] a Ação Brasileira e o seu “clown” a “Aliança Nacional Libertadora”.<sup>224</sup>

Neste texto a ANL é acusada de plagiar alguns pressupostos da AIB.

<sup>222</sup> “Mentalidade Nova”, *A Voz do Sygma*, nº 1, 20/7/1935, p. 1.

<sup>223</sup> “Integralismo e Comunismo”, *A Offensiva*, nº 58, 22/6/1935, p. 3.

<sup>224</sup> “O Acrobata e o ‘Clown’”, *A Offensiva*, nº 55, 1/6/1935, p. 1.

- Somos nacionalistas! Gritamos nós.  
 E “eles”, escondendo no bolso o emblema da foice e do martelo gritam:  
 - Nós também!  
 - Somos inimigos do capitalismo internacional! Berramos.  
 E “eles”, emudecendo sobre as ligações do Soviet com sir John Simon, exclamam:  
 - Nós também!  
 (Neste ponto, para distrair os tolos, começam a atacar seu Manoel dos Anzóis, que tem uma casinha na esquina e o seu Chico da Porteira, que tem três alqueires de chão, dizendo que eles é que são os representantes do tal capitalismo internacional...).

- Queremos Deus, Pátria e Família! Dizemos, explicando que sem Deus não há justiça, logo não há pão; sem Pátria não há direitos nacionais, logo não há terra para os brasileiros e sim para os judeus; e sem Família não há vergonha na cara, logo não há liberdade.  
 Que fazem eles? Arranjam também três palavras roubadas dos nossos próprios manifestos: “Pão, terra e liberdade” e saem pelas colunas de seus jornalecos bancando os sabidos!

A ANL também é apresentada como um instrumento do “comunismo internacional” para destruir a nação e seus valores religiosos, como na matéria “Vade Retro”:

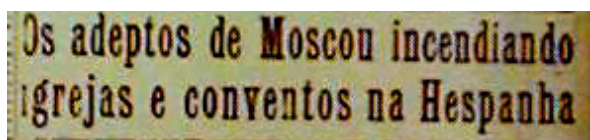
A Nação sugada, encharcada, atribulada por uma turma de exploradores impiedosos, abutres ávidos a grasnarem, sinistros sobre a decomposição do ambiente, sobre um último ultrage: o dos sofistas da Aliança Libertadora que lhe querem impingir como maná celeste e salvador contra todas as suas desgraças, o veneno peçonhento de teorias bolchevizantes mal disfarçadas.  
 [...]. O Brasil nunca será atrelado ao carro das abominações moscovitas, nuca verá seu povo, batizado nas águas centrais do cristianismo, sofrer a mordedura dos grilhões do mais baixo do materialismo que devasta as almas e transforma o ser humano, reduzindo-a à ínfima condição de animal irracional.  
 Nunca.  
 Deus, entronizado nos corações da gente de nossa terra, deles não se arranca.  
 Nunca.  
 [...]. Nunca admitiremos o conspurco das Casas do senhor e que as mesmas sejam incineradas na voragem dos incêndios sistematizados.  
 Não, o nosso povo não admitirá isso, não sofrerá a sanha cruenta dos destruidores.  
 [...]. “Vade Retro” espíritos do mal, nas plagas do nosso sacrossanto Brasil, não há lugar para a vossa ferocidade.<sup>225</sup>

Mesmo após o fechamento da Aliança, ela ainda foi tema dos jornais. No texto “Agora com que roupa”<sup>226</sup>, que aborda a formação das frentes populares e seus

<sup>225</sup> *A Offensiva*, n° 53, 18/5/1935, p. 3.

respectivos fracassos. Chegando a formação da ANL, como a principal oposição à AIB: “Surgiu então a já pranteada Aliança Nacional Libertadora. Os comunistas reiniciaram a sua ação. [...]. Os nossos ‘idealistas’ eram nacionalistas, mas nunca souberam hastear a bandeira nacional em sua sedes, nem tampouco sabiam cantar o Hino da Pátria, porque cantavam a ‘Internacional’”. Chegando ao fim a ANL, apresentam a nova forma que essa assumirá para continuar a luta contra o comunismo. “Um dia porém, a ANL perdeu o fôlego e levou a breca... Pobre ANL teu destino foi triste! Stalin, neste dia não dormiu. [...]. E agora ele grita: com que roupa apresentarei o Comunismo no Brasil?”. Logicamente os integralistas se apresentam para combater qualquer “roupa” que os comunistas usem em seu projeto de dominação do Brasil: “Novos trajes serão feitos... até o dia esperado, em que o Integralismo tomar conta do Brasil, mandando que certos indivíduos trabalhem em vez de estarem gozando à custa do ouro, feito à custa do suor do camponês da Rússia, explorado por uma ditadura tirana, que pretende ainda escravizar o mundo inteiro”.

A ANL era o grande “ícone” de organização comunista no país, que organizaria a ação “vermelha” dentro do país. Contudo, de acordo com os integralistas, não passaria



de uma marionete coordenada pela Rússia soviética. A URSS foi um dos principais “ícones” anticomunista dentro dos jornais integralistas. Moscou seria o foco de difusão por onde o comunismo se espalharia pelo

mundo, utilizando uma série de “estratégias”, uma delas seria o ateísmo.

---

<sup>226</sup> *A Razão*, nº 23, 7/10/1935, p. 3.

Uma das formas comuns de manifestação contra o governo soviético era feita a partir das críticas ao ateísmo do Estado e perseguições religiosas promovidas pela URSS.

Um telegrama de Moscou descreveu-nos as cenas presenciadas pelos moscovitas, no último domingo, com o desejo ardente da multidão em assistir às cenas cerimoniais religiosas da Páscoa.

Sem quase igrejas e sem padres, entretanto, o povo russo não se submeteu ao materialismo dos seus dirigentes e crê em Deus, e vão em multidões, já que não podem entrar nas igrejas, ficar em pé em frente ao templo de vela acesa em punho em homenagem votiva à ressurreição de Cristo!

A campanha pertinaz do “soviet”, os grandes letreiros colocados nas fachadas das igrejas, algumas delas transformadas pelos bolcheviques em casas de jogo ou em armazéns, em nada alterou a mística do povo russo. Este crê em Deus, e agora mais do que nunca, porque sente que o seu castigo deve estar chegando ao seu termo. Não é possível que o seu cativo persista através de novos planos quinquenais...

Deus é misericordioso e há de ajudar o povo russo a libertar-se dos seus opressores audaciosos e imorais.<sup>227</sup>

A URSS também era vinculada a assassinatos em massa e crimes hediondos (como acontecia com as charges publicadas na revista *Anauê!*). Nota-se que havia sempre a preocupação de vincular a imagem da URSS a violentas arbitrariedades (como no caso das perseguições religiosas), à morte, a conspirações.

Os massacres eram transmitidos aos leitores como inerentes a um governo de orientação comunista, tendo em vista que o mesmo “fazia questão” de explicitá-los:

### **Três milhões de cadáveres!**

O governo soviético editou oficialmente há tempos um livro curioso, sob o título “Dois anos de luta na frente interna”, cujo autor é um membro da famosa Tchecka, a polícia terrorista transmutada em Guepeu, o sr. J. Ljazis. Nele se contém a estatística confessada pelo próprio bolchevismo das suas vítimas de 1918 a 1919, apenas. Os algarismos são irrefutáveis e espantosos.

Segundo essa publicação oficial, no referido período foram executados “por atitude hostil contra o poder dos soviets” 1.206 pessoas pela Tchecka de Petrogrado, 1.015 pela de Moscou, 781 pela de Kiev, e 8.889 pelos de outros lugares. Ao todo, 11.891 vítimas. E o próprio sr. J. Lijazis acrescenta que esses números não são completos.

Para completá-los, é necessário recorrer à estatística das vítimas não oficiais, as que não foram registradas, as que levaram sumiço em terras longínquas como a Sibéria,

<sup>227</sup> “Materialismo Russo”, *A Offensiva*, nº 155, 14/4/1935, p. 2. As imagens acima foram retiradas do mesmo título de jornal (respectivamente: nº 130, 15/3/1936, p. 1; nº 62, 20/7/1935, p. 2).

o Cáucaso e o Turquestão, além de cidades inteiras, suspeitas de simpatia pelos brancos, que foram arrasadas por incursões dos tchekistas. [...].

Esse cálculo de execuções, que fica aquém da verdade, nos daria só para o primeiro período do bolchevismo a soma de 32 mil vítimas [...]. A Revolução Francesa levou à guilhotina pouco mais de 2 mil vítimas. Assim, só mesmo a mentira cínica do jornalista e a hipocrisia quintessenciosa do judeu podem falar de tolerância, pregar a liberdade, condenar os “regimes sanguinários de Hitler e Mussolini”, em cujos países num ano morre menos gente de morte natural do que o bolchevismo matou no mesmo lapso de tempo. [...].

Sete anos de regime comunista [...] custaram à pobre Rússia, 1917 a 1924, a bagatela de 3 milhões de cadáveres!

Eis aí o que o comunismo não promete; mas fatalmente dá. Que os brasileiros pensem bem nesses fatos diante das máscaras libertadoras e aliancistas com que se disfarça o monstro...<sup>228</sup>

Muitas vezes esses massacres estavam ligados às questões da dissolução da família e dos costumes, sempre enquadradas como uma das principais características da URSS e do regime comunista em si. Como no caso do assassinato de crianças, que teria sido perpetrado pelo governo soviético:

Não são só os operários e camponeses os que na Rússia tem sido sacrificados em benefício da camarilha comunista.

Em abril p. findo foram fuzilados rapazes e moças, alguns contando apenas 12 a 14 anos, acusados de crimes de assalto, roubo e assassínio.

Com essas execuções já sobem a 63 as vítimas da campanha de repressão soviética à criminalidade infantil.

No entanto, esses infelizes menores são apenas vítimas da dissolução da família e da animalidade dos costumes vigentes na Rússia sob o guanto do martelo e da foice.<sup>229</sup>

Ainda a URSS era enquadrada como uma arma de dominação judaica, essa leitura era mais vinculada à corrente de Gustavo Barroso, mas ela aparece em vários jornais do movimento, o que nos leva a crer que tinha influência considerável sobre o militante.

A Rússia está nas mãos de uma camarilha de judeus. O povo russo não vale nada e vegeta escravizado. A direção do país pertence quase exclusivamente a judeus. As

<sup>228</sup> *A Offensiva*, n° 59, 29/6/1935, p. 2.

<sup>229</sup> *A Razão*, n° 7, 15/6/1935, p. 2.

exceções constam de indivíduos de raça estranha à raça moscovita infendados [sic] ao judaísmo, como Stalin.

Vamos provar. Os judeus representam 1,7% da população total da Rússia. Ora, só em Moscou, a capital da mesma, existem 150 mil funcionários israelitas. Todo o pessoal do centro administrativo russo é, assim composto por judeus. [...].

Se isto não é estar nas mãos do judaísmo, macacos nos mordam. Pois é esse o destino que espera o Brasil, colônia econômica dos banqueiros judeus Rothschild, se, pela mão dos Pedro Ernesto, dos Castro Rabello, dos Mangabeira, dos Cabanas, dos Luiz Carlos Prestes, dos Carcardos, “et magna moscomitante caterva”, se deixar levar até o abismo comunista em cujo fundo se escancarava ávida a bocarra do judaísmo internacional.

Não! Absolutamente não! O sangue dos camisas-verdes salvará a Pátria da maldição a que o infeliz povo russo foi entregue pelo seu triste destino! Esse destino trágico será o exemplo que nos dará coragem para lutar e vencer os inimigos da Pátria!<sup>230</sup>

O interessante desse texto é que ele coloca a questão de uma minoria que oprime a uma grande maioria, no caso os comunistas judeus sobre a grande maioria da “raça” russa. Abstraindo a questão do judaísmo podemos nos aproximar de uma leitura mais geral de como os integralistas viam o governo soviético: uma minoria de degenerados, aproveitadores e assassinos que oprimiam o povo russo. Desse “padrão” procuravam demonstrar como seria o mundo sobre o domínio dessa “corja” bolchevista.

Uma das formas interessantes que encontramos de caracterização da URSS foi a partir de charges. Havíamos afirmado anteriormente que os jornais doutrinavam muito mais pelo texto do que pela imagem. E isso é um padrão que se aplica praticamente a todos os jornais, mas isso não significa que não existam imagens no corpo do periódico. O jornal *A Offensiva*, por exemplo, possui um apelo à imagem muito grande, embora não supere o texto. Apresenta seguidamente vários tipos de fotografias, caricaturas e charges.

Dois temas são os mais recorrentes nessas charges: a URSS e o líder comunista Stalin, que discutiremos em seguida. Nessas charges sempre são transmitidas a questão da massificação do povo soviético, do controle do Estado sobre a população, da

---

<sup>230</sup> *A Offensiva*, nº 54, 25/5/1935, p. 3.



padronização. Um exemplo pode ser encontrado na série de charges publicadas no jornal *A Offensiva* sob o título “Na Rússia Soviética”:<sup>231</sup>



No “centro” do poder da URSS estava o “maquiavélico” Stalin, considerado o maior vilão e que comandaria cruelmente o comunismo internacional. A imagem de Stalin foi amplamente difundida nos jornais, era representado como a personificação do mal, como uma espécie de exemplo que era seguido por todos os comunistas, que seriam tão sanguinários como seu líder.

O “sultão do Kremlin” foi representado de várias formas, principalmente a partir de caricaturas<sup>232</sup> e também através de charges.<sup>233</sup>

<sup>231</sup> N° 188, 22/5/1936, p. 1; n° 190, 24/5/1936, p. 1. Editamos as legendas devido ao fato de que na imagem original as legendas não estavam legíveis.

<sup>232</sup> Figura ao lado retirado de *A Offensiva*, n° 113, 23/2/1936, p. 1.

<sup>233</sup> As charge foram retiradas de *A Offensiva*, n° 60, 13/7/1935, p. 1; n° 71, 21/9/1935, p. 3.



Da mesma forma, das ações da URSS, muitas eram creditadas como as ações de Stalin. Assim tinha-se a imagem de que toda a ação comunista era orquestrada a partir da “matriz” moscovita, logicamente comandada pela “mentor” Stalin. Como podemos ver nas manchetes ao lado e abaixo:<sup>234</sup>



Paradoxalmente, a presença de Stalin nos textos foi inversamente proporcional à sua incidência em imagens e nas manchetes dos textos. A presença de textos específicos

<sup>234</sup> Retiradas do jornal *A Offensiva*, nº 193, 28/5/1936, p. 9; nº 121, 5/3/1936, p. 1.

sobre Stalin e muito restrita e nos apresenta poucos dados para uma análise mais consistente.

Sua incidência maior se dá a partir de referências em textos anticomunistas, em que não é o tema central. Assim, sua imagem era consolidada como o artífice da ação comunista:

Stalin, lá no seu Kremlin adorável, deverá estar dizendo neste instante:  
 “Esse Brasil, é um buraco! Comunismo, lá não pega de jeito algum. Brasileiro é inteligente mesmo...”.  
 Com razão, deve estar dizendo isto, o camarada Stalin, o novo Czar da Rússia.<sup>235</sup>

O texto segue discutindo sobre o fracasso das frentes populares. Esse texto também mostrou outra forma em que Stalin é representado, como aquele que liderava a URSS com mão-de-ferro, vinculando-o à imagem de um novo “czar” da Rússia: “Na Rússia existe um czar que em lugar de se chamar Romanoff, se chama Stalin”.<sup>236</sup>

Os textos em que Stalin é citado, muitas vezes refletem a questão da insegurança e de desconfiança em torno de sua figura e, ao mesmo tempo, o “sofrimento” que o seu “punho de aço” gerava na população russa.

#### **Stalin na Rússia, já perdeu a confiança de seus próprios guardas**

A “Nação” do Rio de Janeiro, em seu número 28 do mês passado, fez um comentário sobre a prisão do comandante e dos 20 guardas especiais que velam pela segurança e integridade de Stalin, o feroz ditador da Rússia no seu palácio Kremlin. Imaginem os leitores, que regime de miséria e de terror não deve existir na Rússia, onde o ditador, nem está garantido, pela sua própria guarda especial! E dizem os da Aliança Libertadora, que aquilo é o Paraíso...

Imaginamos daqui, o sofrimento do camponês russo açoitado pelo mesmo açoitador antigo, obrigado a fornecer toda a produção de seu trigo, ao governo, que lhe dá em troca uma quantidade mínima e miserável.

Oh! Rússia aflita, quiseram te levar ao materialismo crasso, ao ateísmo dissoluto, a uma vida que nunca imaginaste.

<sup>235</sup> “Agora com que roupa”, *A Razão*, nº 23, 7/10/1935, p. 3.

<sup>236</sup> “Para que os comunistas leiam”, *A Razão*, nº 15, 10/8/1935, p. 2.

Mas agora, parece que uma chama de revolta incendia o teu coração, para dentro em breve ateares a grande revolução, no teu solo, em nome de Deus, da Pátria, da Família, da Honra e da Dignidade Humana!<sup>237</sup>



Se Stalin era o comunista que os militantes reconheciam como inimigo externo nº 1, no Brasil, esse posto pertencia ao “Cavaleiro da Desesperança”, Luiz Carlos Prestes. Em um processo semelhante ao de Stalin, nas páginas dos jornais ocorreu a mitificação “diabolizada” do líder brasileiro. Contudo, a diferença primordial entre os dois era que enquanto Stalin era definido como o “comandante” do comunismo ou como uma “mente do mal”, a imagem de Prestes é um homem manipulado, uma espécie de fantoche, um derrotado. Como na imagem acima, em que aparece a seguinte frase: “Luiz Carlos Prestes, o agente da Terceira Internacional para fazer a revolução no Brasil”.<sup>238</sup>

Assim como Stalin era vinculado à imagem da URSS, Prestes também é apresentado como a “face” da ANL: “A Aliança Libertadora é Luiz Carlos Prestes e o Integralismo é Plínio Salgado”.<sup>239</sup> Isso nos remete à necessidade de identificar os movimentos políticos à imagem de indivíduos. Assim o militante podia ligar a imagem ao movimento, facilitando sua compreensão sobre o comunismo: quando se deparava com Stalin, se remetia à URSS e Prestes a ANL.

#### **Trechos de Ouro da Carta de Luiz Carlos Prestes à Aliança Nacional Libertadora**

“A radicalização das grandes massas manifestam-se claramente, entre os fatos, pela influência crescente do PARTIDO COMUNISTA, e a própria aclamação do meu nome nos comícios da Aliança É UM INDÍCIO DE TAL INFLUÊNCIA, porque

<sup>237</sup> *A Razão*, nº 10, 5/7/1935, p. 6.

<sup>238</sup> *A Offensiva*, nº 113, 23/02/1936, p. 1. Essa imagem aparecia junto com a caricatura de Stalin que citamos anteriormente na p. 164. Enquanto o primeiro era o “Ditador da Rússia”, Prestes seria apenas um “agente” sob suas ordens.

<sup>239</sup> “Comentando”, *A Razão*, nº 7, 15/6/1935, p. 3.

não só os dirigentes da Aliança, mas as grandes massas que os apóiam, sabem que SOU COMUNISTA e membro do PCB”.  
(Isto prova que a Aliança é comunista).<sup>240</sup>

Com a prisão, após o episódio da Intentona Comunista (que discutiremos em seguida), uma interessante construção em torno da imagem de Prestes começa a ser estruturada. São leituras, muitas vezes conflitantes entre si, mas que nos mostram que a utilização desses “ícones” servia como uma forma *pedagógica* de doutrinação.

A primeira leitura é a do criminoso preso e derrotado, transmitida logo após seu encarceramento, quando “tentava” entregar o Brasil à URSS:

#### **Considerações em torno da figura criminoso do Ex-Cavaleiro da Esperança**

A prisão de Luiz Carlos Prestes, o ex-“Cavaleiro da Esperança” e o atual assalariado de Moscou, veio mostrar aos incrédulos, de que o ex-comandante da coluna libertadora, acreditava na mística que o seu nome poderia ter nas multidões, para desferir o golpe que entregasse o Brasil nas mãos de Moscou.

Transviado pela ideologia judaica que domina a Rússia de hoje, Luiz Carlos Prestes chegou a ir morar nos domínios de Stalin, de lá correspondendo-se com os comunistas brasileiros que o acompanhavam na aventura trágica.<sup>241</sup>

Em uma leitura oposta apresentada no mesmo jornal, Plínio Salgado apresenta Prestes como um herói, como podemos conferir no texto “O drama de um herói”:

- Ei-lo, finalmente!

Meus olhos dão sobre a fotografia. Meu coração se aperta. É meu inimigo. É o pólo oposto. O antípoda.

E, entretanto, nenhum ódio me exalta. Nenhuma alegria por vê-lo assim, preso vulgarmente, numa cena sem romantismo e sem brilho.

Sinto, mesmo, um vago abatimento, uma tristeza surda. Possivelmente vai nessa tristeza, a dor da admiração perdida, esfacelada irremediavelmente. Talvez, no fundo desta melancolia, tenha despertado qualquer coisa como se fosse uma velha amizade, que, agora, transborda em compaixão.

Foi-se a última ilusão que me restava. Porque nunca o pude compreender senão como um forte. No começo como amigo, comungando a mesma ansiedade, a mesma tortura que nos abalou nos anos de 1923 a 1930; depois como inimigo, como contraste, força negativa em perpétuo atrito com as energias que eu desencadeara para acordar nossa Pátria.

<sup>240</sup> *A Offensiva*, n° 53, 18/5/1935, p. 1.

<sup>241</sup> *A Offensiva*, n° 124, 8/3/1936, p. 1.

Amigo ou inimigo, nunca lhe fui indiferente. Quando nossas idéias se aproximaram, desejei vê-lo bem alto e enobrecido; quando ele se transviou eu o imaginei, lutando como eu, a grande batalha, mas com esta autonomia que me reservei, chefe contra chefe, ambos jogando com a Morte e o Destino, a tremenda cartada.

Muitas vezes cheguei a pensar: o Brasil oscila entre as pontas de um pêndulo; será dele ou será meu e nisto jogo a minha vida, como joguei todos os meus interesses pondo nesta partida a honra de uma Nação.

Salgado prossegue analisando a postura de grande líder, que fez de Prestes o comandante da Coluna nos anos 1920 e o herói de uma geração.

A marcha da Coluna que ele comandara significou, numa hora trágica, a simbólica serpente de fogo, passando sobre o corpo inanimado de uma Nação, como a despertá-la de um letargo. Simbolizava bem nossa inquietação nosso desespero, porque não tínhamos, nós, os espíritos inquietos, encontrado o caminho necessário.

[...]. No meio de nossas dúvidas, quando não tínhamos ainda achado o caminho, a Coluna era para nós um consolo, porque se desenvolvia num sentido paralelo às marchas do nosso pensamento.

[...]. Nunca me esqueci daqueles dias. Daquelas noites, principalmente, em que nos reuníamos e em que ele, o herói, crescia em nossa admiração, porque exprimia qualquer coisa parecida com a tormenta subjetiva de uma juventude, que marcava com seus gestos e suas inquietações o início de uma alvorada, a véspera de um grande dia.

Contudo, o herói dessa geração se “transviou”:

Quando ele se transviou, esperei que fosse o meu inimigo na qualidade de chefe. Ele só podia ser um chefe. Jamais um rótulo. Jamais um taumaturgo milagreiro.

Com que mágoa eu o vi transformado em “messias” de todos os insensatos, de todos os desorientados, de todos os oportunistas, de todos os que pretendiam vender nossa Pátria ao Soviet! Com que desaponto vi criar-se uma lenda medieval em pleno século XX! [...].

Vivemos um tempo de novo misticismo, equilibrado, com um profundo senso de realidades espirituais e materiais. Renascemos num espiritualismo novo espiritualismo puro, elevado, de uma nobreza de atitudes e uma clara compreensão dos problemas originários e finais. Estes tempos não comportam mais os “tabus” humanos. Queremos “estadistas”.

Ora, em circunstâncias destas, o herói da Coluna passa a ser explorado como uma “Jeanne D’Arc”, como um D. Sebastião.

A partir de então começa a trabalhar com a imagem da queda do herói:

Nos dias desta semana última, o drama deste herói destruído encheu a sensibilidade de todos os emotivos. Um sentimento de revolta se levanta contra o Soviet, contra a III Internacional, contra as forças ocultas organizadas no sentido de destruir personalidades humanas.

Nada mais triste, nada mais acabrunhante do que esta fotografia. Que ninguém se alegre desta prisão. Estamos diante de um crime, de um atentado contra uma personalidade. Os autores desse crime devem merecer todo o ódio dos brasileiros. A maior parte deles se encontra em liberdade, protegida pela sua hipocrisia e continuando a obra nefasta e destruidora.

Vede, brasileiros. E meditai. E levantai-vos unidos num só bloco, numa só força nacional, para que nunca mais vejamos um crime destes: a destruição de um brasileiro executada por mãos celeradas de estrangeiros, de internacionais sanguinários, aviltadores, sem nenhum respeito pelos nossos patrícios que têm a desgraça de se tornarem seus subordinados.

Este exemplo mostra Prestes sob outro prisma: o de vítima. Se no primeiro exemplo aparecia como um agente soviético para corromper o Brasil, agora ele é apresentado como um herói que foi corrompido. E a construção desse texto é interessante, pois transmite a idéia de que qualquer um é passível de ser corrompido pelo “vírus” comunista, que é uma ideologia tão vil, que corrompe até mesmo um herói.

Por fim, a última construção em torno de Luiz Carlos Prestes se deu a partir do justicamento da militante comunista Elvira Copelo, também conhecida como Elza Fernandes. Prestes é apresentado como um assassino que, mesmo preso orquestrou a morte da jovem.

Os jornais deram ampla cobertura ao assassinato da jovem. *A Offensiva*, por exemplo, dedicou, durante vários dias, amplo espaço para matérias, em que aparecia o rosto da jovem e a de seu algoz, Prestes. Ver abaixo:<sup>242</sup>

---

<sup>242</sup> Imagens retiradas de *A Offensiva*, nº 144, 1/4/1936, p. 10. Abaixo da figura de Prestes há a seguinte legenda: “Luiz Carlos Prestes, o juiz da ‘camarada’, a infeliz Elza Copelo”. Abaixo da imagem da garota a seguinte legenda: “Elzira Copelo Colonio ou Elza Fernandes, desaparecida depois de condenada à morte por Luiz Carlos Prestes”.





Essas matérias abordam a crueldade dos comunistas, responsáveis pelas morte da garota:

A simples publicação dos documentos apreendidos pela polícia revelando as confabulações entre os membros do PCB sobre a pena a ser imposta àquela que havia sido apontada como faltosa para com os interesses secretos da horda moscovita que queria internacionalizar o país, não basta.

Entretanto a questão está a exigir mais agasalho nos nossos comentários, porque ela se alteia acima do hediondo e do que há de mais monstruoso em matéria criminal. Elvira continua desaparecida. E é mesmo bem provável que a inditosa mocinha não apareça mais.

Os documentos decifrados são demasiadamente claros e não permitem de modo algum que as hipóteses em torno do assassinato sejam afastadas. Tudo, portanto, está a indicar que a pobre jovem foi seqüestrada e assassinada violentamente por ordem do sanguinário Luiz Carlos Prestes.

Prestes é o responsável direto por esse crime, e, por esse próprio fato, tem de ser chamado à justiça para responder pela prática de delito comum.<sup>243</sup>

Não é nosso objetivo fazer amplo comentário sobre a repercussão da morte de Elvira Copelo nos meios integralistas, e sim apresentar mais uma “leitura” sobre a figura de Luiz Carlos Prestes.

<sup>243</sup> A *Offensiva*, nº 150, 8/4/1936, p. 10.



Ao longo das matérias dos jornais podemos notar esta constante mudança na imagem do “Cavaleiro da Desesperança”: ora como criminoso, um mercenário, um fantoche, um herói corrompido ou como um assassino. Mais uma vez, ressaltamos que essas “imagens” construídas em cima dos “ícones” serviam como exemplos das manifestações do comunismo ao militante e às pessoas em geral que tinham acesso a esses jornais integralistas.

Finalmente, apresentamos as rebeliões e revoluções. Como exemplos podemos citar a Intentona Comunista como um acontecimento nacional e a Guerra Civil Espanhola como um externo.

Poucos episódios na História do Brasil tiveram uma construção de imagem tão explorada como a Intentona Comunista. Para os integralistas, a “Rebelião Vermelha” surgiu como uma prova de tudo aquilo que eles pregavam contra o comunismo desde a fundação de seu movimento em 1932:

Denunciaremos insistentemente, impertinente as atividades, os planos comunistas no Brasil.  
Se o Governo tivesse aceitado nossas informações, teríamos apontado todas as cabeças do movimento.  
Tínhamos sob nossas vistas todos eles, e, podíamos localizá-los a qualquer momento. Forneceremos, se for necessário, a documentação do que afirmamos.<sup>244</sup>

A rebelião foi transmitida aos militantes como uma trama diabólica que visou entregar o país ao estrangeiro, mas que fora impedido de realizar-se em toda a sua extensão:

O plano diabólico organizado pelos elementos da vanguarda da Aliança Nacional Libertadora, rótulo da 3ª Internacional, com que era enfeitada tal organização. Nele estavam delineados os fuzilamentos de vários generais do Exército, almirantes da Marinha de Guerra, inúmeros oficiais de outras patentes, ministros, quer do poder executivo, quer do poder judiciário, de vários políticos que insurgindo-se contra a

---

<sup>244</sup> *A Lucta*, Porto Alegre, nº 10, 07/12/1935, p. 1. Primeiro exemplar após a Intentona Comunista.

intromissão de estrangeiros em nossa política, votando contra o requerimento do Velasco, fuzilamento do chefe de Polícia e de outros brasileiros que se tem oposto à idéia de entregar o Brasil aos estrangeiros.

No massacre da população, tomariam parte ativa os elementos constituídos dos partidos: - Trabalhista, Comunista, Operário e Camponês, Autonomista, se não me falha a memória, e parece que também o Evolucionista – com sua tropa de choque; tendo, ainda, ativa atuação o Unitivo Ferroviário.

Do plano constava mais, que percorreria as ruas das cidades, caminhões e outros veículos, munidos de metralhadoras, disparando tiros, a fim de estabelecer o pânico, difundindo o terror, causando, portanto, mortes com o seu séquito de conseqüências: vários aviões cruzariam os ares, despejando granadas incendiárias, e seria, também, ateado o fogo aos paióis de pólvora do Exército e da Marinha. [...].

Parte do programa foi cumprido.

Estalado o movimento no Norte e aqui no Rio de Janeiro, tais aberrações da natureza não trepidaram em assassinar, cruel e friamente, seus próprios companheiros de caserna, na qual diariamente, encontravam-se para o treinamento necessário à defesa da Pátria, havendo os que atiraram, com as próprias armas que a Nação lhes fornecera, em companheiros que dormiam, segundo contam as notícias e os depoimentos por eles prestados. [...].

Brasileiros! Aqui vos deixo um pedido: - Não vos esqueçais tão depressa! lembrai-vos de vossas filhas, vossas noivas, vossas mães e vossas irmãs.<sup>245</sup>

Esse exemplo é significativo, pois sintetiza os principais elementos deste “ícone” anticomunista. O discurso em torno da Intentona é bastante unificado e segue esse mesmo padrão sempre: de quarteladas sem muita organização foi transformada em grande conspiração da III Internacional; os planos malévolos de assassinato de militares e políticos, massacre e terror sobre a população civil, assinalam a traição dos comunistas ao se voltarem contra a sua pátria e também por executarem os seus companheiros de farda. Esses elementos foram amplamente explorados porque “demonstravam” de forma “prática”, aos leitores, a periculosidade da “infiltração comunista”.

Já a Guerra Civil Espanhola segue um padrão diferente: pois não se trata de uma revolução comunista, pelo contrário, pelo olhar integralista o caso espanhol é uma resposta nacionalista à infiltração comunista, ou seja, seria uma contra-revolução. Por essa razão era um “ícone” imprescindível, pois mostrava o que ocorria a um país que

---

<sup>245</sup> “É preciso não esquecer”, *A Offensiva*, nº 130, 15/3/1936, p. 22.

permitia que o comunismo se infiltrasse na sociedade e, ao mesmo tempo era um exemplo de luta contra o comunismo.

Aos leitores havia duas formas de transmitir o anticomunismo através Guerra Civil Espanhola.

A primeira era feita a partir da cobertura da guerra em si. Dos acontecimentos mais marcantes, batalhas, tomada de cidades de ambos os lados em contendas, questões relativas ao governo “vermelho” e o revolucionário. Logicamente as manchetes costumavam apresentar a iminente derrota das forças legalistas, da Frente Popular, enquadrados como comunistas diante dos revolucionários nacionalistas.<sup>246</sup>



Os textos destas coberturas também ressaltavam a superioridade das forças rebeldes frente aos “comunistas”. O que demonstrava a superioridade das forças “cristãs” diante dos “vermelhos”:

#### **Saragoça em poder dos revolucionários**

MADRID, 22 – Segundo as notícias de fonte oficial, quatro colunas compostas de mais de seis mil homens estavam à vista de Saragoça, que era bombardeada pela aviação. O general Cabanelas está à frente dos rebeldes que se encontram na cidade.

#### **Os revoltosos batem os governistas em Hellin**

NABAT, 23 – Um rádio da estação de Albacete, que está ocupada pelos rebeldes, e aqui captado, anuncia que os revoltosos bateram as forças do governo na região de Hellin, a sessenta quilômetros de Albacete, fizeram prisioneiros e tomaram peças de artilharia dos legalistas.

#### **Dois chefes esquerdistas mortos numa pequena expedição a Saragoça**

BARCELONA, 23 – A pequena expedição que partira ontem de Barcelona para Saragoça a fim de reconhecer o terreno, foi atacada a tiros pelos rebeldes, emboscados antes de chegar àquela cidade.

<sup>246</sup> Manchete retirado de *A Offensiva*, nº 241, 25/7/1936, 1.

Foram mortos o presidente da Federação dos Empregados de Bancos e da Bolsa de Barcelona, sr. Antonio Lopez Ralpuado e o conhecido militante sindicalista Manuel Pireto. Este dirigira em 1932 a rebelião nas minas de Figol.<sup>247</sup>

A segunda forma de transmissão do anticomunismo se dava a partir de análises sobre o conflito que acontecia em território espanhol.

A Espanha, atualmente, apresenta-nos um quadro digno de meditação. Na República Ibérica não se dá o choque entre duas forças nacionais, cada uma delas batalhando pela grandeza da Pátria. Não, os espanhóis estão separados por duas concepções de vida absolutamente opostas. De um lado os bárbaros, os que não acreditam na Pátria, odeiam a Família e combatem a Religião. Do outro lado os nacionalistas, defensores heróicos da cultura ibérica, sentinelas avançadas da civilização ocidental. Em suma, na Espanha estão em luta o INTERNACIONALISMO e o NACIONALISMO. Por isso não causa admiração que sejam queimadas igrejas, trucidados padres, ultrajadas freiras, arrasados conventos e destruídas obras de arte cristã. A luta contra o Cristianismo é o objetivo de Moscou. Nesta tarefa, para os comunistas, o fim justifica os meios. Também não se espanta o heroísmo dos revolucionários porque em suas atitudes palpita o espírito de Deus.<sup>248</sup>

Cada um desses “ícones” anticomunistas que levantamos auxilia na transmissão do anticomunismo aos militantes. Como já citamos anteriormente, serviam como uma espécie de exemplos das manifestações do comunismo, da mesma forma que permitiam a esses militantes visualizar melhor essas “ações” do comunismo. Mais uma vez ressaltamos que neste ponto não buscamos fazer uma análise aprofundada destas matérias e sim fazer uma exposição das formas em que esses “ícones” era representados.

<sup>247</sup> “Prossegue a Revolução Espanhola”, *A Offensiva*, nº 240, 24/7/1936, p. 1

<sup>248</sup> “O Integralismo e a Igreja”, *A Voz do Sygma*, nº 19, 15/10/1936, 1.

### **3.3. Espaços de inserção social e combate ao comunismo além das fronteiras da AIB**

Procuramos demonstrar ao longo desta dissertação que o combate aos inimigos do movimento servia, dentre outras finalidades, para expandir a influência do movimento integralista na sociedade. Dentre esses inimigos, o comunismo teve um papel de destaque: foi o mais combatido nas publicações voltadas para os militantes de base e a população em geral. Isso se dava tanto pelo fato do comunismo ser o “oposto” ao integralismo e um perigo “iminente” (leitura integralista), como por estratégia ou cálculo político, tendo em vista que esse anticomunismo era facilmente “lido” por esses militantes, em contraposição aos outros inimigos, como o liberalismo, por exemplo, que era de difícil compreensão. Além disso, o anticomunismo atraía muitos adeptos para as “fileiras do sigma”, pois tinha grande repercussão social.

Por essa razão, anticomunismo era o “elo” de ligação entre a AIB e outros setores sociais, principalmente aquelas que possuíam grande apelo anticomunista. Exemplos podem ser encontrados na participação efetiva de membros desses setores no movimento integralista.

Na Igreja Católica, por exemplo, encontramos a figura de Pe. Helder Câmara, como um elemento que fazia a ligação tanto entre o clero quanto junto ao movimento operário (Legião Cearense do Trabalho – discutido no primeiro capítulo). O anticomunismo integralista, devido ao seu apelo religioso, em muitos pontos se assemelhava ao da Igreja.

O apelo religioso não se prendia apenas aos católicos, mas também aos protestantes e aos espíritas. Dessa forma, buscando atrair a simpatia de católicos, protestantes e espíritas, apresentavam-se como defensores dos valores cristãos diante do “caos” comunista e ateu.

Nas Forças Armadas, destaca-se a figura de Olympio Mourão Filho, então capitão do exército nacional e “Chefe” dos serviços secretos da AIB. Seu papel foi decisivo na redação do Plano Cohen, que serviu de desculpas para o golpe do Estado Novo.<sup>249</sup> Mourão Filho também não é o único militar a engrossar as fileiras do “sigma”. De acordo com os dados publicados em jornais integralistas, no Rio Grande do Sul, por exemplo, havia 114 oficiais do exército que eram integralistas. Mesmo que não possamos comprovar a veracidade desses dados, nos levam a pensar que havia certa inserção, pois não encontramos nenhuma retratação desses números neste e em outros jornais do movimento não encontramos dados que vão contra esse ponto de vista. Também encontramos a publicação de entrevista com o Gal. Góes Monteiro em que este reflete simpatia pelo integralismo, e acreditamos que os integralistas não teriam publicado um pronunciamento falso do então Ministro da Guerra. Contudo, até o fechamento oficial da AIB e a posterior “Intentona Integralista”, de maio de 1938, não encontramos nenhum pronunciamento oficial do Exército ou da Marinha favorável ao integralismo.

O ponto de encontro entre o anticomunismo da AIB e das Forças Armadas estaria na questão da defesa da soberania nacional frente à ameaça comunista externa.

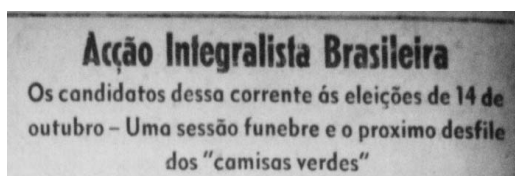
Em relação ao governo Vargas, a posição era dúbia: de um lado atacavam, por considerarem como uma estrutura liberal e, por outro, elogiavam seu esforço no combate ao comunismo. A posição de Vargas também era dúbia, pois não impedia a ação dos integralistas, contudo não nutria simpatias pelo movimento, não “facilitava” sua ação na sociedade.

---

<sup>249</sup> Mourão Filho não foi o responsável pelo destino do documento, ou seja, que seria a desculpa para a eclosão do golpe. Apenas obedeceu a ordens de Plínio Salgado para elaborar um “plano” como exercício sobre como os integralistas reagiriam diante de novo golpe comunista. Foi Salgado quem o passou para Góes Monteiro e Eurico Dutra. Mas o conteúdo reflete o pensamento anticomunista e anti-semita do integralismo.

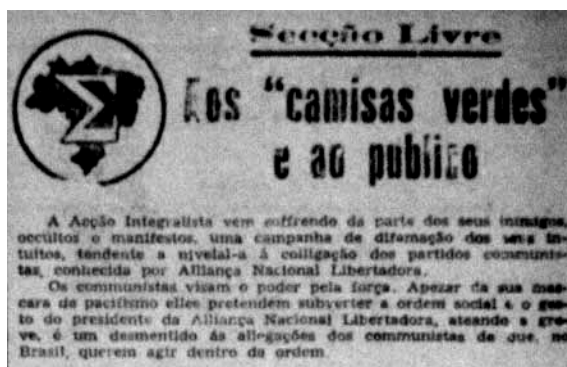
Além da busca de apoio e reconhecimento por parte de outros grupos ou setores da sociedade, o movimento, sempre que possível, procurava outros espaços de imprensa, afora sua “oficial”, para expandir sua influência. O anticomunismo também esteve presente nestes espaços “extra” AIB.

Como exemplos dessa ativa atuação citaremos três casos: dois localizados no Rio Grande do Sul e um nacional. Por uma questão de tempo nos restringimos a apenas esses três exemplos, mas acreditamos que esses nos permitam visualizar essa característica.



O primeiro e mais significativo espaço jornalístico conquistado pelos integralistas do Rio Grande do Sul foi no jornal *Correio do Povo*.<sup>250</sup> Neste jornal de grande circulação, a AIB conseguiu uma visibilidade considerável: possuía uma coluna diária denominada “Ação Integralista Brasileira”, também publicava seguidamente na seção “A Pedidos” e na “Seção Livre”, além de possuir espaço para convite para palestras, congressos, solenidades e outras atividades do movimento.

<sup>250</sup> Os dados referentes ao jornal *Correio do Povo* foram gentilmente cedidos pelo historiador Daniel Roberto Milke, pertencente ao levantamento de fontes para a elaboração de sua dissertação de mestrado, já citada no primeiro capítulo.



Não podemos, porém, afirmar que o jornal *Correio do Povo* era um órgão integralista. A AIB recebia esse espaço justamente porque o jornal mantinha uma linha “neutra” diante das forças políticas que estavam em jogo na época. A ANL, por exemplo, também recebeu espaço para publicar o seu “material” nas páginas do jornal. Contudo, ao nosso ver, uma das causas pelas quais a AIB teve uma presença tão constante foi devido ao fato de manter uma postura constante de oposição em todo o país aos *Diários Associados*, que mantinha na capital gaúcha o jornal *Diário de Notícias*, concorrente direto do jornal do grupo Caldas Junior. Dessa forma, a AIB conseguia um “local” onde poderia ter acesso a um público muito maior do que o seu “círculo” de influência e também manter uma postura de oposição aos *Diários Associados*, seus inimigos.

Semelhante ao conteúdo dos jornais do movimento integralista, no *Correio do Povo*, o combate ao comunismo também teve grande destaque. Seguidamente encontramos matérias atacando tanto os comunistas quanto a ANL. Na longa matéria denominada “Soviets no Brasil!”<sup>251</sup>, por exemplo, há uma longa exposição de uma revolução que estaria sendo preparada pela URSS para a dominação do país. Seria um violento e sangrento golpe, através do qual os comunistas brasileiros, sob comando

<sup>251</sup> *Correio do Povo*, nº 158, 9/7/1935, p. 7.



soviético, dominariam o país. A revolução seria semelhante a outros golpes comunistas “orquestrados” por Moscou:

Seguem-se as articulações do movimento e certos fatos que não podem ser trazidos ao público. Mas já são do conhecimento das autoridades. Ao que parece, O GOLPE QUE SE PREPARA PARA DESENCADear NO BRASIL, É IDENTICO AO DA Catalunha, que quase ficou arrasada, enlutando a Espanha e comovendo tão fundamente o mundo inteiro.<sup>252</sup>

Diante dessa ameaça iminente os integralistas, com o intuito de arregimentar mais adeptos, aproveitaram para fazer um chamamento ao público.

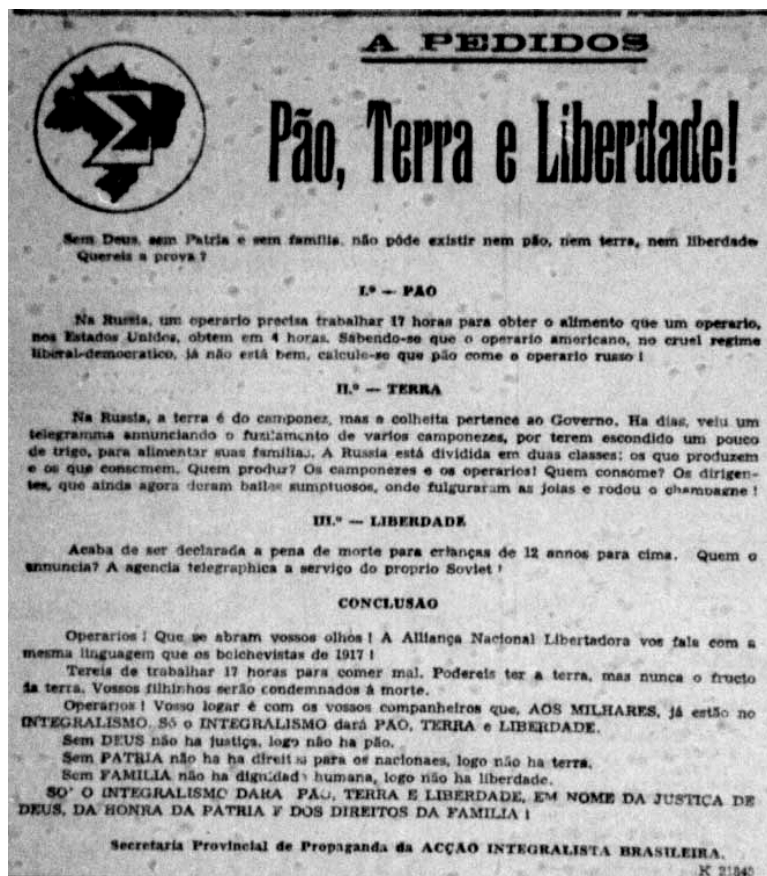
Quem pode duvidar da aplicabilidade desse ou de outros planos?  
 Brasileiros do Rio Grande do Sul! Ouvi o nosso brado: AUXILIAI-NOS A COMBATER O COMUNISMO! AUXILIAI POR TODOS OS MODOS A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA! AUXILIA-NOS ENQUANTO HÁ TEMPO! HOJE MESMO! NÃO DEIXEIS PARA AMANHÃ, PORQUE TALVEZ JÁ SEJA TARDE DEMAIS!...  
 A todos os camisas-verdes do Rio Grande do Sul rogamos dar a mais ampla divulgação à presente publicação.  
 Por DEUS, pela PÁTRIA e pela FAMÍLIA!  
 Pelo bem do Brasil ANAUÊ!  
 UM GRUPO DE CAMISAS-VERDES.

Outro exemplo de matéria anticomunista pode ser encontrado no quadro “Pão, Terra e Liberdade!”<sup>253</sup>, onde apresenta vários pontos “básicos” do anticomunismo integralista: a comparação com a “malévola” Rússia soviética, sob o prisma da exploração da população; o ataque à Aliança Nacional Libertadora. Faz uma

<sup>252</sup> O levante ocorrido na Catalunha referenciado na matéria e enquadrado como comunista foi na realidade realizado pela burguesia catalã de cunho regionalista por questões econômicas e de terras, e, que visava aumentar a autonomia frente ao centralismo espanhol. Ocorreu em outubro de 1934 e reuniu diversos partidos políticos de direita e centro direita. Na época, os comunistas na Catalunha não possuíam força nem articulação política (só vieram a ter com a Guerra Civil Espanhola) e os anarquistas que possuíam uma organização muito maior a partir da Central Nacional dos Trabalhadores se abstiveram de participar devido ao cunho direitista do levante. O resultado final foi a derrota dos rebeldes e que culminou na perda da autonomia conquistada junto com o País Basco com a queda da monarquia espanhola. O levante em nenhum momento teve orientação comunista. Seu enquadramento como “comunista” é um reflexo da leitura integralista de que tudo o que é contrário a ordem estabelecida é uma ação “vermelha”. Sobre o levante na Catalunha ver: BALCELLS, Albert. *História Contemporânea de Catalunha*. Barcelona: EDHASA, 1983, p. 280-284; CRUANYES, Josep e ORTIZ, Roser. *Història de Catalunya*. Barcelona: Editorial Teide, 1989, p. 230-234.

<sup>253</sup> *Correio do Povo*, nº 145, 23/6/1935, p. 10.

comparação entre o lema da ANL “Pão, Terra e Liberdade” com o lema da AIB “Deus, Pátria e Família”.



Além desses espaços com matérias do movimento, as lideranças integralistas seguidamente debatiam com opositores de outras agremiações e grupos políticos em jornais. Um debate muito interessante se deu entre o líder integralista Dario de Bittencourt e Mem de Sá, liderança do Partido Libertador, no jornal *Diário de Notícias*. Essa discussão foi analisada por Maria Barreras:

Entre 29 de novembro de 1936 e 14 de fevereiro de 1937 os leitores do *Diário de Notícias* são amplamente informados sobre o integralismo, seu programa, premissas, promessas, etc. Para ter-se uma idéia – Dario ocupa o veículo com vastíssimos artigos: quatro vezes em dezembro, cinco em janeiro e dois em fevereiro, num total de onze. Mem de Sá tem espaço na imprensa por doze vezes,

na mesma média mensal, sendo que sua vez a mais corresponde ao primeiro artigo que, publicado no final de novembro, mobiliza o secretário de Imprensa da AIB.<sup>254</sup>

Essa discussão teve como pano de fundo a oposição entre liberdade dentro do sistema liberal e o integralista. tendo em vista que cada autor representava uma das duas ideologias em contenda. Mesmo em uma discussão entre liberalismo e integralismo, Bittencourt aproveita para um ataque ao comunismo: o integralismo “declarou guerra ao REGIME liberal democrático e, PRINCIPALMENTE, ao comunismo e a sua filharada – o capitalismo internacional, o judaísmo etc...”.<sup>255</sup>

Desta forma conseguia espaço inclusive em jornais inimigos, como no *Diário de Notícias*.

A Ação Integralista também mantinha jornais “extra” oficiais, que não eram vinculados a *Sigma Jornaes Reunidos*, que organizava a imprensa do movimento.

Um exemplo desse tipo de jornal “integralista” é *O Povo*, do Rio de Janeiro. Em uma leitura superficial não passaria de um jornal de informação geral, apresentava seções diversas como: Esporte, Cultura, Coluna Social, Seção Policial e etc. À primeira vista não poderia ser enquadrado como pertencente à AIB, inclusive no “Expediente”, que mostra os responsáveis pelo jornal, não mostra nenhuma relação com o integralismo.

Diferente dos jornais oficiais da *Sigma Jornaes Reunidos*, em que o integralismo era explicitado em todas as páginas, em *O Povo* aparece de forma implícita, com pequenas referências ou matérias curtas. Abaixo um exemplo desse tipo de matéria:

#### O COMUNISMO USANDO DINAMITE CONTRA O INTEGRALISMO

Graves acontecimentos em Minas Gerais

De Belo Horizonte recebemos o seguinte telegrama do Sr. Castro de Souza, chefe interino do integralismo em Minas Gerais:

<sup>254</sup> BARRERAS, op. cit., p. 91

<sup>255</sup> BITTENCOURT citado por BARRERAS, p. 91.

“Esta madrugada a residência do Chefe Municipal de Andradas foi dinamitada por comunistas, chefiados pelo indivíduo José Morais de Andrade, cunhado do prefeito José Teixeira de Magalhães, ontem nomeado para esse cargo. Houve danos materiais. Os comunistas agem com extrema liberdade, aconselhando violências contra o Sigma. Atualmente temos 35 dos núcleos integralistas sofrendo coação, resultando improfícua a representação que fizemos junto às autoridades pelo que recorri ontem ao governador de Minas”.<sup>256</sup>

O integralismo também aparecia seguidamente na coluna dos editores. Em uma matéria desta coluna, denominada “A luta contra a reação” sobre o combate das forças armadas contra o comunismo depois do episódio da Intentona Comunista o integralismo é citado, na parte final do texto, como um dos colaboradores nesta luta:

As nossas forças armadas adquiriram uma grande responsabilidade perante a Nação, livrando o país do bolchevismo e cooperando para a implantação da ordem entre nós.  
[...]. Também não é desnecessário lembrar que o Movimento Integralista, sobre cuja excelência, tantos generais de nosso Exército, como Eurico Dutra, Góes Monteiro, Newton Cavalcanti, Meira de Vasconcelos, Deschamps Cavalcanti, Daltro Filho, Azambuja Villanova e Basílio Taborda, assim como o almirantado, tem se manifestado inequivocadamente, nesta luta indispensável [...] um papel de legítima força nova nacional, colaboradora das forças armadas em muitas horas de amargura.<sup>257</sup>

Se, por um lado, o jornal não expressava abertamente a ideologia integralista, uma das principais bases ideológicas da doutrinação do militante de base foi um dos pilares fundamentais do jornal: nos referimos ao anticomunismo. O conteúdo principal do periódico girava em torno do combate ao comunismo, principalmente a partir da expansão do comunismo e do fascismo no mundo e o combate entre ambos.

O trecho abaixo é um excelente exemplo dessas matérias.

O primeiro aniversário do Pacto Anti-Komintern

As comemorações da grande data universal em Berlim, no Japão e na Itália.

Transcorre hoje o primeiro aniversário da assinatura do Pacto Anti-Komintern nipogermânico. Marco de um acontecimento de profunda expressão universal, o dia de

<sup>256</sup> *O Povo*, nº 128, 29/11/1936, p. 3.

<sup>257</sup> *O Povo*, nº 127, 27/11/1935, p. 5.

hoje recorda um fato que tem importância vital para a defesa da própria civilização contra as investidas da barbárie soviética.

A assinatura desse pacto foi bem o início de uma nova era para o mundo porque é o início de uma reação forte e organizada contra o maior inimigo da humanidade: “o bolchevismo”.

Hoje o documento, há um ano assinado pela Alemanha e o Japão, trás também a assinatura da Itália. É uma aliança de três grandes potências que em defesa da civilização e da ordem espiritual do mundo, tomam posição, não contra nenhuma Pátria, como simplesmente se poderia supor, mas contra uma ideologia atéia e dissolvente.<sup>258</sup>

Também há uma constante cobertura da ação comunista soviética no mundo, como na Guerra Civil Espanhola e a influência comunista na China, assim como a ação dos países do Eixo com outras nações para deter o “bolchevista”.

Ao mesmo tempo, a ação comunista (e sua repressão) no Brasil também era amplamente explorada nas páginas do jornal.

#### REPRESSÃO AO COMUNISMO NO BRASIL

[...]. Na repressão ao comunismo o Sr. [Filinto] Muller empregou toda a severidade que era aconselhável e não vacilou em sacrificar toda a sorte de interesse, por sagrados que fossem para ele, se estavam em oposição aos interesses de sua Pátria. Mas a figura do capitão Muller requer um estudo a parte e por isso nos ocuparemos brevemente com maior cuidado dessa interessante personalidade que por certo marcará sua passagem na luta do Continente Sul-Americano contra a infiltração do comunismo.<sup>259</sup>

A postura anticomunista que encontramos nesses espaços fora das “fronteiras” da AIB nos mostra que a preocupação com o “perigo comunista” era constante e que não ficava apenas restrita aos periódicos do movimento, representando dois tipos de estratégias para atrair novos adeptos.

Se por um lado, os espaços conquistados com a “bandeira” do Sigma em outros jornais, como é o caso das matérias e seções do jornal *Correio do Povo*, poderiam ser enquadrados como uma estratégia para atrair mais simpatizantes de uma forma direta e explícita; por outro, poderia atrair mais militantes de uma forma implícita.

<sup>258</sup> *O Povo*, nº 125, 25/11/1935, p. 1.

<sup>259</sup> *O Povo*, nº 127, 27/11/1937, p. 2.

No jornal *O Povo*, por exemplo, o integralismo está implícito junto ao conjunto de matérias anticomunistas e grupos ou setores que combatem esse perigo vermelho. Dessa forma, o leitor tem acesso ao anticomunismo e aos grupos que difundem essa ideologia, contudo, desses setores, o único que “abre” suas portas ao leitor é o integralismo. Basta ver os grupos citados: o governo (tanto federal quanto dos estados), as forças armadas, a Igreja Católica, a Câmara de Deputados e o Senado Federal. Em todos esses setores as pessoas comuns não têm acesso, mas as fileiras integralistas aceitam todos aqueles que quiserem combater o comunismo.

Então são estratégias diferenciadas que de uma forma ou de outra atraem militantes. Mas também não podemos simplesmente afirmar que toda a produção desse anticomunismo era feita de forma maniqueísta para atrair exclusivamente mais militantes. Não. Essa era uma das funções.

O combate ao comunismo era uma preocupação constante, mesmo que, muitas vezes, não representasse uma ameaça real; o medo gerado por essa constante repetição do anticomunismo acabava se tornando real, aos olhos daqueles que recebiam essas informações. Além disso, para a população da época, principalmente os setores mais conservadores, o comunismo era uma ameaça real. E a produção desse anticomunismo também reflete esse medo social do “fantasma do comunismo”, que era utilizado constantemente, às vezes de forma consciente e outras de forma inconsciente, por vários setores sociais, não ficando restrito apenas à Ação Integralista Brasileira.

## **Considerações Finais**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### I

O integralismo é tema de debate nas Ciências Humanas há mais de trinta anos. Nas pesquisas, o anticomunismo sempre foi relegado a um segundo plano, restringindo-se, quando citado, a sub-capítulos em dissertações e teses. Consideramos essa pouca atenção desproporcional à relevância que o combate ao comunismo teve para os camisas-verdes.

Como podemos conferir, os integralistas não eram apenas anticomunistas. A questão do anticomunismo tinha uma lógica de funcionamento e tinha objetivos específicos dentro do movimento integralista.

Nosso trabalho procurou abordar essas questões, ao buscar compreender como se manifestava esse anticomunismo, como era representado pelo movimento e como era apresentado aos militantes e para a sociedade. Ao mesmo tempo, não nos restringimos especificamente ao anticomunismo, devido ao fato de que encontramos em nossas fontes constantes interfaces entre os diversos inimigos declarados da AIB.

A relação com esses inimigos, por sua vez, nos permitiu estabelecer qual a posição do comunismo para os integralistas dentro de uma espécie de “escala de periculosidade”, na qual invariavelmente estava entre as maiores “ameaças” para os camisas-verdes e para a sociedade em geral.



## II

A primeira questão que surgiu no início da análise desse anticomunismo integralista, foi a oposição frontal ao integralismo. Apesar de ter vários outros inimigos “declarados”, nenhum era representado como sua “antítese”, como acontecia no caso do comunismo.

Esse fato nos remeteu a uma discussão de identidade cultural, visto que a partir da definição dos inimigos (principalmente do comunismo) muitas vezes era feita a definição do próprio integralismo. Ou seja, as “virtudes” do integralismo eram apresentadas ou demonstradas a partir dos “defeitos” encontrados nos inimigos.

Assim, quando os integralistas insistiam que eram os defensores dos valores cristãos, nacionais e ocidentais do povo brasileiro, isso era feito em contraposição a um inimigo, sempre considerado desagregador desses valores.

Dentre todos os inimigos, o comunismo foi aquele que mais freqüentemente foi classificado como o “outro”. No caso, o comunismo era a principal face do *materialismo*, enquanto o integralismo era a do *espiritualismo* em eterna luta contra o “mal”.

## III

Em relação à hierarquia de “periculosidade” dos inimigos, precisamos fazer uma ressalva, para o militante de base o comunismo era o inimigo primordial e isso ficava patente pela grande incidência de referências sobre o anticomunismo nos jornais, nas revistas e nos livros de doutrinação. Do ponto de vista das discussões teóricas dos líderes do movimento, isso não foi uma regra geral. Embora tenhamos encontrado referências ao anticomunismo em praticamente todos os principais intelectuais, esse não foi necessariamente o ponto central de suas obras. Notamos que na fase inicial do

movimento (1932-1935) a postura de Plínio Salgado oscilava entre o antiliberalismo e o anticomunismo; Miguel Reale manteve posição fixa ao destacar o liberalismo como principal inimigo da AIB; para Gustavo Barroso, tanto o comunismo quanto o liberalismo, seriam instrumentos utilizados pela “conspiração judaica” para a dominação do mundo, ou seja, para ele o “perigo judaico” era a principal ameaça.

Do ponto de vista teórico, acabamos enquadrando o liberalismo como principal inimigo, pois tanto Reale quanto Salgado afirmaram que o integralismo deveria suplantar o Estado liberal presente no país, impondo desta forma o “Estado Integral”. Neste ponto Reale foi aquele que maior contribuição apresentou, ao definir a base teórica integralista em oposição à estrutura do governo Vargas, considerado por ele como liberal.

Por essa razão, definimos o liberalismo como inimigo teórico, enquanto o comunismo era considerado um inimigo doutrinário, pois invariavelmente os intelectuais, ao se dirigirem aos militantes, colocavam o comunismo como primordial, assim como as publicações destinadas aos militantes tinham como principal base o anticomunismo.

#### IV

Esse aspecto do inimigo teórico e doutrinário nos remete a algumas interpretações. A primeira é que o comunismo servia como ponto de unificação ideológica. Embora não unificasse a produção teórica, unificava o destino final da ideologia integralista: o militante de base. Isso é importante, porque demonstra que o comunismo tinha grande influência sobre o militante de base, e o fato destes intelectuais mudarem seu discurso adaptando-o a esses militantes nos revela que havia uma

compreensão, por parte desses teóricos, de que o comunismo tinha grande influência sobre a base do movimento.

Disso decorre uma segunda interpretação, que a utilização do apelo anticomunista era feito mais por cálculo político do que por uma ameaça real da ação comunista. Não estamos afirmando que esses intelectuais não temessem o comunismo, mas que o discurso anticomunista era utilizado conscientemente para doutrinar e atrair mais militantes para as fileiras integralistas.

Isso é fundamental para compreendermos a função “pedagógica” que o anticomunismo possuía. No momento em que o comunismo era enquadrado como a antítese do movimento, o militante devia, sem discordar, assumir uma postura de oposição a esse inimigo. Essa postura era “uniforme” para todos os “camisas-verdes” e sua difusão era feita através dos meios de imprensa do movimento. Assim, a ação dos militantes possuía um certo controle a partir das diversas instâncias do poder integralista: Nacional, Provincial e Municipal. Embora não fosse um controle absoluto, aquele que, em linhas gerais, não se enquadrasse era excluído das “hostes” integralistas.

## V

Como já afirmamos, a imprensa era o principal mecanismo que garantia essa “uniformidade”. É por essa razão que encontramos o anticomunismo sendo transmitido com tanta frequência através dos jornais e das revistas que eram destinados ao grande público e aos militantes de base. Encontramos muito poucos exemplares de jornais em que não houvesse apelo anticomunista.<sup>260</sup>

É a partir desse anticomunismo transmitido pelos jornais que o integralista era “ensinado”, muitas vezes, como se portar e como agir. O anticomunismo servia como

---

<sup>260</sup> A principal exceção é o jornal *Monitor Integralista*, organizado como uma espécie de “Diário Oficial” do movimento, apenas transmitia ordens da Chefia Nacional, programações e atividades oficiais, nomeações de membros para cargos, etc.

exemplo de conduta a não ser seguida. É por essa razão que encontraremos, de forma bastante regular, uma série de “exemplos” da manifestação comunista: poderiam ser desde as ações dos comunistas (sempre vinculados a crimes, atentados, assassinatos, etc.); ou da expansão do comunismo a partir da sua “matriz”, a Rússia soviética; era feito através da atuação de elementos comunistas como Stalin e Prestes; ou pela oposição de grupos contra o fascismo e integralismo (dentro da lógica de que aquilo que não era integralista servia consciente ou inconscientemente ao comunismo); poderia ser pela expansão do caos comunista, através de guerras civis e revoluções, e assim por diante.

Embora não houvesse uma padronização plena da imprensa integralista, um controle rígido sobre a elaboração das matérias, sua diagramação e sua estruturação, a questão do anticomunismo garantia certa uniformidade, que não era completa, mas também servia para diminuir as diferenças que havia entre uma região ou outra do país. O anticomunismo tinha essa “função” de ser o “traço” que uniformizava a ação dos camisas-verdes.

## VI

A partir de todos esses dados, se tivéssemos de responder à pergunta sobre qual o principal inimigo da Ação Integralista, responderíamos que este é o comunismo. Mesmo que tenhamos de entrar em contradição com afirmações que fizemos anteriormente.

Pois analisando o conjunto de informações que coletamos, a importância atribuída ao anticomunismo para a doutrinação do militante e mesmo como elemento de unificação ideológica, além de toda a produção impressa contra o comunismo, notamos que nenhum outro teve tamanha abrangência e foi tão combatido quanto o comunismo.

Além disso, era visto pelos militantes como o “seu” grande inimigo, mesmo que isso reflita a eficiência do discurso anticomunista pregado pela elite do movimento. Não podemos negar que esse militante compreendia esse “perigo vermelho” como uma ameaça real, mesmo que pudesse ter sido manipulado pela “elite” do movimento.

## VII

As questões e conclusões mais relevantes para este trabalho já foram arroladas, mas gostaria de retornar à primeira pessoa do singular para finalizar esta dissertação de mestrado.

Devo admitir que tive várias ambições ao realizar este trabalho, não sei se pude concretiza-las, mas me esforcei. Quis que meu trabalho fosse uma contribuição para o debate entre os estudiosos, tanto do anticomunismo quanto do integralismo e que também fosse relevante para as Ciências Humanas, assim como representasse uma colaboração, mesmo que ínfima, para a consolidação da democracia em nosso país.

Mas o que considero democracia?

Poderia fazer uma longa exposição de conceitos acadêmicos sobre democracia, contudo poucos deles fizeram sentido quando eu os estudei. Por essa razão, adotei um bastante simples, e que sempre “tiro do bolso” quando necessário: democracia é o resultado de um conflito, não armado, mas de duas ou mais pessoas que debatem um tema em comum.

Assim, a democracia acontece todos os dias, seja no diálogo entre alunos e professores numa sala de aula, numa mesa de bar, na imprensa, dentro de nosso lar, etc. – ou seja, em todos os locais de nossa vivência social. Não apenas uma vez a cada dois anos quando somos obrigados a ir votar. A democracia, acredito eu, também não pode

ser imposta pela força das armas, como desculpa para a invasão de um país. Isso nada mais é do que a tirania pela espada, sob disfarce democrático.

Por essa razão, acredito que a criação e difusão de medos sociais, como o anticomunismo, apenas contribuem para o enfraquecimento da democracia. A democracia exige, acima de tudo, a diversidade de pontos de vista. A proibição desta ou daquela ideologia, como ocorreu em nosso país ao longo de sua história, apenas nos afasta da democracia. Posso não concordar com as idéias daquele que debate comigo, mas devo respeitá-lo. Não devemos ter medo do ponto de vista dos outros, mas devemos apresentar o nosso. Sei que isso pode parecer romântico, mas é o que acredito.

Recentemente estava lendo o jornal *Correio do Povo*, quando me deparei com um texto de Percival Puggina sobre o filme “Diários de Motocicleta” de Walter Salles. O texto me chamou a atenção pela sobrevivência do anticomunismo mesmo nos dias de hoje, mesmo após vinte anos do fim de uma violenta ditadura militar, baseada principalmente nesses preceitos, ainda nos deparamos com essas idéias.

O filme termina abruptamente, no momento em que Ernesto [Guevara] e Alberto [Granado] se separam. Uma mensagem na tela diz que ele acabou se incorporando à Revolução Cubana e se tornando um de seus comandantes. E eu fiquei sentado, lendo aquilo, com uma sensação inútil de que no dia seguinte se seguiria um novo capítulo, com a continuidade da narrativa. O que o filme não conta, afinal? Ele não conta o efeito destruidor inerente à ideologia que o sensível, corajoso e idealista Ernesto abraçou. Essa ideologia, atuando sobre os valores que foram tão bem exibidos durante a projeção, fez dele uma pessoa tomada pelo ódio, assassina fria de seus adversários, verdadeira “máquina de matar”, condição que o Che pessoalmente impunha a seus comandados.

Assista ao filme e perceba que existem idéias capazes de transformar nobres impulsos humanos, como os de amar, dar a vida e construir, em ódio, morte e destruição. E, depois, previna-se.<sup>261</sup>

O texto de Puggina, muito semelhante à repetição das matérias publicadas ao longo das últimas oito décadas, é um exemplo de que essas idéias anticomunistas

---

<sup>261</sup> “Diários de motocicleta”. *Correio do Povo*, nº 241, ano 109, 28/5/2004, p. 4.

persistem até os dias de hoje e isso nos remete à necessidade de estudar este anticomunismo.<sup>262</sup>

Por isso acredito que as palavras do velho historiador Eric Hobsbawm fazem cada vez mais sentido. A maioria das pessoas não sabe ou se esquece de que a liberdade que hoje desfrutamos num regime democrático (mesmo que apresente uma série de problemas), é o resultado da luta de um movimento que abarcou vários setores sociais, pela redemocratização do país.

---

<sup>262</sup> Um outro exemplo de anticomunismo nos dias de hoje pode ser conferido no texto “É proibido saber” de Olavo de Carvalho, publicado no jornal *Zero Hora* (ver Anexo 5).

## **Fontes Pesquisadas e Acervos Pesquisados**



## FONTES

### a) Bibliografia

*A Revolução de 30*: seminário realizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983.

ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-1930)*. Porto Alegre: PUCRS, 1995 (dissertação de mestrado em História).

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *A cor da esperança-totalitarismo e revolução no integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1984.

\_\_\_\_\_. *In Medio Vertius: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio: CPDOC/FGV, 1988.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

AZEVEDO, Débora Bithiath de. *Em nome da ordem: democracia e combate ao comunismo no Brasil (1946-1950)*. Brasília: UNB, 1992 (dissertação de mestrado em História – não tivemos acesso a esse trabalho).

BARRERAS, Maria José Lanzioti. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: PUCRS, 1993 (dissertação de mestrado em História).

BARRETO, Álvaro Augusto de Borba. *Aspectos institucionais e políticos da representação das associações profissionais, no Brasil, no anos 1930*. Porto Alegre: PUCRS, 1995 (tese de doutorado em História).

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa preta: notas sobre a ação do fascismo e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 24, nº 2, dezembro de 1998.

\_\_\_\_\_. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000 (vol. 1 e 2).

BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

BROXSON, Elmer. *Plínio Salgado and the Brazilian Integralism (1932-1938)*. Washington: The Catholic University of América, 1972 (tese de doutorado em História).

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CALIL, Gilberto e SILVA, Carla (orgs). *O Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil* (tese de doutoramento autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim, em 1930) de Carlos Henrique Hunsche. Porto Alegre, CD-AIB/PRP, 1996. Tradução de Leandro Silva Teles.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walter de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado em História).

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *Partido de Representação Popular: política de alianças e partidos nos governos estaduais do RS de 1958/1962*. Porto Alegre: PUCRS, 1999 (dissertação de mestrado em História).

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. Partido Comunista do Brasil: 80 anos de intervenção na política brasileira. *Folha da História*, Porto Alegre, maio de 2002, Ano VI, nº 55, p. 6-8.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva. *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Niterói: UFF, 2000 (dissertação de mestrado em História).

CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1973.

\_\_\_\_\_ *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado. Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

CHILCOTE. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no RN*. Natal: Clima/Fundação José Augusto, 1986.

COUTINHO, Lourival. *O General Góes Depõe...* 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1956.

CRISTOPHOLETTI, Rodrigo. *As celebrações do jubileu de prata integralista (1957-1961)*. Assis, Faculdade de Ciências e Letras UNESP, 2002 (dissertação de mestrado em História).

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992 (dissertação de mestrado em História).

DALMÁZ, Mateus. *A Imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre (1933-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História).

DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DIEHL, Astor Antônio. *Os Círculos Operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)*. Porto Alegre: PUCRS, 1987 (dissertação de mestrado em História).

DOTTA, Renato Alencar. *O integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)*. São Paulo: USP, 2003 (dissertação de mestrado em História).

DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

\_\_\_\_\_. *O comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1997.

FALCON, Francisco. "História e Poder". In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (eds.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 16ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 1996.

\_\_\_\_\_. *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981 (vol. 3).

FLACH, Ângela. “*Os vanguardeiros do anticomunismo*”: o PRP e os perrepistas no RS (1961-1966). Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

FERREIRA, Jorge Luiz. *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil (1930-1956)*. São Paulo: USP, 1996 (tese de doutorado em História).

FERREIRA, José Roberto Martins. *Os novos bárbaros: análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro*. São Paulo: PUCSP, 1986 (dissertação de mestrado em Ciências Sociais).

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil. Germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *O perigo alemão*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controvertido*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

\_\_\_\_\_. O integralismo no Rio Grande do Sul. *Folha da História*. Porto Alegre, novembro de 2002, Ano VII, nº 61, p. 7.

GERTZ, René; PADRÓS, Enrique S. & RIBEIRO, Luis Dario T. *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB-/PRP/ Palmarinca, 2000.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940.

HERNANDEZ, Leila M. G. *Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

HERVÉ, Egydio. *Democracia liberal e socialismo entre os extremos: integralismo e comunismo*. Porto Alegre: Globo, 1935.

HILTON, Stanley. A Ação Integralista Brasileira: fascism in Brazil (1932-1938). In: *O Brasil e a Crise Internacional (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Rebelião Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

- HOBSBAWM, Eric, J. *Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.
- IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- KONRAD, Diorge Alceno. *1935: A Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 1998 (dissertação de mestrado em História).
- KONDER, Marcos. *Democracia, Integralismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: 1935.
- LEVINE, Roberto M. *O regime Vargas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- MAFFEI, Eduardo. *A batalha na praça da Sé*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.
- MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).
- MOLINARI FILHO, Germano. *Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo n'O Estado de São Paulo (1930-1937)*. São Paulo: PUCSP: 1992 (dissertação de mestrado em História).
- MONTENEGRO, J. A. S. *O integralismo no Ceará*. Fortaleza, s/ed., 1986.
- PARENTE, Josênio C. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1986.
- PAYNE, Stanley G. *Historia del fascismo*. Barcelona: Editorail Planeta, 1995.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. 2ª ed. São Paulo: Cia. da Letras, 1992.
- PINSKY, Jaime. O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- PISTORELLO, Daniela. *“Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História).
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa no fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- RODEGUERO, Carla. *O Diabo é vermelho: Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945-1964*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (tese de doutorado em História).

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Paradigma e História – a ordem burguesa na imaginação social brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. *A elite diplomática brasileira e as visões sobre a Argentina durante o Estado Novo*. Porto Alegre: UFRGS, 1996 (dissertação de mestrado em História).

SILVA, Carla Lucianna. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Hélio. *A ameaça vermelha: o Plano Cohen*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

*Simpósio sobre a Revolução de 30*. Porto Alegre: ERUS, 1983.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Intentona Comunista de 1935*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

SOUZA, Francisco Martins de. O integralismo. In: *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982.

TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo, UPF, 2003.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.

\_\_\_\_\_. “Texto e Contexto: nota crítica a alguns aspectos do estudo ‘Paradigma e História’ de Wanderley Guilherme dos Santos”. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 1976, p. 126-134, vol. 4.

\_\_\_\_\_. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981 (vol. 3).

\_\_\_\_\_. *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIEIRA, Solange Gomes. “*Roma ou Moscou*”: *O Imaginário Anticomunista da Igreja Católica, “O Horizonte” (1924-1931)*. Belo Horizonte: PUCMG, 1989.

## **b) Bibliografia Integralista**

### **Livros de Plínio Salgado**

*A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Editora Verde-Amarelo, 1935.

*A Doutrina do Sigma*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937.

*A Quarta Humanidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

*Carta aos camisa-verdes*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.

*Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio: 1935.

*Nosso Brasil*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1937.

*O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Edition, 1933.

*O que é integralismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Star, 1933.

*O sofrimento universal*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

*O sofrimento universal*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

*Páginas de combate*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1937.

*Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

*Palavra nova dos tempos novos*. São Paulo: Panorama, 1937.

*Psychologia da Revolução*. Rio Janeiro: José Olympio, 1935.

### **Livros de Gustavo Barroso**

*A palavra e o pensamento Integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*A ronda dos séculos*. 3ª edição. São Paulo: José Olympio, 1933.

*A sinagoga paulista*. 2ª edição. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

*Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

*Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

*Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

*História Secreta do Brasil*. II Volume: Da abdicação de Dom Pedro I à maioria de Dom Pedro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

*História Secreta do Brasil*. III Volume: Da maioria de Dom Pedro à República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

*Integralismo e catolicismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

*O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

*O Integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

*O Integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

*O quarto império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

*O que o integralista deve saber*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

*Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Minerva, 1936.

### **Livros de Miguel Reale**

*Actualidades brasileiras*. São Paulo: Schmidt, 1937.

*Formação da política burguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

*O capitalismo internacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

*O Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

*Palavras aos integralistas*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

*Perspectivas integralistas*. São Paulo: Odeon, 1935. Série "Política".

*Razões do Integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

### **Livros de outros autores integralistas**

CABRAL, J. *A questão judaica*. Porto Alegre: Globo, 1937.

GOUVÊA, Oswaldo. *Brasil Integral*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.

\_\_\_\_\_. *Os judeus do cinema*. Rio de Janeiro: Gráfica São Jorge, 1935.

MACIEL, Anor Butler. *Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo*. Porto Alegre: Globo, 1937.



\_\_\_\_\_. *Nacionalismo - o problema judaico e o nacional-socialismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

\_\_\_\_\_. *O Estado Corporativo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

MARTINO FILHO, Ferdinando. *Pela Revolução Integralista*. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

MELLO, Olbiano. *Razões do Integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

PEREIRA, Jayme. *Democracia Integralista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

PUJOL, Vitor. *Rumo ao Sigma*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1935.

RODRIGUES, F. C. *Novos rumos políticos e sociais*. Porto Alegre: Globo, 1933.

SILVA, Jayme Ferreira. *Retalhos Verdes*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1937.

SILVEIRA, Tasso da. *Estado corporativo*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1937.

\_\_\_\_\_. *Caminhos do espírito*. São Paulo: Editora J. Fagundes, 1937.

VIVEIROS, Custódio de. *Camisas Verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

\_\_\_\_\_. *O sonho do philosopho integralista*. Rio de Janeiro: Livraria Antunes, 1935.

### c) Jornais

#### São Paulo

*A Voz D'Oeste* (Ribeirão Preto)

*A Voz D'Oeste* (São Paulo)

*Anauê!* (Jaú)

*Monitor Integralista* (São Paulo)

*O Nacionalista* (Araraquara)

#### Rio de Janeiro

*A Offensiva* (Rio de Janeiro)

*Século XX* (Rio de Janeiro)

#### Rio Grande do Sul

*A Lucta* (Porto Alegre)

*A Voz do Sigma* (Bagé)

*Correio do Povo* (Porto Alegre)

*O Bandeirante* (Caxias do Sul)

*O Integralista* (Porto Alegre)

*Revolução* (Porto Alegre)

#### Pernambuco

*Ação* (Recife)

**Minas Gerais**

*Anauê!* (Belo Horizonte)

**Paraná**

*A Razão* (Curitiba)

*O Integralista* (Curitiba)

**d) Revistas**

*Anauê!* (Rio de Janeiro/RJ)

*Panorama* (São Paulo/SP)

**e) Depoimentos Orais**

CALIL, Gilberto Grassi & SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Emílio Otto Kaminski*. Porto Alegre: Edição do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1996.

CALIL, Gilberto Grassi & SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Mário José Maestri*. Porto Alegre: Edição do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1998.

CALIL, Gilberto Grassi & SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Guido Fernando Mondin*. Porto Alegre: Edição do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1998.

CALIL, Gilberto Grassi, CARDOSO, Claudira do S. C., MILKE, Daniel Roberto, SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Alfredo Adolfo Beck*. Porto Alegre: Edição do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 2001.

BATISTA, Neusa, FLACH, Ângela & MILKE, Daniel Roberto. *Depoimento de Antônio Setembrino de Mesquita*. Porto Alegre: Edição do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1999.

BATISTA, Neusa Chaves, CALIL, Gilberto Grassi, & SILVA, Cátia Fabiana. *Depoimento de Dolmy Antonio Tarasconi*. Porto Alegre: Edição do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 2000.

CALIL, Gilberto Grassi, CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino, MILKE, Daniel Roberto, SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Alfredo Adolfo Beck*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP, 2001.

FLACH, Ângela, MILKE, Daniel Roberto, OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Depoimento de Breno Alberto Thomé*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP, 2002.

### **ACERVOS PESQUISADOS**

- Acervo Benno Mentz (Porto Alegre/RS)
- Centro do Documentação Sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (Porto Alegre/RS)
- Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS)
- Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro/SP “Oscar Arruda Penteadó”

## **ANEXOS**

## **ANEXOS**

### **ANEXO 1**

“Internacional”  
*Anauê!*, nº 18, agosto de 1937, p. 54.

## NOSSA CRONICA

As eleições em todo o mundo estão sendo disputadas entre os comunistas e os nacionalistas. Os partidos liberais envolveram tanto que ficaram feitos os cegos da Ceará: só andam quando por uma varinha puxada por um menino. E o menino de cego de todo este pessoal é o Komintern.

Menino vadio, perverso, lavado de bréca que vem molhando o pé em tudo que está na frente para dar passagem ao seu cego.

O cego da França se chamava Léon Blum. O cego da Hespanha se chamava Azadía. O cego da Bélgica é aquele acurrido Sr. Van Zeeland. O menino de cego foi andando pontapé em todo mundo, por toda parte. Escondendo traquinamente o umi para os Degrelle, os Guizalez e os Nacionalistas do mundo inteiro, enfim, não poderem votar.

Ha quem busque, quem ache graça nas traquinadas do menino de cego... Mas, cuidado! E' bom não brincar com elle. Elle está no Brasil também. Por que o Brasil também tem o seu cego. E' cego mesmo. Mais cego do que os outros...

## INTERNACIONAL

## NA CHINA

As coisas continuam pretas na China. Os jornais de Tokio dizem que a Carne da China está barata. Tostou o kião.

Mas nem por isso. A imperturbavel serenidade dos marconins continua. Os dirigentes continuam torcendo os rabichos e vestindo aquellas roupas bonitas que o Chang mostrou á gente no João Caetano.

Quando alguém lhes chama a atenção para o perigo que corre a Patria, elles respondem sorrindo entre os ralos frios da bigode:

"O Japão não ardeanta... Nós somos o Celeste Imperio". Elles tomam cuidado e alham o que aconteceu com Lucifer... Isto é o que pode se chamar uma desculpa de Chim. E quando a gente no Brasil tem desculpa de Chim?

## NA RUSSIA

Continuam na U. R. S. S. as "depurações" dos elementos trotskistas pela policia da Guepsú. Depois dos comissarios, os altos funcionarios graduados; depois dos funcionarios graduados, os generaes; depois dos generaes, os litteratos, os escritores e os jornalistas.

Agora é a vez do theatro: directores, pontos, coristas e actores suspeitos de trotskismo roem todos nas garras da Guepsú.

Agora os ingressos de theatro trazem na verso este aviso: "Caso algum artista seja condenado á morte no momento da apresentação, a peça fica adiada".

## NA HESPANHA

Não é propriamente na Hespanha.

E' para a Hespanha. Sobra este passozinho que assignou uma moção de solidariedade ao ex-governo hespanhol encerrado em Valencia. E assignaram a moção, porque?

Porque foi um governo eleito regularmente pelo povo. Boa essa! Se fossemos mudar moções a todos os governos eleitos regularmente pelo povo, era um

nunca mais se acabar. Frução para a França, para U. S. A., para o todo o mundo.

Será que não houve mesma nenhuma outra razão para esse bilhetesinho ao Caballero?...!

## NA AMERICA DO NORTE

O yankee, para ser um bom yankee tem que ser um recordman. Em qualquer coisa. Ha pouco tempo Miss Ann Southey, de Nova York, conseguiu de bater tambem o seu recordo. E escolheu justamente um "sport" em que isto é difficilissimo nos F. E. U.: — a Extravagancia.

Sahiu á rua. Um Furdeno velho, a falta do que fazer atropelou a elegante dama e machucou-a bastante. Miss Southey não teve duvidas. Processou o motorista incauto. Não propriamente, por ter atropelado. Mas, "por ter atropelado uma senhora da "haute-gamme", com um carro indigno de sua posição social..."

## NA SUISSA

Dimitroff perdeu o seu "braço direito".

Foi preso em Genebra, o celebre sr. Muensenberg, agente do Komintern e ajudante de ordens do Dimitroff.

Remettido para Moscou a Guepsú deu conta delle em dois tempos.

Commento o malicioso chronista do "Travaso":

Pobre Dimitroff! Que irá fazer sem o "braço direito"?

— Continuar a rubar com a esquerda mesmo!...

## NA FRANÇA

Por artes de berliques e berloques acaba de desaparecer do Thesouro Francez a respeitavel beluda de 8 bilhões de francos. Interrogatorios, investigações, e o cobre não apparece. Estão apertando o Blum para descobrir quem foi o auctor do rinho.

Consta que o velho do pincoz se baba defendeu-se galhardamente dizendo:

— Hom-esse! Quem disse que sabia onde estava o dinheiro não fui eu!

**ANEXO 2**

“O Grevista”

*Anauê!*, nº 13, março de 1937, p. 7.

“O Indisciplinado”

*Anauê!*, nº 14, abril de 1937, p. 19

# O GREVISTA

(Especial para ANAUÊ!)  
Schets de VICTOR PUJOL

*Scenario* — Um quarto imunito de habitação collectiva, cama de casal, berço, uma escrivanha, pequena e duas cadeiras. Uma lampada electrica pendente do tecto, uma louça fio.

## PERSONAGENS

João — *Proletario.*  
Maria — Sua esposa.  
O Medico.

(Ao subir o jannô, João está sentado cabisbaixo e Maria cubalando o berço).

João

(*Levantando-se*) Bem. Vou é reunião do syndicato.

Maria

Você vai sair com o pequeno neste estado?

João

Não posso faltar ao compromisso. Depois... está na hora do medico. Elle já devia estar aqui, mas os doutores não têm pressa para os filhos dos pobres.

Maria

João, não saia hoje. Eu lhe peço.

João

Precisamos agir. Faz 15 dias que estamos em greve e a fome já entrou em casa.

Maria

Procuraremos trabalho noutra officina.

João

Você acha que devemos continuar escravos da burguezia, desses miseraveis capitalistas!

Maria

Tenhámos fé em Deus e na Virgem Maria.

João

Fé em Deus e na Virgem Maria não fraz o feitiço para casa, nem o leite para o filho.

Maria

(*Reprehensiva*) João! (pausa). Você está louco?!

João

Perdôe, Maria. Eu já não sei o que digo!

Maria

Depois que você se meteu nessa coisa de communismo, mudou inteiramente. Está até berege!

João

Estou é farto de ser explorado pelos humens. Enquanto nós passamos fome e o nosso filhinho morre á mingus, os magmatas e os taes paredros do regimen se banqueteam e devoram o dinheiro do povo nos casinos e nos cabarets.

Maria

Mas não está fazendo greves e agitações que melhoraremos a nossa sorte. Deixe de lado esses estrangeiros e esses politicos agitadores que estão envenenando o seu coração.

João

Com essa gente é que faremos a revolução proletaria.

Maria

Com essa gente vocês farão a desgraça do Brasil e a nossa desgraça. Pense um pouco na nossa Patria e nas nossas familias.

João

Quer vêr que você tambem é integralista?

Maria

Parece que não é nenhum crime ser integralista. Se elles querem o bem do proletario e o bem do Brasil!

João

(*Avançando para a esposa, punhos serrados sobre sua cabeça*). Você é então, integralista? Infame! Miseravel! Comiesse se teu coragem!

Maria

(*Levantando o braço direito*). Sou integralista! (João rasga, fêta a esposa, olha para o berço). Nós não argamos a nossa fé!

João

(*Arrependido*). Desculpe, Maria. Eu já não tenho cabeça!

Maria

Olhe, João, você está entendido! Não saia hoje. O nosso filhinho está operado; o doutor vem abrir a ferida; elle pôde morrer.

João

Não. Tenho um compromisso de honra. (Toma o chapô). Precisamos dar uma lição aos burguezes. Até já. (Sai).

Maria (só)

Pobre de meu marido! Viraram-lhe a cabeça! (*Afflicta*). É o doutor que não vem. (Vae ao berço do filho). Coitadinho! Está tão acabado!

Medico

(*Entrando com uma pequena valise, que colloca sobre a mesa*). Então?... Como vai o nosso doentinho?

Maria

Ah, doutor, acho-o tão mal.

Medico

Vejamos. (Vae examinar a criança). Não ha motivo para desanimar; ao contrario...

Maria

Doutor, salve o meu filho!

Medico

Elle vai ficar bom, sôssegue. (*Abre a valise, tira os ferros atadurados, etc., e depois encosta a mesa junto ao berço*). Eu agora vou proceder á abertura da ferida. (Pega a lampada electrica e entrega-a a Maria). A senhora vai segurar esta lampada... Mas, não trema com a mão... Assim... Nada de nervoso.

Maria

Sim, doutor.

Medico

(*Curvando-se sobre o berço*). Fique calma, minha senhora!

(*Continua na pag. 56*)



# O GREVISTA

Conclusão

	<i>Maria</i>	<i>Médico</i>
	Meu Deus! Onde está a vela? E os phosphoros?!	Seu filho está morto. Sem luz que podia eu fazer?
	<i>Médico</i>	<i>Médico</i>
	Luz! Depressa! Luz!	<i>(Debruçada-se no berço da criança)</i> Meu filhinho,
	<i>Maria</i>	<i>Médico</i>
Estou calma, doutor.	Minha Nossa Senhora!	<i>(Colocando os ferros na cabeça, tomando o chapéu)</i> , Fiz o que pude para salva-lo. <i>(São)</i> . <i>(Maria está soluçando sobre o berço da criança)</i> .
<i>Médico</i>	<i>Médico</i>	<i>João</i>
Não trema com a luz que vou dar o golpe.	Uma compressa! Dê-me algodão! Risque um phosphoro!	<i>(Entrando, alegre)</i> Ah! Estou satisfeito. Vinguei me desses bur- guêzes! Viva o proletariado! Viva a Internacional. <i>(A Maria)</i> Maria, cortei o cabo de energia eléctrica da cidade. Deixei a cidade às es- curas.
<i>Maria</i>	<i>Maria</i>	<i>Maria</i>
Pobresinho!	Está aqui, doutor! Está aqui! <i>(Acendendo uma vela)</i> .	É matou o nosso filho!
<i>Médico</i>	<i>Maria</i>	
Firme! Agora!	Chegue a luz aqui... Sem luz não é possível...	(PANNÓ)
<i>Maria</i>	<i>Maria</i>	
Meu Deus, quanto sangue!	Doutor, meu filho?	
<i>Médico</i>		
<i>(Entrando)</i> . Não trema com a luz, minha senhora! <i>(A luz se apaga)</i> . <i>(Aos gritos)</i> . Dê-me luz! Luz! Luz phosphoro! uma vela!		

# O INDISCIPLINADO

Sketch de VICTOR PUJOL

Scenario — Final de sessão em um Núcleo, no Interior do Brasil.

Os Integralistas acabam de cantar o Hymno Nacional. O Chefe do Núcleo e os seus Secretarios ainda estão à mesa da presidência. É trazido à presença do Chefe um Integralista indisciplinado que deixou de fazer a saudação ao Hymno da Patria. Este, é um homem ainda moço, robusto, tipo camponez, physionomia com traços de sofrimento.

## UM "CAMISA-VERDE"

(Apresentando o Indisciplinado ao Chefe!) Chefe! Este homem aqui entrou se dizendo Integralista, mas me parece suspeito...

## OUTRO "CAMISA-VERDE"

É um indisciplinado!

## CHEFE

Vejamos... (para o Indisciplinado!) Que veio o senhor aqui fazer?

## INDISCIPLINADO

Vim assistir à sessão do Núcleo.

## CHEFE

É Integralista? Sympathisante? É patriota?

## INDISCIPLINADO

Sou "Camisa-Verde"!

## UM "CAMISA-VERDE"

Mentira, Chefe!

## OUTRO "CAMISA-VERDE"

Ele vestiu essa camisa para despistar!

## CHEFE

Deixem-no falar. (ao Indisciplinado!) Fale!

## INDISCIPLINADO

Sabe que havia uma reunião neste Núcleo. Sou um homem de campo, mora a 10 leguas daqui. Andei todo o dia debaixo de chuva, mas aqui estou. Intelizmente cheguei no fim...

## UM "CAMISA-VERDE"

Ninguém o conhece aqui.

**Agora sua esposa  
não corre perigo!**



IMAGINE, porém, si o Sr. lhe faltar... Afaste essa preocupação, fazendo um seguro adaptado às suas condições economicas.

**SUL AMERICA** Companhia Nacional de Seguros de Vida

## INDISCIPLINADO

Me conhece o Chefe Nacional, Plinio Salgado sabe quem sou eu!

## OUTRO "CAMISA-VERDE"

Mentira! É' ele um espião, vendido a Moscou! É' algum comunista!

## INDISCIPLINADO

(energico) Não sou comunista!

## UM SECRETARIO

E ousa pronunciar o nome do Chefe Nacional!

## CHEFE

(o Indisciplinado!) Então? Deitando-se.

## INDISCIPLINADO

Não sou comunista! Ordem o comunismo!

## UM SECRETARIO

É' a tactica dos bolchevistas. Todos negam o seu crédito.

## CHEFE

Mas, que provas positivas têm os companheiros contra este homem?

## UM "CAMISA-VERDE"

Negou-se a saudar o Hymno Nacional. Só os communistas se negam a saudar o Hymno da Patria.

## INDISCIPLINADO

Não me esqueci a saudar. Eu cantei o Hymno.

## UM "CAMISA-VERDE"

Mas não levantou o braço!

## CHEFE

(ao Indisciplinado!) Não levantou o braço?

## INDISCIPLINADO

Não!

## CHEFE

E por que não levantou o seu braço?

## INDISCIPLINADO

Porque... Porque... (sacudindo a capa fóra dos hombros) não tenho mais braços!...

## TODOS

(surpresos) Oh!!!

## INDISCIPLINADO

...Perdi-os num choque com communistas!

**ANEXO 3**

“Um atentado contra a Nação”  
*Anauê!*, nº 22, dezembro de 1937, p. 41 a 49.

“Atentado na Espanha”  
*Anauê!*, nº 21, novembro de 1937, p. 29.

“Um atentado contra a Nação”

“ANAUÉ!” — Dezembro de 1937

41

# UM ATENTADO CONTRA A NAÇÃO

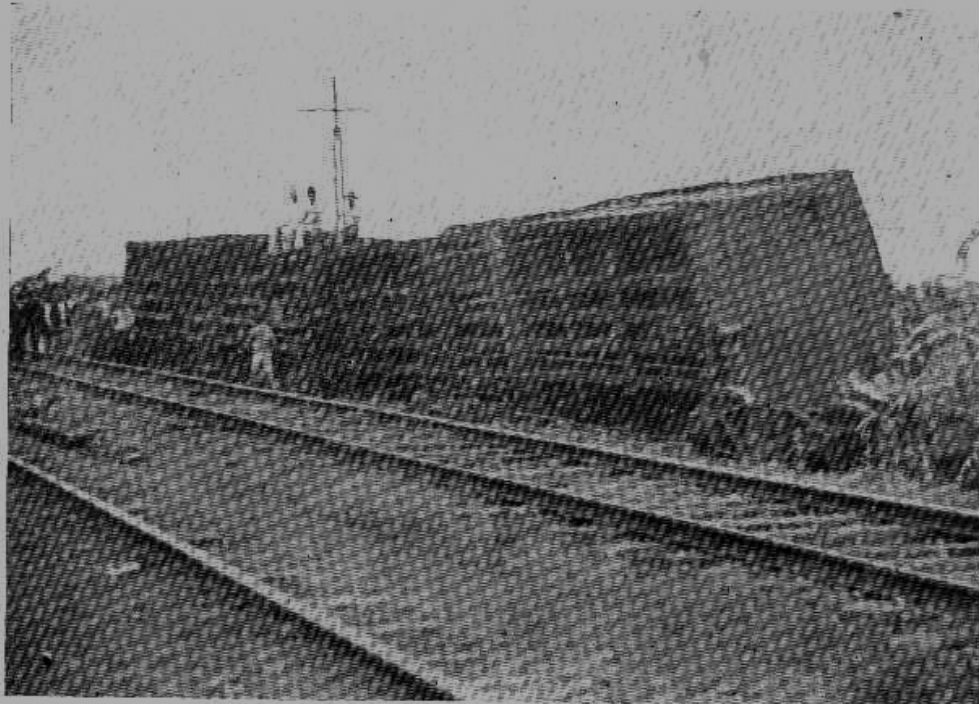
Os acontecimentos de Mesquita, que tiraram a vida a tres brasileiros de comisa verde e forram muitos outros, repercutiram dolorosamente em toda o territorio nacional. A sensibilidade brasileira ficou profundamente magoada com o attentado que victimou os nossos patriotas, os quaes se expuseram a todas as dificuldades afim de viz ao Rio de Janeiro tomar parte na memoravel parada do dia primeira, facta marcante do anno.

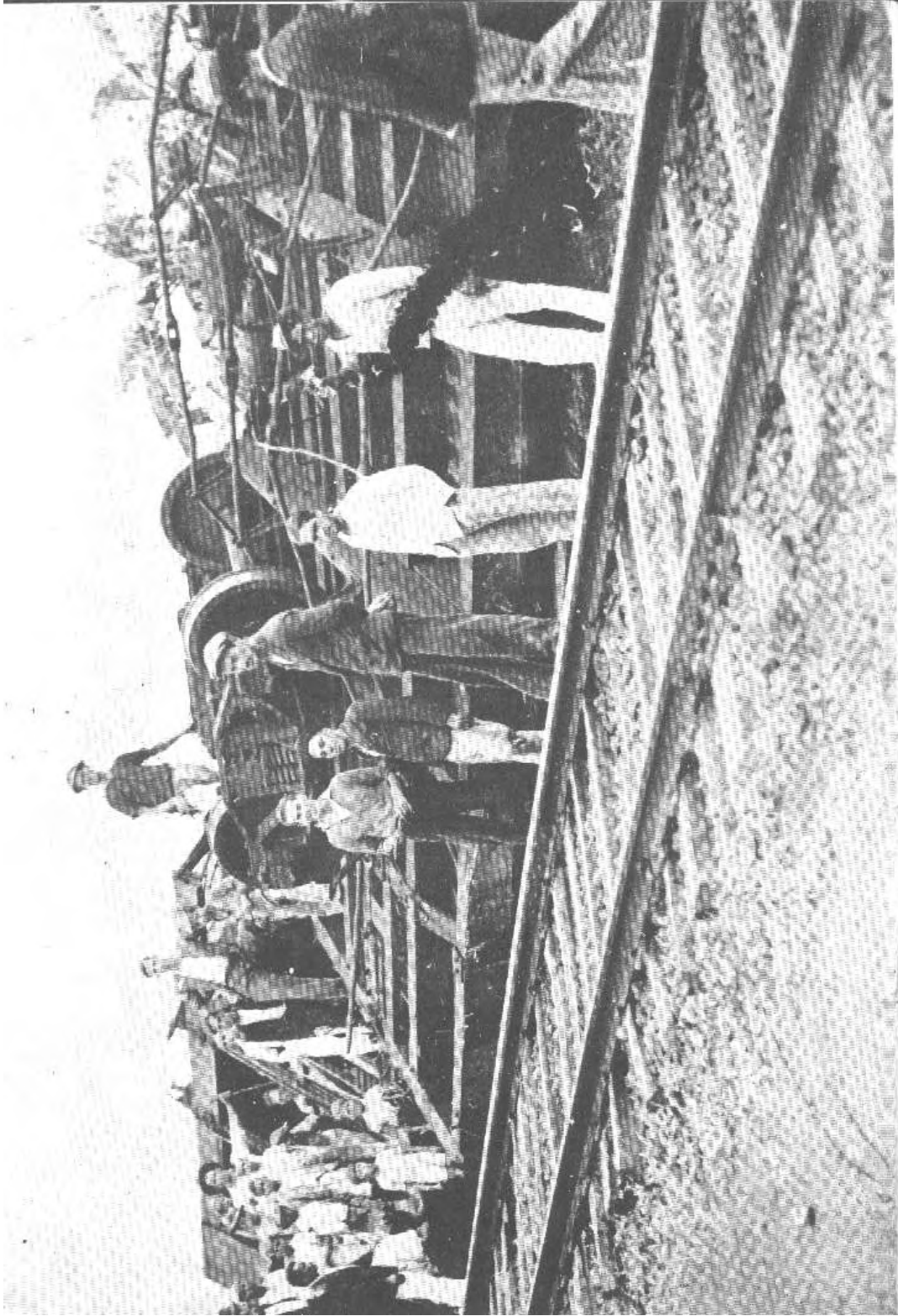
Ficou patenteado novamente o desprezo que os communistas têm pela vida dos outros, não recuando diante dos processos mais covardes afim de lagrar os seus intentos criminosos. Diante da sua furia de destruição, cahiram mais tres brasileiros. Mais tres brasileiros daqueles que intimamente sentiam as vibrações da Patria Nova que se está

creando. Mais tres brasileiros dos que estavam perfeitamente identificados com o futuro do Brasil.

A mão assassina que provocou o choque tremendo, que abalou os sentimentos nacionais, que enlutou tantos corações, ficará na memoria da nossa povo como expressão de uma epocha. Serve de symbolo de um regime que não soube libertar o Brasil e cujo extermínio deve implicar no inicio de outra era.

E os tres brasileiros mortos em Mesquita, já consagrados como martyres do integralismo, ficarão como martyres da nacionalidade que se vai realizar. Bernardino M. da Silva, Almeirim de José Tavares e Saturnino de Almeida Paiva são nomes gravados em nossa Historia.







*A estufa em que ficou uma parte da trem, objecto da acção terrorista dos associa-  
dos de Moscou*



*Bravos comissus verúes, victimados, que, recolhidos em outra composição, se mostram mais  
do que nunca exultando na sua fé. A energia inafimavel dos grandes constructores da  
Nação!...*



*O PRESIDENTE DA REPUBLICA MANDA VISITAR OS INTEGRALISTAS FERIDOS*

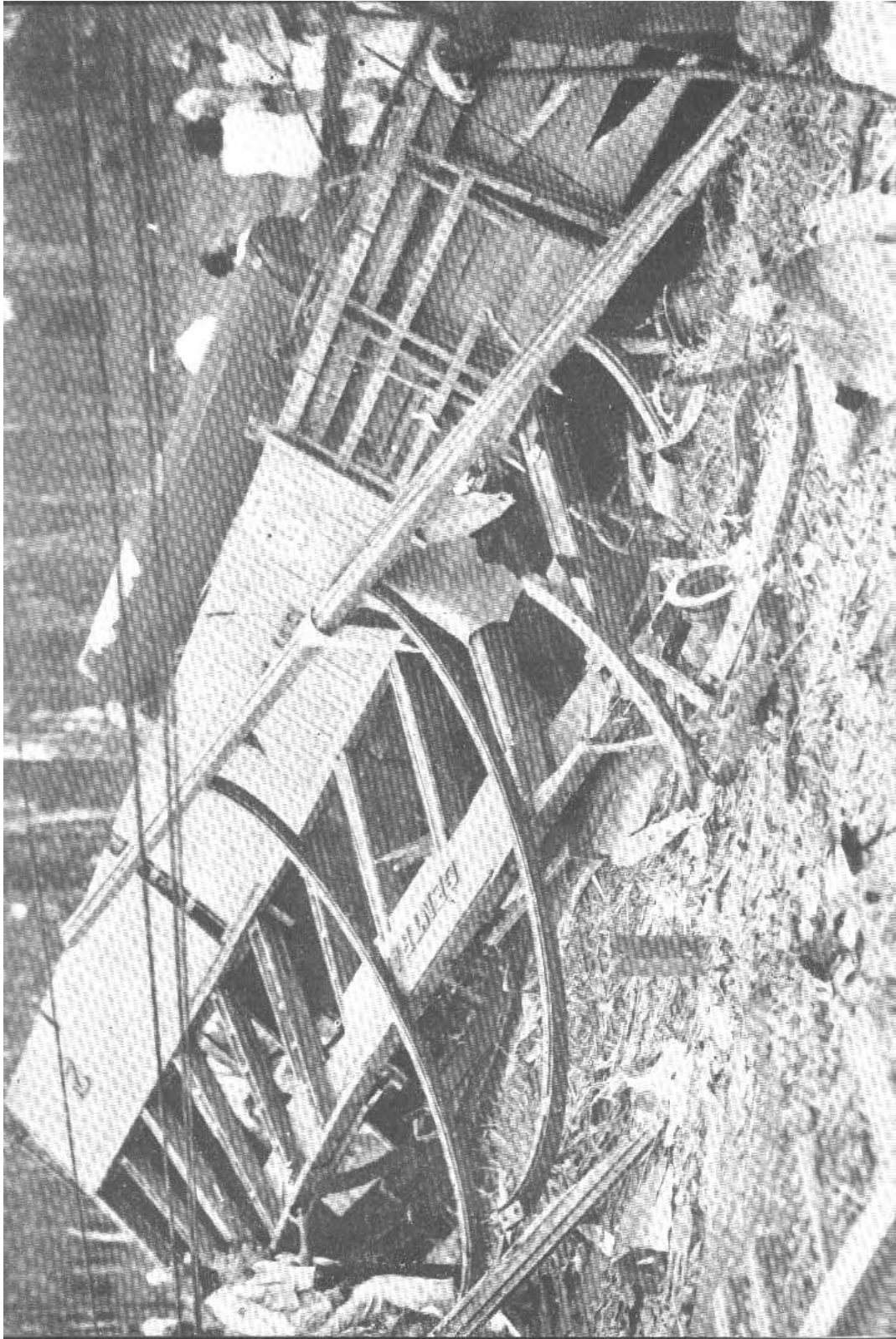
*A Acção Integralista Brasileira recebeu de todos os seus brasileiros nacionalistas grandes manifestações de simpatia em virtude dos trágicos acontecimentos de Mesquita, onde se enforcaram numerosos adeptos seus. Os dois clichês desta pagina focalizam a visita do representante do Sr. Presidente da Republica aos feridos hospitalizados no núcleo da Glória.*









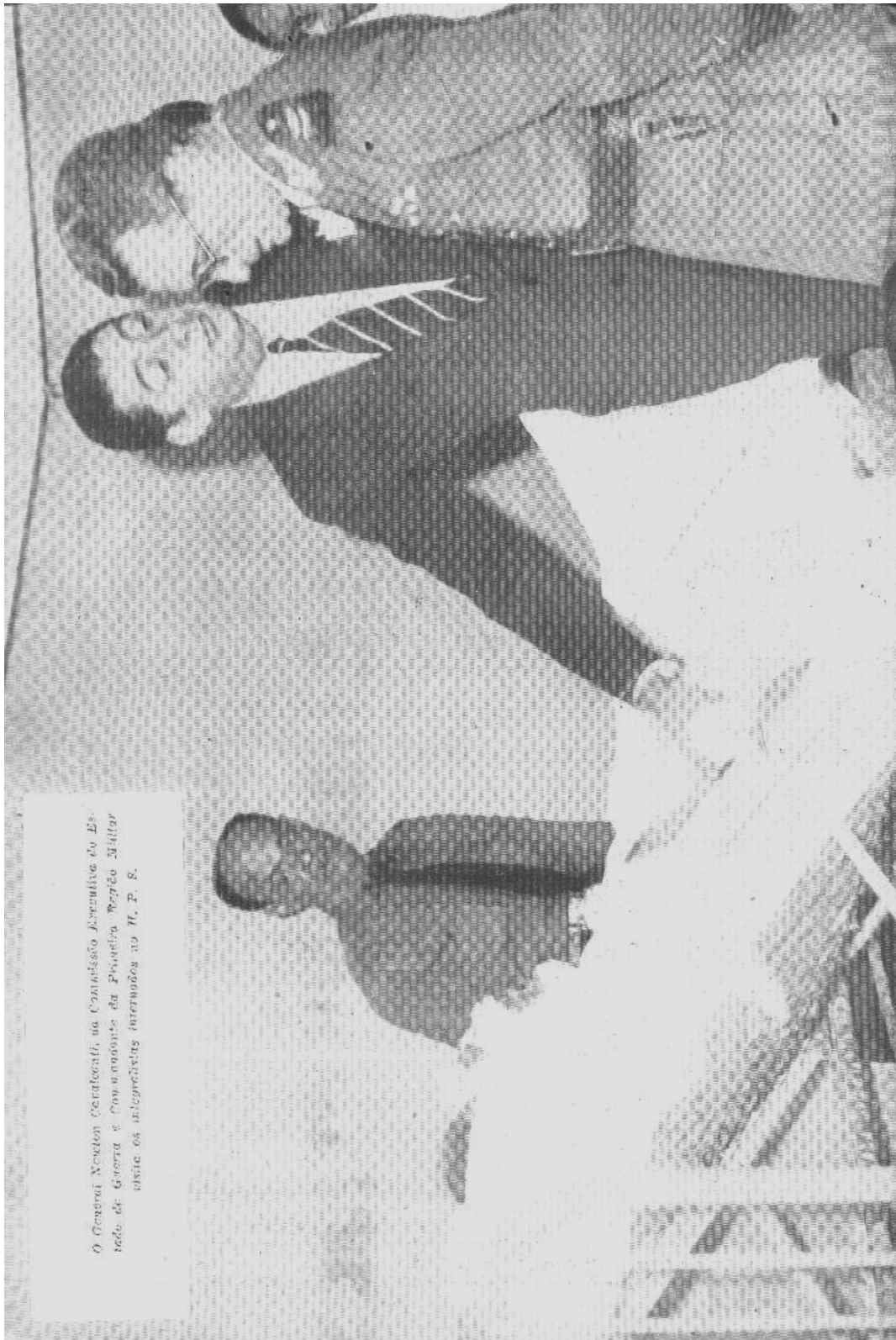




*O Chefe Nacional Plínio Salgado, que esteve no local do atentado logo que soube do resultado da salvação trunfa bolchevista, visita as ruínas e os feridos no Hospital Pronto Socorro.*



*O dr. Barbosa Lima, Chefe Provincial do A. I. B. na Guanabara, conduzindo o representante do Sr. Presidente da República na visita que está faz dos integralistas feridos*





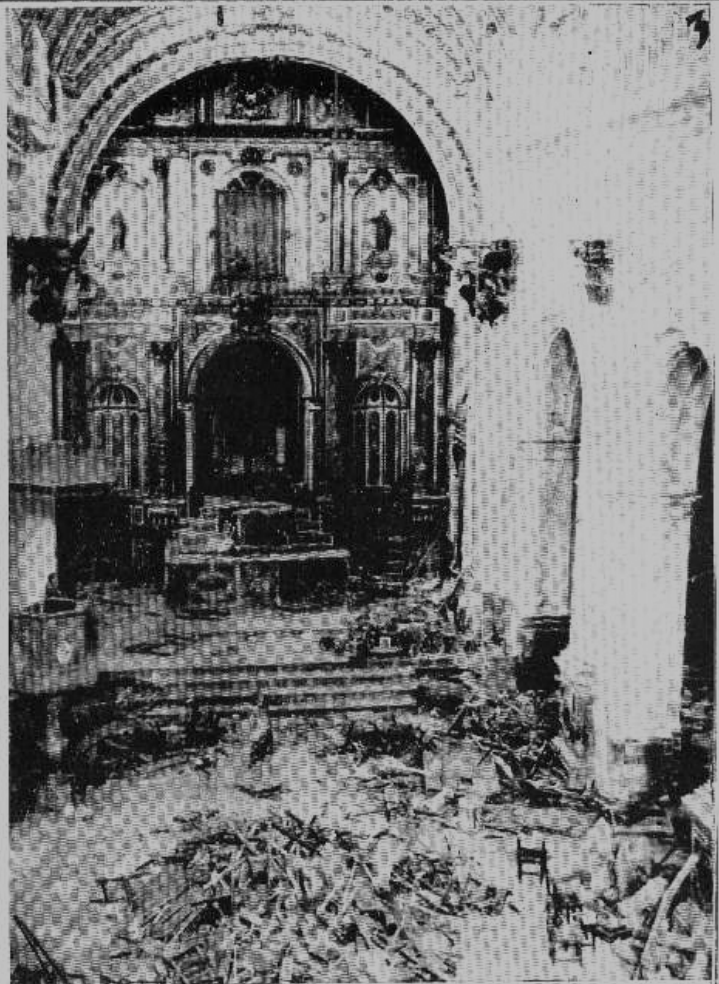
*Alguns victims do desastre de Mesquita. São lavradores humildes, cheios de fé nos destinos do Brasil e que, pela reversibilidade dos meritos, estão resgatando com o seu sofrimento os peccados nacionaes. Gloria, pois, aos redemptores da Patria!*





## “Atentado na Espanha”

*Onde os nacionaes cruzaram os braços, o communismo chegou, e onde o communismo chegou, surgiram o crime, a profanação, a miséria, a mortandade, a desgraça em todos os matizes. Na primeira granada vemos o que a impiedade fez de uma igreja catholica. Na outra creanças assassinadas pelos vermelhos.*



**ANEXO 4**

“As Duas Internacionais”  
*Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, p. 5.

# As Duas Internacionaes

GUSTAVO BARROSO

COMANDANTE NACIONAL DA MILÍCIA

*Os socialistas e os comunistas sempre viveram como gato e cachorro. Não se tragavam. Filhos do mesmo berço e tendo mamado nas mesmas tétas philosophicas, desejavam coisas identicas: suppressão da propriedade privada e socialização das riquezas, a caserna social com rações para o corpo e para o espirito, a uniformização sob a égide dos Chékas e Guepeús, a dictadura proletaria após a luta, ou melhor, a guerra social de classes. Entretanto, divergiram quanto aos meios para obter esses magnificos resultados. Os socialistas de qualquer tonalidade contentavam-se com uma marcha evolutiva. Os comunistas exigiam o salto brusco, a revolução vermelha. E eis porque se detestavam e se injuriavam. Lenine chegara a afirmar que preferia unir-se á burguezia a ter o menor contacto com os sociaes-democratas.*

*Dahi a existencia de duas Internacionaes que se não entendiam em terreno algum. A de Moscou, marxista, anatematisou a outra pelos seus residuos burguezes democraticos, qualificando-a textualmente de "Internacional dos Sociaes-Traidores". Em 1933, a Internacional Socialista respondeu-lhe, prohibindo seus partidarios de qualquer accôrdo ou combinação com os marxistas.*

*Os ultimos annos da historia do socialismo no mundo ressoam ao rumor da luta travada entre a II Internacional, a Socialista, e a III, a Vermelha. Trocaram-se os mais terriveis doestos e os mais ferozes anathemas. As imprensas respectivas fizeram correr ondas de injurias e protervias reciprocas.*

*Pois bem, depois que os dois credos irmãos — socialismo e communismo — não se sentiram mais sózinhos no mundo e que surgia para combatel-os e reduzil-os á impotencia o*

*movimento fascista, começaram a se namorar no sentido duma união defensiva. A ordem fascista ameaçava de morte ambas as Internacionaes do desgoverno, anarchia e aniquillamento dos povos para entregal-os escravizados ao jugo de Israel. Era preciso reagir com uma frente unica das chamadas esquerdas revolucionarias.*

*Os desaforos desapareceram dos jornaes partidarios das duas Internacionaes. Calaram-se as maldições. Cessou o ranger de dentes. Do namoro logo se passou ao terreno pratico, entrou-se no noivado e fez-se o casamento. O executivo da II Internacional Socialista autorizou seus membros a se allirem aos grupos e partidos marxistas. A III Internacional Communista deu a mesma autorização. Esse matrimonio ainda está sujeito a divorcio. Grande numero de membros influentes dos dois lados trabalham por uma união indissolvel, que será, se se realizar, como escreve o "Temps": "um como vasto fascismo vermelho, provocando colossal guerra de classes, supprimindo toda e qualquer liberdade pela suppressão da propriedade que é sua base, e acabando com as patrias".*

*A essa união sagrada dos perturbadores do mundo civilizado responderam "sim" os socialistas de sete paizes: França, Suissa, Hespanha, Italia (no exilio...), Polonia, Austria e Russia (os mencheviques...). Os socialistas inglezes, escandinavos, checoslovacos, holandezes e belgas repelliram o principio de acção conjunta com os comunistas no plano internacional.*

*A frente unica socialista-communista contra o fascismo e a guerra (que linda tapeação!...) foi furada por essa recusa. Deus sempre suscitou divisões entre as tendas de Israel...*

*E' inútil a luta do Povo Eleito pelo domínio do mundo desde o dia em que adorou o Bezerra de Ouro, enquanto Moysês não descia do Synai com as Taboas da Lei. As promessas do Senhor são condicionadas pelo cumprimento do Décalogo. A gente da "cerviz dura" não o cumpre e quer a realização da promessa divina. Mente, engana, viola, rouba, furta, accumula riquezas, desvirtua tudo, age nas sombras e, quando vai estendendo a mão para colher os frutos, murmurando as palavras do Deuteronomio: "Deus destinou todos os povos a que os devorasseis", um poder mais forte se interpõe e imperativamente corre com Israel quasi victorioso da sala do festim...*

*O reino de David e Salomão cresce em poder e riqueza, quando as tribus da Samária se afastaram das tribus de Judá. Os judeus da Diáspora iam se infiltrando no Imperio Romano e minando-o, quando os edictos de Tiberio e Claudio lhes cortaram as azas. Mal se libertaram delles, o Cristianismo encheu as*

*almas com a sua Esperança Ilimitada. Todas as doutrinas, heresias e seitas foram impotentes contra elle. Mais tarde, a organização secreta dos Templarios ia lançar as mãos ávidas ao mundo, para satisfazer seus inspiradores secretos, quando o braço de ferro de Filippe o Bello esmagou sem piedade o ovo da grande revolução.*

*Depois dos triumphos de 1789 e de 1917, o communismo, filho do liberalismo, dono da Russia, ia tomar conta do mundo, quando o Fascismo ergueu o braço e ordenou-lhe:*

*— Anda, Ashavero das revoluções, continúa teu caminho pelo mundo, carregando o peso do Bezerra de Ouro, porque enquanto não largares e não te abraçares ás Taboas da Lei, não terás descanso e serás maldito!*

*II Internacional e III Internacional repetem a eterna historia: Judá e Samária. Deus dividirá sempre, para salvação dos povos explorados pela usura e ensanguentados pela intriga judaica, as tendas de Israel!...*



**ANEXO 5**

“É proibido saber”

*Zero Hora*, nº 14.181, 20 de junho de 2004, p. 14.

## É proibido saber

OLAVO DE CARVALHO \*

O heróico e patriótico governo federal decidiu restabelecer o imposto sobre a importação de livros. A medida terá o efeito de um genocídio cultural, mas este nem será notado pela população, já que os leitores de livros importados são uma minoria de estudiosos especializados, e o conhecimento, na ética dominante, é um luxo burguês perfeitamente dispensável.

A indústria editorial local, devotada à produção de lixo escolar e de futilidades elegantemente impressas, nada ganhará com a eliminação da concorrência estrangeira, pois os livros que vêm de fora são de tipos que não interessam a nenhum editor brasileiro. Eu, por exemplo, acabo de receber, pelo correio, *History of Japanese Thought*, de Hajime Nakamura; *Aristotle's Modal Logic*, de Richard Patterson; *Gnostic Return in Modernity*, de Cyril O'Regan; *The Dynamics of Aristotelian Natural Philosophy from Antiquity to the Seventeenth Century*, de Cees Leijenhorst. Quem, no Brasil, é louco de publicar essas coisas que não terão três leitores? Doravante, os três leitores não vão lê-las nem em português nem em língua nenhuma.

Há outras obras estrangeiras, de interesse bem mais geral, que poderiam até fazer algum sucesso em tradução. Mas essas é que nenhum editor nacional jamais ousará colocar na praça, expondo-se à perda de subsídios estatais, ao boicote da mídia ou a outros danos mais substantivos.

Refiro-me aos livros — milhares deles — que atualizam o mundo civilizado quanto à história do movimento comunista e à sua estratégia atual. Divulgado esse material, ninguém mais neste país continuaria acreditando na balela de que o comunismo acabou. Pior: alertado para o fato de que o movimento comunista cresceu e está muito bem articulado com o terrorismo islâmico, com os organismos internacionais, com a grande mídia ocidental e com vários governos europeus, o público poderia juntar os pontos de uma figura que agora lhe parece informe e caótica e tirar uma conclusão que, para o restante da espécie humana, é simplesmente óbvia: que a América Latina está hoje mais próxima do comunismo do que jamais esteve. Por enquanto, a pétreia ignorância geral garante, a quem quer que enuncie essa conclusão em voz alta, o diagnóstico infalível de mitômano paranoico.

A América  
Latina  
está hoje mais  
próxima do  
comunismo  
do que  
jamais esteve

Para vocês fazerem uma idéia, porém, de como estamos atrasados nessa área, basta notar que até hoje não saiu neste país um só livro ou reportagem sobre algo que a população dos EUA sabe desde 11 de julho de 1995. Nesse dia foram divulgadas pelo FBI as decodificações de telegramas passados pelo serviço secreto da URSS a seus agentes nos EUA nos anos 40-50. Cinco décadas de negações indignadas chegaram aí ao mais patético dos desenlaces: todos os supostos inocentes que o famigerado senador Joe McCarthy acusara de espões soviéticos, com uma única exceção, eram mesmo espões soviéticos. McCarthy havia calculado que eram 57. Eram mais de 300. Os livros sobre isso são hoje abundantes, e as débeis tentativas remanescentes de negar os fatos já foram totalmente desmoralizadas.

Os brasileiros, imunizados contra essas informações pelo descaso proposital da mídia e do mercado editorial, agora estão ainda mais protegidos delas pelo novo imposto. Ninguém aqui lerá, no original ou em tradução, *The Venona Secrets*, de Herbert Rommerstein e Eric Breindel; *In Denial*, de John Earl Haynes e Harvey Klehr; *Treason*, de Ann Coulter; *Dossier: The Secret History of Armand Hammer*, de Edward Jay Epstein, ou qualquer de seus inumeráveis similares. Muito menos terá acesso aos *Annals of Communism* da Universidade de Yale, que documentam, em fac-símile, 80 anos de traições gentilmente encobertas pelo New York Times, pela CBS, pelos Clintons, pelos Gores, pelos Kerrys, por toda a esquerda chique. Aqui, a lenda que apresenta o "macarthismo" como uma longa noite de terror que se abateu sobre pobres inocentes continua e continuará um dogma inabalável *in aeternum*.

\* Filósofo e jornalista

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)